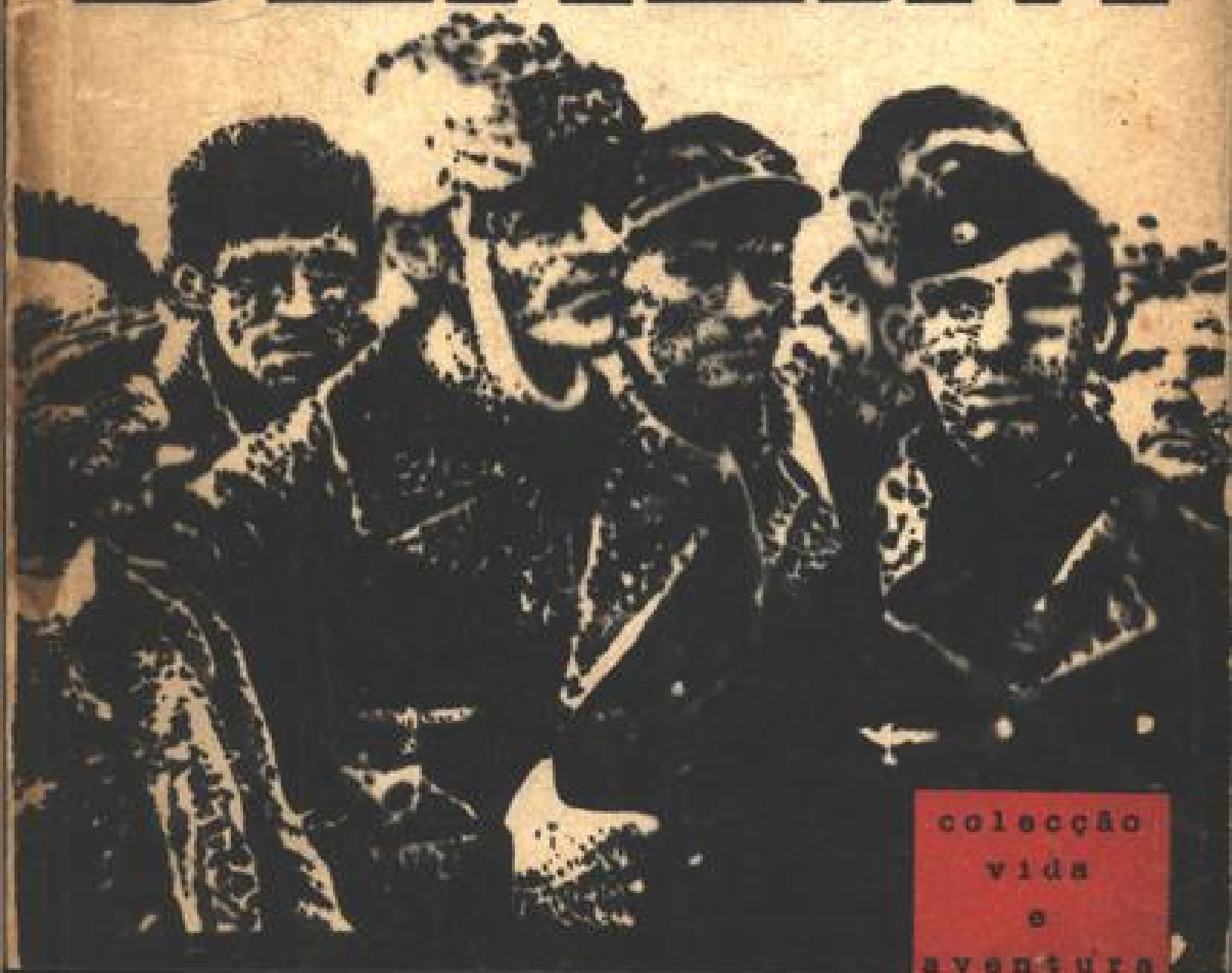


Andrew Tully



A BATALHA DE BERLIM



coleção
vida
e
aventura



A batalha de Berlim

por Andrew Tully

Berlim — Abril de 1945: uma grande cidade nos últimos momentos da sua derrota agonica. De Leste, do Norte e do Sul, o Exército Russo aproxima-se. A Oeste, os Americanos esperam nas cercanias do Elba. Apertados de todos os ângulos, os homens, as mulheres e as crianças de Berlim abrigam-se onde podem e fazem bichas nas ruas, em busca de comida, enquanto as bombas russas explodem á sua volta. Ao mesmo tempo, Hitler, Goebbels e Bormann dispõem tropas imaginárias, numa tentativa, fútil e derradeira, de transformarem a derrota iminente no milagre de uma vitória.

A Batalha de Berlim é a narrativa da morte de uma cidade e do fim da guerra na Europa. Mas é também uma extraordinária história vivida, em que os atos individuais, de covardia, de brutalidade ou de heroísmo emergem na horrível visão de uma batalha que custou sangue, suor e lágrimas.

Com este livro do jornalista Andrew Tully, realiza se, pela primeira vez, uma reportagem singularmente vivida e empolgante dessa batalha terrível, recriada a partir do testemunho de muitos homens e mulheres que dela participaram, e descrevendo também os últimos momentos - os mais dramáticos - do Terceiro Reich.

A batalha de Berlim

CAPA DE LIMA DE FREITAS

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

(g) 1963 by Andrew Tully

TRADUÇÃO DE SOUSA VICTORINO

EDIÇÃO "LIVROS DO BRASIL" LISBOA

Rua dos Caetanos, 22

Título da edição original: BERLIN— STORY OF A BATTLE

A minha irmã Bea
com afectuosa gratidão

PREFÁCIO E NOTA ACERCA DAS FONTES

Em certo sentido, comecei a escrever este livro em 27 de Abril de 1945, quando, como correspondente do *Traveler*, de Boston, fui um dos primeiros três americanos que entraram em Berlim. Estavam comigo Miss Virgínia Irwin, do *Post-Dispatch*, de Saint-Louis, e o meu motorista de jeep, o Sargento Johnny Wilson, da 26.^a Divisão de Infantaria dos Estados Unidos, do Massachusetts. Ficámos em Berlim durante três dias e duas noites como hóspedes dum batalhão russo de artilharia comandado pelo Major Nicolai Kovalesky, de Leningrado. Depois partimos para entregarmos as nossas reportagens, uma vez que estava a tornar-se evidente que poderíamos ter dificuldade em regressar às linhas americanas por causa das apertadas restrições soviéticas ao trânsito de pessoal não acreditado.

Desde esse dia de há dezessete anos em que nos encaminhámos para o campo de batalha furiosa que era a capital do Terceiro Reich, reuni todos os fragmentos de material que pude obter sobre a queda de Berlim. No Outono de 1961, quando fui contratado por Simon & Schuster para escrever este livro, já acumulara centenas de páginas de notas e de impressões e lera mais duma centena de livros respeitantes à fase final do conflito germano-soviético. Depois, no princípio do Verão de 1962, fui à Alemanha para entrevistar tantos soldados e civis quantos pude encontrar que tivessem estado em Berlim durante a batalha pela cidade. Tencionara também ir à União Soviética com o mesmo fim, mas, por razões que para mim permanecem obscuras, o Governo soviético recusou conceder-me um visto.

Na Alemanha, falei com 147 soldados e civis alemães que tinham estado envolvidos na Batalha de Berlim. Alguns dos relatos que me foram feitos não eram utilizáveis devido a inexatidões que eram facilmente discerníveis. Outras histórias foram excluídas porque as pessoas que mas contaram estavam relutantes em permitir o uso dos seus nomes. Só em poucos casos empreguei nomes fictícios, e isso só quando fui capaz de me assegurar, por confronto com outras fontes, de que as pessoas envolvidas tinham dito substancialmente a verdade.

Estou convencido, por exemplo, de que a história da rapariga alemã, Renate, e do soldado russo Pyotr Ivanovich Telegin é verdadeira, e por conseguinte estou a

proteger a rapariga alemã dando-lhe o nome fictício de Renate. A história trágica da «Rapariga de Mohnke», Lotte Behn, foi-me contada pelo seu noivo de então, Karl, e foi confirmada pelo pai de Lotte e por uma amiga dela. Mas os nomes dados no livro a estas três pessoas são fictícios, novamente por razões óbvias. A história do soldado com o nome falso de Ernst Wolf foi-me contada por um soldado que estava presente na ocasião em que Wolf foi morto pelas S. S. A tortura e assassinio de soldados dum regimento soviético perto da frente do Oder foi confirmada pela descoberta dos corpos e por uma conversa com um membro do regimento S. S. que ouviu a história a um dos participantes.

Muitas pessoas recusaram-se a permitir o uso dos seus nomes com receio de os nazis voltarem ao poder por qualquer forma e buscarem vingança. Os soldados alemães que desertaram durante a batalha não desejavam naturalmente ser identificados em letra de forma.

Apesar de não me ter sido permitido ir à União Soviética, recebi auxílio considerável de Yuri I. Volsky, Conselheiro Cultural da Embaixada Soviética em Washington, e de vários membros do pessoal da Embaixada Soviética em Berlim-Leste. Além disso, foi-me possível entrevistar 13 soldados soviéticos em Berlim-Leste, que tinham tomado parte na batalha dezessete anos antes. Os diários de guerra do correspondente de guerra soviético Vsevolod Vishnevsky foram inestimáveis; aparentemente, Vishnevsky anotou todos os fragmentos de conversação durante as negociações de tréguas entre oficiais soviéticos e representantes alemães que levaram à rendição de Berlim. Também rica em material é a coleção de excertos de diários de guerra e de cartas editada pelo russo V. S. Veselov.

Das fontes documentais utilizadas, o processo do julgamento dos criminosos de guerra nazis em Nuremberg é rico em material de primeira mão quanto às excentricidades e à psicologia da corte de Hitler. Semelhantemente, os vários livros de altos funcionários e militares do regime nazi estão cheios com as conversações, atitudes e impressões que iluminavam tão brilhantemente a filosofia dos fanáticos nazis. Notáveis, entre estes livros, o do General Guderian, Comandante dos Panzer, o de Schellenberg, O Labirinto, o do General Koller, O Último Mês, e o do Conde Schwerin von Krosigk. Aconteceu na Alemanha. Também me apoiei grandemente no livro de H. R. Trevor-Roper, Os Últimos Dias de Hitler, um clássico no seu gênero, nos de Juergen Thorwald, Fim junto ao Elba e Retirada no Inverno, no monumental de William L. Shirer, Ascensão e Queda do Terceiro Reich, e no de B. H. Lidell Hart, Falam os Generais Alemães.

Encontra-se no lugar próprio uma bibliografia completa.

Pelo menos oitenta e cinco por cento do material deste livro provém, porém, de testemunhas oculares e é aqui publicado pela primeira vez. A lista de agradecimentos que se segue está tão completa quanto possível; lamento se omiti os nomes de quaisquer pessoas que tenham contribuído de qualquer maneira para o livro. Com a anotação desta desculpa antecipada, quero, por conseguinte, exprimir os meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas:

De Washington:

Legare H. B. Obeare. Chefe da Secção de Empréstimos da Biblioteca do Congresso; Miss Helen-Anne Hilker, funcionária do Serviço de Informações da Biblioteca do Congresso; Mrs. Jean Burch, Miss Adoreen McCormick e Miss Nancy Emery, do pessoal da Biblioteca; Dr. Stetson Conn, historiador, da Repartição de História Militar do Departamento do Exército dos Estados Unidos; Dr. John Miller Jr. e Dr. Earl Ziemke, da Repartição de História Militar.

Robert Borchardt, Conselheiro de Imprensa da Embaixada Alemã; Joachim Schoenbeck, Secretário de Imprensa da Embaixada Alemã; Miss Renate Fiedemann, da Embaixada Alemã; Egon Week, da Embaixada Alemã; Yuri I. Volsky, Conselheiro Cultural da Embaixada Soviética; Edward Saratov, Adido de Imprensa da Embaixada Soviética; Georgi Bolshakov, editor da revista soviética em inglês U. S. S. R., e Lothar Loewe, chefe da agência de Washington da Rádio da Alemanha do Norte e antigo membro dum destacamento da Juventude de Hitler que combateu em Berlim.

Da Alemanha:

Werner Haupt, diretor da Biblioteca Histórica da Guerra Mundial, de Stuttgart; Frau Hansi Clemens Boehmler, de Stuttgart; Rudolf Boehmler, de Stuttgart; Frau Erika Schneider, de Stuttgart; Fritz Ludwig Schneider, de Stuttgart; Frau Charlotte Walrand Angermann, de Stuttgart; William MacFarlane, do Serviço de Informações dos Estados Unidos, Stuttgart; Kent Fry, da Pan American World Airways, Stuttgart.

Dr. Wolf Leo Harting, diretor do Departamento dos Visitantes da Imprensa da República da Alemanha Ocidental, em Berlim; Rudolf Kettlein, da Repartição de

Informação da Imprensa, em Berlim; Arthur K. Willey, do Serviço de Informações dos Estados Unidos em Berlim; Almirante Heinrich Stiegel (reformado), Berlim; Kurt Rech, do Berliner Morgenpost, Berlim; e os seguintes, também de Berlim: Fräulein Gretel Spitzer, Frau Hilde Lemke, Fritz Liedtke. Dr. Arnulf Pritzsck, Egon Mangerrapp, Fräulein Jadwiga Urbanowicz, Willy Luedicke, Dietrich von Behmen, Fräulein Ursula Kroll. Lutz Hoffmann, Frau Anna Neumann, Zaki Fahart, Wolfgang Kretschmer, o chefe da United Press International Joseph Fleming, Ed Clark, da revista Time, Hans Joachim Kletsch, Fräulein Helga Kristoleit, Otto Grups, Fred Beuttenmueller, Karl Funk, Helmut Christian, Theodor Kuebler, Hans Keppler, Willy John, Fritz Model. Anton Diehn, Adolf Eicke, Lothar Frank, Ernst Forster, Fräulein Erika Goerdeler, Walther Busch, Joachim Glueck, Alfred Harnack. Rudolf Graefe, Willy Hofer, Heinz Kleist, Erich Krancke, Siegfried Weber. Karl Stein, Fräulein Gertrud Schrader e Fräulein Charlotte Pohl

Quanto aos ridículos cem milhões de escravos, moldaremos os melhores segundo a forma que nos convier e isolaremos os restantes nos seus próprios chiqueiros... Tenho certamente o direito de remover milhões duma raça inferior que se multiplica como vérmina!

ADOLF HITLER

Matem, homens do Exército Vermelho, matem! Nenhum fascista é inocente, quer esteja em vida quer esteja ainda por nascer. Matem!

ILYA EHRENBURG

PRIMEIRA PARTE

O Alarme

Quando o fumo começou a dissipar-se em redor do talho de Haupt, na Knesebeckstrasse, em Charlottenburg, a velha baixou os olhos para ver o que se passava com a sua perna e descobriu que a perna já não existia. Durante um momento, os seus olhos tiveram um ar quase de desinteresse enquanto fitava o coto ensanguentado imediatamente acima do joelho. A sua cabeça inclinou-se mais; parecia fascinada com os tendões esbranquiçados que pendiam do coto. Depois soltou um grito agudo e desmaiou.

O avião inglês acertara em cheio no estabelecimento de Haupt, esparramando os restos da bicha de encontro às paredes de edifícios do outro lado da rua. Durante algum tempo foi difícil contar o número de baixas, porque era necessário primeiro emparelhar membros com troncos, e troncos com cabeças. Mas por fim tornou-se possível estabelecer um número razoavelmente exato: vinte e três mortos e dezessete feridos. Não, vinte e quatro mortos; a velha que perdera a perna morrera subitamente.

Mas o ataque acabara, e ainda podia obter-se carne no estabelecimento do outro lado da rua. Lentamente, as pessoas levantaram-se do chão para onde se haviam atirado de bruços ou surgiram dos vãos das portas. Lentamente, e logo depois com passos apressados, dirigiram-se para a loja do outro lado da rua. Enquanto avançavam, de olhos postos nos lombos de porco e nos chispes na montra do talho, alguns deles utilizavam as mangas para limpar o sangue das suas senhas de racionamento de carne. Algumas mulheres ainda traziam na cabeça os capacetes que tinham posto quando a primeira bomba caíra a várias centenas de jardas, na parte baixa da Kurfürstendamm. Houve um acotovelar para a conquista de posição na nova bicha. Até no meio da morte tem de se tentar viver, e com um bocado de carne podia prolongar-se o processo.

No momento em que findava o ataque aéreo, a discussão no terraço da torre da Flak do Abrigo do Zoo recomeçou a sua cacofonia de cacarejo feminino. Enquanto as explosões devastadoras continuavam a dilacerar os pontos vitais de Berlim, as raparigas da torre discutiam furiosamente a questão de saber quem ganharia o bolo de prêmio por assinalar o primeiro avião. Era uma questão sem resposta pronta; pelo menos meia dúzia das vigias do Corpo do Serviço de Trabalho da Capitão Hilde Lemke tinha guinchado quase simultaneamente os seus avisos.

Hilde Lemke, forte e masculina, anteriormente doutora em filosofia e instrutora universitária de estudantes americanas de taras frescas, observava as suas pupilas com um carinho que lhe pôs os lábios húmidos. Tinham feito bom trabalho, aquelas raparigas, quer com os seus holofotes durante a noite quer a olho nu durante o dia. Apenas seis meses antes, haviam sido transportadas de quintas e de fábricas de munições para substituírem os soldados no terraço da torre. Agora, naquele dia 17 de Abril de 1945, estariam presentes na gloriosa batalha final da guerra, pois a horda asiática do Marechal Zhukov atravessara o Oder apenas a cinquenta milhas dali e Berlim estava no caminho dos invasores. Seria glorioso, repetia Hilde Lemke a si mesma categoricamente; o Führer dera a sua palavra.

Mas... que fazer quando se têm tão poucas senhas de racionamento? Hilde Lemke avançou para o meio do grupo tagarela, com a sua decisão, como sempre, tomada e irrevogavelmente carimbada como oficial.

— Soldados, soldados... Silêncio! — A Capitão Lemke dirigia-se sempre às suas raparigas como soldados. O tagarelar cessou e a Capitão Lemke dirigiu ao grupo um sorriso amigo que era quase como uma carícia física. Mas a sua voz manteve-se oficialmente severa. — Vocês são muitas... muitas boas — disse ela. — Vocês são eficientes de mais para os meios da vossa pobre chefe. Só tenho senhas para um bolo e, por conseguinte, não pode haver bolo.

Fez uma pausa para olhar por cima dos telhados da cidade através da neblina de fumo e de pó iluminada aqui e além pelo clarão sanguíneo das chamas que se levantavam para o céu. As suas raparigas erguiam os olhos para ela, carrancudas e silenciosas. Apesar de serem só onze horas da manhã, a violência do ataque aéreo produzira uma espécie de crepúsculo empoeirado, e a luz suja amaciava as faces rígidas das raparigas.

Hilde Lemke soltou a sua gargalhada rouca.

— Mas vamos festejar — disse ela. — Vamos todas festejar. As senhas não são suficientes para haver bolo para todas, mas haverá pudim para todas!

Começaram a tagarelar com ela, excitadas e agradecidas. A Capitão Lemke sorriu-lhes outra vez e afastou-se. Deixar Berlim! Mas como podia ela deixar Berlim, como o comandante Hierl, do Serviço de Trabalho, lhe dissera que fizesse, quando a hora do clímax se aproximava, quando estavam a desenrolar-se grandes acontecimentos? Como membro leal do Partido Nazi tinha de ficar, e fora isso que dissera a Hierl numa linguagem firme. O marido, labutando estupidamente no seu

gabinete no banco, era um caso diferente, e tentara persuadi-lo a ir-se embora. Mas ele também fora inflexível. «Se me for embora, será o fim do nosso casamento», dissera-lhe ele. «Fico». Ficara, portanto, e nesse momento estava provavelmente a fazer calmamente o balanço duma conta no Handelsgesellschaft, na Behrenstrasse.

A Capitão Lemke tirou o exemplar do Völkischer Beobachter da algibeira do seu dólmã. Disse para consigo que não precisava de reforçar a sua segurança, mas era repousante absorver informações que tinham o autêntico cunho da mão do Dr. Goebbels. Já não era um jornal propriamente dito, era apenas uma simples folha impressa dos dois lados, mas tinha-o tirado de cima do balcão do padeiro quando ele não estava a olhar; precisava dele para expandir o seu horizonte.

Ali estavam as palavras desafiadoras do Dr. Goebbels; leu-as avidamente pela terceira vez: «A horda mongol será arrojada através do Oder. O inimigo bolchevique não avançará outro passo no solo sagrado da Pátria.» Impacientemente, também, leu as atrocidades russas: «Mulher de sessenta e oito anos violada.» «Os comunistas orientais violam 26 freiras num convento.» Os nomes das localidades eram cada vez mais próximos de Berlim — Mark Buchholz. Seelow, Müncheberg. Mas os russos seriam detidos. Seriam detidos.

Ao lado das ruínas fumegantes e das chamas que se erguiam na zona de Neukölln, os grandes armazéns Karstadt, na Hermannplatz, estavam guardados por vários pelotões de tropas S. S. A multidão juntara-se lentamente, escolhendo caminho entre o entulho — por cima das pedras do pavimento levantadas pelas bombas, por cima dos carris dos carros eléctricos arrancados pelas explosões e transformados em dedos de ferro a apontar, por cima de banheiras atiradas para fora do que tinham sido esmerados apartamentos para a rua. A multidão juntara-se lentamente, e silenciosamente; nenhuma palavra foi pronunciada entre os seus rostos de olhos fitos e o modo resolutamente sem-cerimónias dos guardas S. S., mas a atitude da multidão era exigente, e os S. S. sabiam o que a multidão queria. O Karstadt estava a abarrotar de víveres para as S. S. e para outras pessoas importantes da família oficial de Adolf Hitler, e aquele tímido populacho de amadores, tentando arduamente não se rebaixar, queria uma parte daqueles víveres.

Um tenente das S. S., elegante no seu uniforme bem justo ao corpo, saiu por uma porta e plantou-se ali, batendo na perna com o seu chicote de montar. A sua expressão era de aborrecimento enfastiado, mas os seus olhos azuis eram de gelo, e quando a voz dele se ouviu era surpreendentemente alta para ter saído através duns lábios tão rígidos.

— Saíam todos daqui! — gritou ele. — Dispersem! Voltem para as vossas casas. Não há comida aqui para gente como vocês.

A multidão continuou a fitá-lo durante um longo momento, e depois, lentamente, vendo para onde os seus passos as levavam, as pessoas voltaram-se e foram-se embora.

Um deles, Herr Behn, atravessou a Hermannplatz e, passado um bocado, verificou que os seus passos viravam para a Rua Mainzer. Bem, podia muito bem aparecer no funeral daquele casal estranho cuja casa fora arrasada pela queda em cheio duma bomba de fósforo. Era engraçado, não conseguia lembrar-se do nome deles, mas tinham provocado uma certa excitação na vizinhança por persistirem nos seus jogos diários de croquet no seu jardim. Herr Behn encontrou um coro de três homens e uma mulher cantando junto à dupla cova no jardim, enquanto os coveiros esperavam impacientemente ao pé dos dois caixões de pinho tosco. Bem, era simpático que as autoridades tivessem dado ao povo autorização de enterrar os seus mortos onde pudesse; o jardim fora o mundo do homem e da mulher cujos restos jaziam naqueles caixões.

A cabeça de Herr Behn ergueu-se irritada com um alarido que vinha do entulho que era tudo quanto restava da casa ao lado, de trás da parede de tijolo parcialmente demolida. «Até num funeral», pensou ele. Era uma voz de mulher, aguda e insistente, e enquanto Herr Behn observava, encolerizado, a mulher passou através dum buraco escancarado na parede, com um saco cinzento, grosseiro, pendurado num dos ombros.

— É o braço dele! É o braço dele! — vinha ela gritando. Avançou para o coveiro principal e depositou o saco aos pés dele. O coveiro principal dirigiu-se à filha do casal morto, uma solteirona de cabelo áspero em tranças que lhe desciam pelas costas sob um horrível chapéu preto, e ela encaminhou-se imponentemente para o seu lado enquanto os outros coveiros se juntavam num círculo em redor do saco, tão apertadamente que Herr Behn não pôde ver o que se passava. O círculo desfez-se, porém, daí a pouco, e a filha voltou para o seu lugar entre os assistentes, falou para os que ali estavam juntos no jardim como se falasse para todo o mundo.

— Encontrou o braço do meu pai, o que faltava. É o dele: a tatuagem do navio à vela lá está no bíceps.

Enquanto ela falava, dois dos coveiros estavam a abrir um dos caixões e Herr Behn viu-os introduzir o saco e o seu conteúdo dentro dele.

Herr Behn afastou-se do jardim e desceu a rua. A horrível cena repelira-o, mas, curiosamente, a sua fome parecia de repente mais aguda. Tinha de comer o pouco que lhe restava no seu quarto, e agora. A sua boca estava cheia de água com o pensamento da comida. O caminho pareceu-lhe uma eternidade de ruas esventradas e de entulho antes de trepar os dois lanços de escadas para o seu quarto na elegância fanada do grande prédio na Leinestrasse. Apressadamente, remexeu as duas batatas na panela; tinham estado à tênue chama do gás por mais de uma hora, mas ainda estavam duras. Não importava: ficou ali de pé e foi tirando da panela para a boca, com um garfo, pedaços de batata. Tentou demorar-se, mas antes de ter tido tempo de se habituar ao gosto delas já tinham desaparecido. Deitou o resto do leite azulado da garrafa para um copo e bebericou-o, entremeado com bocadinhos dum naco de pão cinzento. Pela primeira vez, estava contente por Greta ter sido morta no abrigo; uma mulher apenas poderia fazê-lo sentir-se pior, mais desamparado, mais desesperado. Pelo menos não tinha de se preocupar por Greta viver assim, Greta, que adorava lombo de porco assado. Quanto a Lotte, continuaria a fazer todos os esforços para não pensar na filha. Fora-se embora da sua companhia; era alguém que ele já não conhecia.

Lotte, morena e graciosa, de seios pontiagudos, não poderia incomodar-se menos com isso. Na repartição de Steiner, no Ministério da Propaganda, em frente da Chancelaria, na Wilhelmstrasse, acabara nesse momento de envergar o seu novo uniforme da Luftwaffe. Estava longe de assentar com perfeição, mas ela estava satisfeita; agora tinha o seu lugar próprio, agora era mais do que uma secretária do gordo Steiner, que dera em não pôr os pés na repartição durante dias de cada vez. Tirou o seu grande espelho da mala, encostou-o de encontro a dois livros na secretária de Steiner e mirou-se. Não era chique, mas tinha... um ar oficial.

Agora tinha o seu próprio lugar, especificadamente na 1ª Companhia do novo batalhão de combate formado por ordem do Brigadeführer (Brigadeiro-General) das S. S. Mohnke, comandante da Chancelaria, protetor do Führer. Agora era uma Rapariga de Mohnke que jurara lutar até ao fim na defesa de Berlim. Se se portasse bem, se lutasse com bravura, a oportunidade de recompensa era brilhante. Martin Bormann, chefe da Chancelaria do Partido Nazi (sucessor do pobre de espírito Rudolf Hess), um homem com o ar de ter acabado de surgir dum buraco do chão, anunciara precisamente no dia anterior que as propriedades dos Junkers, na Prússia, seriam dadas aos que se distinguissem na batalha que se aproximava. Lotte fez uma moue ao espelho; oxalá pudesse mostrar-se a Karl, mas Karl estava com a sua unidade médica no Oder. Ou pelo menos estivera pelas últimas notícias que tinha.

A informação de Lotte não estava atualizada. Quando ela se admirava ao espelho, Karl estava em Berlim, com o seu braço ao peito por causa daquele estilhaço de granada em Küstrin, atravessando a cidade, vindo do Sul, a caminho do seu novo posto no edifício do Reichstag.

Já andara mais de quatro horas desde que chegara aos limites da cidade, e não chegara mais longe do que à estação de Berlim de Wilmersdorf. Quando estava a dois quarteirões ao Norte da estação, as sireias de ataque aéreo soaram mais uma vez e ele voltou vagarosamente a esquina, cansado, e desceu para um abrigo algures, instado por um velho guarda com um uniforme desbotado da Wehrmacht. Os seus olhos habituaram-se gradualmente à luz baça das lanternas de petróleo balançando nas pesadas vigas que suportavam o teto, e sentiu uma gratidão passageira pela segurança do lugar. Não era muito profundo —contara inconscientemente apenas vinte e cinco degraus— mas as paredes eram constituídas por enormes blocos de construção e o teto entre as vigas parecia consistir em grandes pedras do feitio de seixos juntas com cimento. Mas o seu sentimento de segurança estava estragado pela irritação de ter de ficar ali sentado perdendo tempo quando devia estar a caminho do Reichstag.

Quando as bombas começaram a cair, Karl ficou divertido, duma maneira até certo ponto indiferente, pelas reações dos prisioneiros do abrigo. Alguns apertavam as suas costas mais firmemente de encontro à parede, outros seguravam toalhas sobre a boca e o nariz, outros atiravam-se de bruços para o chão de pedra. Já ouvira falar da técnica da toalha—supunha-se que protegia os pulmões da infecção causada pela inalação do pó do entulho. As bombas caíram mais próximas e as paredes abanaram: o teto rangeu. Karl sentiu um tremor involuntário dentro de si, e as mãos humedeceram-se-lhe de suor. Sabia que já não era susceptível de ter medo em tais circunstâncias; tentando analisar a sua reação objetivamente, concluiu que era o hábito, que era o medo que já não sentia exprimindo-se fisicamente. Pensou: «Graças a Deus é só suor e arrepios, sem sujar as calças como aquele pobre velho ali.» Aquele pobre velho e muitos outros no abrigo, como era óbvio; o lugar passou a ter subitamente o fedor duma latrina russa e havia charcos no chão que não eram de água.

Passou-se mais duma hora antes de soar o sinal do fim do perigo, e depois foram precisas a Karl mais duas horas para atingir o Reichstag. Em quase todas as ruas, tinha de pôr-se de lado ou de se meter nos vãos das portas para deixar passar colunas de tropas a caminho da frente. Tropas! Karl ficou aterrado com a aparência daquela carne fresca de canhão. Homens de cinquenta anos com óculos a dançarem na ponta do nariz, rapazes de quinze, com a gordura da infância ainda a inchar-lhes

as bochechas, homens recentemente recrutados que já coxeavam. «Pobre Lotte». pensou ele, «não sabe que a guerra está perdida».

Karl percorreu os últimos poucos metros desde a Porta de Brandenburg até ao Reichstag e parou para observar o antigo edifício. Houvera, evidentemente, algumas bombas a caírem próximas. A fachada em colunata fora escavada e lascada como por um machado gigantesco, e a maior parte das janelas estava despedaçada. Sobre a entrada principal ainda se mantinham as letras douradas: AO POVO ALEMÃO. OS arquitetos que tinham fundado o Reich Alemão em 1871 tinham também construído aquele templo neoclássico, levando os dez anos entre 1884 e 1894 para acabar a tarefa. Alojara o Parlamento dos Estados Alemães até que um em tempos boêmio austríaco o mandara incendiar em 1933 para acusar os comunistas. O Parlamento mudara-se então para o Teatro de Ópera Kroll, e Adolf Hitler deixara ficar a grande sala de reuniões e a cúpula de vidro partida tal como os incendiários a tinham deixado: um monumento ao acesso violento ao poder pelos nazis.

Cansado, Karl subiu os degraus e entrou. O vestíbulo estava apinhado de soldados e dos seus sacos de dormir, havendo aqui e ali uma fila de camas portáteis. As espingardas estavam ensarilhadas como devia ser em todos os espaços abertos disponíveis, mas o chão estava juncado de latas vazias, papel de embrulho, botas, marmitas sujas e partes de uniformes. Bismarck entrara naquele vestíbulo, bem como Rosa Luxemburg, e daquela janela virada a oeste Philipp Scheidemann anunciara a formação da República em 9 de Novembro de 1918. Mas agora era um aquartelamento desmazelado e desorganizado, com os soldados seus ocupantes a dormirem no chão ou a jogarem às cartas, acocorados. O cheiro era uma mistura de mau hálito, suor e urina. Na enorme sala de reuniões os soldados arrumavam-se como podiam sob o andaime que ali estava desde o incêndio, suportando a cúpula estilhaçada.

— O senhor pode dar-me uma ajuda?

Karl voltou-se e o seu aborrecimento transformou-se em assombro enquanto observava a figura à sua frente — um homem alto, muito direito, fino de cintura, de cabelo grisalho, imaculado na sua casaca e laço branco.

— O que é que o senhor quer? — A voz de Karl era aguda e incrédula.

O homem pareceu perturbado.

— Eles... a notificação dizia para vir aqui, para vir aqui apresentar-me para trabalhar — disse ele numa voz titubeante por falta de à-vontade.

— Aqui? Para se apresentar para trabalhar? — Karl fez questão de olhar outra vez o homem de cima abaixo. — E o que é que vem fazer com essa vestimenta?

O homem baixou os olhos para si mesmo, para o branco imaculado do peitilho da sua camisa, para o colete cuidadosamente engomado, para a graciosa curva da casaca.

— Eles... foi ordenado que nos apresentássemos aqui — disse ele — nos nossos fatos de trabalho. — Olhou para Karl com uma desculpa no seu olhar sério. — Sou chefe de mesa, senhor.

Em Charlottenburg, no passeio em frente do seu apartamento no número II da Dernburgstrasse, o Contra-Almirante Heinrich Stiegel enfrentava o capitão das S. S. Atrás dele estava Paul, com as costas rígidas de encontro à parede do edifício de apartamentos, com o suor humedecendo o seu cabelo loiro e o seu corpo musculoso a tremer.

O capitão das S.S. era ameaçador, mas cuidadoso.

— A ordem é clara — disse ele ao Almirante Stiegel. — Todos os trabalhadores forçados desta área devem ser mandados para campos especiais a fim de poderem ser convenientemente guardados.

— Guardados! — A voz do Almirante Stiegel era desdenhosa. — Não há necessidade nenhuma de guardarem o nosso Paul. Trabalha na fábrica de ascensores, faz invólucros de granada. Para que serve ele num campo?

— É uma ordem — repetiu o capitão das S. S. — O seu Paul é um polaco, um estrangeiro. Tem de ir com o resto deles.

A voz do Almirante Stiegel elevou-se com impaciência.

— Disparate! Não deixo que vocês o levem. Vive aqui conosco, num quartinho do rés-do-chão. Está perfeitamente conosco... e é valioso para o Terceiro Reich. — Tirou uma carteira do bolso interior do casaco e estendeu-a ao capitão das S. S. — Pode ver neste documento quem eu sou. Estou a comandar um destacamento que protege a Bendlerstrasse.

O capitão das S. S. pegou na carteira e abriu-a descuidadamente, mas à medida que lia as credenciais do almirante a sua cara ia-se enrugando de preocupação, como o Almirante Stiegel sabia que aconteceria. A Bendlerstrasse significava apenas uma coisa para os militares: o quartel-general do O. K. W. — o Oberkommando der Wehrmacht, ou Alto-Comando das Forças Armadas. Os soldados de todas as patentes passavam respeitosamente junto ao grande edifício do Aterro de Tirpitz, próximo do Tiergarten.

— Está bem, está bem, estou a ver. — A voz do capitão das S. S. era cuidadosamente respeitosa. Devolveu a carteira ao almirante. — Está bem, então pode ficar com o seu polaco. Evidentemente, terei de dar conhecimento oficial.

— Evidentemente. — A voz do Almirante Stiegel era confortadora. — Mas por agora, auf Wiedersehen {até a vista}.

O capitão das S. S. fez meia volta nos calcanhares e marchou para o Volkswagen parado junto ao passeio. Entrou, e o carro pôs-se em andamento. Paul agarrou ambas as mãos do Almirante Stiegel nas suas e beijou-as.

— Salvou-me a vida — disse Paul. Os seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Ele levava-me para a morte.

O Almirante Stiegel retirou as suas mãos das de Paul; o seu rosto estava rubro.

— Disparate! — disse ele. — Eles só queriam era complicar as coisas. Havia de engordar e fazeres-te mandrião nesse campo. Paul. O teu lugar é aqui, onde podemos arrancar-te algum trabalho. — Fitou o polaco e depois desviou-se, embaraçado. — Agora anda lá para cima e trata de pregar essas tábuas naquela janela.

Durante um momento o polaco manteve-se ali imóvel.

— Devo-lhe a vida — disse ele depois, e encaminhou-se para dentro de casa.

O Almirante Stiegel suspirou, encolheu os ombros e começou a descer a Dernburgstrasse. Algumas jardas adiante, teve de desviar-se para a rua para evitar pisar os corpos das três mulheres mortas no ataque aéreo da manhã quando estavam numa bicha junto à padaria. Na parede dum prédio de apartamentos estavam afixados dois avisos que tinham ao fundo a assinatura de Hitler. O primeiro denunciava «os derrotistas que existem entre nós» e prevenia que quem

quer que falasse sequer em rendição seria enforcado. O segundo aconselhava os cidadãos a estarem de atalaia aos «rebeldes estrangeiros» e recordava «a todos os homens e mulheres saudáveis» que era seu dever «lutar até ao fim».

No cruzamento seguinte, o corpo dum soldado pendia dum candeeiro, pendurado pelo pescoço com uma corda de piano. Os seus pés estavam descalços. No peito do seu uniforme cinzento esfarrapado alguém prendera um letreiro: É ISTO QUE ACONTECE AOS DESERTORES DERROTISTAS.

Foi a mesma espécie de espetáculo horrível que decidiu Christian Clemens, proprietário duma loja de vinhos e bebidas espirituosas no rés-do-chão do prédio de apartamentos no Alt-Moabit onde vivia com a mulher e a filha, Hansi, de vinte e cinco anos. Para Christian Clemens, Berlim parecia possuída por uma loucura oficial; era um cidadão leal, mas temia que a sua família fosse apanhada por ela. Hansi era secretária do diretor da Ópera do Estado, mas já não havia nada para ela fazer no emprego; na realidade, passava a maior parte do seu tempo no abrigo da Ópera, no velho palácio do Imperador Guilherme II. E, por conseguinte, Christian Clemens decidiu deixar Berlim com a mulher e a filha e ir para casa da avó de Hansi, Frau Marie Eggert, em Rathenow, a cinquenta milhas a oeste da capital. Partiriam no dia seguinte, de comboio, numa viagem que acabaria numa irônica tragédia.

No entanto, a decisão de Christian Clemens era tão razoável quanto cautelosa. E se tivesse sido capaz de penetrar no famoso Abrigo do Führer, cinquenta pés por baixo da velha Chancelaria, no enorme triângulo limitado em dois dos seus lados pela Voss Strasse e pela Wilhelmstrasse, Clemens teria sido fortalecido na sua resolução de fugir da cidade, pois aí, nesse sinistro mundo à parte, numa atmosfera pesada de cólera histórica e de resmungos ocultos, Adolf Hitler e a sua corte bajuladora alternavam entre o escuro desespero e o optimismo agudo e lunático enquanto se preparavam para levar Berlim à ruína no seu Götterdämmerung {O Crepúsculo dos Deuses, de Wagner}.

O optimismo vinha de homens desesperados cujas mentes deformadas davam substância ao seu pensamento ansioso. Fora amparado por um acontecimento lutuoso que ocorrera cinco dias antes em Warrn Springs, na Geórgia: a morte de Franklin Delano Roosevelt. O encorajamento que este acontecimento trouxe à corte de Hitler foi uma ilustração da demência supersticiosa que tão grande papel desempenhou nas meditações do Führer. Vários dias antes do acontecimento, o Ministro da Propaganda, Goebbels, estivera a ler em voz alta para Hitler passos da obra de Carlyle A História de Frederico o Grande. O capítulo que estava a ser lido

descrevia a tristeza do Rei da Prússia após as derrotas que os seus exércitos tinham sofrido na guerra com a Rússia. Frederico, lia Goebbels, não via maneira de fugir às suas dificuldades; os Russos triunfariam e o seu país afundar-se-ia no abismo da derrota. Frederico estava preparado para morrer pelas suas próprias mãos, mas daria ao destino uma última oportunidade: esperaria até ao dia 15 de Fevereiro e depois, se a situação não tivesse melhorado, tomaria veneno. «Bravo Rei», dissera-lhe um cortesão, «espera ainda um pouco, e os dias do teu sofrimento terão passado. O sol da tua boa sorte já está atrás das nuvens, e cedo se levantará sobre ti.» E, evidentemente, no dia 12 de Fevereiro a Czarina morria.

Havia lágrimas nos olhos de Hitler quando Goebbels acabou de ler o capítulo: depois a sua tristeza foi substituída por uma excitação intensa. Mandou Goebbels buscar dois horóscopos guardados num dos milhares de gavetas dos arquivos de Heinrich Himmler, Ministro do Interior, senhor das S.S. e da Polícia Secreta e durante algum tempo comandante falhado do Grupo de Exércitos do Vístula. Os horóscopos eram os do Führer, datado de 30 de Janeiro de 1933, e da República de Weimar, feito em 9 de Setembro de 1918. Ambos os homens os acharam assombrosos na sua «exatidão». Os horóscopos tinham previsto o rebentar da guerra em 1939, as primeiras vitórias e as derrotas que se tinham sucedido umas às outras em 1943. O mais importante, porém, era que previam uma vitória esmagadora para o Terceiro Reich durante a segunda metade de Abril de 1945, e depois, em Agosto, a paz. Hitler estava fora de si com excitação e esperança.

Goebbels também achou novas forças nos horóscopos. Publicou imediatamente uma excitante ordem do dia às esgotadas tropas alemãs: «O Führer declarou que será mesmo este ano que uma modificação da sorte virá... O Führer conhece a hora exata da sua chegada. O destino mandou-nos este homem para que nós, nestes tempos de grande tensão externa e interna, testemunhemos o milagre...»

Na noite de 12 de Abril, Goebbels fez uma das suas frequentes visitas ao quartel-general do Nono Exército, do General Busse, em Küstrin, na frente do Oder. Fora um dia que trouxera mais más notícias — os Americanos tinham atingido a auto-estrada Dessau-Berlim, e o Alto-Comando ordenara a destruição das últimas duas fábricas de explosivos da Alemanha, que estavam situadas no caminho do avanço americano. Havia indicações inequívocas de que os Russos estavam a preparar-se para uma ofensiva maciça ao longo de todo o rio Oder. Mas Busse tranquilizou Goebbels: os Russos, dizia ele, seriam repelidos e o seu exército aguentar-se-ia «até os Ingleses nos darem um pontapé no rabo».

Por sua vez, Goebbels partilhou o seu conhecimento oculto com Busse e com o seu estado-maior. De acordo com a necessidade histórica e a justiça, disse-lhes ele, as coisas estavam prestes a mudar, tal qual como tinham mudado na Guerra dos Sete Anos quando a Czarina morrera.

— Está bem, mas qual é a czarina que morrerá desta vez? — perguntou um oficial.

— Não sei — respondeu Goebbels — mas o destino dispõe de toda a espécie de possibilidades.

Regressou a Berlim de automóvel, chegando ao Ministério da Propaganda, em frente da Chancelaria, pouco depois da meia-noite, na madrugada de 13 de Abril. Houvera um violento ataque aéreo, e havia incêndios na Chancelaria e no Hotel Adlon. A secretária de Goebbels e alguns outros funcionários encontraram-se com ele nas escadas do edifício do Ministério e disseram-lhe que o Presidente Roosevelt morrera.

Goebbels parecia em êxtase: o seu rosto brilhou à luz dos incêndios que tinham transformado a noite num dia horrível.

— Tragam o melhor champanhe! — ordenou ele, numa voz penetrante. — Vamos lá ter uma conversa telefônica com o Führer.

Ligou para Hitler pela sua linha privativa para o Abrigo do Führer.

— Dou-lhe os parabéns, meu Führer! — disse Goebbels. — Roosevelt morreu. Está escrito nas estrelas que a segunda metade de Abril será o ponto de viragem para nós. Hoje é sexta-feira, dia 13 de Abril. É o ponto de viragem.

Para o comando nazi chegara o tempo de se agarrar a qualquer palha, e todos se aferraram ferozmente àquela. O louco egoísmo de Hitler e da sua corte era de tal ordem que ninguém era capaz, ou sequer tinha desejo, de se aperceber do horroroso estado de desespero a que tinham arrastado o Terceiro Reich. A Alemanha estava quase cortada em duas pelos exércitos que avançavam do Leste e do Oeste, a última fábrica de explosivos fora destruída, e aqueles homens ainda acreditavam que com a morte de Roosevelt se despedaçaria a aliança Americano-Anglo-Russa e que os Americanos e os Britânicos se voltariam contra os seus camaradas de armas comunistas. Tinham apenas de se aguentar uns pouco dias mais, diziam eles a si mesmos, e depois seriam salvos pelas tropas do Oeste que se

juntariam a eles numa ofensiva final para esmagar duma vez por todas o poder do Leste Bolchevista.

Estavam agora a aguardar a sua hora, não calmamente mas num estado de tensa excitação, naquele dia 17 de Abril, enquanto os exércitos russos estavam atravessando o Oder e enquanto o mundo estava a desabar sobre a cabeça de pessoas como Christian Clemens. Na elegância da Chancelaria, posta em ordem depois de cada um dos ataques aéreos, dez jovens pilotos da Luftwaffe foram levados a uma audiência com Hitler, para serem acolhidos por obsequiosos lacaios de libré, e serem servidos de conhaque, vinho e whisky escocês, caviar, sanduíches de peru e bolinhos. A cada um deles era dado um pacote contendo manteiga, ovos, presunto, cigarros (Lucky Strikes) e mais conhaque e vinho. Passando através da multidão de convidados, de vestidos de noite sem costas e de uniformes das S. S. bem ajustados, ouviram por acaso uma observação típica.

A discussão era acerca do último ataque aéreo, e a pessoa que estava a falar era uma jovem baronesa, loira e de olhos azuis.

— Mas evidentemente que fiz hoje o que faço sempre durante um ataque aéreo — dizia ela aos seus cortesãos das S.S. — Meti-me num banho quente e abri uma garrafa de champanhe.

A disposição na Chancelaria e no Abrigo do Führer mudaria, como mudava continuamente, mas de momento era de amável optimismo. Adolf Hitler podia cair a todo o instante num acesso de delírio, mas a atmosfera nessa tarde era alegre. Apesar de tudo. Roosevelt estava morto, e embora a luta no Leste fosse penosa, os exércitos alemães não se atreveriam a retirar. No Abrigo do Führer, de dezoito divisões, também se estava perfeitamente em segurança. Alguns dos ocupantes achavam-no um pouco confinado, mas não o Führer nem a sua amante, Eva Braun, que viera para Berlim no dia 15 de Abril para viver ou para morrer nos últimos dias com o seu senhor. Ocupavam um conjunto de seis divisões. Estas incluíam uma antecâmara, uma sala de estar e quarto, uma casa de banho e um quarto de vestir, para Eva Braun, e um quarto e estúdio para Hitler. Do outro lado do corredor eram as divisões ocupadas pelos dois médicos de Hitler, Theodor Morell e Ludwig Stumpfegger. Mais tarde, Joseph Goebbels e a sua família iriam juntar-se a Hitler e a Eva Braun no abrigo, mas agora o Führer e a sua amante partilhavam-no apenas com os seus guardas, os seus criados e os seus médicos. Hitler conferenciava com os seus bajuladores militares e políticos numa das pontas da passagem central que levava à saída de emergência para o jardim. Além dos aposentos dos criados e duma «casa de jantar geral» de passagem, havia numa secção do abrigo uma

cozinha vegetariana, uma despensa e duas arrumações. A secção privada de Hitler tinha, também, um lanço de escadas mais abaixo, uma central eléctrica, uma central telefónica e um «abrigo dos cães», ou seja, uma sala de repouso dos guardas.

Os altos funcionários viviam em outros abrigos sob o agrupamento dos edifícios do Governo. Um deles era a tapada da chancelaria do Partido e alojava Martin Bormann, o seu estado-maior, guardas das S. S. e vários oficiais do Exército. O Brigadeführer Mohnke, como comandante da Chancelaria do Reich, ocupava outro com o seu estado-maior. Goebbels, a sua família e o seu estado-maior estavam vivendo nas caves do Ministério da Propaganda.

Nessa tarde de 17 de Abril, Adolf Hitler estava a três dias do seu quinquagésimo sexto aniversário, e estava quase tão doente fisicamente como estava mentalmente. Os seus membros contorciam-se quase constantemente e a sua cabeça tinha tendência para oscilar. Havia um brilho trêmulo nos seus olhos. Durante muitos meses o seu corpo fora domada com uma larga variedade de drogas pelo mal-famado Dr. Morell, e atingira o ponto de total dependência delas para se manter. Era regularmente injetado com morfina e hipnóticos e com afrodisíacos. Sofria periodicamente duma irritação dos labirintos dos ouvidos, o que provocava uma falha da capacidade de equilíbrio, em resultado da abortada conspiração dos generais de 20 de Julho de 1944, quando Hitler sobrevivera a uma bomba colocada sob a mesa à qual estava sentado. Cãibras de estômago produzidas pela histeria perturbavam o seu sono; apenas encontrava alívio tomando doses excessivas e maciças duma droga composta de estriknina e beladona.

Mas as misérias físicas de Hitler pareciam aumentar a sua sede de sangue, especialmente de sangue russo. Com os exércitos soviéticos quase batendo às portas de Berlim, estava ainda exigindo o «extermínio» do povo russo, ainda exigindo conquistas alemãs «no Leste» para proporcionar espaço vital para o povo alemão. A sua política de guerra para com a Rússia não mudara desde que as tropas alemãs haviam invadido a União Soviética. Resignar-se-ia a uma «acomodação» com o Ocidente, uma vez que a guerra a Oeste era uma guerra convencional de objetivos limitados, mas a Rússia tinha de ser liquidada e o seu povo ou assassinado ou tornado escravo. Mantinha-se fiel à sua infame declaração de 1934, feita quando estava discursando sobre o seu assunto favorito — a liquidação dos judeus e dos eslavos.

Dissera então: «Se posso mandar a fina flor da nação alemã para o inferno da guerra sem a mais pequena piedade pelo derrame de precioso sangue alemão, então

tenho certamente o direito de remover milhões duma raça inferior que se multiplica como vérmina!» E também não esbanjava a compaixão com o seu próprio povo. Quando ouvira as notícias da quase destruição da sua divisão pessoal das S. S., a Leibstandarte Adolf Hitler, na Rússia, ficara impaciente com as desculpas dum general pelas pesadas perdas alemãs. «As perdas não podem nunca ser demasiado altas!», gritara ele. «Espalham a semente da grandeza futura.»

E é claro que continuava a partilhar e a aplaudir os sentimentos que Himmler exprimira num discurso aos generais das S.S. sobre a guerra na Rússia. «O que acontece a um russo ou a um checo não me interessa nem ao de leve», dissera Himmler. «Quer essas nações vivam na prosperidade quer estoirem de fome, interessam-me apenas na medida em que precisamos delas como escravas para a nossa Kultur. Se dez mil fêmeas russas caírem mortas de exaustão enquanto cavarem uma trincheira antitanques, interesse-me apenas na medida em que a trincheira antitanques para a Alemanha estiver acabada. Nós, alemães, que somos o único povo no mundo que tem uma atitude decente para com os animais, assumiremos também uma atitude decente para com esses animais humanos, mas é um crime contra o nosso próprio sangue preocuparmo-nos com eles e darmos-lhes ideais.»

Nessa tarde de 17 de Abril, um regimento das S.S. capturou um destacamento de dezesseis soldados russos numa floresta perto de Zechin, na frente do Oder. Os prisioneiros eram membros do excelente 3º Batalhão do 756º Regimento do Terceiro Exército de Choque Soviético. Primeiro, os órgãos genitais dos prisioneiros foram-lhes cortados. Depois foram estrangulados lentamente com cordas de piano. Levou quase uma hora a estrangular o mais robusto do grupo.

2

«Agora, Berlim é nossa, seja quando for que decidirmos conquistá-la». Quem falava era o Primeiro-Ministro Joseph Stalin, casualmente expansivo após um copo de vodca bebido na companhia dos jornalistas de Moscou na noite de 17 de Janeiro de 1945. No dia anterior, as tropas alemãs que tinham lançado a ofensiva das Ardenas um mês antes, estavam de regresso à mesma linha donde haviam partido. Terminara a Batalha do Saliente, e Adolf Hitler perdera na sua jogada da última

trincheira no Oeste 120000 homens, mortos, feridos e desaparecidos. 600 tanques e canhões de assalto, 1600 aviões e 6000 veículos.

Entretanto, a 12 de Janeiro, os Russos tinham lançado a sua maior ofensiva da guerra, uma irrupção maciça de 180 divisões. No Sul, a Primeira Frente (Grupo de Exércitos) Ucraniana do Marechal Ivan Koniev atirou-se para a frente, da sua testa de ponte em Baranov, no Alto Vístula, ao Sul de Varsóvia, e rolou a caminho da Silésia. A Norte da frente de Koniev, a Primeira Frente Bielo-Russa do Marechal Georgi Zhukov atravessou o Vístula e prosseguiu para o Norte e Sul de Varsóvia. Ao Norte das forças de Zhukov, dois exércitos russos sob o comando do General Konstantin Rokossovski submergiram metade da Prússia Oriental e prosseguiram para o Golfo de Dantzig.

Os acontecimentos tinham-se desenvolvido quase exatamente como haviam sido preditos pelo último designado por Hitler como Chefe do Estado-Maior-General do Exército, o General Heinz Guderian. O Führer insistira, contra as objecções de Guderian, em enfraquecer a frente Leste a fim de brincar aos peritos militares com a ofensiva das Ardenas, e agora, com efeito, a Alemanha perdera a guerra. Agora, como Stalin dissera, era meramente uma questão de tempo antes de os Russos invadirem Berlim. Em certo sentido, a Batalha de Berlim estava travada.

Guderian, um homem sem complicações, em tempos um Alegre Hussardo de Sedan, era um soldado entre os soldados, que entendia que a política devia ser deixada aos políticos. Como resultado, tornara-se Chefe do Estado-Maior por acaso: o homem destinado para o lugar estava doente. Antes disso, a sua carreira fora marcada pelo desapontamento. Fora o arquiteto principal das forças blindadas alemãs e comandara um exército de tanques até ao Inverno de 1941-42, ocasião em que, durante a campanha de Moscou, Hitler o demitira. Não foi senão em 1943 que Guderian tornou a ser chamado, para ajudar a reabilitar os blindados alemães no cargo de inspetor-geral das forças blindadas. Depois do dia 20 de Julho de 1944, data da conspiração contra a vida de Hitler, Guderian foi feito Chefe do Estado-Maior; era aceitável na crise porque recusara juntar-se aos conspiradores. A sua razão para se abster foi caracteristicamente simples; foi ditada pela declaração de «rendição incondicional» de Casablanca, de Roosevelt e Churchill, e pelo temor do chamado Plano Morgenthau de destruir a Alemanha como potência industrial. Guderian detestava Hitler, mas entendia que o seu dever de soldado era combater e não fazer malabarismos de política.

Não obstante isto, Guderian opusera-se vigorosamente à aventura das Ardenas. Ouvira falar dela tardiamente, dado que, por via duma curiosa política adoptada

por Hitler nos princípios de 1942, o Chefe do Estado-Maior era responsável apenas pela Frente Leste e só casualmente era mantido informado dos planos e desenvolvimentos em outros pontos. O verdadeiro senhor das forças armadas alemãs, com Hitler, era o obsequioso Marechal de Campo Wilhelm Keitel, chefe do reorganizado Alto-Comando das Forças Armadas, o O. K. W. Originariamente, o O. K. W. fora uma comissão de coordenação dos três ramos das forças armadas, mas Hitler fez dele o seu próprio instrumento político, a fim de exercer um controle mais firme sobre o O. K. H., o Alto-Comando do Exército. Hitler e Keitel eram servidos com uma espécie de eficiência desprendida pelo General Alfred Jodl, chefe das operações do O. K. W., que providenciava para a estratégia de Hitler, passada a Keitel, ser levada a efeito.

Quando Guderian soube que lhe seriam negados os reforços de que necessitava no Leste para que um novo ataque pudesse ser lançado a Oeste, foi imediatamente ao quartel-general de Hitler em Berlim para protestar. Disse a Hitler que não podia prometer manter a frente Leste, a não ser que lhe fossem dados mais homens, tropas experientes.

Hitler deu uma gargalhada curta, e depois mostrou-se severo.

— Não precisa de tentar ensinar-me — disse ele. — Tenho vindo a comandar o Exército Alemão nos campos de batalha há cinco anos, e durante esse tempo tive mais experiência prática do que qualquer dos senhores do Estado-Maior-General pudesse esperar jamais ter. Estudei Clausewitz e Moltke e li todos os papéis de Schlieffen. Estou mais a par do assunto do que o senhor.

Guderian persistiu. Disse a Hitler que os Russos estavam prestes a atacar com forças esmagadoras. A voz de Hitler elevou-se até gritar:

— Essa é a maior fanfarronada desde Genghis Khan! Quem é o responsável por essas informações ridículas?

A 22 de Dezembro já Guderian decidira que a ofensiva das Ardenas se tinha atolado, e talvez agora Hitler desse ouvidos à razão. No dia de Natal dirigiu-se ao quartel-general de Hitler, então mudado para um abrigo subterrâneo em Ziegenberg, perto de Francfort-sobre-o-Meno, para o Führer poder «dirigir» a ofensiva a Oeste. Guderian pediu a transferência imediata de divisões que já não eram necessárias no Oeste. Hitler riu-se dele, e depois tornou-se histérico; insistiu em que a ofensiva alemã ainda atingiria Antuérpia e privaria os Aliados do seu principal porto de abastecimento. No regresso ao seu quartel-general, Guderian

sofreu outro golpe. Budapeste caíra nas mãos dos Russos e, por ordem de Adolf Hitler, o Corpo de Tanques de Gille, mantido em reserva atrás da frente do Vístula, fora mandado para a Hungria, para reconquistar a cidade. Voltou ao abrigo de Hitler no dia de Ano Novo para tentar mais uma vez. Observou a Hitler que, enquanto o Ruhr já estava paralisado pelos bombardeamentos dos Aliados Ocidentais, a região industrial da Alta Silésia podia ainda trabalhar com pleno rendimento se fossem colocadas forças alemãs suficientes entre ela e os exércitos russos. Pediu a transferência imediata do chamado Exército da Curlândia, que estava a manter uma bolsa inútil na Letônia. E mais uma vez Hitler repeliu o seu Chefe do Estado-Maior; gritou-lhe que tudo quanto Stalin podia lançar em combate eram «os restos da escumalha russa e a sucata posta de parte apanhada ao longo dos caminhos».

Ainda assim, Guderian não capitularia, especialmente depois que o seu chefe do serviço de informações, o General Reinhold Gehlen, lhe apresentou em 7 de Janeiro a última estimativa do potencial russo. Só no sector da testa de ponte de Koniev, em Baranov, as probabilidades contra as tropas alemãs apresentavam-se assim: infantaria, onze para um; tanques, sete para um; artilharia, vinte para um. Em algumas áreas, a artilharia russa instalara 380 peças por cada milha. Até Hitler tinha de ficar impressionado com tais números. Guderian embrulhou mapas e diagramas e dirigiu-se com Gehlen a Ziegenberg para uma última tentativa.

Como habitualmente, Guderian e Gehlen tiveram de entregar as suas armas e as suas pastas aos guardas quando entraram no abrigo de Hitler; a regra fora posta em prática para todos, incluindo Keitel e Jodl, desde a conspiração de Julho. Mas depois duma espera de quinze minutos veio ordem do santo dos santos para Guderian ser autorizado a levar os seus mapas e diagramas. Encontraram Hitler curvado na sua cadeira, com a cara lívida e inchada, as mãos a tremer e o braço esquerdo contorcendo-se. Enquanto Guderian apresentava o seu caso, Hitler levantou-se para passear dum lado para o outro, e os seus visitantes notaram que arrastava a perna esquerda.

Hitler perdeu a calma antes de Guderian ter acabado, e foi uma maré-cheia de injúrias. Os mapas e diagramas eram «completamente idiotas» e o homem que os elaborara devia ser «metido num asilo de doidos». Furioso, Guderian interrompeu-o;

— Se quer mandar o General Gehlen para um asilo de doidos, o melhor é mandar-me passar também um atestado.

Hitler ignorou o seu Chefe do Estado-Maior; argumentou que a frente Leste «nunca teve uma reserva tão forte como agora».

Guderian replicou:

— A frente Leste é como um castelo de cartas. Se a frente for rompida num ponto, o resto cairá.

Enquanto a discussão se arrastava, os companheiros de Hitler permaneciam silenciosos num círculo à volta dos dois homens — o porcino Marechal do Reich Hermann Göring; Keitel, alto e corpulento; Jodl, sem expressão, de olhos semicerrados; Heinrich Himmler, o da cara pálida e olhos piscantes; o General de pernas arqueadas Wilhelm Burgdorf, Chefe do Serviço de Pessoal do Exército, que levava a Rommel a sua cápsula de veneno após a conspiração de Julho e que dançara com Martin Bormann, alguns meses antes, numa reunião erótica de embriaguez no anterior quartel-general do Führer em Rastenburg. Observavam silenciosamente, e quando Hitler despediu Guderian com outra recusa inclinaram a cabeça em sinal de concordância.

É perfeitamente possível que Adolf Hitler não pudesse literalmente compreender o perigo que enfrentava o Terceiro Reich do Leste. Fora, ao longo da guerra, como um homem embriagado pela bebida do poder germânico. Falava de «guerra total» mas, até então, não empreendera a guerra total. Na Grã-Bretanha, tinham ido 2 250 000 mulheres trabalhar para as fábricas de material de guerra durante os primeiros quatro anos do conflito; a Alemanha recrutara apenas 182 000. Hitler assim o queria, de acordo com a ideologia nazi de que o lugar da mulher era no lar, de preferência tendo um bebé por ano. A produção de bens de consumo era surpreendentemente elevada, para manter o moral da frente interna. E, quase até ao fim, o número do tempo de paz de serviços domésticos —um milhão e meio— manteve-se inalterável.

Sem dúvida Hitler tivera algumas atitudes. No Verão de 1944 designara Goebbels para a missão de assegurar a «mobilização total», e Himmler recebera ordens para criar vinte e cinco divisões de Volkssturm (literalmente, assalto do povo). Os agentes de Himmler percorreram escritórios, fábricas, universidades e liceus e, pelos fins de Outubro de 1944, tinham recrutado 500 000 novos soldados — rapazes entre os quinze e os dezoito anos e homens entre os cinquenta e os sessenta. Fora organizada uma milícia local para guarnecer as linhas de defesa nas aldeias do Leste, e Guderian pusera centenas de milhares de homens (e de mulheres eslavas escravas) a trabalhar cavando armadilhas para tanques e

trincheiras, e construindo blocos de barragem das estradas, do Mar Báltico à Silésia. Fazendo isto, Guderian desafiara a ordem de Hitler proibindo a construção de defesas atrás das linhas porque minava o espírito de luta das tropas. Mas Guderian assinara a ordem «Adolf Hitler, por intermédio de Guderian».

No entanto, esses esforços eram de resultados insignificantes. A Volkssturm sentia-se feliz quando tinha uma espingarda para cada dez homens e, quer pela demora da produção quer pelas pesadas perdas de equipamento em combate, estas chamadas tropas seriam mandadas combater contra tanques com uma só Panzerfaust — a bazuca alemã — para cada vinte homens. A milícia das aldeias era tímida e não treinada, e Himmler e Bormann tinham transformado esses grupos servis em instrumentos de propaganda do partido, que passavam a maior parte do seu tempo a espiar os vizinhos. Fosse como fosse, tudo fora feito demasiado tarde, e depois da «jogada da última trincheira», nas Ardenas, o tempo estava a fugir ao Terceiro Reich. Os Russos estavam a vir... depressa.

A rapidez da ofensiva russa pareceu finalmente dar a Hitler um indício do perigo nacional. Mudou novamente o seu quartel-general, de volta a Berlim desta vez, e meteu-se no Abrigo do Führer, sob a antiga Chancelaria, na tarde de 16 de Janeiro. Convocou para o abrigo Goebbels, Himmler e os seus generais, para servirem de público às suas denúncias históricas dos «fracos e traidores» que o haviam enganado e traído. Não —em resposta a uma pergunta de Goebbels— não haveria anúncio público da sua presença em Berlim. O povo da capital não merecia o encorajamento de saber que ele estava a combater à sua testa. Além disso, evidentemente, poderia querer escapulir-se outra vez; a sua decisão não estava ainda definitivamente tomada.

A fúria de Hitler fora ateadada pela nova ofensiva russa que em 12 de Janeiro, lançara as tropas de Stalin por cima do gelo do Vístula e as levava a espalharem-se em leque em todas as direções, mas não sem objetivos. A ala Sul de Zhukov, partindo da testa de ponte de Pulawy, e as suas forças mais a Norte, avançando para Oeste entre Varsóvia e Modlin, fecharam-se sobre o Nono Exército, de Busse. Depois, num movimento de pinça, entraram em Varsóvia tanto pelo Norte como pelo Sul. As defesas de Varsóvia eram desprezíveis; muitos dos seus defensores alemães provinham de quatro batalhões de soldados anteriormente hospitalizados em massa por causa de indisposições de estômago.

O General Guderian tinha mais qualquer coisa extra com que se preocupar quando chegou à Chancelaria naquela tarde. A mulher estava na sua casa de campo em Diepenhof, no caminho do avanço russo, e não conseguira apanhá-la pelo telefone.

Podia apenas ter esperança de que ela fugisse a tempo. Entretanto, havia Adolf Hitler a enfrentar.

Guderian foi o primeiro dos generais a ser ouvido, e não tentou dar brilho à situação. Acentuou, em particular, que o Grupo de Exércitos A, do General Harpe, perdera todo o contato com Varsóvia e que a cidade se presumia perdida.

Hitler gritou uma interrupção.

— Isso é—simplesmente inaudito. Varsóvia é uma fortaleza. Varsóvia tem um comandante de fortaleza com ordens para manter a cidade até ao último alento. Quero um relatório completo, imediatamente.

Enquanto esperava, Hitler ordenou a demissão do General Harpe, de Harpe, que acreditara absolutamente no destino do Führer e na sua garra de estratega militar. Fez uma chamada para a ociosa força da Curlândia e ordenou ao Marechal de Campo Ferdinand von Schoerner que abandonasse o seu comando ali e assumisse imediatamente o do Grupo de Exércitos A. Disse a Schoerner em tom retumbante que a sua primeira ordem de ação era a de reorganizar o Grupo de Exércitos A «por quaisquer meios»; tinha de expulsar «todos os elementos fracos» no seu novo comando, e deter os Russos.

Mas os Russos não podiam ser detidos; enquanto Hitler estava berrando as suas ordens a Schoerner, o Quartel-General do Führer estava recebendo um relatório por telefone dum dos ajudantes de Guderian, o Coronel von Bonin, que dizia ter o Grupo de Exércitos A acabado de receber uma mensagem pela rádio do comandante de Varsóvia, informando que estava ainda na cidade mas que teria de a abandonar após o cair da noite. A fúria de Hitler elevou-se a novas alturas. Ordenou o despacho duma mensagem para Varsóvia mandando que a cidade fosse mantida a todo o custo. Depois voltou-se para Guderian.

— Como obtive esse relatório prematuro de que Varsóvia estava perdida? — perguntou ele. Guderian disse-lhe que o Coronel von Christen, seu oficial de operações, recebera o relatório de Cracóvia e o enviara ao Coronel von der Knesebeck, que o passara a von Bonin.

— Prenda-os! — gritou Hitler. — Prenda-me todos esses três nobres corrompidos!

Guderian ficou aterrado; ali estava a reencarnação do antigo déspota que ordenava a morte dos mensageiros de más novas. Durante mais duma hora, enquanto a frente

Leste ruía em vários pontos, Guderian argumentou com Hitler em defesa dos três oficiais, tentando explicar na linguagem mais simples possível que eles nada tinham feito senão servir o seu chefe, transmitindo as informações recebidas. Mas Hitler foi inflexível; a cabeça vacilava-lhe e os olhos saltavam-lhe das órbitas.

— Prenda-os! Prenda-os! — continuava ele a gritar. — São derrotistas e traidores!

Tristemente, Guderian deixou a sala de conferências, para voltar no dia seguinte a um severo interrogatório por parte do Führer. Voltou então à carga, advogando a libertação dos três oficiais. Ofereceu a sua própria demissão como resgate dos três. Hitler, porém, recusou-se a reconsiderar; a insistência de Guderian na defesa do trio desencadeara de novo a sua fúria.

— Deixe de tentar — disse ele a Guderian. — Não é a si que eu quero atingir. Não são os oficiais individualmente que eu quero atingir. O que eu quero atingir é o Estado-Maior-General, a «panelinha» do Estado-Maior-General que maquinou o crime de 20 de julho... Têm de ser liquidados!

Varsóvia caiu nesse dia, 17 de Janeiro. No dia seguinte, Anton Kiess, o burgomestre em exercício duma aldeia alemã do Distrito do Warthe, uma região batizada com o nome do rio que corre através da parte ocidental da Polónia para o Oder, na atual fronteira germano-polaca, compareceu a uma reunião na capital da província. Foram-lhe aí dadas instruções pelo comandante de zona da Volkssturm.

— As nossas linhas da frente estão a combater magnificamente disse o comandante na reunião. — Os avanços iniciais dos russos foram detidos. Um exército de tanques alemão está em movimento para reconquistar o território que os Russos ocuparam. O próprio Führer se ocupou do caso e disse que utilizaria as suas novas armas milagrosas mais cedo do que planeava, de preferência a permitir que se perdesse um único pé quadrado do Distrito do Warthe. A população não precisa de se preocupar. O Führer ordenou que sejam mantidas todas as linhas de defesa e todas as posições de bloqueio. No caso mais do que improvável de acontecer qualquer coisa imprevista, a população será avisada com muito tempo para abandonar as suas casas com vagar.

Finda a reunião, Anton Riess conduziu o seu trenó a caminho de casa pelas estradas cheias de neve, enquanto o burgomestre titular ficou, à espera de espingardas para a Volkssturm. Riess estava tranquilizado; a promessa de segurança para o povo provinha diretamente do Führer, e transmiti-la-ia aos camponeses alemães da sua aldeia, que, como ele, tinham sido transferidos para o

Warthe em 1940, quando a Rússia se apoderara dos seus lares anteriores na Bessarábia.

Encontrou pelo caminho camiões cheios de soldados alemães, viajando na direção oposta. Riess ficou admirado com aquilo, mas pô-lo de parte ao pensar que deviam ser tropas dirigindo-se para a retaguarda para um bem merecido repouso.

De volta à sua aldeia, reuniu-se com os mais velhos, que constituíam a comissão de defesa.

— Não se preocupem — disse-lhes ele —, tudo vai bem. — Depois repetiu o que o comandante da zona dissera na reunião.

— O chefe de zona manda-lhes os seus cumprimentos — disse ele — e quer que vocês saibam que no próximo Verão os nossos exércitos estarão outra vez diante de Moscou, e então poderemos todos rir-nos de nós mesmos por nos preocuparmos esta noite.

Observou as caras deles e sentiu-se animado com o novo conforto que nelas viu.

— Agora vão para casa e durmam alguma coisa — disse-lhes. — Tudo há de correr bem.

A mulher de Anton Riess também parecia contente. Depois dos visitantes saírem, fez-lhe algumas perguntas acerca da reunião, e as suas respostas satisfizeram-na. Subiu ao andar de cima para se deitar. Riess, ainda excitado, pôs o chapéu e vestiu o capote para dar uma volta, para se acalmar antes de ir para a cama.

Virou da sua rua para a estrada aberta e foi andando devagar. Então viu-a — a massa dum vulto jazendo perto da valeta, ao lado da estrada. Cautelosamente, Riess encaminhou-se para o vulto e descobriu-o vestido com um uniforme de oficial alemão. Ainda cautelosamente, tocou no vulto com o pé; o homem mexeu-se e resmungou ininteligivelmente. Riess pôs o oficial de pé e, sem fazer quaisquer perguntas, auxiliou-o a caminhar para a sua casa. Aí fê-lo brandamente sentar-se numa cadeira, e o oficial deixou cair a cabeça em cima da mesa, aparentemente adormecido outra vez.

Riess fez o que era óbvio — pegou numa garrafa de aguardente de batata, levantou a cabeça do oficial e deitou-lhe algum líquido pela garganta abaixo. O oficial tornou a si imediatamente, de olhos muito abertos, com a boca a babar-se.

— Vem da frente? — perguntou Riess.

O oficial olhou para ele, mudo. Depois suspirou profundamente e disse:

— Frente? Não há frente nenhuma. Está tudo acabado. Sou o único que ficou da minha companhia. Eles caçaram-nos como coelhos. Primeiro a artilharia, depois, se se escapava, as metralhadoras... e os canhões dos tanques. Fugi. Meti-me pelos bosques e fugi.

Riess não podia acreditar nos seus ouvidos.

— Mas então, e as posições de bloqueio?

— Posições de bloqueio! — O riso do oficial era rouco. — Que perda de tempo. Não há vivalma nelas. Os russos limitam-se a passar-lhes por cima com um tanque «Stalin», e deixa de haver trincheiras. — Os olhos fechavam-se-lhe. — Estão aí dentro de poucas horas. O Ivan vem aí. Tenho de ir andando. — A cabeça caiu-lhe outra vez em cima da mesa e começou a rressonar.

Durante um momento, Anton Riess ficou a olhar para o homem. Não podia compreender o que ele lhe dissera. Mas ia averiguar o que havia. Saiu a correr para a casa do chefe do partido nazi na aldeia e bateu à porta até a criada escrava polaca vir abrir-lha. Entrou por ali dentro passando por ela, procurou o telefone e fez uma chamada para o comandante da zona.

Primeiro houve as perguntas todas: Riess tinha autoridade para fazer a chamada? Como é que se chamava? Qual era a sua posição? Mas finalmente a voz do chefe da zona respondeu, ensonada, rabugenta e impaciente. Riess contou-lhe do oficial. Os russos estavam a caminho? Se estavam, Anton Riess queria saber, a fim de avisar os aldeões, para que toda a gente pudesse fugir.

Houve na rua uns estrondos ásperos e desusados, mas Riess não lhes deu atenção; raramente falava ao telefone e era um esforço para ele. E o comandante da zona estava a berrar-lhe.

— O senhor está doido! Não recebeu as suas instruções esta tarde? Não há alteração nenhuma. Claro que andam por aí uns quantos suínos sem sangue nas veias, desertores como esse oficial que o senhor levou para a sua casa. Quer ser enforcado por albergar um desertor? Esse oficial devia ter sido fuzilado no sítio, e

o melhor que tem a fazer é tomar a responsabilidade de o entregar a polícia imediatamente.

Nesse momento houve um estrondo, e a porta da rua pareceu que era atirada para dentro de casa. Quase simultaneamente, a sala foi ocupada pelos vultos de dois soldados russos, embrulhados em uniformes castanhos acolchoados e trazendo pistolas-metralhadoras.

Riess podia ter ouvido o áspero matraquear metálico quando uma das pistolas-metralhadoras disparou. Caiu para o chão, enquanto o telefone, arrancado da sua mão pela força do choque, ficou a balançar na parede. Num instante, a cara de Riess ficou cheia de sangue. Um dos russos bateu no telefone com a sua pistola-metralhadora. O outro inclinou-se sobre Riess e rebuscou-lhe as algibeiras. Tirou o relógio e a corrente de Riess, e depois arrancou-lhe a aliança do dedo.

Na rua, os dois soldados russos fizeram uma pausa, respirando pesadamente. Um deles disse:

— Isto foi pela minha irmã, em Kiev. Nove alemães possuíram-na, e depois pregaram-na na porta de casa, ainda viva. Não viveu durante muito tempo. — Havia lágrimas nos seus olhos.

Passou um trenó, carregado de feno e de soldados russos. Em cima do trenó jazia uma mulher nua, quase encoberta por um russo. Saltara nua duma janela quando os invasores tinham aparecido, e eles tinham parado o trenó e tinham-na atirado para cima dele. Fora já violada por três soldados. Outro trenó carregado de tropa perseguiu um trenó que viram a fugir da grande casa ocupada pelo chefe da estação dos correios, que era também o banqueiro local. Dispararam as suas pistolas-metralhadoras enquanto perseguiam o trenó, e apanharam-no numa ligeira elevação, no caminho de saída da localidade. Mas o homem e as suas duas filhas estavam mortos, com os seus corpos crivados de balas. Os soldados deram pontapés nos corpos e cuspiram-lhes nas caras.

Na praça da aldeia, o Capitão Volsky, de Kharkov, empoleirado em cima dum barril, à luz duma lanterna, berrava citações do famoso escritor soviético Ilya Ehrenburg:

— Matem, homens do Exército Vermelho, matem! — gritava ele. — Nenhum fascista é inocente, quer esteja em vida quer esteja ainda por nascer. Matem!

O Capitão Volsky tomara parte na libertação da sua cidade natal das tropas alemãs. Procurara a sua família durante três dias. Depois soubera que a mãe e o pai tinham sido estrangulados por soldados, alemães depois de a mãe ter sido violada por um pelotão inteiro, e que a irmã de catorze anos, Natalya, fora atirada para dentro dum camião e transportada para um bordel de oficiais alemães.

A porta da casa de Anton Riess foi arrombada pelos ombros de quatro soldados russos. O Sargento Kossarev entrou depois com o seu pelotão de dez homens na sala onde estava sentado o oficial alemão, com a metade superior do corpo amarfanhada em cima da mesa. Um soldado agarrou o oficial pelo seu cabelo loiro, puxou-lhe a cabeça para cima e meteu-lhe duas balas no rosto. Kossarev cortou-lhe as goelas.

Para os soldados que esquadrihavam os armários e partiam os pratos, Kossarev gritou uma ordem:

— Tragam palha!

Quando lha trouxeram, mandou-a pôr em montes junto às paredes e à escada para a parte superior da casa; depois foi-lhe lançado fogo. A mulher de Anton Riess e a sua filha, com as quatro crianças dela, estavam num quarto lá em cima. Quando o fogo cresceu correram para as janelas, onde os russos que estavam na rua as fuzilaram com as suas pistolas-metralhadoras. Os russos mantiveram-se na rua até toda a casa estar em chamas. Todas as casas onde fosse encontrado um soldado eram incendiadas.

3

Nos parques de Berlim, despojados de centenas de árvores pelos berlinenses que procuravam lenha onde podiam apanhá-la, as tropas da Volkssturm adestravam-se tão vigorosamente como os seus pulmões de fôlego curto permitiam. Quando tinham fôlego suficiente, os homens de sessenta anos ficavam regularmente habilitados a disparar as Panzerfaust; eram mais atentos aos seus instrutores do que as ocasionais crianças de quinze anos. Além disso, as Panzerfaust — «Punhos de Hitler», como alguns lhes chamavam — eram demasiado pesadas para alguns dos

rapazes mais fracos; quando conseguiam levá-las ao ombro, era-lhes difícil mantê-las suficientemente firmes para um tiro eficiente.

Nos intervalos dos ataques aéreos, as mulheres observavam-nos, normalmente com pouco orgulho. O seu inato cepticismo feminino não podia deixar de ver o ridículo dessas manobras naquele mês de Janeiro de 1945. As mulheres estavam desiludidas havia muito tempo; a sua atitude era um produto de viverem durante meses numa cidade muito perto de estar em ruínas. Abrindo as suas latas do lixo, fingiam pôr-se à escuta e diziam umas às outras: «O Dr. Goebbels está a falar». E referiam-se ao Marechal do Reich Göring como «Herr Meyer», recordando a promessa daquele hedonista gorducho de que tomaria esse nome se os ingleses conseguissem bombardear o solo alemão.

Mas nem no seu cepticismo as mulheres de Berlim conheciam a tremenda verdade — que até esse momento não havia um verdadeiro plano de defesa da capital do Terceiro Reich e que havia poucos autênticos combatentes à mão que servissem de base para um plano. A guarnição de Berlim consistia em menos de dez mil homens, a maior parte deles membros dum Batalhão especial das S. S., a Guarda de Hitler, que estava preocupada com a proteção do Führer e doutros maiores nazis de ofensas corporais por parte dos próprios alemães e dos «sabotadores estrangeiros», os quais eram em grande parte uma ficção provocada pelas fantásticas idéias oficiais. Havia outros dispersos, mais ou menos combatentes, incluindo os quinhentos marinheiros do Contra-Almirante Heinrich Stiegel, no quartel-general do O. K. W. na Bendlerstrasse, e membros da Gestapo emboscados por todos os lados como aves do mal. A função das forças de polícia regular era principalmente a de providenciar para as pessoas se abrigarem durante os ataques aéreos, observarem a ocultação de luzes e se comportarem convenientemente nas bichas para a comida. Ainda não havia armadilhas para tanques, nem barricadas nem trincheiras. A única defesa de Berlim era contra os ataques aéreos, e apesar de haver baterias antiaéreas por toda a cidade — visíveis em cachos especialmente densos em redor da vizinhança do refúgio de Hitler na Wilhelmstrasse— já havia preocupações com a diminuição do abastecimento de munições. Tanto a artilharia pesada como as peças de campanha mais pequenas eram praticamente inexistentes.

Havia duas razões principais para esta posição de impotência. Em primeiro lugar, era linha de orientação oficial do governo nazi que a Alemanha não-podia ser conquistada, e por conseguinte era perigoso para quem quer que fosse falar da defesa de Berlim, não fossem as suas palavras aos ouvidos de Adolf Hitler. Em segundo lugar não havia homens, nem equipamento nem material que pudessem ser postos de parte para encherem os alçapões de Berlim. Era tudo quanto os

desorientados militaristas de Hitler podiam fazer para preservarem a ilusão de duas frentes.

Quanto aos famosos Werwölfe, ou Lobisomens, grupo que se supunha estar preparando uma futura organização clandestina terrorista nazi, eram em grande parte produto da imaginação de homens de Paris, Londres e Washington. Os Lobisomens nunca constituíram um movimento de resistência, isto é, nunca foram destinados a lutar clandestinamente depois da Alemanha ser conquistada, como lutaram os movimentos de resistência em França, na Dinamarca e na Holanda. Hitler não daria ouvidos a tal coisa, porque não admitiria o pensamento da derrota. O chefe de informações de Guderian, General Gehlen, que sobreviveu à guerra para se tornar o principal agente alemão do Serviço Central de Informações americano, tentou obter autorização para criar uma organização assim, mas foi repellido com horror por Himmler.

— Isso é uma perfeita loucura — respondeu-lhe Himmler. — Se eu discutisse um plano como esse poderia ser denunciado como o primeiro derrotista do Terceiro Reich. Esse facto havia de ser servido ao Führer mal acabasse de sair do lume.

Na verdade, os Lobisomens foram instituídos como organização paramilitar, ou unidade militar, com a tarefa de combaterem atrás das linhas aliadas como forças de diversão. Não se pretendia que operassem independentemente do Alto-Comando Alemão ou depois da dissolução do Alto-Comando. De facto, muitos dos recrutas ficavam chocados ao descobrirem que se esperava que combatessem em trajes civis, ficando desse modo sujeitos a execução sumária após captura; queriam usar uniformes regulares como todos os outros, e à medida que os dias do Terceiro Reich iam diminuindo, as deserções dessa «força de homens desesperados» multiplicavam-se.

Hitler, evidentemente, não estava interessado nem ao de leve no que acontecesse a Berlim ou ao povo alemão em caso de derrota. Nos seus momentos de disposição mais melancólica, falava de arrastar «meio mundo para a destruição conosco», não deixando «ninguém para triunfar sobre» a Alemanha. «Podemos ser destruídos», dizia ele, «mas se o formos, levaremos um mundo conosco, um mundo em chamas». Em Janeiro de 1945, já Hitler pensara certamente no seu suicídio na hora do desastre, e a ideia de a luta continuar após a sua morte devia ser-lhe odiosa. Por conseguinte, deu apenas uma atenção superficial, se alguma deu, ao problema de defender Berlim. Estava orgulhoso daqueles bandos com o ar de grupos de escuteiros que marchavam pelas ruas de Berlim — membros da Jungvolk (Gente Nova), composta por rapazes entre os seis e os treze anos, e da Hitlerjugend

(Juventude de Hitler), constituída por rapazes entre os catorze e os dezesseis — mas mais ninguém nos círculos oficiais os levava muito a sério. E a maior parte dos cidadãos olhavam os rapazes com desdém e desconfiança; eram malcriados para os mais velhos e tinham uma reputação de denunciante.

O caso do Almirante Stiegel evidenciava a incongruência da situação. Um homem capaz, dificilmente poderia chamar-se-lhe um perito de guerra terrestre, especialmente da espécie de guerra que se transforma no combate de ruas. Originariamente nomeado para o Alto-Comando da Marinha (O. K. M.), tendo a seu cargo a parte relativa à construção de navios de guerra, fora transferido para Berlim quando a Marinha fora forçada a abandonar a maior parte das suas construções. Tivera um curto curso de instrução de infantaria na antiga Marinha, numa ilha do Mar do Norte, mas isso fora há muitos anos e, em Janeiro de 1945, o seu forte era manter a disciplina numa força que pouco tinha a fazer do seu tempo e que tinha pouco futuro à sua frente. Passava tantas noites quantas podia com a mulher e a filha, Louise, no seu apartamento da Dernburgstrasse, mas começara a preocupar-se com o destino da sua filha quando, inevitavelmente, os russos chegassem. Louise, professora de jardim-escola, já fugira uma vez aos russos; estivera a ensinar na Checoslováquia oriental quando eles tinham avançado para lá, e fora evacuada com as suas crianças. O Almirante Stiegel estava perguntando agora a si mesmo se a mandaria mais para Oeste, mas Louise estava inflexível; queria ficar com os pais.

Inacreditavelmente, a guarnição de Berlim estava até a desistir de alguns dos seus melhores homens — de homens como o soldado de carreira Otto Fuchs. Fuchs, um homem vigoroso de sessenta e quatro anos, assentara praça no Exército como subalterno na Primeira Guerra Mundial e subira a tenente. Foi novamente chamado em Junho de 1940 e destinado ao Departamento Central do O. K. W., tornando-se eventualmente um oficial de ligação do O. K. W. com o quartel-general do Führer, com a patente de capitão. Ainda em 1962, com a idade de oitenta e um anos, Fuchs era desempenado e vigoroso, vivo e exprimindo-se claramente, sugerindo que devia ter possuído uma quota invulgar de qualidades de soldado em 1945. E contudo um dia o seu general foi ter com ele e disse-lhe que estava dispensado. «Não vale a pena continuar por aqui a vadiar», disse-lhe. «Não há nada que fazer». Fuchs ficou espantado, mas não havia apelo da sentença, de modo que foi para casa para junto da mulher, para a sua casa confortável em Zehlendorf, e ali aguardou que os russos viessem.

E os russos estavam decerto a caminho da casa de Fuchs. A 22 de Janeiro era evidente que, a não ser que fossem encontrados mais reforços para o Leste, o

Exército Vermelho avançaria à vontade. No seu quartel-general em Zossen, vinte milhas ao Sul de Berlim, o General Guderian decidiu ir outra vez ver Hitler. Sentia que não tinha nada a perder; o Führer já o olhava como um desordeiro, e sonegara o bastão de marechal de campo a que como Chefe do Estado-Maior, Guderian tinha direito. Guderian não podia perder mais nada enfrentando Hitler outra vez. Fosse como fosse, tinha de se fazer alguma coisa; a Prússia Oriental estava a ser perdida, e o Segundo Exército, juntamente com a Prússia Ocidental e a Pomerânia, estava em perigo. Se pudesse conseguir o Exército da Curlândia, da Letônia, e algumas divisões das Ardenas... bem, havia possibilidades. Havia ainda a oportunidade de atacar de flanco os exércitos de Zhukov que avançavam para o rio Oder. Isso faria ganhar algum tempo, que mais não fosse. Entretanto, chegara a ocasião de discutir com o Führer a designação dum estado-maior para um novo grupo de exércitos que operaria entre o Vístula e o Oder e cuja tarefa inicial seria a de reunir e reorganizar todas as forças entre estes dois rios. Era imperativo proteger o caminho de fuga dos refugiados alemães até poder ser lançado um contra-ataque.

Dessa vez, os modos de Hitler para com Guderian foram quase cordiais. Por razões que nada no balanço da guerra justificava, o Führer estava num dos seus dias de disposição sorridente e optimista. Mesmo quando Guderian levantou o caso do Exército da Curlândia, a benevolência de Hitler persistiu, mas tinha muita pena de não poder ser agradável ao seu Chefe do Estado-Maior; simplesmente, não havia capacidade de carga na sobrecarregada e insuficientemente tripulada Marinha Alemã para efetuar a evacuação por mar, e claro que era agora impossível deslocá-lo por terra com os russos em todo e qualquer lado para onde se olhasse. Hitler voltou-se para o Grande-Almirante Karl Dönitz, para corroboração, e Dönitz baixou a cabeça num sinal afirmativo. Guderian tentou manter-se calmo, mas a sua fúria desesperada era demasiado violenta para ser contida. Deu por si gritando a Hitler que a Marinha podia transportar o Exército da Curlândia se quisesse fazê-lo, e que se não podia a culpa era de Hitler, uma vez que a capacidade de transporte necessária estivera disponível anteriormente, quando ele pedira reforços pela primeira vez. Acrescentou amargamente que até uma evacuação por terra teria sido possível poucos meses antes. Hitler replicou com igual violência, e durante alguns minutos os dois homens trocaram recriminações, enquanto os presentes se arrepiavam com a lèse majesté de Guderian e consideravam mentalmente as probabilidades de Guderian não morrer de morte natural.

De repente, contudo, Hitler acalmou-se, ergueu uma das mãos num gesto apaziguador e disse a Guderian que continuasse com quaisquer outros assuntos que desejasse apresentar. Guderian dominou-se também e compreendeu que já não

valia a pena, agora, instar pela transferência de divisões blindadas do Oeste. Em vez disso, trouxe à baila a sua proposta de criação dum novo grupo de exércitos no Leste e sugeriu o nome do Marechal de Campo Maximilian von Weichs para seu comandante. Mas Hitler pôs a sugestão de lado; Weichs estava gasto, não podia contar-se com ele na crise que se aproximava. O cobarde Jodl acrescentou uma observação sarcástica acerca da bem conhecida devoção religiosa de Weichs, e Hitler riu-se silenciosamente. Guderian ficou calado: fora derrotado mais uma vez.

Hitler fez uma contraproposta com o ar dum homem que diz a última palavra. Havia apenas um homem que podia encarregar-se da nova tarefa, disse ele, e esse homem era Himmler, que fizera um magnífico trabalho reorganizando as massas de soldados que retiravam à deriva da França para a Alemanha. Guderian ficou pasmado. Observou que não havia comparação entre as duas missões: a tarefa no Leste requeria habilidade estratégica e experiência militar, enquanto a incumbência de Himmler com os soldados em retirada do Oeste fora uma mera ação de polícia; a sua única realização adicional fora a de rotina de convocar novas reservas, e isso não apresentara dificuldade, dado que Himmler tinha toda a autoridade precisa como chefe das S. S., comandante da Polícia e comandante das reservas militares: «Isso é trabalho de secretária», disse Guderian com um resmungo. Mas novamente Jodl se pôs ao lado de Hitler, e a nova missão de Himmler como comandante-chefe do Grupo de Exércitos do Vístula ficou definitivamente decidida. Foi anunciada no dia seguinte numa proclamação, a qual realçava que a nomeação garantia a segurança futura da Pomerânia.

Mas se a intenção de Hitler era a de tranquilizar centenas de milhares de alemães vivendo no caminho da horda vermelha que avançava — e o nome de Himmler oferecia essa confiança —, não podia ter feito uma nomeação mais calculada para excitar o furor combativo do soldado russo comum. Para o homem chamado Ivan, Himmler era o símbolo de todas as brutalidades infligidas a sangue-frio a milhões de homens, mulheres e crianças eslavos pelo sádico Terceiro Reich. Hitler era o supremo monstro e Göring inventara o campo de concentração, mas fora em nome de Heinrich Himmler que os carrascos nazis tinham tentado exterminar raças inteiras, tinham sujeitado centenas de milhares de pessoas a torturas fantásticas e horríveis, tinham asfixiado milhões em câmaras de gás. Na grande massa das tropas russas que avançavam para Berlim só havia comparativamente uma mancha deles que não tivesse perdido um ou ambos os pais, um filho, uma namorada, às mãos dos cruéis violadores e carrascos do Exército Alemão durante o seu avanço até às portas de Moscou e de Stalingrado. E agora Hitler nomeara esse ogro para se opor ao Exército Vermelho no seu impulso para a vitória final.

Para os elementos decentes do Exército Regular Alemão, Himmler era um objeto de repugnância, como um estranho e assustador assexuado. Teria sido compreensível se tivesse apreciado as suas bizarras aventuras em crueldade, mas ele não as apreciava, ou melhor, era-lhes indiferente. Levava a cabo as suas campanhas de tortura e extermínio, não como um sádico apaixonado mas como um homem de negócios dando andamento aos assuntos entre mãos. Himmler nunca pôde compreender os relatórios frequentes no seu despacho, relativos a este ou àquele servente dum estabelecimento de tortura que enlouquecia; o seu era o ponto de vista imparcial do executor, olhando, sentado atrás da mesa manchada de sangue, para os benefícios em segurança e espaço vital que estava a obter para o povo do Terceiro Reich. Ele e o seu estado-maior eram escravos duma rotina de gabinete que nunca variava, e a sua vida pessoal não era atingida por qualquer remorso espontâneo; até ao fim, até ao último dos dias sombrios, comeu as suas três refeições por dia às horas marcadas, dormiu a sesta todas as tardes e foi para a cama às dez horas da noite. Himmler era também um dos poucos da corte de Hitler que acreditava absolutamente na idiota ideologia racial dos nazis; até Hitler se contentava com utilizá-la meramente como instrumento político. A repartição de informações de Himmler gastou milhões de marcos fazendo pesquisas sobre os membros da Ordem Rosa-Cruz e os Pedreiros-Livres, e quanto ao significado da supressão da harpa no Ulster. Acicatava constantemente os cientistas dos seus laboratórios da S. S. nos seus esforços para isolarem sangue Ariano puro. Donativos de homens de negócios para o Ahnenerbe, um dos seus institutos «científicos», habilitaram Himmler a reunir uma grande coleção de crânios, que eram entregues aos seus cientistas para estudo. Ficou encantado quando o Exército Alemão invadiu a União Soviética; agora, dizia ele aos seus amigos, teria possibilidade de pôr as mãos em muitos crânios da espécie sub-humana conhecida pelo nome de «Comissário Judeu-Bolchevique». Enviou para as linhas da frente um memorial urgente dando instruções à Wehrmacht para ter cautela em matar os comissários sem danificar as suas cabeças.

Estas são as características dum fanático e dum maníaco, e contudo, depois de Hitler —contando mesmo com a influência exercida pelo sombrio Martin Bormann—, Heinrich Himmler era provavelmente o homem mais poderoso da Alemanha em Janeiro de 1945. Pelo menos era o que levantava a mão mais pesada contra o povo alemão como chefe das S. S. e das Waffen S. S., ou S.S. Armadas (que se haviam tornado uma força de combate importante do Terceiro Reich), como senhor da Polícia Secreta e da Polícia Criminal, e como Ministro do Interior. Fora ainda mais longe em Fevereiro de 1944, quando quebrara a espinha do Serviço Alemão de Informações do Estrangeiro, a Abwehr, quando esta organização corrupta e

incapaz fora dissolvida e o seu negligente senhor, o Almirante Wilhelm Canaris, fora demitido.

O comboio especial de Himmler levou-o em 24 de Janeiro ao distrito de Marienwerder, na parte Norte e Central da Polónia, para assumir o seu comando do novo Grupo de Exércitos do Vístula. Os realistas reconheciam que por enquanto o grupo existia apenas de nome, mas Himmler estava cheio de planos para uma campanha agressiva com o Segundo e o Nono exércitos; ou não sabia ou punha de lado o facto de o Segundo Exército estar a ter dificuldade só em se manter unido, enquanto o Nono estava espalhado por todos os lados. Apesar da tarefa de comandante dum grupo de exércitos ser bastante para sobrecarregar as forças de seis homens, Himmler levou com ele todos os lacaios que serviam como elementos de ligação com as outras organizações governamentais sob o seu domínio. Nesse primeiro dia foi descoberto que o único mapa existente no seu comboio-quartel-general era um da Pomerânia e do Distrito do Warthe levado por um ajudante para seu próprio uso; nessa noite Himmler procurou nos seus papéis e apareceu com outro — um mapa da situação que lhe fora dado por Hitler vários dias antes, e que estava tristemente desatualizado.

O primeiro trabalho de Himmler foi o de providenciar para que o Exército Regular contribuísse apenas com o mínimo indispensável em talento e conselho para o seu novo comando. O seu novo chefe do estado-maior foi o Obergruppenführer (Tenente-General) Heinz Lammerding, comandante duma divisão das S. S., que fora um brilhante soldado de primeira linha mas que não sabia quase nada de estratégia e do manejo de grandes corpos de tropas. Ignorando a linha da frente, Himmler também enviou unidades e pelotões das S.S. de duros polícias para limparem a zona da retaguarda e recrutarem novos soldados. Os seus esbirros recrutaram quase toda a gente que pudesse andar, incluindo homens dos muito necessários grupos de carregadores que trabalhavam no transporte de munições no porto de Gdynia. Depois Himmler mandou para o Sul um corpo de tropas das S. S. com ordens para deter as forças de Zhukov na área compreendida entre os rios Warthe e Oder, pondo-se entretanto a trabalhar no tosco rascunho dum comunicado de «vitória» para Hitler. Mas já era demasiado tarde; em 27 de Janeiro, os exércitos de Zhukov tinham atingido o Oder perto de Lüben e estabelecido uma pequena testa de ponte na margem ocidental, e tinham-se espreado pela bacia industrial da Silésia. Enquanto Himmler mantinha a rotina ordenada da sua vida pessoal, incluindo massagens de manhã pelo seu massagista e sesta de tarde, os blindados de Zhukov avançavam para Küstrin e Frankfurt-sobre-o-Oder, cinquenta milhas a Leste de Berlim, e os refugiados alemães fugiam diante do inimigo sob

temperaturas abaixo de zero, por estradas e campos cobertos por dois pés de neve. Entre os mais afortunados desses viajantes repentina mente sem lar estava a Senhora Guderian, que se escapou da casa de campo de Guderian em Deipenhof apenas meia hora antes de chegarem as tropas russas.

Guderian tinha as suas próprias dificuldades. A disposição do Chefe do Estado-Maior era de sombrio desespero; via apenas uma maneira de estancar a maré do Leste. Em 27 de Janeiro visitou o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Joachim von Ribbentrop, e, na linguagem mais indiscreta, instou Ribbentrop a fazer todos os esforços para conseguir um armistício com os Aliados Ocidentais, de modo que pudessem ser mandados reforços para o Leste. Ribbentrop ouviu, acompanhou o seu visitante à porta... e informou prontamente Hitler da entrevista.

Intimado a ir à presença do Führer, Guderian foi acusado de alta traição e ameaçado de demissão e, ou prisão, se persistisse na sua táctica derrotista. Guderian manteve-se silencioso, e eventualmente Hitler acalmou-se. Mas depois olhou para o seu Chefe do Estado-Maior e disse fortuitamente:

— Tenho a impressão, General, de que o seu coração lhe tem dado grandes aborrecimentos ultimamente. Devia ir de licença por seis semanas.

Guderian replicou que isso seria impossível, dado que o seu estado-maior já tinha falta de pessoal; não acrescentou que fora Hitler que criara essa situação por meio das suas prisões ou demissões de tantos ajudantes de Guderian. Muito bem, foi-lhe respondido secamente, podia ficar, de momento, desde que se comportasse devidamente. Ainda alguns dias mais tarde Hitler discutiu com Göring e Jodl a possibilidade de os Ingleses se voltarem contra os Russos com receio das consequências dos repetidos êxitos soviéticos. Havia unanimidade de opiniões nessa conversa louca de que os Britânicos não eram entusiásticos quanto aos avanços russos.

Os que estavam no caminho do Carro de Jagarnate (*) Vermelho não tinham tempo para tais conversas de Alice-no-País-das-Maravilhas. Estavam colhendo os frutos da louca política de Hitler de morticínio indiscriminado no Leste. O Major Rudolf Janecke, do Corpo Médico, dirigindo-se de Dantzig para a cidade de Graudenz (Grudziadz), no Vístula, foi testemunha dos mais horripilantes aspectos desta miséria.

Encontrou os carros de bois dos refugiados da Prússia Oriental parados literalmente roda com roda ao frio abaixo de zero. Muitos dos patéticos

vagabundos tinham sacas de batatas por cima das cabeças para as protegerem dos ventos cortantes; outros amontoavam-se em pequenos abrigos construídos em cima dos seus carros. Gado e carneiros vagueavam ao longo das bermas. Em algumas aldeias, o povo, ignorante do perigo, recusava juntar-se à caravana, e a maior parte deles fechavam completamente as suas casas, não fossem pedir-lhes que albergassem refugiados. Um agricultor, carregando com dois baldes de leite acabado de mungir, recusou-se a dispensar uma chávena dele a uma criança que lhe era estendida nos braços suplicantes da mãe.

Numa aldeia, o carro do Major Janecke foi obrigado a parar por um homem agitando freneticamente um braço. Vira o emblema da Cruz Vermelha no carro e recusou-se a pôr-se de lado e deixar o veículo prosseguir. O seu braço esquerdo pendia, flácido, e tinha coágulos de sangue.

— É a minha mulher — disse ele a Janecke. — Está a esvair-se em sangue. Apareceu a tripulação dos tanques russos e fizeram-lhe o que quiseram. Conseguimos escapar-lhes na noite passada, mas agora a minha mulher está a deitar sangue. O senhor tem de a auxiliar.

Janecke seguiu o homem para junto dum fardo cinzento jazendo na imundície duma cama improvisada com sacas de batatas num carro de quinta. Procurou os seus instrumentos às apalpadelas e pôs-se a trabalhar imediatamente, efetuando um tamponamento do útero, com o vento gelado entorpecendo-lhe os dedos e os camponeses amontoando-se à sua volta. Segurando a cabeça da mãe, estava o seu filho de catorze anos.

— Obrigaram o rapaz a observá-los a possuírem lhe a mãe — disse o marido. — Quando o décimo quinto homem estava em cima dela bateram-me e derrubaram-me por ter deixado cair a luz. Ele teve de segurar a luz até todos eles terem tido a sua vez.

Janecke acabou a operação e mandou depois parar um camião médico. Os homens estavam desesperados para continuar o seu caminho, e Janecke teve de os ameaçar com um revólver antes de eles concordarem em carregar a mulher no seu camião com o rapaz e duas outras mulheres.

Mais tarde, Janecke escreveu um relatório do incidente e acrescentou-lhe um post scriptum pessoal:

Os relatos que ouvi nesses dias finais parecem tão incríveis que o mais provável é não virem a acreditar neles em tempos mais pacíficos... Há um ódio perverso atrás disto que não pode ser explicado com frases acerca do bolchevismo, ou da chamada mentalidade asiática, ou pela asserção de que os soldados russos consideraram sempre as mulheres dos conquistados como presa de guerra sua — e além disso as mulheres dos «libertados». Estava na Polônia em 1939 quando os Russos a invadiram, e não vi uma só mulher ser molestada. Isto mostra o poder assustador da propaganda. Goebbels implantou em tempos nas massas dos nossos soldados a noção de que os Russos eram bolchevistas sub-humanos. Deus sabe que os nossos homens não são cruéis por natureza. Mas essa noção foi semeada neles até que muitos acreditaram. Doutro modo, como poderiam soldados alemães ter estado presentes em 1941 enquanto prisioneiros de guerra russos morriam literalmente como moscas, às dezenas de milhares? E os opositores de Goebbels em Moscou — que retratos não devem ter eles pintado de nós alemães, para desencadearem esta enchente de assassinio e de violação?

Mas nesta altura não havia proveito em contemplar erros passados. O fim estava a aproximar-se do Terceiro Reich, não só porque os seus exércitos estavam dizimados, mas porque não havia nada atrás deles. O homem de quarenta anos Albert Speer, o realisticamente eficiente Ministro do Armamento e da Produção de Guerra de Hitler, o czar da indústria germânica, atirara a esponja para o ringue. Adulador voluntário de Hitler, mas primeiro que tudo um homem de negócios de espírito claro, Speer já sabotara sistematicamente a política do Führer da terra queimada, que se destinava a deixar toda a Europa como uma região devastada. Hitler encarregara Speer de providenciar quanto à destruição das minas, das fábricas, dos canais e dos campos de petróleo da Europa conquistada; Speer ordenara particularmente que fossem poupados. Procedendo assim, procurava a morte certa, mas, curiosamente, não fora chamado à responsabilidade; talvez Hitler estivesse de longe mais preocupado com as suas outras desgraças. Agora, a 30 de Janeiro, Speer desafiava o Führer a fazer o pior — disse a Hitler que a guerra estava perdida.

Speer escreveu o que podia ter sido a sua sentença de morte num longo memorando que enviou pelas vias competentes. Baseava as suas conclusões na perda da Silésia, cujas minas tinham fornecido sessenta por cento do carvão da Alemanha desde a devastação do Ruhr. No momento em que escrevia, acentuava Speer, havia apenas uma provisão de carvão para duas semanas para os caminhos

de ferro alemães e para a indústria, e daí em diante apenas podia prometer um quarto do carvão e um sexto do aço que a Alemanha produzira em 1944.

Hitler pareceu meramente entristecido com o memorando. Leu apenas algumas linhas e mandou-o arquivar. Depois voltou-se para Guderian. «Recuso-me a ver mais alguma vez seja quem for sozinho», disse ele, acrescentando que Speer «tem sempre alguma coisa desagradável para me dizer... Não posso suportar isso.»

Por seu lado, Speer decidiu que a única maneira de poder ser salva alguma coisa era ser liquidado Hitler. Característica mente, não pensou em tentar um assassinio por métodos ou meios convencionais; fosse como fosse, era impossível introduzir clandestinamente uma arma de fogo ou uma faca no Abrigo do Führer, uma vez que todos eram revistados antes de serem admitidos. Em vez disso, Speer decidiu encher o abrigo de gás venenoso, a ser introduzido através do tubo no jardim da Chancelaria que conduzia ar fresco para a instalação de ar condicionado do abrigo. Speer verificou os planos do abrigo e teve uma conversa com o engenheiro-chefe da Chancelaria; o seu esquema, ao que parecia, era perfeitamente exequível. Mas quando passou pelo jardim para fazer uma inspeção do local, Speer descobriu que Hitler aparentemente previra uma contingência assim; mandara construir uma chaminé de proteção de dez pés de altura em redor do tubo. Speer voltou para a sua secretária e abandonou o seu plano.

Na frente Leste, Himmler postou guardas ao longo da margem esquerda do rio Oder com ordens para dispararem contra qualquer soldado alemão que tentasse atravessá-lo vindo do Leste. Mas os tanques gigantes de Zhukov avançaram para rodear a parte oriental de Küstrin, quinze milhas a jusante de Frankfurt-sobre-o-Oder e os soviets estabeleceram uma forte testa de ponte a Ocidente do rio que não deixava mais do que um estreito corredor para a cidade. No seu quartel-general, apressadamente mudado para mais longe a oeste do Oder, Himmler atormentava-se sob as mãos do seu massagista e rebuscava em vão na sua mente as frases reconfortantes que pudesse incluir no seu relatório para Hitler.

(*) Pesadíssimo carro existente num templo consagrado ao deus Krishna, da cidade indiana donde lhe vem o nome, por cujas rodas os fanáticos se deixavam esmagar quando saía, anualmente, conduzindo uma estátua do deus. (N. do T.)

Graças em larga medida ao desgoverno de Hermann Göring, a celebrada Luftwaffe Alemã tornara-se pouco mais do que a recordação duma força aérea. Os seus aviões destroçados estavam espalhados por todos os campos da Europa, e não havia mais nos sítios donde aqueles tinham vindo. Os números exatos talvez não fossem nunca obtidos,-mas a estimativa conservadora do serviço de informações da Luftwaffe, no princípio de Fevereiro de 1945, era de que os Russos dispunham no ar duma superioridade de vinte para um sobre os Alemães. Assim, os Russos, pondo um dedo sobre o Oder, não estavam preocupados com a Luftwaffe... mas eram cautelosamente eficientes.

Sobre o Oder, os Russos seguiram a prática habitual de dividirem o espaço aéreo em sectores, subdivididos em quadrantes. Num dos postos de referência perto de Landsberg-sobre-o-Warthe (atualmente Gorzów), oitenta e cinco milhas a leste de Berlim, o cartógrafo russo estava ocupado com o seu mapa. De pé junto dele no abrigo de telhado de zinco, estavam o Major Litvinenko, no comando do posto, o seu ajudante, Major Sushkov, e o Capitão Kochetov, chefe de comunicações. Os três oficiais estavam a esquadrinhar o céu através de binóculos de campanha. A atmosfera era de pesada seriedade; os russos, especialmente os oficiais, não gracejavam na sua prática das artes da guerra e, fosse como fosse, a mais leve conversa era imediatamente motivo para um franzir de sobrolhos por parte dos comissários políticos.

O Major Litvinenko franziu os sobrolhos, depois moveu os lábios silenciosamente. Os seus olhos tinham captado alguns pontos negros à distância. Observou-os durante talvez um minuto, e falou depois pelo radiotelefone que lhe pendia do ombro. «Fala Granito Quarenta e dois. Fala Granito Quarenta e dois. Tigres, virem para a direita, virem para a direita. Aviões de caça inimigos no quadrante sessenta e sete. À mesma altitude.»

Passavam então três minutos do meio-dia. Sete minutos depois do meio-dia, vinte e cinco caças soviéticos lançavam-se ao ataque contra oito aparelhos alemães. Vinte minutos depois do meio-dia, seis dos aviões alemães tinham sido riscados do céu e os restantes estavam em fuga para Oeste. Fora abatido um avião soviético.

Freneticamente, a Luftwaffe estava fazendo o que podia para impedir as tropas russas de alargarem a sua testa de ponte do Oder, próximo de Küstrin, mas estava a

ser varrida do céu. Além disso, as tropas do Marechal Zhukov, de momento fatigadas, contentavam-se em prosseguir a sua consolidação a passo lento; tinham-se distanciado das suas linhas de abastecimento perto de setenta e cinco milhas, e seriam forçadas a esperar no Oder, pelo menos até chegarem os camiões de combustível. Por todos os lados ao longo do saliente que era a arrojada ponta de lança de Zhukov dentro do território alemão, outras tropas russas moviam-se lentamente para protegerem os flancos desse saliente. Apoderavam-se do que estava no seu caminho quase com todo o seu vagar, dando tempo à linha de abastecimentos para os alcançar.

As tropas encontraram uma larga autoestrada pavimentada seguindo para o Oeste a partir de Poznan, e levaram tempo a admirar as árvores cuidadosamente podadas que a bordejavam. Menos inibidos do que os seus oficiais, os soldados gritavam toscas saudações às raparigas estafetas russas de bochechas nédias que acenavam com as suas bandeirinhas para dirigirem o tráfego pesado. Estavam a surgir sinais russos por todos os lados, para marcarem autoestradas, postos de comando e pontos de concentração. Um sinal, em forma de seta, apontava para Oeste. Lia-se nele: «Berlim em frente». Nos campos ao longo da autoestrada, homens do Exército Vermelho, de uniformes castanhos, conduziam gado e carneiros à sua frente. Aqui e ali havia homens sentados ou deitados à volta de acampamentos temporários, enquanto mulheres de uniforme mexiam panelas ferventes e assavam nacos de carne em fogueiras de lenha. Entre os soldados vulgares, a atmosfera era a dum gigantesco piquenique móvel.

Havia outra razão para o lento avanço das tropas. A caminho do Leste havia uma coluna em marcha ainda mais casual do que a que ia para Ocidente. Eram os refugiados que tinham sido libertados das forças de ocupação alemãs — milhares de homens, mulheres e crianças, centenas de prisioneiros militares de diversas nacionalidades. Os refugiados civis eram russos, ucranianos, bielo-russos, polacos, lituanos, húngaros. Todos seguiam a pé, mas alguns dos mais felizes puxavam carrinhos carregados até acima com haveres de várias famílias. Alguns tinham começado a viagem em bicicletas surripiadas aos civis alemães em retirada, mas estas tinham sido confiscadas, por sua vez, pelas tropas russas. Outros empurravam carrinhos de bebé rangendo sob o peso da sua bagagem e, às vezes, dum galinha ou duas, ou dum pato.

Havia uma conversa constante, uma algaraviada, entre as duas colunas. O Sargento Serov descobriu uma rapariga que se dirigia para Gomei e deu-lhe o nome duma tia sua que vivia lá. Um soldado de cavalaria russo, afagando o pelo basto do seu cavalo baio manteve-se a gritar que era de Kharkov até uma família inteira dessa

cidade o cercar. A sua mulher estava ainda em Kharkov. Tivera também uma filha, mas os alemães tinham chegado e tinham-na levado. Havia uma família de quatro pessoas, de Lublin, marido, mulher e dois filhos, de doze e de catorze anos, que trabalhara para um lavrador em Frankfurt-sobre-o-Oder.

Depois havia os homens de jaquetas curtas de cabedal e bonés de serviço, esverdeados, usando braçadeiras decoradas com toscas estrelas e listas. Esses eram os primeiros americanos que a maior parte dos russos jamais vira, e apinhavam-se à volta deles, paralisando o trânsito em ambas as direções. O Tenente Kushnir adiantou-se para se dirigir aos yankees no seu inglês de escola elementar, e um soldado alto e loiro, com uma cicatriz no rosto, bradou com deleite:

— Meu Deus! — disse ele. — Cá está um tipo que fala inglês! Ouça, eu sou do Minnesota. Já ouviu alguma vez falar do Minnesota? — O Tenente Kushnir tentou arduamente mas não conseguiu pronunciar o estranho nome.

Para os russos era uma lição de geografia em primeira mão. Havia prisioneiros com o que parecia serem lenços enrolados à volta da cabeça — indianos de Calcutá e de Bombaim; alegres franceses com garrafas de vinho; marroquinos escuros; soldados holandeses com uns curiosos chapéus altos; italianos de chapéu de plumas. E atrás deles, caminhando silenciosamente, havia soldados de uniforme verde debaixo de escolta — prisioneiros alemães.

O grupo dos prisioneiros tornava-se cada dia mais gordo à medida que as tropas russas se lançavam sobre cidades e aldeias em assaltos noturnos de surpresa. Em Landsberg-sobre-o-Warthe estava a decorrer uma reunião num teatro para discutir medidas de defesa da cidade. Mas logo a seguir a ter sido proposta uma decisão pelo gauleiter local, as portas do teatro foram arrombadas e a reunião foi invadida pelo Capitão Ivan Shubin e um destacamento de metralhadoras.

— Está adiada a reunião! — gritou o Capitão Shubin em alemão. — Queiram fazer o favor de largar as vossas armas e ajoelhar-se no chão.

Landsberg, como tantas outras cidades ocupadas pelos alemães, não recebera nenhuma notícia prévia da chegada dos russos: fora outra vítima da recusa nazi de permitir a disseminação de qualquer informação que fosse considerada derrotista. Mas o rapaz de dezesseis anos Lothar Loewe e os seus pais estavam entre as felizes; tinham saído de Landsberg em 20 de Janeiro.

Ernst Loewe era um técnico de electrónica do Reichspost, o serviço telégrafo-postal alemão. Fora transferido para Landsberg em 1938, quando o seu filho tinha nove anos de idade. Agora, no dia em que Landsberg caía, ele e a sua família estavam a salvo — de momento — em casa duns parentes, num subúrbio do Sul de Berlim, Lichtenrade.

O seu filho Lothar inscrevera-se na Jungvolk em Landsberg e subira até ao posto de Fähnleinführer, no comando duma companhia de 150 rapazes entre as idades de dez e de catorze anos. Era um rapaz robusto, de cara redonda, de grande energia. Quando chegou a Lichtenrade apresentou-se imediatamente às autoridades da Juventude de Hitler em Potsdam; ficara aliviado ao descobrir que as escolas tinham fechado. Em Potsdam deu de caras com um velho amigo, um antigo membro da Juventude de Hitler chamado Erhard Meissner, que passara para o Exército e subira a Tenente. Meissner estava estacionado em Döberitz, exercitando um grupo da Juventude de Hitler no manejo duma bateria de canhões de 88 milímetros desmontados de tanques, que tinham sido instalados no terreno para serem utilizados como armas anticarros.

— Ouve, vem comigo — disse Meissner ao jovem Loewe. — Arranjo-te um trabalho onde pode ser que vejas um pouco do combate, e além disso a comida é boa.

Loewe estava ardendo em zelo para fazer alguma coisa pela Mãe-Pátria. Não tinha opinião formada sobre Adolf Hitler, que era para ele quase uma figura lendária, mas quando vira o pai partir no dia anterior para receber instrução na Volkssturm, desejava também participar da excitação. Além disso, gostava de comer.

Por intermédio da influência de Meissner, Loewe foi nomeado para o estado-maior dum batalhão da Juventude de Hitler chamado Festung Pak-Kampfgruppe III, uma unidade antitanque. O seu comandante era um major do Exército chamado Bechtle, que fora no tempo de paz um ministro Evangélico e que tratava os seus jovens soldados com uma benevolência paternal. Loewe manteve a sua patente de Fähnleinführer e foi encarregado do abastecimento de comida, no quartel-general do batalhão, no Aeroporto de Tempelhof. Mas também lhe davam instrução diária no manejo de armas ligeiras e das Panzerfaust. Por causa da penúria de abastecimentos, as munições reais só eram utilizadas nos exercícios de tiro ao alvo uma vez por semana.

Lothar Loewe achou-se numa cidade cheia de boatos deliciosamente assustadores. No princípio de-Fevereiro houve dois alarmes contra tanques em Berlim, embora

os russos estivessem ainda a demorar-se propositadamente no Oder. Havia relatos de os russos terem construído vinte e três pontes sobre o rio e de terem sido avistadas patrulhas soviéticas em jeeps americanos em Fürstenwalde, apenas a vinte e quatro milhas de Berlim. Na realidade, as coisas não estavam nem de longe assim tão más... por enquanto. O General Guderian tinha ainda a esperança de que poderia pelo menos organizar um ataque para ganhar tempo contra a concentração de tropas russas no Oder, entre Frankfurt e Küstrin.

Numa tentativa para recuperar algum do seu prestígio perdido como gênio militar, Himmler, por sua própria conta, vibrou uma estocada no flanco Norte de Zhukov. Mandou para o ataque alguns restos de várias divisões sob o comando dum general das S.S. que nunca comandara nada maior do que uma única divisão. O ataque foi feito ao longo duma frente de quarenta milhas, uma prova de exame até para o mais experimentado comandante de grupo de exércitos. Foi um fracasso total. Zhukov organizou então um contra-ataque menor e ganhou um pouco mais de terreno para se mexer. Entretanto, uma poderosa força russa avançou para o Norte ao longo do Oder, em direção ao porto de Stettin, levando adiante de si as tropas excedidas em número do General das S. S. Felix Steiner. Himmler afastou-se prontamente do possível caminho do avanço russo; transferiu o seu quartel-general para um acampamento próximo de Prenzlau, a vinte e cinco milhas a Oeste de Stettin.

Era óbvio que Guderian não podia contar com Himmler, mas recusava-se a crer que as coisas estivessem tão desesperadas como as manobras de amador de Himmler as faziam ver. O Segundo Exército estava mantendo as suas posições e, sob o comando do General Busse, o Nono Exército conseguira concentrar-se. Steiner era um dos mais capazes dos militares das S. S., e o seu conjunto variegado de tropas no Sul da Pomerânia daria boa conta de si se alguém lhes pudesse arranjar alguns tanques. Por enquanto, o chamado Décimo Primeiro Exército de Tanques de Steiner era pouco mais do que um nome no mapa. Se Guderian pudesse convencer Hitler a fornecer-lhe várias divisões de infantaria — tropas novas, e transferidas do Exército da Curlândia — e se pudesse obter a transferência do Oeste do Sexto Exército de Tanques das S. S. podia dar que fazer a Zhukov. A frente longa e saliente de Zhukov estava a pedir um ataque a ambos os seus flancos, e Guderian e o seu segundo comandante, o General Walter Wenck, já tinham traçado no mapa esse plano: atacar Zhukov simultaneamente pelo Norte e pelo Sul.

Guderian obteve o que habitualmente obtinha de Hitler — algumas migalhas. Num dia o Führer prometeu ao seu Chefe do Estado-Maior que teria o Sexto Exército de

Tanques das S.S.; no dia seguinte Guderian soube que fora mandado para a Hungria. Com o ar dum monarca conferindo uma baronia, Hitler deu realmente a Guderian alguns restos. Estes incluíam algumas brigadas antitanques novas e completamente inexperientes, montadas em bicicletas e armadas só com bazucas, um remanescente do 3.º Corpo de Tanques das S. S., da Divisão de Tanques Frundsberg das S. S., a 4.ª Divisão Blindada de Polícia das S.S., a 8.ª Divisão Blindada, a Divisão Blindada Holstein, ainda não experimentada, e uma divisão de infantaria. Nenhuma dessas chamadas divisões era mais forte do que uma brigada, quer quanto ao número de homens quer quanto ao equipamento, e na maioria dos casos as unidades blindadas estavam ainda à espera de tanques para substituição, vindos das fábricas.

— Que diabo vamos nós fazer com uns chamados reforços como estes? — resmungou Guderian para Wenck.

Wenck suspirou

— O melhor que pudermos, suponho eu.

Para começar, então, Guderian cancelou o ataque do Sul. Depois tratou de frustrar a tática dilatória do nervoso Himmler. O chefe das S. S. insistia em que o ataque fosse adiado até o armamento e o combustível estarem à mão. Guderian sabia que a única possibilidade de êxito do ataque estava no elemento surpresa, e não tencionava dar a Zhukov a oportunidade de observar os preparativos alemães. Mas era preciso lidar com Himmler; Guderian decidiu mandar Wenck para o Grupo de Exércitos do Vístula como chefe do estado-maior com poderes para lançar o ataque. Apresentou a proposta a Hitler em 13 de Fevereiro, numa reunião em que Himmler estava presente entre outros.

Hitler explodiu.

— Está fora de discussão! — gritou ele. — Himmler é perfeitamente capaz. Está fora de discussão!

Guderian manteve-se na sua posição e repetiu vezes sem conta, durante mais de duas horas, a sua proposta, enquanto Himmler estava ali ao lado, nervoso e embaraçado... mas silencioso. A certa altura, Hitler levantou-se e mostrou o seu punho a Guderian, mas o Chefe do Estado-Maior manteve-se calmo. Depois, subitamente, Hitler voltou-se para Himmler.

— Pois então muito bem. Himmler: Wenck juntar-se-á a si esta noite — disse ele ao seu comandante de grupo de exércitos. — A ofensiva começa a quinze de Fevereiro. — Hitler fitou Guderian com um sorriso e acrescentou suavemente: — General, o Estado-Maior-General do Exército acaba de ganhar uma batalha.

Devido ao aguilhoamento constante tanto de Wenck como de Guderian, o ataque iniciou-se pontualmente a 15 de Fevereiro. Wenck gastou dois dias do combate a sondar a força do inimigo e ficou satisfeito com o que verificou. Marcou o ataque a fundo para 18 de Fevereiro. Mas aqui, mais uma vez, Adolf Hitler mostrou o seu talento mortal para embrulhar as coisas. Deu ordem a Wenck para se apresentar na Chancelaria, para uma discussão dos seus planos finais, na noite de 17 de Fevereiro. A conferência durou até às quatro horas da manhã de dezoito.

A caminho no seu carro, de regresso ao seu posto de comando, Wenck notou que o seu motorista, que trabalhava arduamente havia três dias, parecia prestes a adormecer. Pegou ele mesmo no volante. Algum tempo depois, o próprio Wenck deixou-se adormecer e o carro foi de encontro a uma árvore. O crânio de Wenck ficou fraturado e ele foi levado para um hospital; uma perda vital ainda antes de o ataque ter sido lançado. Quando a ofensiva final começou finalmente, as coisas correram bem durante algumas horas, mas sem a energia impulsora de Wenck a inspirar as tropas estas começaram a hesitar. Além disso, o tempo aqueceu de repente, e os tanques alemães em breve estavam a atolar-se por todo o terreno. Zhukov, trazendo as suas reservas, avançou ferozmente contra as linhas alemãs, forçou-as a recuar para as suas posições originais, e depois empurrou-as até doze milhas de Stettin.

Então seguiu-se o peso total do ímpeto russo. As unidades de Zhukov avançaram para o Norte, para Oeste e para Leste, esmagando bolsas de resistência alemãs e cortando através das correntes de refugiados como um arado gigantesco. Rokossovski desencadeou um poderoso ataque no estuário do Vístula, ao sul de Dantzig e do Haff. Dentro em pouco, as suas tropas atingiam a costa do Báltico numa dúzia de pontos ao longo duma extensão de setenta e cinco milhas a Oeste do Golfo de Dantzig. Gdynia e Dantzig caíram, com terríveis consequências para as populações civis, que eram falsamente tranquilizadas pelos altifalantes russos gritando: «Cidadãos de Dantzig! Saí das vossas caves. A vossa liberdade e a vossa propriedade estão asseguradas. A guerra acabou para vós.»

Refugiados que mal podiam andar tentavam ainda continuar caminhando para o Oder e para o que esperavam seria a segurança. Mas a maior parte deles ficou presa na ratoeira quando a última testa de ponte alemã a Leste do Oder foi perdida a

favor dos Russos. As mulheres, depois de serem violadas pelos soldados, eram muita vez postas a trabalhar construindo faixas de aterragem para os aviões russos. Tinham de partir primeiro as pedras com quaisquer utensílios que pudessem descobrir e carregar depois com elas para as pistas. A sua refeição principal era ao meio-dia — uma malga de batatas esmagadas, por descascar e sem sal; de manhã e à noite davam-lhes água fria e uma fatia de pão. Os espancamentos às mãos dos seus guardas eram comuns, e quando já não eram precisas eram despedidas no local, sendo-lhes dito que se arranjassem como pudessem. Milhares tiveram o pior destino da deportação para a Rússia, mas a algumas foi permitido que levassem consigo os seus filhos para o cativoiro.

As tropas alemãs eram dispersadas em todas as direções. Unidades anticarros recebiam ordens para deterem os tanques russos «a todo o custo — até à morte», mas as suas únicas armas, na maior parte dos casos, eram bazucas, só com duas cargas, muitas vezes defeituosas, por homem. Os blindados alemães paravam por falta de combustível. Os feridos morriam aos milhares nos campos lamacentos ou eram esmagados sob as lagartas dos tanques russos T-34. Os pelotões de liquidação das S. S. caíam sobre as tropas em retirada e deixavam atrás de si um rasto de corpos alemães pendendo das árvores. Mas as S. S. conseguiam escapar ao avanço russo porque os seus veículos tinham abundância de combustível: havia tambores de reserva amarrados com correias em cada polegada de espaço disponível nos seus carros de comando e camiões ligeiros. Durante a sua fuga ordenada requisitaram aldeias inteiras e puseram na rua as mulheres e crianças alemãs.

Mas se as tropas das S. S. tinham os seus privilégios, também compartilhavam nos sofrimentos através do peso total de circunstâncias que não poupavam ninguém. Oficiais das S.S. requisitaram um comboio-hospital no Norte da Pomerânia e encheram-no literalmente até aos tejadilhos com os feridos de duas divisões das S. S. que tinham vindo da Grécia para serem dizimadas nas planícies geladas do Norte. O comboio-hospital era constituído por vagões de gado, cada um deles fracamente aquecido por um pequeno fogão barrigudo que deitava um clarão avermelhado. Presumia-se que o fumo saísse por tubos galvanizados que atravessavam os tejadilhos, mas a maior parte dele ficava nos vagões. A maioria dos feridos jazia em imundos montes de palha, pois quase todos os beliches tinham sido roubados. Não havia médico no comboio, nem ligaduras, nem medicamentos; os ferimentos dos homens eram pensados com papel higiênico, jornais e bocados de cobertor. O ar cheio de fumo era carregado com o fedor do sangue, do pus e dos excrementos humanos.

Os homens deviam ser alimentados de oito em oito horas, mas durante dois dias não tiveram nada senão púcaros cheios de chá frio nos quais se tinham formado lascas de gelo. Um paciente que podia sentar-se tinha um coto curto em lugar do braço esquerdo. Havia ligaduras ensanguentadas enroladas no coto, e o homem tinha-lhes enfiado por cima uma peúga preta. O seu ombro nu fizera-se negro e cheirava a gangrena. Durante os repetidos ataques aéreos, o comboio parava e os homens que podiam andar saíam e rastejavam para debaixo dos vagões, entre os carris. Em todos os vagões havia homens que tinham contraído a malária na Grécia e que alternavam entre os arrepios e a febre; quando os seus corpos estremeciam com os arrepios, as suas feridas reabriam-se e o sangue derramado formava um paul pegajoso no chão.

Num hospital de emergência em Strigau, trinta e três milhas a sudoeste da capital silesiana de Breslau, a mulher de Rudolf Hanisch, chefe duma oficina de Breslau, sentou-se no chão onde estivera jazendo. Sentia-se suficientemente forte agora, após tantos dias de semi-inconsciência, para escrever à mãe. Tinha de explicar-lhe quanto ao seu bebé e ao que acontecera durante aqueles dias, desde que os altifalantes de Breslau tinham berrado as ordens a perto de um milhão de habitantes da cidade: «As mulheres e as crianças abandonarão a cidade, a pé, na direção de Kanth!» A pé com a temperatura perto de zero e com a neve da altura de vinte polegadas!

Frau Hanisch escreveu:

Querida Mãe:

Estou a escrever-lhe daqui e espero que receba a minha carta apesar de tudo o que se está a passar. Estou num hospital de emergência. Estou deitada no chão. Amanhã tenho de sair porque está tudo a abarrotar de gente e os russos estão a chegar. Tentarei ver se consigo chegar a sua casa. Por favor, Mãe, não fique transtornada, mas não levarei a Gabi comigo, e o meu braço está gelado. Se não tivesse gelado, talvez eu pudesse continuar a levar a Gabi ao colo. Mas não pude arranjar um caixão para ela; quase não há caixões, seja onde for.

Já não podia continuar a carregar com ela depois de morta. Embrulhei-a bem e enterrei-a profundamente na neve à beira da estrada, deste lado de Kanth. A Gabi não estará lá sozinha, porque havia milhares de mulheres com os filhinhos também na estrada como eu, e todas puseram os seus mortos em covas à beira da estrada, onde não pudessem ser atingidos pelos automóveis ou pelos carros agrícolas. A

Gabi morreu de repente. Tenho a certeza de que a tinha embrulhado bem, em dois cobertores. Mas a Mãe bem sabe que ela tinha só quatro meses. Estava um frio tão terrível... Tentei dar o peito à Gabi, atrás duma casa, mas ela não lhe pegou por estar tudo tão frio...

Quando partimos já estava quase escuro. O Rudolf fora obrigado a partir de repente na noite anterior. Vieram no meio da noite buscar toda a gente para o Exército do Povo. Não tinha trenó... de modo que me limitei a pegar na Gabi, nos cobertores, numa mochila e em algumas coisas que precisávamos mais, como o leite em pó e o biberão... Pensei que havia de encontrar com certeza algum lugar onde pudesse aquecê-lo. Pensei que a Assistência do Partido estivesse preparada, que não nos deixasse ao desamparo...

Começou a nevar. O meu braço começou a ficar dormente com o frio. Foi assim que caminhámos durante horas até chegarmos a Kanth... Bati às portas das casas porque pensei que havia de encontrar alguém que me deixasse aquecer o leite para a Gabi. Mas não tive sorte... Passada meia hora, continuei a andar... A Gabi chorava havia algumas horas, mas que podia eu fazer? Atravessámos mais algumas aldeias. Batemos e tornámos a bater... Algumas das mulheres estavam tão furiosas que partiam os vidros com bolas de neve. Isso não nos ajudava, porém. As pessoas que foram tão duras e cruéis hão de ter o seu castigo...

Cheguei a uma grande quinta, e por fim houve algumas pessoas que tinham coração. Abriram as suas portas, muitas de nós puderam aquecer-se um pouco, e estava a ser fervido leite para as crianças. Mas quando desembrulhei a Gabi e toda eu era alegria por poder tratar dela, estava toda inteiriçada e a mulher ao meu lado disse: «Essa já está morta».

Por favor não fique zangada comigo, Mãe, por causa da Gabi. Pense no que faria se tivesse de caminhar assim, e ainda por cima com a neve. Talvez a Mãe compreenda, e talvez o Rudolf compreenda também se alguma vez sair de Breslau e eu o tornar a ver.

Em Marienwerder, os Hoffmanns —o pai, a mãe e um filho de oito anos— descobriram um russo «bom». Era um homem baixo, de feições mongóis, que bateu timidamente à porta deles e, quando lha abriram, ficou ali com um ar de quem pede desculpa oferecendo-lhes pão, algumas batatas pequenas e uma lata de carne de conserva americana. Ficou, jantou com eles e foi depois dar uma volta pela casinha. Num cubículo do lado de fora da cozinha deparou com a bacia da

retrete. Aparentemente nunca vira uma. Arreganhou os lábios num sorriso, pegou no resto das batatas e deitou-as na bacia, explicando por sinais que queria lavá-las. Depois viu a corrente pendente do reservatório por cima da cabeça e deu-lhe um puxão. Houve um gorgolejo violento e metade das batatas sumiu-se pelo esgoto. O soldado soltou um urro. «Sabotagem!», berrou ele em alemão. «Sabotagem!» Depois pegou na pistola-metralhadora e crivou de balas o corpo do pai.

Várias centenas de militares alemães e uma mancha de civis atravessaram o Oder de Leste para Oeste em 14 e 15 de Março. Foram os últimos a fugir e, para a maior parte deles, o refúgio que encontraram ia ser um refúgio breve.

5

Poderia ser o seu último ato oficial, mas o General Heinz Guderian estava decidido a desembaraçar-se de Heinrich Himmler como comandante do Grupo de Exércitos do Vístula. De si para consigo, o Chefe do Estado-Maior estava convencido de que não havia maneira de deter a ofensiva final russa vinda do Oder, a não ser que os Aliados Ocidentais pudessem ser persuadidos a assinar uma paz separada, mas em qualquer caso tinham de ser feitos todos os esforços para cobrar aos Russos um preço mais amargo pelo seu avanço para Berlim. Com Himmler no caminho, isso seria impossível. Era claro que o assunto teria de ser exposto a Himmler com a maior rudeza, e, em 18 de Março, Guderian dirigiu-se ao quartel-general do Grupo de Exércitos do Vístula para fazer precisamente isso.

Para sua surpresa, Guderian verificou que Himmler estava ausente. O ajudante do Chefe das S.S. disse ao Chefe do Estado-Maior que Himmler se fora abaixo com gripe e fora levado para uma casa de saúde para recuperar. No seu íntimo, Guderian deu uma gargalhada sardónica perante esta informação; se Himmler estava doente, a doença era a dum homem cansado duma missão que nada fazia senão minar a sua influência junto do Führer. Ordenou ao seu motorista que seguisse para a casa de saúde, e aí encontrou Himmler livre da gripe mas num estado de esgotamento quase histérico.

Guderian assumiu um ar de simpática solicitude. A doença de Himmler, disse ele a Sua Excelência o Carrasco-Mor, era a tragédia dum homem que tentara fazer

demasiado. Não admirava que a sua saúde tivesse falhado — dera-se mais do que qualquer homem poderia dar-se. Naturalmente, o Terceiro Reich não podia dar-se ao luxo de permitir que Himmler abandonasse as suas tarefas políticas, acrescentou Guderian, mas talvez Hitler pudesse ser persuadido a deixá-lo renunciar ao seu comando militar.

Como Guderian esperara, Himmler foi muito receptivo a esta tentativa de aproximação. Reconhecia que estivera de facto a trabalhar demasiado duramente, e apenas fora sustentado pelo seu sentimento altamente desenvolvido de lealdade para com o Terceiro Reich. Pensara em pedir a demissão do seu comando do Exército.

— Mas...—os olhos lacrimosos de Himmler piscavam nervosamente — como posso eu enfrentar o Führer e dizer-lhe que tenho de renunciar ao Grupo de Exércitos do Vístula?

O tom de Guderian era reconfortante. Compreendia a sensibilidade de Himmler após uma devoção de toda a vida à causa nazi. Mas (cautelosamente) talvez ele pudesse aliviar Himmler do seu fardo. Estava a caminho de Berlim e teria muito gosto em sondar Hitler quanto ao assunto. O rosto de Himmler refletiu um imenso alívio. Sim, era essa a solução; Guderian, como terceiro, informaria o Führer de que o seu fiel servidor já não podia suportar por mais tempo os fardos opressivos com que carregara a bem do Terceiro Reich.

A alegria de Guderian estava misturada com uma sensação desdenhosa de náusea. Partiu tão rapidamente quanto possível e prosseguiu para Berlim. Aí apresentou o seu diagnóstico do «enfermo» Himmler em tons de compaixão. Hitler ouviu, e Guderian esperou pela explosão que nunca veio. Em vez disso, Hitler suspirou pesadamente. Muito bem, Himmler devia ser aliviado do seu comando. O Führer não parecia importar-se; despediu Guderian com um aceno quando o seu Chefe do Estado-Maior abordou o assunto dum sucessor.

Portanto, em 20 de Março, Guderian telefonou para o quartel-general do Primeiro Exército de Tanques, que estava mantendo a ala Sul do Grupo de Exércitos de Schoerner, próximo da fronteira da Checoslováquia, e informou o comandante do Exército, o General Gotthard Heinrici, de que fora nomeado comandante do Grupo de Exércitos do Vístula. Heinrici, um homem baixo, de cabelo grisalho, de cinquenta e tal anos, ficou pasmado com a notícia. Era um filho dum ministro religioso, que subira nas fileiras sem nunca ter chegado a ser especialmente notado pelo Alto-Comando. Comandara o Quarto Exército na Rússia durante muitos

meses, e a reputação que conseguira era a dum especialista de táticas defensivas, dum general que sabia como salvar vidas alemãs sem deixar de manter pressão sobre o inimigo. Era desconhecido para o público, mas não para Guderian. O que era preciso agora no Oder era precisamente um perito defensivo como Heinrici: já passara há muito o tempo em que os militares podiam servir de instrumentos às exigências de Hitler duma maneira de pensar gloriosamente ofensiva.

Heinrici chegou ao quartel-general de Guderian em 22 de Março. O quartel-general fora alvo dum ataque aéreo, e o General Hans Krebs, chefe das operações, fora ferido ligeiramente. Guderian estava tenso e preocupado; havia tão pouco tempo, disse a Heinrici, para se prepararem para o que se esperava ser uma ofensiva russa maciça dirigida contra Berlim. A missão seria a mais difícil da carreira de Heinrici.

Num mapa de parede, Heinrici procurou familiarizar-se com a situação que enfrentava; era quase desesperada. Depois do colapso na Pomerânia, a ala esquerda do Grupo de Exércitos do Vístula estava fixada no sector de Stettin. A frente continuava ao longo da margem esquerda do Oder, passando por Küstrin e Frankfurt, até à confluência do Oder e do Neisse, cinquenta milhas a Sudeste de Breslau, na Silésia. Ligava-se aí ao grupo de exércitos de Schoerner, o qual se estendia para Sudeste, para o interior da Checoslováquia. A frente do Grupo de Exércitos do Vístula, por conseguinte, estendia-se por trezentas milhas, mantidas por dois exércitos fatigados e enfraquecidos pelas perdas. Ao Norte estava o Terceiro Exército de Tanques, comandado pelo jovem General Kurt von Manteuffel, chefe, algum tempo antes, dum exército de tanques nas Ardenas. Manteuffel era responsável pelo sector desde o Mar Báltico até um ponto trinta milhas a Nordeste de Berlim. Depois, para o Sul, encontrava-se o Nono Exército, sob o comando do brusco mas vigoroso General Busse, cuja situação era mais do que precária, pois que enquanto o degelo da Primavera alagara a parte Norte do Vale do Oder numa largura de quase duas milhas, o sector do Nono Exército estava ainda transitável para os tanques russos. E era na área entre Küstrin e Frankfurt que o Exército Vermelho concentrara as suas forças mais pesadas.

Diante do Grupo de Exércitos do Vístula encontravam-se três grupos de exércitos soviéticos: ao Norte, a Segunda Frente (grupo) Bielo-Russa, sob o comando do General Rokossovski; ao centro, a Primeira Frente Bielo-Russa do Marechal Zhukov, e ao Sul a Primeira Frente Ucraniana, sob o comando do Marechal Koniev. Estes três grupos consistiam, segundo as informações do Serviço Secreto, em nada menos do que cinquenta exércitos de infantaria e cinco ou seis exércitos de tanques. No sector à volta de Küstrin-Frankfurt Zhukov dispunha de oito a dez

exércitos de infantaria compreendendo cinquenta divisões, de dois ou três exércitos de tanques com 4000 tanques, de 22000 peças de artilharia e de 5000 aviões.

As probabilidades contra os alemães eram facilmente de quinze para um.

Em contraste com o poder total das unidades russas, os corpos e divisões de Busse eram corpos e divisões só de nome. Algumas das tropas tinham tido experiência na Rússia ou algures, mas todas elas tinham sido reunidas apressadamente — um conjunto desorganizado de fugitivos do Leste e de novos recrutas. Busse tinha 850 tanques, alguns dos quais novos. A sua linha de combate heterogênea incluía batalhões da Volkssturm, batalhões de emergência, tropas letãs das S.S. e unidades de patrulhas de fronteira. As divisões mais antigas estavam razoavelmente equipadas, mas as novas unidades careciam de quase tudo — de artilharia, de metralhadoras, de espingardas, até de uniformes. Já não havia arsenais nem depósitos de munições, embora forças das S. S. bem à retaguarda estivessem a acumular armas e munições, e às unidades antiparaquedistas que guardavam o reduto pessoal de Göring tivesse sido distribuído o dobro do número de metralhadoras de que precisavam. Ao General Ritter von Greim, comandando a Luftwaffe em apoio do Grupo de Exércitos do Vístula, faltavam não só aviões e pilotos, como também gasolina.

A primeira tarefa de Heinrici era a de organizar estas forças em qualquer espécie de unidade com coesão; os Serviços Secretos calculavam que tinha cerca de três semanas para o fazer. Mas enquanto estivesse tentando consolidar uma autêntica frente que pudesse suportar um pesado golpe russo, tinha um problema de operações imediato. Os Russos tinham estabelecido duas testas de ponte na margem ocidental do Oder, a Norte e a Sul de Küstrin. A única ligação alemã com a cidade ficara reduzida a um estreito corredor que estava sob constante flagelação de artilharia. Só para a testa de ponte a Norte, os Russos tinham feito avançar oitocentas peças de artilharia. Enquanto a sua mão direita procurasse organizar as suas forças para montar uma máquina de combate. Heinrici teria de empregar a esquerda numa tentativa à escala total de reconquistar a testa de ponte Sul dos russos. A única maneira de poder conseguir isso, acentuou Guderian, era acumular forças poderosas na própria testa de ponte dos alemães, na margem leste do rio, e atacar os russos pela retaguarda. O General Busse estava a reunir as suas forças precisamente para um ataque - estava marcado para 24 de Março.

Heinrici voltou-se para Guderian.

— Penso que é melhor ir para a frente imediatamente, em vista do ataque iminente. Mas antes de ir, o que há quanto a sondagens de paz junto do Ocidente?

O rosto de Guderian ensombrou-se. Ninguém lhe dissera nada respondeu; não podia auxiliar Heinrici quanto a esse ponto. Guderian não via vantagem em falar a Heinrici da sua conversa infrutífera com Ribbentrop ou da repreensão que recebera de Hitler. Nem achou prudente informar Heinrici de que discutira também sondagens de paz com o Grande-Almirante Dönitz e —apenas vinte e quatro horas antes— com Himmler. A tarefa de Heinrici era a de manter a frente a Leste; seria prestar-lhe um mau serviço manter-lhe quaisquer falsas esperanças.

Heinrici chegou ao quartel-general de Prenzlau do Grupo de Exércitos do Vístula nessa mesma noite para a transferência de comando. Himmler cumprimentou-o calorosamente; as suas maneiras tinham mudado das apoloéticas que mostrara a Guderian para as de pomposa autossuficiência. Tinha pena de ter de renunciar ao comando, mas o Führer tinha outro trabalho, mais importante, para ele fazer. Depois Himmler lançou-se numa narração fastidiosa das dificuldades que encontrara durante a sua permanência como comandante do Grupo de Exércitos do Vístula. Heinrici estava impaciente; o passado já não importava — queria ser posto a. par do presente, e do futuro. Mas Himmler continuou a falar monotonamente das suas dificuldades durante mais de duas horas antes de ser interrompido por uma chamada telefônica.

Quem falava era o General Busse... com más notícias. Os Russos tinham atacado a partir da sua testa de ponte ao Sul de Küstrin, tinham cortado o corredor alemão para a cidade e tinham estabelecido contato com a sua testa de ponte ao Norte. Um ar de confusão espalhou-se pelo rosto de Himmler. Depois estendeu o telefone a Heinrici.

— O senhor General é agora o novo comandante do Grupo de Exércitos do Vístula — disse ele a Heinrici. — Faça o favor de dar as ordens apropriadas.

Heinrici ia a dizer que ainda não estava suficientemente ao facto da situação para se encarregar do caso, mas engoliu as palavras e pegou no telefone. O sumário de Busse foi sucinto. Estando os alemães a reunir-se para o seu próprio ataque a partir de Frankfurt, tinham achado necessário retirar algumas unidades de escol do corredor como reforços. Os russos, ajudados por um serviço de informações vigilante, tinham imediatamente penetrado no corredor. Seria imediatamente preparado um contra-ataque, dizia Busse, mas...

Heinrici partiu quase imediatamente para o quartel-general do Nono Exército e chegou cedo na manhã seguinte — o primeiro comandante do Grupo de Exércitos do Vístula a visitar as linhas da frente. Nessa mesma manhã, as tropas de Busse lançaram o seu contra-ataque numa tentativa para restabelecer o contato com Küstrin. Foram repelidas pela artilharia russa com pesadas perdas.

Hitler, como habitualmente, ficou furioso. Ordenou um segundo ataque, e Busse deslocou com muita fadiga novos tanques e artilharia. O General von Greim pouco apoio aéreo podia oferecer. Este ataque, em 27 de Março, também falhou. Um terceiro ataque seria suicídio, e Heinrici sabia-o; assim informou Guderian, e recomendou que a guarnição de Küstrin fosse autorizada a abandonar a sua «fortaleza» e a tentar romper para Ocidente. Guderian transmitiu o relatório de Heinrici para o Abrigo do Führer. Hitler teve outro acesso de raiva, durante o qual chamou a Busse alguns nomes desprezíveis, e depois ordenou a Guderian que se apresentasse no dia seguinte em Berlim com Busse para uma discussão especial do problema de Küstrin. Guderian, nessa noite, sentou-se e ditou uma carta para Hitler na qual tentava explicar porque um terceiro ataque estava condenado ao fracasso. E concluía: «Em vista destes factos, devo rejeitar energeticamente as acusações feitas esta tarde contra o General Busse e as suas forças.»

Quando Guderian e Busse chegaram ao Abrigo do Führer no dia seguinte, Hitler já estava num estado de frenesi. Busse começou a fazer o seu relatório, mas quase imediatamente Hitler interrompeu-o com uma torrente de injúrias. A cabeça de Hitler oscilava como se estivesse ligada ao seu corpo por molas, e os seus olhos estavam protuberantes. Guderian deu um passo à frente, e quando abriu a boca a voz saiu-lhe num grito. Sem prestar atenção a Hitler, Guderian passou em revista a situação em Küstrin como se estivesse a fazer um discurso a um populacho insubordinado. Hitler fez o seu melhor para superar Guderian, emitindo uma denúncia geral de todo o Estado-Maior General. Guderian replicou com uma lembrança gritada de que Hitler se recusara a empregar o Exército da Curlândia e agora as suas tropas tinham sido desperdiçadas.

— Ignorante! — gritou Hitler por sua vez. — Tenho estado sempre só na minha estratégia de manter fortalezas atrás das linhas inimigas para os amarrar. Amarrei-os em Stalingrado e evitei uma catástrofe!

A voz do General Guderian crepitou com desdém, mas os dois homens foram então interrompidos pelo bajulador General Burgdorf, o chefe do pessoal conhecido por «o coveiro», e por isso desprezado pelos oficiais da Wehrmacht. Burgdorf tentou puxar por Hitler, levando-o a voltar para a sua cadeira.

— Por favor acalme-se meu Führer — suplicou ele. — Sente-se por favor.

Hitler parecia exausto. Sentou-se.

Entretanto, os Generais Jodl e Winter estavam conduzindo Guderian para um dos lados da sala. As suas tentativas para o acalmarem falharam, porém; Guderian continuava a repetir que «aquele homem» estava a dizer disparates completos e absolutos. Um ajudante de Guderian, Freytag-Loringhoven, precipitou-se para a antecâmara e fez uma chamada para o General Krebs, para o quartel-general de Guderian. Explicou a situação a Krebs e pediu-lhe para falar com Guderian — «sobre qualquer coisa» — para acalmar o Chefe do Estado-Maior. Depois Freytag-Loringhoven voltou à sala de conferências e disse a Guderian que Krebs estava ao telefone.

— Não estou interessado! — disse-lhe Guderian numa voz ríspida.

— Mas é sobre a frente... uma crise! — insistiu o seu ajudante.

Guderian encaminhou-se silenciosamente para a antecâmara e pegou no telefone.

Krebs manteve-se a falar com Guderian durante vinte minutos. Guderian acalmou-se, mas o seu rosto permaneceu severo. Voltou para a sala de conferências e, sem nada dizer, pôs-se em frente da secretária de Hitler. Hitler ordenou a todos, exceto a Guderian e ao Marechal de Campo Keitel, que saíssem da sala. Quando a porta se fechou sobre os outros voltou-se para Guderian.

— Guderian, a sua saúde exige que vá de licença imediatamente. Creio que o seu coração está a dar-lhe aborrecimentos. Talvez em seis semanas mais ou menos possa recompor-se.

A resposta de Guderian foi um curto «apresento um pedido de licença para me ausentar».

Hitler ficou desconfiado. Perguntou a Guderian onde passaria a sua licença. Guderian disse que não tinha planos. Keitel sugeriu Liebenstein, umas termas na Turíngia, mas Guderian replicou acidamente que os americanos já lá estavam.

— Então que diz de Walkenried? — propôs Keitel, nomeando um retiro nas Montanhas do Harz.

— Os americanos são lá esperados amanhã — respondeu Guderian. — Seja como for, encontrarei um lugar para onde ir.

Quando Guderian voltou ao seu quartel-general, foi informado de que o General Krebs fora nomeado para o substituir. Krebs era um general de competência considerável que servira em Moscou antes da guerra; Guderian respeitava-o, e ao mesmo tempo reconhecia que Krebs, com o seu modo afável e conciliador, era um dos poucos que podiam sobreviver a relações íntimas com o Führer.

Mas nem a capacidade militar de Krebs nem a sua diplomacia podiam alterar as circunstâncias. Poucos dias depois Küstrin foi abandonada; o seu comandante, o General das S. S. Rheinfarth conseguiu atingir as linhas alemãs com oitocentos dos seus homens. Os Russos, entretanto, tinham iniciado um ambicioso projeto de construção de pontes no Oder; estavam construindo pontes abaixo da superfície da água, de modo que não podiam ser descobertas do ar. O General Heinrici reuniu toda a artilharia de longo alcance que pôde juntar e gastou centenas de salvas das suas munições em diminuição com pouco efeito. Ao mesmo tempo, os aviões de Greim verificavam que era quase impossível penetrar através da defesa antiaérea russa. Heinrici concluiu que não tinha poder suficiente para evitar a construção das pontes; tinha de concentrar a sua energia em fortalecer as suas forças para o inevitável ataque. Especificadamente, queria que as duas divisões que mantinham a «fortaleza» de Frankfurt abandonassem a cidade e se juntassem à delgada linha que defendia Berlim. Foi ter com Hitler para lhas pedir.

Mais uma vez Hitler se recusou a ouvir qualquer proposta de abandono duma fortaleza. Quando Heinrici tentou insistir. Hitler ordenou que o Coronel Bieler, comandante em Frankfurt, se apresentasse no dia seguinte. Bieler, que não dormia havia vários dias, estava completamente exausto, mas quando pediu um adiamento da visita a Berlim, Krebs recusou. Bieler, por conseguinte, apresentou-se à hora e foi demitido de improviso. Dera uma «impressão infeliz» ao Führer, disse Burgdorf a Heinrici. Furioso, Heinrici disse tanto a Krebs como a Burgdorf que, a não ser que Bieler fosse reintegrado, ele, Heinrici, apresentaria o seu pedido de exoneração. Os dois homens tentaram dissuadi-lo, mas Heinrici manteve-se firme e obteve finalmente a promessa de que Bieler voltaria para a sua missão.

As conferências não tinham fim. Hitler parecia obcecado com a ideia de que, se se recusasse a reconhecer a superioridade esmagadora dos Russos, essa superioridade dissolver-se-ia fosse como fosse. Podia dar-lhe uma fúria por via da situação triste em que o Terceiro Reich se encontrava, mas não encararia a necessidade de fazer fosse o que fosse quanto a ela. E depois, mais uma vez, a sua famosa intuição lhe

pregava partidas; estava agora convencido de que o principal objetivo dos Russos seria Praga de preferência a Berlim, e despojou o comando de Heinrici de metade das novas divisões blindadas primitivamente destinadas ao Grupo de Exércitos do Vístula. Amaldiçoando a intuição do Führer como uma crença monstruosa naquilo que desejava, Heinrici correu a Berlim para outro espetáculo de comando — e para procurar auxílio, como sempre.

Estavam lá todos, como de costume — Keitel, Jodl, Dönitz, Göring, Himmler, Krebs e Burgdorf. Na pequena sala de conferências do Abrigo do Führer — na realidade uma secção separada por tabiques da passagem principal — a atmosfera era densa e quente a despeito do ar condicionado.

Hitler não estava interessado no relatório de Heinrici.

— Tudo quanto ouço são números — queixou-se ele. — Não ouço nada a respeito da força interior das tropas. O que é preciso é uma fé fanática.

Heinrici inclinou a cabeça distraidamente em sinal afirmativo. Decerto, concordou ele, mas a melhor das vontades, a fé mais forte, precisam ainda assim de reforços em números.

Hitler parecia perdido nos seus pensamentos. Hermann Göring deslocou o seu vulto maciço e falou em tons que pareciam untados com banha.

— Meu Führer — entoou ele — ponho à vossa disposição cem mil homens da Força Aérea. Estarão na frente do Oder dentro de poucos dias.

Dönitz e Himmler ficaram a olhar para Göring quase de boca aberta. O seu antigo rival estava tentando ganhar vantagem sobre eles.

Himmler encontrou a sua voz primeiro.

— Meu Führer, a S. S. fornece vinte e cinco mil combatentes para a frente do Oder.

E Dönitz entrou no coro:

— Meu Führer, a Marinha está em posição de mandar mais doze mil homens para o Oder. Estarão a caminho daqui a um ou dois dias.

Heinrici mal podia acreditar nos seus ouvidos. Aquilo era ópera cômica, uma palhaçada total! Até em tempos como aqueles os políticos podiam ainda brincar à

política! Perguntava a si mesmo donde viriam essas tropas: tinha a certeza de ser a primeira vez que, quer Keitel quer Jodl, tinham ouvido da sua existência. Fosse como fosse, não importava; como podia alguém esperar de homens que nunca tinham tido um dia de treino de guerra terrestre que se mantivessem contra os veteranos de quatro anos de pesado combate na Rússia?

Mas Hitler sorriu para Heinrici.

— Ora aí tem — disse ele. — São cento e cinquenta mil homens — (O homem nem é capaz de somar, estava Heinrici pensando irrelevantemente). — São doze divisões — continuou Hitler. — Ora aí tem as reservas que pediu.

— Sim, pelo que respeita a números — replicou Heinrici. — Mas não são divisões, são somente homens sem treino nem experiência. Não são unidades combatentes.

Göring interrompeu para alardear que os homens que mandaria eram na sua maior parte pilotos de aviões de combate, homens de Monte Cassino, cuja fama era lendária. Dönitz disse quase o mesmo dos seus marinheiros, e Himmler inclinou a cabeça em concordância. Heinrici sentiu-se como se estivesse a ficar maluco.

— Meus senhores, não estou a lançar calúnias contra a Força Aérea ou a Marinha — disse ele, enfadado. — Mas a guerra em terra é imensamente diferente da guerra no ar e no mar. Nenhuma das vossas tropas conhece a guerra de tanques ou esteve debaixo de fogo da artilharia russa. Estarão indefesos, serão chacinados.

Hitler parecia estar tentando dominar-se.

— Então colocará essas reservas cinco milhas atrás da frente — disse ele secamente. — Aí podem acostumar-se gradualmente ao combate. Se os russos romperem, eles detê-los-ão.

Heinrici desistiu daquela batalha, mas mudou de assunto para as divisões de tanques que acabara de perder para o Grupo de Exércitos de Schoerner, no Sul.

Hitler ficou impaciente.

— São mais essenciais aí do que no seu sector — disse ele enfadado. — Essa coisa toda no Oder não é nada senão uma manobra para desviar as nossas forças. O ataque principal não se dirigirá de modo nenhum para Berlim, mas sim para Dresden e Praga.

Incredulamente, Heinrici procurou continuar a sua argumentação. Havia uma tal falta de pessoal por toda a parte, acentuou ele, que os seus homens dos serviços de informações, sobrecarregados de trabalho, ainda não tinham sido capazes de saber a data do começo do ataque russo. Tinha de ignorar a menção de Hitler de Dresden e de Praga; não podia convencer-se a si mesmo a discuti-la seriamente.

Mas agora a voz de Keitel ressoava-lhe aos ouvidos:

— Não acha que é tempo de parar? — dizia ela. Heinrici voltou-se: o rosto de Keitel estava carregado de ameaças. Heinrici ficou a olhar para ele durante um longo momento, e depois virou-se. Não prosseguiu a sua argumentação.

Hitler levantou-se, com uns modos reconfortantes.

— O senhor verá — disse ele. — Se os homens forem fortes na sua fé, esta batalha levar-nos-á à vitória. Tudo depende da nossa própria atitude. Cada comandante deve inspirar os seus soldados.

O desânimo de Heinrici tornou-se mais profundo no seu percurso através do entulho de Berlim quando regressava ao seu quartel-general nessa noite negra de 2 de Abril. Não havia ninguém nas ruas a não ser um ocasional pelotão de soldados —ou melhor de velhos da Volkssturm — e um polícia que passava. Era uma cidade infeliz, refletiu ele, uma cidade mergulhada na tristeza por uma consciência do destino que a esperava.

As reflexões de Heinrici eram apenas parcialmente exatas. Externamente, mergulhada na ocultação de luzes e gelada pelo vento da noite, Berlim era uma cidade de tristeza. E havia na cidade muitos cidadãos comuns cuja miséria não era apenas mental — os hospitais e postos de socorros estavam apinhados com as vítimas dos ataques aéreos e de doença súbita. As pessoas sem influência estavam a ficar mais esfomeadas cada dia. E, contudo, os berlinenses ainda não tinham atingido o ponto em que pudessem abandonar as suas tentativas de alegria, os seus pequenos exercícios habituais do comentário inteligente, da observação sardónica. Os berlinenses não chamavam esperança a esta pequena faísca porque fazê-lo seria ingênuo, mas se raramente rompiam numa vigorosa gargalhada podiam ainda conseguir um ligeiro sorriso.

No seu quartel-general do Aeroporto de Tempelhof, Lothar Loewe e os seus camaradas da unidade antitanques da Juventude de Hitler estavam ao mesmo tempo comendo bem e sorrindo. Estavam comendo bem porque tinham muita

comida, e estavam sorrindo por causa do alerta dessa manhã. A notícia fora a de que tinham sido avistados tanques americanos em Magdeburg e em vários pontos a Leste do rio Elba. Carros de reconhecimento dos Estados Unidos tinham sido assinalados apenas a trinta milhas a Oeste de Berlim. O ataque esperado não se verificara, evidentemente, mas a conversa era toda sobre o que teria acontecido se os americanos tivessem batido às portas de Berlim. A conversa era alegre, e os rapazes falavam dos Americanos em tons desejosos. Repentinamente, o rapaz de dezesseis anos Lothar Loewe foi surpreendido por um pensamento profundo. O quê?, refletiu ele, se os americanos viessem nenhum de nós dispararia nem um tiro!

Num abrigo contra ataques aéreos na Kurfürstendamm, perto da Kaiser Wilhelm Gedächtniskirche, ou Igreja em Memória do Kaiser Guilherme, os soldados do exército regular que ali se tinham reunido para passar a noite defendidos dos inevitáveis ataques aéreos, estavam também a discutir os «Amis», os Americanos. Mas a sua conversa não era feliz; estavam irritados e derrotados pelos bombardeamentos constantes dos «Liberators» e das Fortalezas Voadoras que roncavam por cima de Berlim à sua vontade. Alguém sugeriu que podia ser pior quando os russos chegassem, e uma viúva gorda resmungou.

— Os russos! — disse ela. — Como podem ser piores? Como pode alguma coisa ser pior do que estas malditas bombas?

O padeiro, de mangas arregaçadas, procurou pô-la no seu lugar.

— Mas pelo menos agora a sua virtude não está em perigo — acentuou ele. — Se os russos aqui estivessem, todas as mulheres seriam violadas.

A viúva tornou a resmungar:

— Violadas? E daí? Antes um russinho na barriga do que um «Ami» por cima da cabeça.

Ora, talvez os russos não fossem assim tão maus, observou alguém. Apesar de tudo, eram homens como quaisquer outros, não animais. Deviam ter as suas próprias mulheres, filhas e namoradas.

— Esperem por isso! — Pela primeira vez nessa noite, a rapariga, que era uma refugiada duma aldeia perto de Poznan, pronunciou algo mais do que um monossílabo. O seu único olho — perdera o outro num ataque aéreo — ardia no seu rosto atormentado, e o seu braço direito, mirrado, pendia ao longo do seu corpo

enquanto gesticulava com o outro. — Esperem por isso! Homens, é o que vocês lhes chamam. Mas não são, são animais ferozes. Chegaram à minha aldeia e não pouparam ninguém... ninguém. Havia uma criança na casa ao lado que estava doente com escarlatina — tinha somente treze anos de idade. Um russo entrou pela casa dentro, bêbedo e violou-a. Depois cortou-lhe as goelas e ela morreu a esvaír-se em sangue. Havia outra rapariga, uma coisa paralisada... não podia mover um músculo. Violaram-na também: seguraram-lhe as pernas afastadas e sete russos violaram-na à vez. Esperem por isso!

Erika, a Direktor assistente duma grande galeria de arte, falou. O seu tom era reconfortante.

— Sim, é claro, querida, há sempre homens maus em qualquer país. Também cá os temos, bem sabe: ouvi muitas histórias de como os nossos soldados se comportaram na Ucrânia. Mas a minha irmã em Landsberg disse que os Russos foram bondosos; deram-lhe comida e foram-lhe buscar leite, dos agricultores, para os seus dois filhos. E nem um homem lhe tocou... o capitão proibiu-o.

Hansi Clemens, a secretária do diretor da Ópera do Estado, estava em casa com os seus pais no seu apartamento do Alt-Moabit em Tiergarten. Como habitualmente, o pai estivera a falar de saírem de Berlim, e Hansi começara a perguntar a si mesma se ele não teria razão. Ficara horrorizada quando, a caminho de casa, encontrara três rapazinhos a baloiçarem os pés descalços do cadáver dum soldado que pendia dum candeeiro. Correram com eles e depois pararam numa horrível fascinação a ler o cartaz pregado no peito do soldado: EU NÃO ACREDITAVA NO FÜHRER. Depois, voltando a esquina para a sua rua, encontrara um pelotão do Gross Deutschland Regiment, que estava aquartelado numa caserna próxima. Homens tão idosos, pensou ela. Onde estavam os jovens soldados, vigorosos, da guerra-relâmpago? Como podiam tais homens defender Berlim?

— Não podemos esperar muito mais tempo — estava Christian Clemens dizendo. — Devemos ir para casa da tua avó Hansi. — A mãe baixou a cabeça, concordando, e Hansi não disse nada. Pela primeira vez estava cheia de dúvidas. Pela primeira vez estava céptica quanto aos cartazes afixados por toda a cidade: QUEM ACREDITA EM HITLER ACREDITA NA VITÓRIA, e O BOLCHEVISMO ESTÁ À BEIRA DA DERROTA. Onde estava Hitler?, perguntava ela a si mesma. As suas palavras eram grandiosas e corajosas, mas sabia ele como as coisas estavam em Berlim? Hansi pensava nos Americanos e sentia-se confundida com eles. Os Russos, ouvira ela dizer, tinham muitos camiões e jeeps americanos, e outro equipamento que lhe fora dado pelos «Amis», e

contudo os Russos não estavam em guerra contra os Japoneses, que tinham atacado os Americanos. Hansi admirava-se com a ingenuidade dos Americanos, que auxiliavam gente que não os ajudaria.

No Abrigo do Führer, Hitler desviava a sua atenção para o relatório de que, no Norte da Itália, as autoridades alemãs estavam tentando secretamente abrir negociações de paz com as potências ocidentais, através do espião americano Allen Dulles. Enviou uma mensagem ao General das S. S. Wolff, chefe das S. S. e das forças de polícia no Norte da Itália: «É preciso não se desistir agora da defesa. Tudo quanto precisamos de fazer é mantermo-nos. No Leste poderemos segurar os Russos por mais dois meses. Nestes dois meses tem de haver uma rotura entre os Russos e os Anglo-Americanos. Aliar-me-ei com o primeiro dos dois lados que entrar em contato comigo.»

As reservas prometidas a Hitler por Göring, Dönitz e Himmler chegaram à área de recepção do Grupo de Exércitos do Vístula três dias depois da conferência. Heinrici esperara o pior e fora isso que acontecera: as tropas consistiam nuns escassos trinta mil homens, quase todos recrutas inexperientes. Poucos tinham tido qualquer treino, e careciam tanto de armas como de uniformes. Heinrici sentiu-se desgostoso por ver aqui e ali um garboso recruta exibindo um chapéu de coco ou vestindo um smoking. Uma busca cuidadosa, juntamente com uma súplica às S. S. rendeu uma milhar de espingardas para aquela multidão indisciplinada.

Heinrici enviou uma mensagem ao O. K. W. informando que os homens eram inúteis — não podiam ser empregados em qual quer missão, exceto talvez a de cavarem fortificações. A resposta do General Krebs foi concisa: arme os homens, organize-os e ponha-os em posição imediatamente. Heinrici replicou, repetindo o seu cálculo sobre o valor dos recrutas, em consequência do que Hitler interveio e telefonou a Heinrici com a ordem de que, se não era possível obter outras armas, os homens deviam ser instruídos no uso de bazucas. Bazucas! O Grupo de Exércitos do Vístula não tinha bastantes dessas armas antitanques para armar os homens já em linha de combate. Bem, Heinrici não cometeria assassínio premeditado, fossem quais fossem as consequências vindas do lunático Hitler. Os homens para os quais tinha armas foram colocados atrás das linhas como reservas. Foram surripiados utensílios fosse onde fosse que pudessem ser encontrados, e mais alguns milhares de homens foram postos a trabalhar cavando trincheiras e preparando por outros meios as defesas contra carros. O resto ficou na área de recepção. Heinrici confiava na bem conhecida inabilidade de Hitler de seguir o rasto dos pormenores para o proteger da ira do Führer.

Mas os chefes de zona do partido no sector não eram feitos de material tão duro como Heinrici; para eles, a palavra de Hitler era lei. Observavam com apreensão os recrutas de Heinrici a irem para o trabalho cavando as suas trincheiras em violação da ordem do Führer contra medidas «derrotistas», e quando Heinrici os convocou e lhes propôs que evacuassem as zonas imediatamente atrás das linhas da frente, recusaram-se. Hitler proibira-o. Além disso, para onde mandariam as centenas de milhares de pessoas sob a sua jurisdição? Os americanos estavam a cortar pela Alemanha ocidental e central, estreitando o espaço disponível para viverem os refugiados do Leste. E não havia transportes; milhares de carruagens de caminho de ferro e centenas de locomotivas tinham sido destruídas pela ação inimiga, e todos os veículos motorizados e muitas bicicletas tinham sido requisitados pelo Exército. Deixem-nos ir a pé, sugeriu Heinrici... os pés feridos eram preferíveis à morte. Mas os chefes mantiveram-se inflexíveis; não tencionavam juntar-se às filas macabras desses «derrotistas» pendendo pelo pescoço das árvores e dos candeeiros.

Heinrici, porém, traçara o seu rumo: desafiaria Hitler fosse quando fosse que o seu julgamento lho impusesse. Esse julgamento foi posto outra vez à prova em 11 de Abril, quando recebeu uma ordem de Hitler dirigida a todos os comandantes e a todos os chefes de zona. A ordem tinha o nome de código de «Terra Queimada» e mandava que todos os serviços públicos, fábricas, pontes e outras instalações vitais que se pensasse terem probabilidade de cair nas mãos do inimigo deviam ser destruídos. As necessidades da população civil não deviam ser tidas em consideração.

A ordem de Hitler levava um tempo curiosamente longo para chegar aos comandantes militares. Fora promulgada em 19 de Março, depois de Albert Speer, o Ministro do Armamento e da Produção de Guerra, ter tentado em vão opor-se-lhe. Speer esperava uma diretriz assim por causa do decreto similar de Hitler respeitante às regiões conquistadas da Europa — o ukase que Speer sabotara. Portanto, em 15 de Março ditara um memorando para Hitler, opondo-se a todos os planos de destruição que Hitler pudesse ter para a Alemanha.

No memorando, Speer dizia a Hitler que devia esperar-se o colapso final da economia germânica em quatro a oito semanas. «Depois desse colapso, a guerra não pode ser continuada, nem sequer militarmente», dizia ele. «Temos de fazer tudo para manter, nem que seja só da maneira mais primitiva, uma base para a existência da nação até ao fim... Não temos o direito, nesta fase, de levar a cabo demolições que poderiam afetar as vidas do povo. Se os nossos inimigos desejam destruir esta nação que lutou com uma bravura única, então essa vergonha histórica

recairá exclusivamente sobre eles. Temos o dever de deixar à nação todas as possibilidades de assegurar a sua reconstrução no futuro distante.»

O povo não podia, porém, importar menos ao Führer. Disse a Speer que se a guerra estava perdida a nação também pereceria, e que era inútil tentar opor-se à inevitabilidade do destino. «Não há necessidade de tomar em consideração a base de que o povo necessitará para continuar uma existência mais do que primitiva. Pelo contrário, será melhor sermos nós mesmos a destruir essas coisas, porque esta nação terá provado ser a mais fraca e o futuro apenas pertencerá à nação oriental mais forte. Além disso, os que ficarem depois da batalha serão apenas os inferiores, pois os bons terão sido mortos.»

Tendo posto Speer de lado, Hitler emitiu a sua ordem da «Terra Queimada» com o post scriptum: «Todas as orientações opostas a esta ordem são inválidas.» Ordenava a destruição de todas as instalações industriais, de todos os serviços de eletricidade importantes, de obras de abastecimento de água, de fábricas de gás, armazéns de víveres e de roupas, de todas as pontes, de todas as instalações de caminho de ferro e de comunicações, de todos os canais, todos os navios, todos os vagões de carga e todas as locomotivas. O povo alemão estava para herdar do Führer um enorme deserto.

Heinrici imediatamente deu as suas próprias ordens proibindo as diretrizes de Hitler de serem transmitidas aos seus comandantes. Usou ameaças que sabia serem vãs para prevenir os chefes de zona contra a execução do ukase. Telefonou ao General Reimann, comandante de Berlim, e pediu-lhe para ir ao quartel-general do Grupo de Exércitos do Vístula para uma conferência. A ordem de Hitler incluía Berlim, e Heinrici queria fazer algumas fortes sugestões a Reimann relativamente ao bem-estar físico da capital.

Reimann era esperado no quartel-general a 15 de Abril. No meio dos relatórios pormenorizadíssimos do General Busse sobre um aumento das patrulhas russas, Heinrici ainda teve tempo para ouvir os comentários nazis exultantes acerca da morte do Presidente Roosevelt. Não podia acreditar nas tagarelices de que haveria agora uma modificação da atitude da América a respeito da guerra, de que os Americanos e os Ingleses se voltariam agora contra os Russos, mas podia ter esperança de que a morte dum chefe mundial em Warm Springs, na Geórgia, poderia inclinar as potências ocidentais para uma paz separada. Enquanto meditava, uma ordenança anunciou-lhe a chegada de Albert Speer.

Heinrici ficou surpreendido; viria Speer instar pela sua submissão à política de Hitler da terra queimada? Era muito pouco provável, julgando pelo que ouvira dizer desse homem. Cumprimentou Speer com uma cortesia cautelosa, e Speer imediatamente o tranquilizou.

Viera, disse Speer, apelar para Heinrici para não executar a ordem de Hitler. Speer exprimiu a sua inalterável lealdade para com o Führer, mas disse que não podia ser um associado num plano para empobrecer oitenta milhões de alemães.

— O objetivo da Rússia é destruir a Alemanha — acentuou ele. — Vamos nós ajudá-los para esse fim?

Aliviado, Heinrici assegurou a Speer que faria todos os esforços para sabotar a ordem de Hitler.

Reimann chegou quando Speer ainda lá estava, e Heinrici entrou imediatamente no assunto. Pensara muito no caso de Berlim durante as longas noites. A cidade estava sob a jurisdição do Alto-Comando e fora declarada uma «fortaleza», mas Heinrici não estava impressionado por tais declarações. Tudo o que a palavra «fortaleza» significava para ele era que os fanáticos nazis a defenderiam até ao último alento e que disso resultaria a destruição da cidade. Heinrici nada podia fazer se o O. K. W. reivindicasse a responsabilidade por Berlim, mas alimentava a esperança de a cidade poder ser colocada sob o seu comando. Nesse caso, decidira ele, retirar-se-ia para o Sul da cidade e deixá-la-ia aberta aos Russos: não levaria a cabo uma luta inútil por Berlim, fazendo-se um cúmplice da política do Exército Vermelho de a reduzir a entulho.

Heinrici informou Reimann da sua decisão: não sujeitaria a população da cidade à miséria horrível da luta de rua em rua. Mais do que isso, preveniu Reimann da loucura de destruir os recursos físicos de Berlim.

— Proibi-lo-ei se Berlim vier a estar sob o meu comando — disse ele abruptamente.

Reimann ficou aterrado com a ideia de desobedecer a Hitler. Era um soldado honesto, acentuou ele e o seu dever era o de obedecer aos seus superiores. Como podia ele desprezar uma ordem do mais alto dos seus superiores? Queria Heinrici que ele fosse enforcado como aqueles oficiais que não tinham destruído a ponte em Remagen que auxiliara a primeira travessia americana do Reno?

Speer interveio, num tom misturado de cólera. Só a destruição das pontes seria o suficiente para destruir a totalidade de Berlim, acentuou ele. Lembrou a Reimann que as condutas e linhas de gás, água e eletricidade eram uma parte dessas pontes; se elas fossem cortadas, a população enfrentaria a fome, a sede e a doença. Mas Reimann não estava convencido. Estava pálido de apreensão e com o pensamento de manchar a sua honra de soldado por não cumprir uma ordem vinda do alto.

Quando Speer e Reimann tinham partido, Heinrici recomeçou o seu estudo dos relatórios de Busse. Leu e releu as estimativas e previsões da secção de informações. Os Russos estavam prontos: a ofensiva podia vir em qualquer momento.

Em Berlim, Willy Luedicke, de trinta e cinco anos, pousou a sua caneta, no seu apartamento do número 10 da Tauentzienstrasse, onde era porteiro, e releu as duas últimas anotações no seu diário:

14 de Abril. 8 horas da noite. A noite cobriu Berlim. É noite; todavia a Lua está resplandecendo tão brilhantemente como se quisesse mostrar mais uma vez a beleza de Berlim àqueles que podem morrer esta noite. Muitas pessoas estão tão nervosas que já não sabem o que significa a noite, ou seja, a serenidade. As pessoas estão de atalaia, prontas a saltar ao primeiro sinal da toada diabólica das sereias de alarme: a bagagem está feita. Os rádios tocam continuamente — uma pessoa espera que o locutor indique as horas, seguidas pelo anúncio sinistro: «Atenção! Atenção! Isto é o aviso dum ataque aéreo.» As sereias começarão a soar e as pessoas saltarão para fugirem para os abrigos mais próximos. Quando a longa toada das sereias dá o sinal de que o ataque está acabado, uma pessoa inspira profundamente e pensa calmamente para consigo: «Quantas pessoas terão perdido a vida, e eu ainda estou vivo! Velo menos até ao próximo ataque.»

15 de Abril. Tarde. Em redor e por cima de Berlim está a desenrolar-se a batalha diária com os aviões americanos. Os habitantes de Berlim estão agora encolhidos nos abrigos, O som dos canhões antiaéreos junto ao jardim Zoológico pode ouvir-se por toda a cidade — a cidade parece suspender a sua respiração. Logo que há uma pausa, asseguro-me de que a nossa casa não foi atingida. Logo que regresso ao abrigo, as sereias anunciam que o ataque lindou. É assim que a vida continua de dia e de noite!

Também Joseph Goebbels podia sentir o hálito quente da destruição. Sugeriu jocosamente a Hitler que supunha que os Aliados Ocidentais exigiriam a demissão de toda a chefia nazi como preço de qualquer paz separada. Esperou ansiosamente pela reação de Hitler; haveria uma possibilidade do Führer encarar as realidades da situação?

Mas Hitler estava ainda obcecado com a ideia dum milagre do último minuto que levaria a uma vitória alemã final. Baixou a cabeça, concordando, mas por outro lado ignorou a sugestão traiçoeira de Goebbels.

— Sim — disse ele distraidamente — os Russos dirigir-se-ão para Dresden e Praga. Disso tenho eu a certeza.

SEGUNDA PARTE

O Ataque

Eram duas horas da manhã de 16 de Abril, e o pequeno soldado-raso do Sul da Ucrânia tiritava na escuridão gelada. Lamentava ter posto de lado a sua samarra acolchoada para vestir o blusão novo, castanho, com as duas medalhas, mas se uma pessoa ia para Berlim...

— Como é Berlim? —perguntou Pyotr Ivanovich Telegin ao homem junto dele.

O homem, um sargento chamado Lomov, deu uma gargalhada rouca.

— Já me perguntaste isso três vezes esta noite, Pyotr Ivanovich, e todas as vezes te disse que não sei. Nunca lá estive. Mas suponho que é como Moscou e Leningrado — uma grande cidade com muita gente e grandes edifícios.

Pyotr Ivanovich Telegin suspirou.

— Continuo a não saber como é Berlim — disse ele. — Nunca estive em Moscou nem em Leningrado. Nunca fui sequer a Kiev. Quem me dera saber o que hei de esperar quando lá chegarmos. O Sargento Lomov voltou a rir-se.

— Hás de ver — disse ele. — Quando lá chegarmos hás de reconhecê-la pelas raparigas bonitas.

— Raparigas bonitas... —repetiu o jovem Telegin. Nunca estivera com uma rapariga, nem mesmo com uma feia. Não iria certamente ficar envolvido com quaisquer raparigas alemãs perversas. Tiritou outra vez. Parecia-lhe que nunca estivera quente desde que entrara na guerra dois anos antes. Mas agora tinha vinte anos e não devia estar nervoso antes dum ataque. Não devia estar, mas estava.

Pyotr içou-se para fora da trincheira pouco profunda e estreita; as câibras de estômago tinham voltado, e sabia que o movimento dos intestinos surgiria agora repentinamente. Não queria ser apanhado na trincheira quando isso acontecesse. Alguns homens aliviavam-se nas próprias trincheiras, mas Pyotr não podia fazer uma coisa dessas. Caminhou pela estreita vereda entre as moitas altas, parecidas com chicotes, e parou junto do buraco na terra que cavara à margem do caminho nesse mesmo dia, algum tempo antes. Quando acabou e estava levantando as

calças, pensou outra vez naquele vaso branco com urina dentro que vira numa casa em Poznan. Depois da guerra, havia de ter um vaso como aquele na sua casa.

Quando caminhava de regresso à sua trincheira, apercebeu-se duma espécie de rugido sussurrante, amortecido, um zunido dissonante, quebrado por um estrondear surdo. O som vinha do Oeste.

Perguntou ao Sargento Lomov:

— Que aviões são estes?

Lomov grunhiu:

— São os nossos. Estamos a mostrar o inferno aos fascistas.

Não eram aviões russos. Eram bombardeiros noturnos ingleses e americanos, um milhar deles, e nessa noite de 15 para 16 de Abril tinham estado a submeter Berlim a um bombardeamento impiedoso em preparação da ofensiva soviética. Pyotr Ivanovich Telegin ouvira dizer que os Ingleses e os Americanos tinham muitos aviões, mas não tantos como os Russos. Perguntava a si mesmo se esses aviões era tão lindos como os camiões americanos, os Studebakers, que vira nas colunas russas. Os camiões americanos não se avariavam tão frequentemente como os camiões russos, e isso intrigava Pyotr. Como podia isso ser possível quando a União Soviética era superior aos países capitalistas em tecnologia?

Às cinco horas da manhã, o nervosismo de Pyotr Ivanovich Telegin foi interrompido pelo rugido dos canhões. Esqueceu-se de estar nervoso na sua excitação desenfreada enquanto punha as mãos sobre os ouvidos para tentar abafar o som. Não o sabia, mas nesse momento 41 600 canhões e lança-foguetes russos disparavam quase simultaneamente ao longo duma frente de 250 milhas para assinalarem a ofensiva final contra a capital do Terceiro Reich. Desde a cidade de Schwedt, para o Sul, ao longo do rio. Oder, até às Montanhas dos Sudetas, na Checoslováquia, quintas, casas e aldeias inteiras explodiram em fumo e fogo enquanto a Primeira Frente Bielo-Russa do Marechal Zhukov e a Primeira Frente Ucraniana do Marechal Koniev pulverizavam as linhas alemãs com a destruição.

Estavam envolvidos para cima dum milhão de soldados russos duma espécie ou doutra nesta operação maciça, apesar de a Segunda Frente Bielo-Russa do Marechal Rokossovski, para o Norte do grupo de exércitos de Zhukov, não atacar senão quatro dias mais tarde por causa das cheias. Esquadrilha após esquadrilha de

bombardeiros noturnos, de entre os oito mil aviões soviéticos mobilizados, levantou voo para atacar a segunda linha de defesa e as posições de artilharia dos Alemães fora do alcance da barragem de artilharia russa.

Às cinco e vinte a barragem cessou, tão subitamente como começara, e os russos avançaram, precedidos pelas pontas de lança dos destacamentos de blindados da horda de 6300 tanques concentrados para a ofensiva. Cento e quarenta holofotes iluminaram a posições alemãs.

Os serviços de informações russos tinham apresentado uma avaliação do potencial alemão que era muito confortável. Dando aos Alemães o benefício da dúvida, o Serviço Secreto Soviético calculava que não podia haver mais do que 330 000 homens do outro lado da terra-de-ninguém do Oder. A estimativa indicava:

No Norte, o Terceiro Exército, sob o comando de Manteuffel, defendendo uma linha de noventa e cinco milhas com aproximadamente 105000 homens, 1150 canhões, 700 lança-foguetes e 223 tanques.

No Centro, o Nono Exército, sob o comando de Busse, defendendo uma linha de setenta e cinco milhas com aproximadamente 235000 homens, 1500 lança-foguetes, 2500 canhões e 833 tanques.

No Sul, o Quarto Exército, ligado ao Grupo de Exércitos de Schoerner, defendendo uma centena de milhas com aproximadamente 110 000 homens, 780 lança-foguetes, 1300 canhões e 285 tanques.

A concentração mais poderosa de tropas russas, como Heinrici esperara, avançou no sector de Küstrin-Frankfurt contra as forças do General Busse. Mas, como os estrategas soviéticos tinham planeado, todos os três grupos de exércitos russos tinham papéis importantes a desempenhar, com o êxito de cada um deles dependendo do êxito dos outros. Acima de tudo, a operação era destinada a isolar a área de Berlim e a dividir as forças alemãs, fendendo o Grupo de Exércitos do Vístula, de Heinrici, em três partes e metendo uma cunha entre as forças de Heinrici e o Grupo de Exércitos de Schoerner, para o Sul.

O grupo de exércitos de Zhukov, pela natureza da sua posição e missão parecia destinado a desempenhar o papel decisivo. Quase simultaneamente, era-lhe pedido que assestasse um pesado golpe na direção de Berlim, cercasse a cidade com fortes alas em pontas de lança, e colaborasse com as forças de Koniev, para o Sul, encerrando o Nono Exército numa enorme bolsa. Ao flanco direito de Zhukov,

ocupado pelo Primeiro Exército Polaco, estavam destinadas as tarefas de cobrir o golpe principal ao Norte da testa de ponte de Küstrin e, ao mesmo tempo, de atravessar o Oder e avançar ao longo da margem Sul do Canal Hohenzollern. Ao seu flanco esquerdo, além de proteger a sua ponta de lança no Sul, fora ordenado avançar ao Sul de Frankfurt, visando atingir Potsdam-Brandenburg.

A Primeira Frente Ucraniana de Koniev atacou a partir da região de Forst-Muska na direção de Belzig, com o objetivo de fazer avançar uma ponta de lança blindada rápida, rolando para a zona ocidental de Berlim. De caminho, devia atacar e destruir o Quarto Exército, do Grupo de Exércitos de Schoerner, e auxiliar onde quer que fosse possível ao cerco do Nono Exército. Uma força avançando para Oeste e depois francamente para o Norte devia impedir o Nono Exército de retirar para Berlim. Mais para o Sul, o Segundo Exército Polaco avançou do sector de Rothenburg na direção de Dresden.

Inicialmente, a Segunda Frente Bielo-Russa de Rokossovski entrou em ação para limpar as terras de aluvião do Oder com forças-tarefa de deslocação rápida apoiadas por artilharia pesada e por ataques aéreos, participando desse modo no apoio da ofensiva principal. Aqui e ali a Segunda Bielo-Russa devia empenhar-se em fortes fintas, simulando um ataque de grande envergadura, a fim de amarrar o Terceiro Exército de Manteuffel e de evitar um contra-ataque do Norte contra a ala direita das forças de Zhukov.

Ao Sul da frente estratégica, na Checoslováquia, ataques simultâneos com a natureza de ataques de flagelação, lançados pela Segunda e pela Quarta Frente Ucranianas, eram destinados a impedir Schoerner de desviar qualquer número considerável das suas reservas para o Norte.

Em todo o seu esmero e complicadas ramificações, era a ofensiva mais laboriosa jamais organizada pelo Exército Vermelho. Durante semanas as tropas russas tinham sido sujeitas ao treino de aperfeiçoamento mais intensivo, no qual receberam longas horas de instrução nas técnicas da rotura das linhas inimigas, na travessia de rios e canais e nas subtilezas de avançar debaixo de fogo de cobertura. Foram organizadas escolas especiais para instruir as tropas na tática da luta de ruas. Ao mesmo tempo, os comissários políticos martelavam os ouvidos das tropas sobre o assunto da Cruzada comunista contra o fascismo. Entre outras consequências, foram admitidos dezoito mil soldados e oficiais do Exército Vermelho no Partido Comunista durante o mês de Abril.

Joseph Stalin tinha o direito de se sentir relegado para o fundo do palco por um homem morto. Na ordem do dia redigida por Hitler e Goebbels poucas horas depois da ofensiva russa ter sido lançada, tomavam eles conhecimento da maldade dos atacantes asiáticos, mas reservavam para Franklin D. Roosevelt a saudação nazi como «o maior criminoso de guerra de todos os tempos». A ordem era uma obra-prima de invectiva, falsidade e fé naquilo que se quer que seja verdade:

SOLDADOS DA FRENTE ALEMÃ NO LESTE:

As hordas do nosso inimigo Judeu-Bolchevista reuniram-se para o último assalto. Querem destruir a Alemanha e extinguir o nosso povo. Vós, soldados do Leste, Havel visto com os vossos próprios olhos qual o destino que espera as mulheres e as crianças alemãs: os velhos, os homens, as crianças, são assassinados; as mulheres e as raparigas alemãs desfloradas e transformadas em prostitutas de caserna; o resto é obrigado a marchar para a Sibéria.

Temos estado à espera deste assalto. Desde Janeiro que todas as medidas têm sido tomadas para erguer uma frente Leste forte. Forças colossais de artilharia estão dando as boas-vindas ao inimigo. Novas unidades incontáveis estão substituindo as nossas perdas. Tropas de toda a espécie mantêm a nossa frente.

Mais uma vez o Bolchevismo sofrerá o velho destino da Ásia — soçobrará na capital do Reich Alemão.

Aquele que neste momento não cumprir o seu dever é um traidor à nação alemã. Os regimentos ou divisões que abandonam os seus postos estão a agir tão ignominiosamente que deviam baixar as suas cabeças de vergonha diante das mulheres e crianças que aqui, nas nossas cidades, estão enfrentando corajosamente os bombardeamentos terroristas...

Se durante estes dias e semanas próximos cada soldado no Leste cumprir o seu dever, o furioso assalto final da Ásia dará em nada — tal como a invasão dos nossos inimigos do Oeste há de falhar no fim.

Berlim mantém-se alemã. Viena há de ser de novo alemã. E a Europa nunca será russa!

Levantai-vos para defender os vossos lares, as vossas mulheres, os vossos filhos— levantai-vos para defender o vosso próprio futuro!

Nesta hora, os olhos da nação alemã estão postos em vós — vós, meus combatentes no Leste— esperando que a vossa firmeza, o vosso ardor e as vossas armas afoguem o ataque bolchevista num mar de sangue!

Este momento, que removeu da face da terra o maior criminoso de guerra de todos os tempos, decidirá a mudança na sorte da guerra!

ADOLF HITLER

Era óbvio que Hitler estava confiando inteiramente nas suas forças no Leste para proteger Berlim do assalto furioso: isto é, não havia menção das defesas da própria cidade nem exortações aos berlinenses para combaterem até ao fim. Isto era razoável: em primeiro lugar, uma vez que os russos atingissem Berlim não haveria esperança de salvar a cidade, e em segundo lugar nem valia a pena falar nas defesas de Berlim, nem para um homem tão completamente confiante como era Adolf Hitler. Na verdade, a proteção da população civil da capital era um assunto de completa indiferença para o Führer; se o povo alemão ia ser tão fraco que se deixasse derrotar por um inimigo que o excedia em número por uns meros quinze contra um, merecia ser destruído.

Apesar disso, algumas coisas tinham sido realizadas desde os primeiros dias do alarme. O comandante de Berlim, o abstrato General Reimann, correra dum lado para o outro e descobrira alguns canhões antiaéreos sobresselentes que instalara como artilharia de campanha, e estava percorrendo a cidade em busca de recrutas — significando isso qualquer indivíduo do sexo masculino cujo corpo estivesse quente. Pouco a pouco, aumentou a força de defesa, misturando idosos «voluntários» da Volkssturm com as enérgicas crianças da Juventude de Hitler e «reforçando» as poucas forças remanescentes dos batalhões de escol das S. S. com os feridos que podiam andar e os doentes. O Almirante Stiegel, o em tempos construtor de navios, acrescentara o que ele chamava «trapos e garrafas» aos seus quinhentos marinheiros que ajudavam a proteger o que restava do quartel-general do O. K. W., na Bendlerstrasse, e a «fortaleza» Edifício Shell no Aterro de Tirpitz, na mesma zona do Tiergarten. No Aeroporto de Tempelhof, o quartel-general da Juventude de Hitler junto do qual estava destacado o jovem Lothar Loewe mandou os seus vinte mil soldados de combate anticarros tomar posições ao longo duma linha quebrada que cercava duma maneira geral os arredores da cidade.

Ninguém então, incluindo o General Reimann, sabia exatamente quantos homens estavam à disposição das autoridades para a defesa de Berlim, mas em 16 de Abril

os avaliadores experimentados calculavam o total em cerca de quarenta mil. Cerca de metade desta força podia ser considerada de combatentes, e nestes, evidentemente, estavam incluídas as guarnições antiaéreas nos terraços de redutos tais como o do Abrigo do Zoo e o Humboldthain (Jardim de Humboldt), e os abrigos de Friedrichshain, que também serviam como abrigos antiaéreos com uma capacidade total de quarenta mil pessoas. As munições eram tão escassas nestas torres que os atiradores estavam limitados a umas tantas salvas, mesmo durante um ataque aéreo, e as raparigas de Hilde Lemke, de vigia na torre do Abrigo do Zoo, falavam por graça de utilizar os seus poderosos holofotes como meras «armas psicológicas».

Fisicamente, Berlim estava dividida em oito zonas designadas pelas letras A a H. Cada zona estava sob o comando dum comandante de zona com a autoridade dum comandante de divisão, mas poucos desses generais sintéticos tinham qualquer experiência de combate. A primeira linha de defesa corria ao longo da periferia da cidade. Era completada com uma segunda linha para Leste e Oeste de Berlim. Esta, chamada «anel de batalha interior», era limitada pelo canal Landwehr e pelo rio Spree, os quais correm de tal maneira que, combinados, rodeiam virtualmente o coração da cidade. A zona da Wilhelmstrasse, onde estavam agrupados o Abrigo do Führer, a Chancelaria e outros edifícios governamentais, era o centro deste coração. As defesas mais fortes de Berlim estavam aí concentradas; era chamada «a Cidadela».

Olhando com expressão carrancuda cartazes com expressões tão encorajantes como «Vitória ou Sibéria!», os berlinenses mourejavam agora na construção de barricadas e na escavação de trincheiras. A cena era de confusão física. Pedras do pavimento, blocos de alvenaria, toros de madeira e camiões e carros destroçados entravam na construção destas barricadas. Aqui e ali um ninho de metralhadoras, de cimento armado, punha de fora a sua cabeça feia. Minas de fabrico caseiro e petardos camuflados eram semeados com precaução. Em casas de estar e em caves, «voluntários» e amadores entusiásticos misturavam cocktails Molotov para atirarem contra os tanques.

Na zona de Charlottenburg, toda a vizinhança se pôs a observar um determinado grupo de tropas S. S. instalando blocos de obstrução de ruas; os civis tinham um ar de divertimento sardónico. Finalmente um dos oficiais das S. S. perguntou a uma mulher de que era que ela estava a sorrir.

— Tenho estado a fazer alguns cálculos — disse ela. — Decidi que os russos levarão exatamente duas horas e cinco minutos a vencer estas barricadas.

O homem das S. S. pareceu ficar satisfeito.

— Mas porquê exatamente duas horas e cinco minutos? — perguntou ele.

A mulher deu uma gargalhada.

— Porque durante duas horas eles não hão de fazer absolutamente nada; hão de estar demasiado ocupados a rir. E quando tiverem deixado de rir levar-lhes-á só cinco minutos a deitar abaixo as barricadas.

Alguns dos civis obrigados a prestar serviço militar não estavam tão bem dispostos com as perspectivas de combate como estavam os das S.S. Quatrocentos homens do 42.º Batalhão da Volkssturm foram mandados ir para a linha de defesa nos seus trajes civis. O seu oficial comandante disse ao chefe do Partido na zona que não podia aceitar a responsabilidade de empenhar homens em combate sem uniformes, e o chefe do Partido chegou apressadamente a um acordo para a requisição de 180 espingardas dinamarquesas... mas sem munições. O batalhão tinha também quatro metralhadoras e uma centena de bazucas. Nenhum dos homens recebera qualquer instrução de tiro de metralhadora, e quase todos eles tinham receio de manejar a bazuca. Disseram adeus ao seu comandante e foram para casa com a sua bênção. Neste caso, o chefe do Partido era um homem de alguma compreensão; não comunicou a deserção em massa à autoridade superior. Se o tivesse feito, os quatrocentos homens teriam sido perseguidos e enforcados publicamente. Por ordem de Keitel e de Bormann, todos os civis do sector da frente do Oder que desfraldassem «prematuramente» bandeiras brancas à aproximação das tropas inimigas estavam sujeitos à execução.

No entanto, até as deserções das tropas regulares estavam aumentando diariamente. A principal ambição do soldado alemão era a de sobreviver à guerra, e quando olhava para trás para a sucessão de derrotas que a Alemanha sofrera desde o dia D na Normandia, compreendia que a sua melhor possibilidade de sobrevivência era fugir do Exército. A deserção era mais difícil, senão impossível, na frente, por causa dos vigilantes pelotões de polícia e das S. S. que vagueavam pelas zonas da retaguarda, mas entre as tropas que estavam em Berlim e em seu redor — especialmente entre aqueles cujas casas eram na capital — era um jogo de azar atraente. Apesar de tudo, para muitos deles a viagem de regresso a casa era apenas questão de várias centenas de jardas, e o procedimento era simples na confusão militar que era Berlim. Tudo quanto um soldado tinha de fazer era esgueirar-se, dirigir-se para casa, esconder ou queimar o seu uniforme e vestir roupas civis. Alguns dos homens deixavam crescer o bigode ou a barba para se disfarçarem,

outros branqueavam o cabelo para parecerem mais velhos, alguns aleijavam-se voluntariamente com tiros cuidadosamente apontados das suas espingardas.

Se todos os uniformes postos de lado e escondidos nas caves de Berlim tivessem sido reunidos, o Exército podia ter equipado pelo menos uma divisão inteira. Havia no lote bastantes dos «sagrados» uniformes das S. S. para revelar que até esta fanática organização tinha o seu quinhão de derrotistas: as crianças estavam sempre a surgir com punhais de prata das S. S. que tinham encontrado — punhais heroicamente gravados com a inscrição «Tudo pela Alemanha». As autoridades procuravam freneticamente capturar estes desertores por meio de rusgas sistemáticas em casas, restaurantes, estações de caminho de ferro e do metropolitano e abrigos antiaéreos. Mas era uma tarefa fútil, agravada pela hostilidade das famílias dos desertores, que estavam fartas dos ataques aéreos e da propaganda de Goebbels. Esse astuto vendedor de banha de cobra estava ainda prometendo que a Alemanha ganharia a guerra com uma «arma milagrosa», e o povo ria-se dele. «Sim», diziam eles, «a arma milagrosa — a mobilização dos homens de sessenta anos». E gracejavam a respeito da aproximação da horda russa com piadas como «Para a frente de carro eléctrico! ».

Pouco alívio era proporcionado à população pela observação das tropas a marcharem para a frente. Na sua maior parte estes soldados eram um bando relaxado, com a barba por fazer e o passo cambaleante, muitos deles com óculos de lentes grossas, outros usando apenas partes dos uniformes. Velhos da Volkssturm marchavam ou seguiam em camiões ao lado de unidades da Juventude de Hitler, da Força Aérea e da Marinha. E da direção contrária vinham os camiões e ambulâncias cheios com os feridos prostrados, enquanto os feridos que podiam ainda pôr um pé adiante do outro caminhavam vacilantes, de braços ao peito, cabeças ligadas, pernas inutilizadas suportadas por muletas ou bengalas.

No Ministério da Propaganda de Goebbels, em frente da Chancelaria de Hitler, havia um movimento constante. O edifício fora atingido por bombas, e em certos lugares as paredes tinham ruído: todos os dias se verificavam fogos nos vigamentos. Mas nos gabinetes utilizáveis funcionários públicos remexiam enormes montes de uniformes — da Força Aérea, da Marinha, do Exército. Quando eles — homens e mulheres — encontravam uniformes aproximadamente de bom tamanho, tiravam as suas roupas civis no local, envergavam os uniformes e saíam para se juntarem às unidades especiais para as quais tinham sido destinados. À volta deles andavam as mulheres e as famílias do pessoal do ministério, vindas com as suas bagagens e roupas de cama para ali se instalarem

Contudo, a vida continuava, e, em alguns bairros, os negócios continuavam como habitualmente. Jadwiga Urbanowicz estava ainda trabalhando à sua secretária nos escritórios da Companhia de Seguros de Vida dos Empregados Civis Alemães, nos números 59-60 da Knesebeckstrasse, mesmo ao lado da famosa Kurfürstendamm, no bairro de Charlottenburg. Jadwiga olhou pela janela para a manhã soalheira de Abril e encontrou um vestígio de beleza inesperada no verde suave das primeiras folhas despontando nas árvores. Uma vez que não havia mais ninguém próximo, foi forçada a relatar a sua descoberta a uma colega gorda e severa que era membro fanático do Partido.

— Olhe — disse Jadwiga — a Primavera está a chegar finalmente. Não é terrível pensar-se no sofrimento que ainda nos espera?

A mulher da secretária ao lado resmungou.

— Os nossos sofrimentos ainda nem começaram — disse ela. — Teremos de passar pela mais profunda sordidez e ainda muito pior do que isso, como por exemplo o fuzilamento e deportação dos judeus, mas no fim o nosso Führer presentear-nos-á com o nosso paraíso na Terra.

Jadwiga não disse nada. Fora aquela a colega que tentara mandá-la prender poucos dias antes porque entrara no escritório e dissera «Bom dia» em vez de «Heil Hitler». Suspirou; talvez aquela fêmea nazi tivesse razão em desdenhar da Primavera; a vida não era suficientemente alegre para animar alguém a deleitar-se com uma árvore.

Os pensamentos de Jadwiga regressaram ao tempo em que a Knesebeckstrasse, uma das mais belas ruas de Berlim, fora quase inteiramente judaica. Alguns desses moradores judeus tinham fugido em 1933, mas a maior parte deles fora deportada. Ela e outros tinham tentado ajudar as famílias judias, mesmo com risco das suas próprias vidas, mas o infeliz povo marcado com a estrela amarela suplicara-lhes que não o fizessem; isso tornaria as coisas piores para os judeus se fosse conhecido das autoridades. Um cigarro que era «acidentalmente» deixado cair e «acidentalmente» apanhado significava frequentemente o campo de concentração para o achador furtivo. Jadwiga afastou tais pensamentos do seu espírito; não devia arriscar-se a ser apanhada com um semblante melancólico pela sua vizinha nazi. Tentou alegrar-se com a lembrança de que a casa de apartamentos em que vivia, na casa ao lado do escritório, estava ainda de pé, e conseguiu um breve sorriso.

A duas milhas de distância, no Abrigo do Führer, outra mulher estava a mostrar um sorriso muito mais satisfeito, embora fatalista. A amiguinha de Hitler, Eva Braun, chegara sem ser convidada no dia anterior, vinda de Munique, e o Führer, que a princípio lhe ordenara que voltasse para a segurança da Baviera, decidira deixá-la ficar com ele. A Eva fora destinado um apartamento contíguo ao de Hitler no abrigo, e agora, naquele fadado 16 de Abril, instalara-se para viver ou morrer com o seu senhor.

Eva Braun era uma rapariga bonita, com uma pele fresca, que era um pouco mais magra do que o antigo ideal germânico e um pouco mais robusta do que as figuras decretadas pelos costureiros de Paris. Trabalhara para Heinrich Hoffmann, o fotógrafo da corte de Hitler, e fora apresentada ao Führer pelo patrão. O encontro deu lugar ou a uma grande amizade platônica ou a um amor devotado, conforme o ponto de vista das bisbilhotices. Por exemplo, o médico charlatão de Hitler, Theodor Morell, gostava de dizer: «Dormem em camas separadas; não obstante, acredito...» Mas outros da corte insistiam em que, como senhor do Terceiro Reich, como profeta da Nova Ordem, Hitler não podia permitir-se o luxo duma vida amorosa normal. Fossem quais fossem as suas relações, era o segredo mais bem guardado do regime.

Hitler referir-se-ia no seu testamento aos «muitos anos de verdadeira amizade» de que desfrutara com Eva Braun, e cedo mostrou a sua gratidão dando-lhe um rendimento independente na forma dum monopólio, partilhado com Hoffmann, da venda de fotografias do Führer. Sob certos aspectos, a sua devoção por ela parecia quase paternal: preocupava-se com a sua saúde, recomendava-lhe constantemente que experimentasse as pílulas de vitaminas recentemente desenvolvidas, proibia-lhe a utilização de aeroplanos e ordenava ao motorista dela que não excedesse quarenta milhas por hora.

Em troca, Eva Braun dava a Hitler o que ele mais desejava — uma espécie de serenidade da classe média. Não era nem uma sibarita nem uma requintada, mas apenas uma jovem de boas maneiras com uma apreciação convencional da arte; faltavam-lhe as aptidões e o temperamento para desempenhar o papel de Josefina. Agradava, por conseguinte, à própria natureza burguesa de Hitler profundamente radicada, porque, no meio da elegância que o cercava, o que o Führer apreciava mais era o lugar comum. Eva Braun ajudava Hitler a descontraí-lo, acompanhando-o em discussões de arte que eram limitadas pelo conhecimento e pelos gostos de ambas as partes. Nunca foi uma pessoa de influência na sua corte; quer por inclinação quer por precaução, manteve a sua mão e a sua voz fora dos bizantinismos políticos de que estavam saturados os mais altos conselhos nazis.

Hitler também apreciava isso; não poderia ter tolerado uma mulher que acreditasse serem válidas as suas opiniões políticas.

Eva Braun, contudo, ajudou o seu patrono, Hoffmann, quando esse cão fiel do Führer, cuja devoção fizera dele um milionário, foi presa do medieval Bormann. Durante muito tempo fora um motivo de irritação para Bormann que Hitler continuasse acessível aos seus velhos amigalhões dos dias de Munique, e quando Hoffmann foi atingido por um eczema no nariz, Bormann viu a sua oportunidade. Conseguiu obter dum laboratório uma análise falsa que mostrava que Hoffmann fora infectado por um vírus do tifo. Hoffmann percebeu os desígnios do outro, mas não tinha a intenção de deixar Bormann despachá-lo para qualquer exílio no cimo dalguma montanha sob a guarda das S. S. Portanto voou para Viena e consultou aí um médico do Exército, que lhe disse não haver vestígio de tifo no seu organismo. Através de Himmler, Bormann descobriu Hoffmann em Viena, e foi-lhe recusada autorização para voltar a Berlim. Mas Hoffmann conseguiu meter-se furtivamente num avião para a capital, apresentou-se um dia na Chancelaria e pediu para ver Hitler.

Esperou mais de duas horas. Depois um ajudante entrou na antecâmara e avisou toda a gente para se manter sentada — o Führer estava prestes a passar pela sala. Quando Hitler entrou. Hoffmann levantou-se de repente e chamou por ele. Hitler pareceu assustado ao vê-lo.

— Como conseguiste entrar aqui? — perguntou ele. — Estás mortalmente doente!
— Depois o Führer continuou o seu caminho, protegido pelos seus guardas das S.S. Bormann estava ao lado dele; como podia um portador de germes mortais atrever-se a aproximar-se do Führer? Ordenou a Hoffmann que fizesse as malas e estivesse pronto a partir dentro de meia hora.

Enquanto Hoffmann estava a fazer as malas, porém, foi visitado por uma das secretárias de Hitler, obviamente mandada por Eva Braun. Disse-lhe que o Führer o veria nessa noite, ou melhor, às duas horas da manhã seguinte; as horas de trabalho de Hitler eram as duma toupeira. Nessa entrevista Hitler apertou a mão de Hoffmann, mas parecia nervoso.

— Não fales da tua doença — disse ele a Hoffmann. — Sei tudo. Mas é melhor deixares Berlim.

Hoffmann partiu algumas horas mais tarde; através da intercessão de Eva Braun tornou-se um dos poucos homens que jamais tinham escapado à ira de Bormann.

Bormann, evidentemente, estava prosseguindo na sua conspiração para persuadir Hitler a nomeá-lo seu sucessor, mesmo enquanto as primeiras tropas russas atravessavam o Oder. No papel as suas possibilidades eram fracas, pois Hermann Göring fora nomeado para esse glorioso posto por um decreto emitido pelo Führer em 29 de Junho de 1941. Mas, nos anos que haviam decorrido. Göring tinha perdido as boas graças de Hitler devido ao fracasso da Luftwaffe e por causa da extravagância da sua vida privada: no intervalo de visitas apressadas à Chancelaria, Göring assumia o papel dum nobre rural do feudalismo medieval na sua propriedade de Karinhall, onde usava fatos de tweed e boné de cabedal, fazia rodopiar o seu bastão de ouro puro e marfim e passava os dias e as noites caçando e bebendo.

Quanto aos restantes, Bormann sentia sem dúvida que podiam ser manejados; apesar de tudo, como chefe da chancelaria do Partido, era ele o poder político número um no Terceiro Reich. Goebbels, o intelectual quase puro, tinha ambições, mas era do tipo que acharia intelectualmente satisfatório afundar-se com o Führer, e com as suas teorias. Himmler, em tempos um dos exibidos por Hitler como dignos de prêmio, ficara desprestigiado pelos seus fracassos na frente Leste e pelo seu temporário colapso nervoso. Havia todas as razões para Martin Bormann sentir que, com um planeamento cuidadoso e uma manobra astuta, podia empalmar uma posição na pista do lado de dentro com o Führer. Ainda mantinha a sua antiga função como conselheiro privado e administrador financeiro de Hitler, e nessa função e na de senhor do Partido, não só tinha acesso fácil junto do Führer mas também intervinha nos pedidos de audiência de toda a gente exceto de alguns poucos da corte.

Mesmo com a ruína iminente sobre o Terceiro Reich, era talvez lógico que Bormann, e outros da sua laia, estivessem a conspirar tanto para obterem proveito político como a sobrevivência física. É difícil compreender como podia o cérebro sombrio de Bormann conceber uma situação em que o Governo soviético — ou os Aliados Ocidentais — permitissem que o regime nazi se mantivesse, especialmente se estivesse sob a chefia de alguém com o seu cadastro, mas pelo menos as suas reações eram coerentes. É impossível entender, contudo, que nos dias da crise Hitler tivesse desenvolvido todos os esforços para mover a perseguição a um cirurgião obscuro cujo único crime oficial fora o de avisar o Führer contra alguns remédios que estava tomando.

Até Setembro de 1944, o Dr. Karl Brandt fora o cirurgião pessoal de Hitler durante doze anos. Talvez não fosse melhor do que os outros favoritos do Führer, mas parece ter tentado cumprir o seu dever. Um especialista de ouvidos, nariz e

garganta, o Dr. Erwin Giesing, que estivera a tratar Hitler de sofrimentos, reais e imaginários, resultantes da conspiração dos oficiais de Julho de 1944, descobriu que Hitler estava sendo lentamente envenenado pelas pílulas de estricnina e beladona receitadas pelo relaxado Dr. Morell. Convenientemente utilizadas, as pílulas poderiam não ser nocivas — aliviavam de facto as câibras de estômago de Hitler— mas o Dr. Giesing descobriu que o Dr. Morell se limitava a dar uma quantidade de pílulas ao auxiliar pessoal de Hitler, o Sturmbannführer (Major) das S. S. Heinz Linge, e Linge dava-as ao paciente quando ele lhas pedia. Como resultado, Hitler estava tomando muito mais pílulas do que a segurança exigia.

O Dr. Giesing trocou impressões com o Dr. Brandt, e este último verificou com o seu assistente, Dr. Hans Karl von Hasselbach. Os três concordaram em que as pílulas de Morell eram uma ameaça para a saúde de Hitler: a sua pele já se tornara descorada por causa do seu uso. Tendo obtido uma audiência do Führer, o Dr. Giesing e o Dr. Brandt comunicaram-lhe as suas descobertas. Hitler ficou furioso e deu-lhes a sua recompensa: o Dr. Brandt e o Dr. von Hasselbach foram despedidos dos seus lugares, e foi dito ao Dr. Giesing que os seus serviços já não eram precisos.

Nos vários meses que se seguiram, o Dr. Brandt viveu numa relativa obscuridade. Mas no dia em que os Russos atacaram no Oder, foi preso por ordem pessoal de Hitler e arrastado perante um tribunal sumário. Numa carta pessoal para o tribunal, Hitler acusava Brandt de ter perdido a fé na causa: era também alegado que conseguira que a mulher deixasse Berlim e fosse para uma zona que os Americanos estavam prestes a ocupar. «A sua maneira de pensar não é a nossa maneira de pensar», foi dito ao Dr. Brandt por Artur Axmann, chefe da Juventude de Hitler e porta-voz do tribunal, «e tem de sofrer as consequências». O Dr. Brandt foi condenado à morte e mandado para uma cela da morte em Kiel. Não foi por culpa de Hitler que na confusão e incerteza dos últimos dias os amigos do Dr. Brandt conseguiram adiar a execução e, eventualmente, libertá-lo da sua cela.

Enquanto um Führer lunático cuidava assim do seu vulgar jardim do mal, milhares de alemães estavam encontrando a morte e a mutilação na frente do Oder. O Nono Exército do General Busse resistiu tão valentemente quanto o seu número e armas permitiam e repeliu várias tentativas russas para atravessar o rio. Mas o resultado era inevitável. Próximo de Küstrin, um ataque soviético maciço forçou o seu caminho através dos baixos do Oder e avançou para as elevações do outro lado. No Sul, entre o rio Neisse e a fronteira checa, o Primeira Frente Ucraniana do Marechal Koniev rompeu através das defesas do dizimado Quarto Exército, suporte principal do Grupo de Exércitos de Schoerner.

Na travessia de Küstrin e na região adjacente, a Primeira Frente Bielo-Russa do Marechal Zhukov abriu caminho a combater através das tropas alemãs, ultrapassando-as, numa penetração de duas a cinco milhas no primeiro dia. A brecha feita pela primeira ponta de lança de Koniev para o Sul foi rapidamente alargada por ataques repetidos, e ao cair da noite o Segundo e o Quarto exércitos de tanques russos tinham avançado para posições entre duas milhas e meia e nove milhas a Oeste da sua linha de partida. Os tanques russos eram grandes e novos, e a infantaria motorizada seguia avante em camiões novos e em motocicletas novas. Por cima deles estava uma cobertura de aviões russos, e milhares de canhões pesados rugiam em seu apoio.

As façanhas brilhantes para os alemães eram poucas, mas eram inexcusavelmente brilhantes. E a mais brilhante de todas foi talvez a proeza duma unidade mista de rapazes de dezesseis anos e de oficiais milicianos mais velhos, chamada Fliegende Panzervernichtungsbrigade, ou Brigada Móvel para a Destruição de Tanques. Durante doze horas febris de ação, só com seis bazucas para cada grupo de dez homens, esta unidade destruiu ou dispersou vinte e cinco tanques russos T-34. Às onze horas da noite estava finda a contagem individual: a unidade perdera quinhentos dos seus mil homens.

Numa aldeia fumegante, um oficial russo chamado Ivan Krylov entrou numa casa onde encontrou vários cossacos violando duas mulheres alemãs, estando o seu capitão presente. Krylov mandou prender imediatamente o capitão. O capitão, que fora duas vezes condecorado, tentou explicar a Krylov.

— Conhece os nossos costumes — disse ele. — Quando uma localidade é tomada de assalto, os homens têm o direito de fazer as suas próprias requisições individuais. Um cossaco tem o direito, pelo costume, de levar consigo tanto quanto possa carregar no seu cavalo, incluindo mulheres. Não podíamos levar estas mulheres, mas eu não podia proibir os meus homens de as possuírem.

Krylov ouviu pacientemente e ordenou depois que o capitão cossaco fosse levado para um conselho de guerra de campanha. Sabia que o cossaco nunca compreenderia por que razão lhe faziam aquilo.

Em 11 de Abril, cinco dias antes de os Russos lançarem o seu derradeiro ataque ao longo do rio Oder, elementos do Nono Exército dos Estados Unidos, sob o comando do Tenente-General William H. Simpson, atingiram o rio Elba imediatamente a Sul de Magdeburg. Com o Exército Vermelho ainda esperando a sua hora, as forças Aliadas penetraram assim até vinte e três milhas de Berlim.

Imediatamente o General Simpson pediu autorização ao General Dwight D. Eisenhower, Comandante Supremo das forças dos Aliados Ocidentais, para prosseguir o avanço até Berlim. A atmosfera era de entusiasmo, tanto na frente como nos meios governamentais e nas salas de redação dos jornais de Washington e de Londres. Mas Eisenhower indeferiu o pedido de Simpson; em vez disso ordenou ao Nono Exército que se mantivesse no Elba, voltando as suas unidades para o Norte, na direção de Lübeck, e para o Sul, na direção da região montanhosa onde se supunha que os nazis estavam planeando instalar uma última cidadela de defesa desesperada, o chamado Reduto Nacional.

Eisenhower explicou ao Departamento de Guerra Americano que esses objetivos eram de longe mais importantes do que Berlim; além disso, lançar um esforço imediato contra a capital alemã «seria loucura em virtude da situação relativa dos Russos e da nossa própria». Mencionou que as tropas de Simpson tinham estabelecido uma «pequena testa de ponte» sobre o Elba, mas acrescentou; «Tem de recordar-se que só as nossas pontas de lança atingiram esse rio; o nosso centro de gravidade está muito mais atrás.» Com as linhas de abastecimentos muito à retaguarda, qualquer avanço para Berlim só podia ser sustentado à custa da imobilização do resto das linhas aliadas.

Havia um sentimento nas altas esferas de que Eisenhower não estava a ser realista, Heinrich Himmler, sempre pronto a proteger o seu caminho de retirada, não informara o infeliz Guderian de que discutira com o Conde sueco Folke Bernadotte uma rendição separada aos Aliados Ocidentais, mas para os altos conselhos ocidentais esta conversação significava que os Alemães não se oporiam seriamente a um avanço do Oeste para Berlim. Os acontecimentos imediatos não apoiaram este ponto de vista. A 2.^a Divisão Blindada do Nono Exército estabelecera em 12 de Abril essa «pequena testa de ponte» sobre o Elba, mas os alemães lançaram um feroz contra-ataque e a testa de ponte foi abandonada em 14 de Abril. Outra tentativa de travessia pela 5.^a Divisão Blindada ao Norte de Magdeburg foi

impedida quando os alemães dinamitaram a ponte. No entanto, a 83.^a Divisão conseguiu manter uma travessia mais para o Sul.

Nessa ocasião, fosse como fosse, a discussão era acadêmica. Eisenhower já decidira dois meses antes fazer parar as suas tropas no Elba, para aí fazerem a junção com o Exército Vermelho em avanço. Fora uma decisão contra a qual o Primeiro-Ministro Winston Churchill reagira com um protesto veemente, mas Eisenhower mantivera-se firme e era apoiado pelos chefes de estado-maior americanos e, presumivelmente, pelo Presidente Roosevelt.

Como tantas vezes acontece, a sorte da guerra levava Eisenhower a modificar os seus planos. Em meados de Setembro, com Paris libertada e as forças aliadas em movimento por todos os lados, encarara Berlim como seu objetivo final; mas depois da fútil ofensiva alemã das Ardenas e do recomeço do avanço aliado para o Reno, o Comandante Supremo decidira que o assalto da capital nazi era de importância secundária, comparado com uma junção com as forças russas que cortaria a Alemanha em duas. Eisenhower via a sua missão como destinada a acabar a guerra tão depressa quanto possível, e neste contexto Berlim não tinha importância estratégica.

Havia outra consideração principal que dava a Eisenhower muita preocupação. Era ela a mecânica da junção antecipada com o Exército Vermelho, uma operação melindrosa, carregada de perigos de incidente internacional. Já nos fins de Janeiro de 1945 os Russos tinham provado que podia ser muito difícil lidar com eles, e Eisenhower queria ter a certeza antecipada de que os planos para a junção eram claramente compreendidos por ambos os lados. Discutiu o assunto uma noite com o General Omar Bradley, comandante do 12º Grupo de Exércitos. Nessa ocasião as tropas dos Aliados Ocidentais e o Exército Vermelho estavam separados por mais de quinhentas milhas, mas a ofensiva russa de 12 de janeiro estava rolando através da Polónia com destino ao Oder: poderia haver menos tempo do que se pensava. O problema era o de evitar um choque accidental em qualquer encontro com os russos com ambos os lados lançados de cabeça para a frente. Nem Eisenhower nem Bradley tinham muita fé em sinais pré-combinados, nem mesmo na utilização de radiocomunicações com o Exército Vermelho em avanço. Com a frente aliada correndo do Mar do Norte até à Suíça, as probabilidades duma colisão violenta eram assustadoras.

A única solução, concordaram eles, era assentar numa linha visível de demarcação, uma linha onde ambas as forças pudessem ser detidas e mantidas. Decidiram-se pelo rio Elba, que não só corria do Sul para o Norte mas também representava o

último obstáculo principal entre o Reno e o Oder. Onde o Elba se encurvava para Leste, ao sul de Magdeburg, a linha de encontro podia ser estendida ao longo do rio Mulde até à fronteira checa.

Do ponto de vista ocidental, esta linha de demarcação era muito ambiciosa, pois se as forças britânicas e americanas atingissem o Elba ter-se-iam espalhado por um quinto da zona de ocupação da Alemanha atribuída em Yalta à União Soviética. Berlim estava na zona soviética, mas era para ser organizada como uma ilha que seria dividida em quatro sectores iguais e ocupada por todas as quatro potências — a Rússia, a Inglaterra, os Estados Unidos e a França. Dum ponto de vista militar, por conseguinte, tanto Eisenhower como Bradley avaliavam por baixo o seu valor como objetivo dos Aliados Ocidentais, embora ambos estivessem inquietos com o vago arranjo pelo qual os direitos do Ocidente na capital da Alemanha iam ser protegidos. Às forças ocidentais em Berlim ia ser permitido o uso de comboios através da zona russa, desde o limite ocidental em Helmstedt até às cercanias da capital — uma distância de 110 milhas. Não haveria um corredor sob o controle ocidental garantindo o acesso à capital. Para estes dois soldados, o arranjo era comparável a assumir-se a responsabilidade por um sector numa zona de combate sem linha de abastecimentos.

Apesar disso, à medida que as semanas passavam, a disposição de Eisenhower de deixar Berlim aos Russos fortalecia-se. Havia muito mais coisas importantes a fazer do que perder tempo — e homens — num avanço para a capital. No fim de Março, a primeira dessas operações «que deviam ser feitas» era o cerco e redução do Ruhr industrial, essa barriga gorda constituída por cidades tais como Duisburg, Düsseldorf, Essen e Dortmund, e estendendo-se por cinquenta milhas a Leste do Reno. Assim fazendo, o Ocidente não só separaria o Ruhr do resto da Alemanha mas também destruiria uma força alemã considerável concentrada para defender a bacia industrial. Além disso, já então os russos tinham rolado para a frente, para o Oder, apenas a cinquenta milhas de Berlim, enquanto na última semana de Março as forças inglesas e americanas estavam paradas no Reno, a trezentas milhas da capital alemã, com o Elba a duzentas milhas para Leste.

Para além do cerco do Ruhr, Eisenhower tinha os olhos postos na conquista da cidade de Lübeck, muito para o Norte, de modo a levantar uma barreira entre as tropas alemãs da Dinamarca e Noruega e as da Mãe-Pátria. E, evidentemente, havia o fantasma do Reduto Nacional.

Eisenhower estivera a ouvir falar do Reduto Nacional durante varias semanas. Segundo os relatórios dos serviços de informações, os nazis estavam planeando

retirar a nata das S. S., a Gestapo e outras organizações fanáticas para as montanhas do Sul da Baviera, da Áustria Ocidental e da Itália do Norte e defenderem aí indefinidamente os tortuosos desfiladeiros, mesmo depois de o resto da Alemanha se ter rendido. A esperança a longo prazo dos nazis era aparentemente, a de poderem manter-se durante o tempo suficiente para causarem um rompimento entre os Aliados Ocidentais e os Russos e ganharem assim termos mais favoráveis para a sua rendição eventual. Depois havia os temidos Lobisomens, a organização clandestina que iria ocupar-se do terrorismo e do assassinio: Eisenhower cria que a maneira de destruir essa operação era submergir a Alemanha antes de os Lobisomens poderem ser organizados.

Consequentemente, em 28 de Março, Eisenhower pediu à missão militar em Moscou que informasse Stalin dos seus planos estratégicos, incluindo a proposta para deter as tropas russas e ocidentais no Elba. Stalin aceitou o plano imediatamente ... mas Churchill ainda não fora ouvido.

O Primeiro-Ministro britânico também estivera preocupado pelos relatórios dos serviços de informações acerca do Reduto Nacional, e pedira em 17 de Março ao General Sir Hastings Ismay que fizesse verificar pela Comissão de Informações quais as possibilidades de se manter uma última trincheira nazi nas montanhas. Ismay em breve assegurou a Churchill que tal manutenção era improvável em qualquer escala séria, pelo que Churchill pôs de parte o assunto. Mas nessa altura estava importunado por outro problema. Convencera-se de que a União Soviética era um perigo para o mundo livre e de que o Ocidente deveria começar imediatamente a tomar disposições para dominar esse perigo. Queria uma nova frente ocidental forte que penetrasse na Alemanha tanto para Leste quanto possível e, por razões políticas, queria que as torças de Eisenhower tomassem Berlim. Interrogou Eisenhower sobre os seus planos.

A resposta de Eisenhower foi um choque para o Primeiro-Ministro. Além disso ficou aborrecido ao descobrir que o Comandante Supremo já anunciara a sua política no que era, com efeito, uma mensagem direta para Stalin. Churchill entendia que tal comunicação ia além dos limites prescritos para comunicações entre Eisenhower e a União Soviética; o arranjo aprovado pelos Chefes do Estado-Maior Combinado em Janeiro dava a Eisenhower autoridade para comunicar com Stalin sobre assuntos puramente militares; Churchill entendia que, com a guerra a aproximar-se do seu fim, os movimentos de tropas tinham adquirido um significado político que exigia a atenção de chefes políticos. Disso informou Washington, exprimindo ao mesmo tempo a sua desaprovação do plano de Eisenhower de excluir Berlim como objetivo. O Comandante Supremo, mantinha

Churchill, estava enganado em supor que Berlim não tinha significado militar ou político. O «facto dominante nos espíritos alemães da queda de Berlim não devia ser negligenciado», escrevia ele. «A ideia de descurar Berlim e deixar que os Russos a tomem numa fase ulterior não me parece certa». Churchill pedia que fosse pedido aos Russos que adiassem a sua ratificação final do plano de Eisenhower até os Chefes do Estado-Maior Combinado poderem discutir o assunto.

Mas os chefes do estado-maior americano não admitiriam nada disso. A comunicação de Eisenhower com Stalin, disseram eles a Churchill, fora uma necessidade operacional, e se tivesse de haver qualquer modificação do seu plano seria feita pelo Comandante Supremo e não por quem quer que fosse; não dariam ouvidos a qualquer ação que pudesse desacreditar Eisenhower ou diminuir o seu prestígio. Fosse como fosse, acrescentavam eles, a Batalha da Alemanha atingira o ponto em que era prerrogativa bem como dever do comandante em campo julgar que medidas deviam ser tomadas.

Churchill não desistia. Numa mensagem para Eisenhower em 31 de Março defendia mais uma vez o seu ponto de vista acerca de Berlim. «Não considero que Berlim tenha já perdido o seu significado militar e com certeza que não o seu significado político» dizia ele. «Enquanto Berlim permanecer sob a bandeira alemã, não pode, na minha opinião, deixar de ser o ponto mais decisivo da Alemanha.» E numa mensagem no dia seguinte para o Presidente Roosevelt, Churchill perguntava: «Se eles (os Russos) também tomarem Berlim, não ficará a sua impressão de terem sido o contribuinte irresistível para a nossa vitória comum indevidamente gravada nas suas mentes, e não poderá isto conduzi-los a uma disposição que levantará graves e formidáveis dificuldades no futuro?»

Nesse mesmo dia, Eisenhower procurou tranquilizar Churchill. Mantinha-se apegado ao seu plano que excluía Berlim como objetivo imediato, mas disse ao Primeiro-Ministro que «se em qualquer momento se verificasse um colapso em qualquer parte ao longo da frente», os americanos «arrojar-se-iam para diante e... Berlim seria incluída nos nossos alvos importantes». Churchill replicou ser sua impressão que os Russos estavam desejando deixar Berlim «aberta para nós». Notou que, na sua resposta à mensagem de Eisenhower, Stalin declarara: «Berlim perdeu a sua primitiva importância estratégica. O Alto-Comando Soviético tenciona por conseguinte destinar forças secundárias ao avanço na direção de Berlim.» Churchill pediu a Eisenhower que lesse aquilo «à luz do que mencionei nos aspectos políticos. Julgo ser sumamente importante que apertemos a mão aos Russos tão longe para Leste quanto possível».

Churchill poderia ter acentuado que, pelo fim de Março, os acordos a que se chegara em Yalta no mês anterior tinham sido quebrados ou desrespeitados pelos Russos em todos os casos importantes postos à prova da ação. Não obstante os apelos feitos tanto por Roosevelt como por Churchill, os Russos já estavam impondo a composição do novo governo da Polônia, já tinham estabelecido o sistema comunista na Romênia e tinham renegado a sua promessa de permitir aos Americanos utilizar os campos de aviação ocupados em Budapeste.

Mas Eisenhower tinha o apoio dos seus chefes do estado-maior: além disso, as tarefas que ele acreditava terem de ser feitas primeiro fariam o caminho anglo-americano para Berlim muito mais comprido do que o que os russos tomariam. Com o Elba a duzentas milhas para Leste, as tropas americanas ainda tinham de cercar o Ruhr e, ainda que atingissem o Elba antes do Exército Vermelho atravessar o Oder, teriam pela frente uma cintura de cinquenta milhas de lagos, cursos de água e canais entre eles e a capital alemã. O General Bradley calculava que custaria 100000 perdas romper do Elba para Berlim: era, disse ele a Eisenhower, «um preço muito salgado a pagar por um objetivo de prestígio, especialmente quando temos de recuar e deixar o outro parceiro tomar posse».

Em Washington, o sentimento oficial era o de acabar com a guerra tão depressa quanto possível, e o diabo que levasse o prestígio. Ninguém acreditava que os Americanos pudessem ganhar a corrida contra os Russos para Berlim, e, fosse como fosse, qualquer território tomado pelos Aliados a leste do rio Elba teria de ser evacuado mais tarde quando as quatro potências assumissem as suas posições nas suas respectivas zonas de ocupação. Além disso, esperava-se que o auxílio russo seria necessário para submeter os Japoneses no Pacífico, e havia pouca disposição para entrar em qualquer disputa com Stalin sobre os objetivos na Alemanha.

Em 7 de Abril, Eisenhower informou os Chefes do Estado--Maior de que, se depois de tomar Leipzig parecesse que poderia prosseguir para Berlim com um custo baixo, desejaria fazê-lo, mas, dizia ele, «Tenho como militarmente errado, nesta fase das operações, fazer de Berlim um objetivo principal... Sou o primeiro a admitir que uma guerra é empreendida para prossecução de fins políticos, e se os Chefes do Estado-Maior Combinado decidissem que o esforço aliado para tomar Berlim excede seriamente em valor considerações puramente militares neste teatro de guerra, reajustaria com satisfação os meus planos e a minha maneira de pensar de modo a levar a cabo essa operação.»

Depois disso, porém, não há provas de um avanço anglo-americano para Berlim ter sido jamais discutido pelos Chefes Combinados, mesmo depois de as forças

americanas terem atingido o Elba, cinco dias antes do início da ofensiva russa no Oder. Winston Churchill, o profeta prematuro, perdera a sua batalha para persuadir os seus amigos a juntarem-se-lhe olhando para além do horizonte, e o palco estava pronto para a conquista soviética de Berlim.

8

O homem com o uniforme alemão sujo pôs-se de pé a cambalear e ali ficou, no sótão, tentando dominar o seu tremor. «Heil Hitler!», disse a sua voz num trêmulo rouco. O sargento das S. S. avançou um passo para ele e deu-lhe um pontapé na virilha. Assim como a dor o mergulhara no esquecimento, assim também o trazia agora de volta à luz baça do sótão. Havia agora quatro homens: o sargento, um jovem tenente e dois subalternos. O tenente tinha a caderneta roubada na mão e, frio e indiferente, baixava os olhos para o farrapo humano encolhido no chão.

— Ernst Wolf — disse o tenente, calmamente, com o rosto impassível. — Maldito mentiroso. Traidor alemão, espião bolchevista. — Voltou-se para o sargento, fez um gesto, e o sargento apanhou um capote russo do chão, sacudiu-o e segurou-o à sua frente, como a apresentá-lo numa passagem de modelos.

O riso do tenente era triste.

— Senhor mentiroso, o senhor foi visto. Foi visto a tirar o capote quando entrou nesta casa. A tirá-lo e a enfiá-lo no fogão. O seu nome não é Ernst Wolf, mas isso agora não interessa. Agora vais dizer-nos donde é que vieste e o que ias fazer — qual foi a missão que os teus patrões bolchevistas te deram.

Tremendo, com as lágrimas correndo-lhe pela cara abaixo, o prisioneiro começou a falar.

— Não — disse o tenente suavemente — nada de mentiras. Só a verdade. Diz-nos a verdade se queres que nós te ajudemos. É a única maneira. — Lá fora, na cidadezinha de Gorgast, no rio Oder, os grandes canhões entraram de repente outra vez em erupção. O tenente esperou e depois repetiu numa voz mais alta: — Só a verdade... se queres que te ajudemos.

O prisioneiro fitou o tenente, depois desviou os olhos e começou a falar. Fora capturado em Stalingrado: tinham-lhe dito que os Russos haviam capturado noventa e um mil alemães, mas muito poucos tinham sobrevivido à marcha da morte pelas terras geladas até aos campos de prisioneiros de guerra. Um russo dissera-lhe que só tinham sobrevivido três mil ao todo — três mil de noventa e um mil. O russo dissera: «És um dos duros. Vais servir.»

Tinham-no levado para um campo especial; fora-se abaixo com a disenteria vermelha, mas escondera a doença dos seus captores porque não queria ser morto, como os outros. O campo especial era uma «escola» para os «voluntários» alemães. Havia lá um general alemão capturado que lhes falava e lhes dizia que podiam ajudar os Russos porque tinham sido traídos pelos fascistas. Outro oficial alemão — um coronel, pensava ele — lia-lhes proclamações da «Comissão Nacional Alemã» em Moscou. Depois eram rendidos, pelos russos, que lhes gritavam propaganda em alemão e os faziam repeti-la vezes sem conto. Tinham de «confessar» que eram criminosos de guerra; tinham aulas de «autocrítica». Se um prisioneiro não gostava de outro, bastava denunciá-lo, e o traído, que nada fizera nem dissera, era levado e fuzilado.

Passados alguns meses tinham sido trazidos para a frente, ainda com os seus uniformes alemães. A alguns prisioneiros cujos uniformes estavam gastos tinham sido dados outros, tirados das corpos de alemães mortos ou de vivos a caminho da execução. A sua missão era sempre a mesma: vão para a terra-de-ninguém entre as linhas, descubram isto e mais aquilo, não se deixem apanhar pelos fascistas, e toca a andar! Não sabia como conseguira sobreviver tanto tempo. Os prisioneiros alemães não eram autorizados a dar uma vista de olhos a um mapa, e a maior parte era morta pelas minas. Outros eram mortos pelas granadas. Outros eram capturados pelos seus compatriotas.

O seu destacamento atingira o Oder e atravessara-o por uma ponte submersa na água. Fora escoltado até àquela casa da cidadezinha de Gorgast. A sua missão era seguir para Berlim com as tropas alemãs em retirada e descobrir lá tudo o que pudesse acerca dos Lobisomens. Devia esperar até os russos chegarem a Berlim e apresentar-se depois na sua companhia com os nomes dos chefes dos Lobisomens. Tinham-lhe dado uma nova caderneta tirada a um soldado alemão morto; davam-lhes uma nova caderneta de cada vez que tinham um novo trabalho. Tirara o capote russo e metera-o no fogão; tinha a intenção de o queimar, mas ouvira vir alguém e fugira para o sótão. Os alemães estavam a contra-atacar quando o tinham trazido para a casa, e os russos tinham fugido.

O tenente baixou os olhos para ele.

— É tudo?

— Sim, é tudo — disse o prisioneiro. Depois, desesperadamente, com os olhos a saltarem-lhe das órbitas: — Em nome de Deus, por favor, ajude-me!

O tenente disse:

— Vamos ajudar-te. — Voltou-se para o sargento. — Leve-o lá para fora. Dê-lhe... — hesitou. — Dê-lhe algum pão. — O tenente teve um arreganho crispado. — Saiba o nome dele... antes.— O tenente voltou-se e desceu a escada de madeira.

— Vamos — disse o sargento.

O sargento desceu os degraus primeiro, depois o prisioneiro, depois os dois subalternos, cabos. Levaram o prisioneiro para fora de casa, um dos subalternos derrubou-o com um soco na cara e o sargento matou-o com uma rajada da sua pistola-metralhadora. O sargento esquecera-se de obter o verdadeiro nome do homem.

Era assim que as coisas se passavam às onze horas da manhã de 17 de Abril na localidade de Gorgast, no Oder. Tal como as coisas vieram a passar-se, porém, o sargento matara o vira-casacas mesmo a tempo, pois os russos atacaram ao meio-dia e entraram em Gorgast «com pouca oposição». Pyotr Ivanovich Telegin não concordaria com esta expressão do comunicado russo. Quando corria duma casa para outra com o seu pelotão, fora ferido na parte mais gorda da coxa por uma bala de metralhadora. Sentiu primeiro uma picada e depois uma queimadura, mas só subconscientemente se apercebeu disso porque tinha os pensamentos concentrados em chegar à outra casa. Não caiu enquanto não atingiu abrigo, e então, mais do que propriamente uma queda, foi como se se tivesse sentado de repente. Depois de um homem do Corpo Médico ter pensado a ferida de Pyotr e de lhe ter dito que não era nada sério, ficou deitado dentro da casa, durante cerca de meia hora, sozinho. Os outros tinham ido para o centro da localidade. O ferimento podia não ser sério, mas doía. Pyotr pôs-se de pé uma vez para ver se podia andar; podia, e o ferimento não lhe doía mais quando andava do que quando estava deitado, mas a perna parecia estar a inteiriçar-se. Deitou-se outra vez e esperou até o seu sargento vir com outros dois soldados.

— Anda daí — disse o sargento. — Tenho uma surpresa para ti.

Nem o sargento nem os outros soldados se ofereceram para ajudar Pyotr, de modo que ele levantou-se e seguiu-os para a rua, passando por várias casas até chegarem a uma pequena praça. O capitão estava lá, em pé diante de quatro soldados alinhados em sentido. O sargento disse a Pyotr para se pôr na linha. Um aos quatro soldados em sentido tinha um braço ao peito, outro tinha a cabeça ligada, mas os outros dois não mostravam sinais de ferimentos. Pyotr estava satisfeito por o homem do Corpo Médico lhe ter posto uma ligadura em redor da perna, por cima das calças, onde se via.

Pyotr apercebia-se agora de que era uma cerimônia para a entrega de galardões; supunha que era por terem ocupado a cidadezinha cujo nome não conhecia. O capitão fez um discurso chamando-lhes bravos soldados e cruzados socialistas, e mencionou que um dos homens alinhados fora ferido sete vezes; Pyotr não fixou o nome do soldado e não sabia qual deles era. O capitão acabou o seu discurso, chamou cada um dos soldados pelo seu nome para darem um passo em frente e deu a cada um deles uma folha de papel forte, gravada em relevo e com um retrato de Stalin ao alto, por cima da escrita. Era um certificado de recompensa que dizia que Pyotr e os outros tinham sido feridos quando participavam na ocupação da localidade inimiga de Gorgast.

— É por causa de soldados como vocês que a ofensiva está a correr bem — disse o capitão. Pyotr aprendera que os oficiais falavam assim com frequência, quer fosse verdade quer não, mas neste caso a informação do capitão era exata. Ao meio-dia de 17 de Abril, enquanto a resistência alemã alternadamente aumentava e diminuía, as forças do Marechal Zhukov em redor de Küstrin e as do Marechal Koniev para o Sul tinham penetrado entre sete milhas e meia e onze milhas através da linha principal da defesa do Exército Alemão. As forças alemãs estavam, porém, contra-atacando ao longo de toda a linha, e o avanço estava sendo retardado.

Já havia sinais de fraqueza básica dos defensores alemães em diversos sectores. Apesar de uma rede laboriosa de ninhos de metralhadoras construídos em cimento armado e de arame farpado, entrecruzados com um labirinto de trincheiras, o Nono Exército de Busse não tinha homens para conter as hordas invasoras na região de Küstrin-Frankfurt. À medida que as tropas russas avançavam, lenta mas seguramente, deparavam com uma confusão de camiões abandonados, carros Opel e Mercedes-Benz de oficiais, carroças partidas e até velhas carruagens de capota de couro preto — sinais duma retirada rápida e desorganizada, empreendida mesmo enquanto as forças alemãs estavam contra-atacando em outro ponto. No Sul, havia sinais de que as forças de Koniev estavam a virar para o Norte para ameaçar a retaguarda do Nono Exército.

As tropas russas da linha da frente ocupavam-se estritamente com o próprio combate, indo avante e mal dando um relance de olhos pelo que as cercava, mas já os soldados de reserva se iam introduzindo nas cidades e aldeias e colhendo os frutos da conquista. Uma jovem de boa fé chamada Ellen encontrou-se de súbito como vítima desamparada desta busca de espólios. Depois da curta batalha pela sua aldeia, Ellen saíra para a rua para oferecer água a dois soldados russos. Sem uma palavra, os soldados agarraram-na, atiraram-na ao chão e violaram-na à vez. Quando acabaram, ela fugiu para os bosques, onde ficou até ao cair da noite de 17 de Abril. Depois voltou para a aldeia e escondeu-se num celeiro. Duas horas depois foi descoberta pelos mesmos dois soldados que a tinham violado anteriormente e levada para uma casa próxima.

Quando entraram na casa, Ellen viu quatro oficiais russos sentados à volta duma mesa. Correu para eles e caiu de joelhos, suplicando proteção. Os oficiais sorriram e disseram-lhe que se levantasse. Depois levaram Ellen e mais três raparigas para uma casa ao lado e fecharam-nas num pequeno quarto de cama. Passado um bocado, os oficiais voltaram com garrafas de vodka e de aguardente de batata e algumas latas de carne de vaca e de porco. Também tinham um fonógrafo portátil. Ordenaram às raparigas que se lhes juntassem em vários brindes ao vitorioso Exército Vermelho, enquanto um dos oficiais mantinha a girar o único disco no fonógrafo: «Não posso dar-te nada senão amor, querida.»

Noutra localidade, um pelotão de soldados alemães bateu à porta duma casa próxima dum cruzamento. Veio à porta uma mulher, lutando contra o terror que se via na sua cara. Os soldados queriam montar na casa uma metralhadora contra os russos que avançavam. A mulher ficou aterrada; sabia que os russos matavam sempre os civis que albergavam soldados alemães. Mas não sabia como recusar. Foi então que os seus dois filhos, de sete e nove anos, vieram ter com ela à porta.

— Ah, tem filhos? — perguntou um dos soldados. — Tem a certeza de que são seus?

A mulher assegurou-lhe que eram seus.

— Então está muito bem, deixamo-la em paz — disse o soldado. — Não queremos pôr as crianças em perigo.

Duas horas mais tarde, os russos chegaram à mesma casa. Quando a mulher abriu a porta, um dos soldados encostou o cano da sua pistola-metralhadora ao peito dela.

Pôs as mãos no ar, e dois dos soldados revistaram-na à procura de armas. Um deles ia a tirar-lhe o relógio de pulso, mas o outro deteve-o.

— Estamos à procura do seu homem — disse o chefe, um sargento.

— Não tenho homem — disse a mulher. — Foi-se embora. Está na tropa. — Esperava que os soldados não notassem o casaco do marido, pendurado num gancho ao pé da porta, e rezava para que ele se tivesse escondido bem na cave.

Os soldados não disseram nada, mas mandaram-na descer as escadas para a cave, mantendo um deles a pistola-metralhadora encostada às - suas costas. Estava tremendo de medo e rezando para que não encontrassem o marido.

Na cave estava acesa uma lanterna de petróleo, e ao lado dela, de olhos muito abertos, estavam os dois filhos da mulher. Houve um estrépito de gargalhadas atrás dela.

— Crianças! — ribombou o sargento. — Garotos que ainda mal largaram os cueiros. — Passou a sua pistola-metralhadora a um dos soldados e avançou para os rapazes. Meteu a mão na algibeira do dólmã, tirou uma embalagem verde, quadrada, e estendeu-a a um deles.

— Toma lá — disse ele. — Chocolate para as crianças. Bom chocolate alemão.

Os russos deixaram lá a mulher com os filhos, observando-os a tentar partir a barra de chocolate em dois bocados iguais.

O General Heinrici trabalhara durante dois dias num desespero silencioso. O comandante do Grupo de Exércitos do Vístula (agora chamado Weichsel, como se isso importasse) passara as longas horas, desde o lançamento da ofensiva russa do dia 16 de Abril, tentando freneticamente tapar os buracos abertos pelos blindados vermelhos. Agora, na noite de 18 de Abril, estava assediado por um sentimento de desalento. A Oeste de Küstrin, menos de vinte milhas a Leste de Berlim, os ataques russos tinham quebrado a resistência alemã e forçado a recuar a ala Norte do Nono Exército. E, se é que isso importava agora, provara-se que Hitler estava em erro na sua insistência de que os russos se dirigiriam para Praga. As forças de Koniev, no Sul, tinham mudado de direção através dos elementos em retirada do Quarto Exército Alemão, a Oeste do rio Neisse, e estavam avançando para Noroeste seguindo um caminho que levaria à retaguarda do Nono Exército.

Nos intervalos das salvas de artilharia pesada e dos silvos dos mísseis dos lançadores múltiplos de foguetes conhecidos por «órgãos de Stalin», a horda russa divertia-se atirando rajadas de propaganda às tropas alemãs: «Camaradas, venham daí; esta noite temos goulash com talharim!» «Venham até cá, que nós mandamos-vos voltar para os vossos lares e famílias!» «Sentem-se sós? Em Leningrado milhares de belas raparigas estão a abrir as pernas para vocês!»

Mas o braço político do Exército Alemão interpunha-se entre tais convites e o soldado alemão. Comandos de busca da polícia militar e pelotões especiais das S. S. arrebanhavam os errantes e os fugitivos e levavam-nos a julgamento perante conselhos de guerra volantes que raramente se atreviam a pronunciar qualquer sentença mais leve do que o enforcamento. Atrás da frente, as árvores eram um espetáculo horrível com os seus corpos oscilando, decorados com letreiros: EU NÃO OBEDECI AO MEU COMANDANTE e EU ERA DEMASIADO COBARDE PARA COMBATER. Não interessava aos executores que a luta fosse quase fisicamente impossível em face do que se tornara muito parecido com uma retirada geral.

Era óbvio para Heinrici que o Nono Exército tinha de ser retirado da frente do Oder e encaminhado para o Norte de Berlim; se assim não fosse, seria cercado e exterminado. Certamente aqueles fanáticos que rodeavam Hitler compreenderiam isso. Heinrici telefonou para Krebs e pos-lhe rudemente o caso. Mas o Chefe do Estado-Maior não via as coisas dessa maneira. Tinha ordens para não ver; Hitler ordenara que o Nono Exército mantivesse a sua posição e atacasse para o Sul, de modo a colmatar a brecha nas linhas alemãs, aberta pelo avanço de Koniev no Neisse. Entretanto, o Grupo de Exércitos de Schoerner devia atacar do Sul para assegurar a conexão da frente alemã.

Heinrici estava incrédulo; sabia que o Grupo de Exércitos de Schoerner não estava em condições de atacar — já muito bom seria se conseguisse fazer uma retirada ordenada. Tentou entrar em contato pela rádio com o quartel-general de Schoerner, mas não conseguiu. Mandou um correio buscar as más notícias, as quais eram que o Quarto Exército estava tão castigado que era impossível organizá-lo para um ataque.

Havia só uma coisa a fazer, e Heinrici dispôs-se a fazê-la. Desobedeceria mais uma vez a Hitler e ordenaria ao Nono Exército que retirasse; naquelas terríveis circunstâncias, Heinrici sentia pouca preocupação pelas consequências. Tudo o que sabia era que poderia salvar o Nono Exército se pudesse retirá-lo agora para uma posição a Norte de Berlim, onde poderia ser restabelecido contato com o Terceiro

Exército de Tanques de Manteuffel e organizada uma frente entre os rios Elba e Oder.

Quando, porém, telefonou a Busse, este mostrou-se obstinado. Busse disse que lhe fora ordenado por Hitler manter-se no Oder, e recusou-se a desafiar o Führer. Heinrici tornou a ligar para Krebs. Acusou Krebs de estar a enganá-lo a respeito do alegado ataque de Schoerner do Sul. Krebs ficou frio, quase indiferente. «O Führer ordenou que o Nono Exército combata onde está», disse ele. «O Führer conta com o Nono Exército.»

A declaração era uma ilustração de quanto se afastava Hitler da realidade. A sua disposição alternava entre o optimismo e a depressão, mas nunca considerava uma retirada fosse onde fosse. Na verdade, tinha agora o que considerava um novo e poderoso instrumento contra as forças que o assediavam. O seu nome era o Décimo Segundo Exército, e era novo, embora não poderoso. Fora organizado durante a primeira semana de Abril sob o comando do altamente competente General Wenck, que se recompusera da fratura de crânio sofrida no desastre de automóvel em Fevereiro. O jovem Wenck, que servira com tanta distinção como ajudante de Guderian, estava agora mourejando com o objetivo de organizar o Décimo Segundo Exército com os últimos corpos de pessoal de alto nível que restavam à Alemanha. A sua base era constituída por cadetes de várias escolas de oficiais e pelos membros mais jovens e mais vigorosos do Serviço de Trabalho. No papel, era constituído por uma divisão de tanques, uma divisão blindada de infantaria e cinco divisões de infantaria convencional.

O Décimo Segundo Exército era destinado a um sector ao longo do Baixo Elba, e encarregado de resistir ao avanço ocidental nessa região. A sua frente estendia-se ao longo de cem milhas, começando ao Sul de Magdeburg e correndo para o Norte, para além dum ponto cinquenta milhas a Oeste de Berlim. A apreciação de Hitler das capacidades do Décimo Segundo Exército era fantástica; ainda antes de ter sido recrutado o primeiro homem para aquela nova força, ordenara a Wenck que rompesse as linhas americanas e libertasse o Grupo de Exércitos de Model, que estava engarrafado na bacia do Ruhr a algumas centenas de milhas de distância. Mas o Grupo de Exércitos de Model rendeu-se enquanto Wenck estava ainda agrupando o seu novo exército.

Protegido tanto pelo seu formidável abrigo como pelos adutores que o rodeavam, Hitler podia manter a sua negligência lunática para com o destino que alcançava Berlim. Mas para o berlinense médio os factos da vida ficavam vivamente gravados. Agora, em 19 de Abril, o primeiro alarme de tanques silvava através das

ruas; tinham aparecido tanques russos a Sul da capital. A cidade, de população um pouco abaixo de três milhões de habitantes (reduzida dos quatro milhões e meio de antes da guerra pelos expurgos antissemitas e pelos bombardeamentos aliados), tornara-se um enorme e confuso manicômio. Milhares de civis enchiam os carros eléctricos e os comboios, e apinhavam as ruas, tentando fugir para o Ocidente. Outros milhares amontoavam-se nos abrigos contra ataques aéreos, nas caves e nos túneis do metropolitano. Refugiados do Leste, exaustos, esfomeados e doentes, procuravam por todos os lados assistência oficial. Berlim era uma cidade de terror latente e de irônicos contrastes.

Entre os que saíam estava Christian Clemens, proprietário do estabelecimento de bebidas do Alt-Moabit, com a sua mulher e a sua linda filha loira, Hansi. Amontoaram-se num dos últimos comboios a deixar Berlim, em 18 de Abril. Por causa dos ataques aéreos e dos desvios, o comboio levou catorze horas a arrastar-se para fazer o percurso até Rathenow, apenas a cinquenta milhas a Oeste de Berlim, onde vivia a avó de Hansi. Aí podiam ouvir os canhões das tropas americanas no Elba, a menos de vinte e cinco milhas de distância, e sentiram-se reconfortados com a perspectiva de caírem nas mãos dos bondosos «Amis».

Aos que ficavam, quer por escolha fatalista quer por não poderem sair, Berlim proporcionava pequenas amostras de normalidade que apenas acentuavam a pesada atmosfera da cidade. Todos os dias havia mais uma estação telefônica posta fora de serviço pelos bombardeamentos, mas na terceira semana de Abril ainda havia dezesseis estações funcionando, e em diversas zonas da cidade todas as manhãs os cidadãos ficavam intrigados ao descobrir que podiam ainda falar pelo telefone. A Gestapo, evidentemente, estava a fiscalizar as linhas — numa base de verificação local — e gravava fielmente tanto o trivial e o mundano como o suspeito.

Uma das vozes, a duma dona de casa, era queixosa:

— Pelo amor de Deus, como é que posso eu cozinhar azedas (uma planta cujas folhas têm um suco ácido)? Fervo-as simplesmente? Junto-lhes um pouco de vinagre, diz você? Quem haveria de pensar que ainda havíamos de comer azedas!

Uma voz de homem, rápida e em tom de negócios:

— A minha mulher pediu-me para lhe lembrar que lhe prometeu os reposteiros do seu estúdio, no caso de estar agora a tirá-los. Está a pensar em mandá-los tingir imediatamente.

Uma voz de tom oficial, dum telefone em nome dum funcionário menor nazi:

— Tenho a notícia duma fonte de confiança de que ainda não está tudo perdido. Não posso dar-lhe quaisquer pormenores pelo telefone, evidentemente.

Outra voz oficial:

— Digo-lhe confidencialmente. Vou-me embora.

Berlim estava obviamente a continuar a sua vida, apesar de, desde Setembro de 1944, a Real Força Aérea Inglesa ter lançado 42 825 toneladas de bombas sobre a cidade, e os Americanos 28 268. Uma jovem chamada Anna, gerente em tempo de paz de um estúdio fotográfico, descobriu que uma loja na Berlinerstrasse, em Zehlendorf, ainda tinha à venda, para quem tinha senhas de racionamento, algum leite magro e azulado; utilizou a sua última senha para encher uma garrafa da vasilha em cima do balcão. Já azedara, mas bebeu-o mesmo ali. O dono da loja disse-lhe que quando os russos chegassem a Berlim confiscariam todas as reservas de alimentos.

— Vão matar-nos à fome metodicamente, de modo a nunca mais sermos capazes de combater — disse ele. — Na Pomerânia estão a comer erva.

Anna percorreu vários quarteirões num carro eléctrico, maravilhada por descobrir que ainda estavam em funcionamento. Era um velho carro, com duas rodas avariadas que o forçavam a andar aos solavancos como um camelo mecânico, mas por outro lado tinha um ar de normalidade — a condutora gritava com os passageiros do mesmo modo que em tempo de paz e os homens ocupavam a maior parte dos assentos.

Quando chegou a casa descobriu que não havia água, de modo que tomou um banho de esponja com água-de-colónia.

Ursula Kroll, uma enfermeira do Exército, de vinte e três anos, voltou para Berlim em 17 de Abril, vinda dum hospital militar que fugira do inimigo, primeiro em solo russo e depois em solo alemão. Estava destinada a um hospital instalado no outrora grandioso mas agora destroçado Estádio Olímpico de Hitler; originariamente o hospital fora instalado para cuidar de quatrocentos doentes, mas a Fräulein Kroll encontrou novecentos apinhados nas suas enfermarias e toda a gente trabalhando catorze a dezoito horas por dia. Mas pelo menos podia viver com os seus pais no número 28 da Am Langen Weg, em Staaken. Isto é, vivia na cave com eles; o pai

instalara camas e uma cozinha portátil no abrigo da cave, e era confortável, embora um pouco húmido. Caminhando pela rua, a Fräulein Kroll ouviu duas mulheres discutindo o inevitável — o que seria quando viessem os russos.

Uma delas dizia:

— Oh, há de ser duro para nós, mulheres. Os bolchevistas violam tudo o que veste uma saia.

A outra riu-se.

— E daí? Vamos lá a ser francas... Aposto que não há nem uma virgem no nosso abrigo antiaéreo.

Poucos berlinenses achavam conforto nas garantias estafadas dos cabeçalhos dos jornais. O Panzerbar (o «Urso Blindado»), a última folha de propaganda do Dr. Goebbels, destilava ao mesmo tempo confiança e uma espécie de intimidação para com os Ingleses: «O Reich Está em Jogo — Berlim Será Fiel a Si Própria e ao Seu Passado» e «Uma Vida de Escravo Negro Não é Objetivo para Nós». O Panzerbar admitia que o inimigo estava avançando, mas acrescentava apressada mente que estavam em marcha reforços alemães.

De entre os cortesãos de Hitler, Goebbels era talvez o último que ainda tinha esperança em que o Führer, fosse como fosse, aparecesse com qualquer coisa que pudesse salvar Berlim e o Terceiro Reich; a esperança era frágil, mas agarrava-se a ela. Os outros, porém, havia já algum tempo que contemplavam um futuro que excluía Hitler e os punha a si próprios em papéis de chefia. Göring ainda encontrava consolação no antigo decreto nomeando-o sucessor do Führer, e Bormann estava certo de conseguir arranjar as coisas doutra maneira. E agora até Heinrich Himmler, Der Treue Heinrich — o fiel Heinrich — estava ouvindo cautelosamente vozes que lhe sugeriam grandes recompensas se Himmler pudesse endurecer-se para cometer o que ele considerava um ato de traição contra Adolf Hitler. As vozes eram a do General Walter Schellenberg, chefe das informações das S. S., e há muito tempo ajudante e confidente de Himmler, e a do sonso e enfatuado Conde Lutz Schwerin von Krosigk, Ministro das Finanças de Hitler.

Schellenberg, o oportunista, vituperava o extermínio dos judeus, não por quaisquer escrúpulos humanitários mas porque não podia ser levado a cabo in toto; uma vez que dois terços dos judeus do mundo estavam fora de alcance, a política nazi quanto aos judeus era, pensava ele, uma tolice. O seu ponto de vista era o de que o

Partido Nazi, enquanto conduzia a guerra com toda a sua energia, devia fazer tudo o que pudesse fazer-se para se manter razoavelmente bem-visto pelos anglo-americanos, para o caso de chegar a hora de negociar um acordo de paz. Para este esforço, se viesse a verificar-se a sua necessidade, Schellenberg via Himmler surgir como sucessor do Führer, não por Himmler ser o melhor qualificado mas porque, como superior de Schellenberg, o Der Treue Heinrich ficaria então em posição de cuidar de Schellenberg. Cautelosamente, ao longo dos compridos meses da guerra. Schellenberg foi fazendo alusões frequentes ao seu grandioso plano, junto do seu senhor. Himmler fazia calar ocasionalmente Schellenberg com protestos da sua imorredoura lealdade ao Führer, mas em outras ocasiões deixava-se ficar silencioso, e Schellenberg sentia-se encorajado por esse silêncio.

Em Fevereiro de 1945, Schellenberg estava suficientemente confiante para combinar um encontro entre Himmler e o Conde Folke Bernadotte, quando Bernadotte viesse a Berlim como representante da Cruz Vermelha Sueca. Bernadotte estava desejoso, e até ansioso, de agir como intermediário em negociações de paz com o Ocidente, mas insistia em que não podia fazê-lo a não ser autorizado por Himmler. Este carrasco — homem de negócios, porém, estava estranhamente indeciso; não podia agir por trás das costas de Hitler. «Jurei lealdade a Adolf Hitler, e como soldado e como alemão não posso renegar o meu juramento», dizia ele. Todavia, Himmler permitia-se frisar as incongruências ineficientes da corte de Hitler. O Führer, dizia, passava a maior parte do seu tempo estudando desenhos arquitetônicos em preparação para o dia em que reconstruiria as cidades da Alemanha, e Göring estava a viciar-se com drogas enquanto se refastelava indolentemente na sua casa de campo.

Mas Himmler estava obviamente interessado em fazer negócio com o Ocidente — se pudesse ser encontrada uma maneira segura; a saber, uma maneira pela qual não corressem perigo as suas relações com Hitler. Entretanto, encorajava Schellenberg a persistir nos seus argumentos de que ele, Himmler, era o sucessor lógico no trono classe-média de Hitler.

Agora, enquanto os berlinenses fugiam pelas ruas com o alarme de tanques de 19 de Abril soando aos seus ouvidos, Himmler acedia às insistências de Schellenberg e encontrava-se com Schwerin von Krosigk. O manhoso Conde pôs o assunto a Himmler cautelosamente: o povo alemão continuaria a sua heróica resistência desde que lhe fosse concedida uma pausa, e a maneira de conseguir essa pausa era concluir um acordo de paz com o Ocidente. Himmler parecia interessado, mas estava ainda perturbado pela necessidade de encontrar uma maneira segura de o

fazer. Schwerin von Krosigk oferecia uma variedade de escolhas — o Papa, o Chefe do Governo português, a Cruz Vermelha, a alta finança internacional.

Quando Himmler mencionou Hitler, a voz de Schwerin von Krosigk tornou-se delicadamente comercial. O Führer era um homem inteligente; certamente compreendia a situação. Himmler não estava certo disso. Conhecia Hitler melhor do que os outros, e ouvira o Führer denunciar os derrotistas. Talvez fosse melhor esperar; tinha a certeza de que Hitler tinha algum plano, alguma arma secreta que daria a vitória ao povo alemão.

Mais uma vez Himmler se recusava a dar aquele passo decisivo, não porque não saboreasse um futuro papel como salvador da Alemanha, mas porque ainda tinha medo de Hitler. Schellenberg e Schwerin von Krosigk ficaram desapontados mas não derrotados. Himmler ainda não estava pronto, mas estava enfraquecendo; desejava fazer aquilo a que o incitavam. Era um homem que podia ser conquistado.

9

Do Leste, do Norte e do Sul, as tropas russas convergiram para Berlim num avanço desordenado mas inexorável. Quase casualmente, as colunas que rolavam rapidamente iam cosendo os pontos de uma bolsa para o Nono Exército do General Busse, condenado pelas ordens de Hitler a manter na frente do Oder uma linha que o inimigo ultrapassara.

O Führer podia arengar sobre a não retirada, mas às primeiras horas da manhã de 20 de Abril o comando militar acima de todos do Terceiro Reich, o O. K. W., teve subitamente de enfrentar um problema que era assustadoramente pessoal. O seu quartel-general em Zossen, vinte milhas ao Sul de Berlim, estava diretamente no caminho do avanço russo. Um estado-maior de escol estava ainda estacionado na Bendlerstrasse, em Berlim, agastadamente guardado pelo bom Almirante Stiegel, mas o mecanismo que fazia do O.K.W. um instrumento de defesa utilizável estava em Zossen. E os russos estavam em Luckau, apenas a quarenta e cinco milhas para o Sul. e rolando depressa.

O O. K. W. tinha o que era referido nos documentos oficiais como a sua última reserva de combate, um esquadrão de 250 homens com pesado equipamento de infantaria. Não havia nada a fazer senão mandá-lo para o Sul para travar combate, ou pelo menos para se empenhar numa ação de retardamento, com as centenas de tanques que constituíam a ponta de lança do avanço do Exército Vermelho.

O primeiro relatório do pequeno grupo chegou às seis horas da manhã: «Aproximadamente quarenta tanques russos ultrapassaram-nos. Atacarei às sete horas.»

Duas horas mais tarde chegou um segundo relatório: «Ataque falhou: sofridas pesadas perdas. As nossas patrulhas de reconhecimento de tanques informam continuar avanço dos tanques inimigos para Norte.»

Não ficara ninguém para defender o quartel-general do O.K.W. Lutando para manter a sua voz firme, o General Krebs telefonou para o Abrigo do Führer a pedir autorização para evacuar o local. Foi-lhe recusada. Periodicamente durante a manhã de 20 de Abril, o Chefe do Estado-Maior renovou o seu pedido sem êxito. Foi a Berlim pedir pessoalmente a Bormann para aprovar a evacuação, mas Bormann mal pareceu ouvi-lo.

Krebs voltou a Zossen para descobrir o tenente que comandara a reserva de combate à sua espera. O tenente tinha consigo vinte soldados — era tudo quanto restava da sua força. Pior ainda, os russos tinham tomado Baruth, a menos de quinze milhas de Zossen, e tinham avançado até um ponto apenas a sete milhas ao Sul do quartel-general do O. K. W.

Agora Krebs estava frenético. Pegou num telefone e ordenou ao seu ajudante, Freytag-Loringhoven, que pegasse noutro. Outros agarraram nos restantes quatro telefones e juntaram-se num apelo em massa para o Abrigo do Führer. Falaram com quem quer que puderam encontrar — Bormann, o General Burgdorf, o General Eckard Christian, subchefe do estado-maior da Luftwaffe — e finalmente, à uma hora da tarde, com os tanques russos roncando ao longe, foi dada autorização ao O. K. W. para mudar o seu quartel-general para Krampnitz, perto de Potsdam, a Sudoeste de Berlim.

Não havia tempo para uma partida ordenada. A maior parte dos homens levou apenas os papéis que tinha consigo, mas alguns arquivos foram carregados nos veículos que esperavam. Quando se afastaram, o quartel-general era um convite aos bandidos militares. O cofre do General Krebs fora deixado com a porta aberta,

e ninguém se incomodou a fechar o quartel-general. Os grandes portões de entrada para o conjunto de edifícios moviam-se com o vento. Os mapas estavam ainda nas paredes e havia papéis espalhados pelo chão. O maior serviço de telefone e teletipo da Alemanha estava ainda funcionando quando o último homem partiu; os russos, se quisessem, podiam pegar num telefone e conversar com Adolf Hitler no seu refúgio debaixo do chão.

Considerando a atmosfera lunática do Abrigo do Führer, talvez seja compreensível que as súplicas de Krebs para salvar o seu quartel-general hajam deparado com tal indiferença, pois nesse dia 20 de Abril os ocupantes do mais famoso buraco na terra do mundo estavam preocupados com outro acontecimento. Era o quinquagésimo sexto aniversário de Adolf Hitler. Krebs notara isso com a manifestação de reverência apropriada na sua rápida ida à corte nazi; felizmente, porém, o Abrigo do Führer estava tão apinhado de pessoas joviais e verbosas, que conseguira escapular-se de regresso ao seu quartel-general em perigo depois de um mínimo de medidas e rapapés.

Era a última reunião da Velha Guarda Nazi, desses expeditos e em alguns casos devotados paladinos que tinham conseguido sobreviver às brutais idiossincrasias do regime. Amontoavam-se à volta do Führer —Goebbels, Göring, Himmler, Speer, Ribbentrop. Do Norte viera o Grande-Almirante Dönitz, para se juntar a Keitel e a Jodl na obediência dos militares. Com os russos martelando os subúrbios de Berlim, a confiança de Hitler mantinha-se inabalável; os russos, disse ele às suas visitas incrédulas, «iam sofrer a mais sangrenta de todas as suas derrotas diante de Berlim». O General Karl Koller, Chefe do Estado-Maior da Luftwaffe de Göring, não pôde resistir a deitar um rápido relance de olhos ao seu chefe, mas Göring não se arriscava a ser apanhado, nem mesmo nesse pequeno descrédito da predição do Führer.

Acima do solo, na Nova Chancelaria, uma delegação da Juventude de Hitler aguardava, de olhos muito abertos, uma audiência com Hitler. A Chancelaria fora flagelada pelos ataques aéreos e a maior parte das suas salas estava inutilizável, mas uma horda de servidores conseguira, por meio de uma apressada restauração constante, manter o imenso salão diplomático. Ali estavam os rapazes de doze e de dezesseis anos confortavelmente sentados à beira das suas cadeiras, enquanto lhes era servido chocolate quente pelos eternos criados de libré refulgente. Passeando de um lado para o outro, havia jovens oficiais das S. S. nos seus ricos e bem ajustados uniformes, alguns deles com copos de whisky na mão, outros provando o champanhe e o caviar. Aqui e ali uma mulher de braços nus erguia uma taça num

brinde; uma delas era a elegante Baronesa von Varo, casualmente uma convidada frequente no abrigo da S. S.

Daí a pouco veio juntar-se aos jovens Arthur Axmann, seu chefe e fundador, e foram guiados para o jardim da Chancelaria com a sua tralha bem arrumada de pequeno equipamento militar. E então a porta de saída do Abrigo do Führer abriu-se e Adolf Hitler encaminhou-se lentamente para eles, coxeando como se uma perna fosse mais curta do que a outra, com os olhos cansados e vidrados. Para os rapazes daquele jardim das traseiras Nacional-Socialista, o Führer devia ainda parecer uma figura magnífica, mas em qualquer esquina de rua do mundo Adolf Hitler teria sido tomado por um amanuense dos correios aposentado.

Hitler percorreu a formatura, parando aqui para puxar uma orelha, ali para beliscar uma bochecha rosada, agradecendo às suas crianças os seus esforços no interesse da mãe-pátria, com os modos fatigados de um tio. Havia condecorações para todas essas crianças meio assustadas que eram tão gabarolas nas ruas, mas Hitler não as pregou pessoalmente nos seus dólmãs; deixou essa tarefa fatigante a um ajudante. Depois, com um lânguido aceno, voltou para o seu refúgio.

Aí chegara o momento de tentar discutir as realidades com o Führer. Um a um, os seus cortesãos salientaram os factos geográficos da crise: os russos enxameavam por todos os lados do país e dentro de poucos dias cortariam a última via terrestre para o Sul. Todos os ministros iam para o Sul; Hitler devia fazer as malas imediatamente e partir para o seu retiro no Obersalzberg, próximo de Berchtesgaden, nos Alpes Bávaros, a fim de não pôr em perigo a sagrada pessoa do fundador do Terceiro Reich. Devia partir agora, enquanto a partida era possível. Mas Hitler não tomaria uma decisão imediata; não tinha a certeza de vir alguma vez a deixar Berlim. Não obstante, tomaria as providências necessárias para assegurar a continuidade da resistência. Concordou em que era agora tempo de executar o seu decreto de dez dias antes, estabelecendo comandos separados no Norte e no Sul no caso de o Reich ser cortado ao meio. O Grande-Almirante Dönitz foi nomeado para comandar as forças do Norte, e o Marechal de Campo Albert Kesselring comandaria no Sul. Foram dados plenos poderes militares a Dönitz, mas Kesselring teria de esperar até Hitler decidir se se mudaria ou não para o Sul.

— Não estou indeciso — assegurou Hitler aos seus visitantes. — Bem sabem que às vezes adio uma decisão, mas quando a tomo não há nada que me possa desviar dela. Decidirei mais tarde o que farei.

Os outros já tinham tomado as suas resoluções, excetuados os chefes militares no ativo, que não tinham escolha. Logo que a conferência acabou. Himmler partiu para Hohenlychen, a Noroeste de Berlim, onde a sua chegada era esperada pelo seu médico e conselheiro político, Gebhardt, na sua deslumbrante clínica. Göring superintendeu pessoalmente no carregamento de meia dúzia de camiões com saque diverso e partiu para o Obersalzberg; designou os generais da Luftwaffe Koller e Christian para ficarem em Berlim e manterem o contato com o quartel-general de Hitler. Ribbentrop esgueirou-se para o Norte, juntamente com Dönitz, este último cheio de planos para negociações com o Ocidente.

Bormann e Goebbels ficaram — Bormann porque a única maneira de poder impor a sua vontade nos acontecimentos era ficar ao lado do Führer, Goebbels porque o seu ser era uma mistura confusa de lealdade a Hitler e de dependência dele. Além disso, havia ainda a possibilidade de os Aliados Ocidentais e os russos se desavirem, e Goebbels esperava credulamente tornar-se Ministro dos Negócios Estrangeiros no governo alemão que emergiria dessa briga monumental.

Decerto, nessa altura, Goebbels já tinha pouca ou nenhuma esperança no regime nazi. Fizera obedientemente um discurso de propaganda agressiva na noite de dezanove, mas agora voltava a fúria de um homem derrotado contra o seu próprio pequeno mundo, o Ministério da Propaganda, e contra todos os que, por toda a parte, tinham «traído» os «ideais» dele. Dando entrada na sua conferência regular com o pessoal do seu estado-maior, com as sereias soando aos seus ouvidos, olhou à sua volta com ódio nos olhos. Apenas podia ver indistintamente; as janelas do seu gabinete estavam entaipadas e, uma vez que a eletricidade faltara nessa manhã, havia apenas na sala a luz bruxuleante de velas. Abruptamente, Goebbels disse ao seu auditório que chegara o fim. Mas não era por culpa de Hitler; ele fora atraído pelo resto do mundo, até pelo povo alemão ao qual tentara dar um magnífico destino. — O povo alemão, o povo alemão! — berrou ele. — Que pode fazer-se com um povo cujos homens nem sequer lutam quando as suas mulheres são violadas?! Todos os planos, todas as idéias do Nacional-Socialismo são demasiado elevados, demasiado nobres, para um tal povo. No Leste fogem como coelhos, no Oeste impedem os soldados de combater e acolhem o inimigo com bandeiras brancas. Merecem o destino que desce agora sobre eles.

Fez uma pausa e fitou os rostos à sua volta, como se tentasse destruir a fraqueza que neles via. — Mas não tenham quaisquer ilusões, meus senhores. Nenhum de vós foi forçado a seguir-me — tampouco como forçámos o povo alemão. O povo deu-nos o seu mandato. E os senhores... porque trabalharam comigo? Agora vão ter as insignificantes goelas cortadas!

Pôs-se de pé e encaminhou-se para a porta, depois voltou-se.

— Mas quando nós descermos, todo o mundo há de estremecer!

Isto era um horrendo festim para os bichos da terra, mas pelo menos num caso já Goebbels abrandara nos seus planos para a destruição do fraco povo alemão. Speer levava-o à parede numa longa conversação privada e persuadira-o a revogar o seu decreto ordenando a destrui o de mais de cem pontes na zona de Berlim. Speer argumentara que tal ato deixaria os berlinenses a morrer de fome, dado que impediria as remessas de alimentos. Além disso, Speer também persuadira Goebbels, no seu papel de Gauleiter de Berlim e por conseguinte suprema autoridade na sua defesa, a ordenar   Volksturm que combatesse fora da cidade, não dentro dela.

Albert Speer andava muito atarefado. A sua sabotagem da política de terra queimada de Hitler funcionara bem; por todo o país, os militares, a seu convite, tinham deixado intactas as instalações vitais para o dia em que a Alemanha pudesse levantar-se outra vez. Quando chegou a Berlim para dar felicitações de aniversário ao Führer, tinha consigo um discurso que escrevera duas semanas antes e que tencionava radiodifundir ao povo alemão num momento de clímax. A essência do discurso era que a guerra estava perdida e que o povo devia entregar aos Aliados, indenes, todas as fábricas, oficinas e instalações industriais, tal como todos os campos de prisioneiros e de concentração com os seus ocupantes. Também ordenava a cessac o de todo o terrorismo e sabotagem pelos Lobisomens.

Quando voou para Hamburg na tarde de 2o de Abril, Speer conferenciou imediatamente com o gauleiter daquela cidade, Karl Kaufmann. Após delinearem planos para salvarem os recursos físicos de Hamburg que restavam, os dois acordaram em que Speer gravasse o seu discurso para uso futuro, numa estac o de rádio de Hamburg. Speer estava embaraçado, mas concordou em fazer a gravação na presença de dois funcionários que juraram manter segredo; era uma precaução lógica no caso de alguma coisa lhe acontecer. Speer deu a gravação a Kaufmann com instruções para ser radiodifundida na eventualidade da sua prisão ou morte e, em qualquer caso, logo após a morte de Hitler.

O Terceiro Exército do General von Manteuffel, na parte Norte da frente, era antecipadamente inadequado para a tarefa de deter a ofensiva lançada pela Segunda Frente Bielo-Russa de Rokossovski em 20 de Abril. Os russos atravessaram o Oder e avançaram para Oeste, para alcançarem Berlim pelos subúrbios do Norte da cidade. Por cima do seu caminho, «máquinas de costura» do

Exército Vermelho — biplanos de antes da guerra semelhantes a brinquedos — lançavam milhares de folhetos ameaçadores para amedrontar mais a população aterrorizada. «Rokossovski está às vossas portas!», gritavam os folhetos, e todos os alemães que podiam andar metiam-se à estrada numa fuga histérica.

Num campo de prisioneiros de guerra em Neubrandenburg, oitenta milhas a Norte de Berlim, os guardas alemães ficaram apreensivos. Alguns desertaram, fugindo para Oeste para se renderem aos americanos; o comandante do campo e cerca de uma dúzia de outros entregaram-se aos prisioneiros e foram encerrados num fortim de pedra. Outros puseram-se a trabalhar cavando trincheiras onde se abrigarem quando os russos chegassem, e a estes juntou-se a maioria dos prisioneiros a quem não agradava a perspectiva de uma morte accidental nesta última fase.

Vários dos guardas abordaram um capelão do Exército dos Estados Unidos, Francis Sampson, com um pedido curioso: dar-lhes-ia ele cartas dizendo que tinham sido bondosos para com os prisioneiros? Alguns deles tinham desempenhado os seus cargos com decência, muita vez com grandes riscos para si mesmos, e o Capelão Sampson sentiu-se feliz por os armar com as suas recomendações escritas.

Havia mais alegria do que habitualmente nos escritórios da Companhia de Seguros de Vida dos Empregados Civis Alemães, na Knesebeckstrasse, em Berlim. Havia alguns bolinhos, algum vinho e aguardente de batata, e foi dada ordem a todos para beberem, num brinde pelo aniversário do Führer. Depois alguém sugeriu que cantassem alguns cantos de «vitória», e ninguém objetou. Cantaram cânticos acerca de Hitler, um que prometia uma vitória gloriosa sobre os franceses e, evidentemente, o «Deutschland über Alles». Jadwiga Urbanowicz cantou juntamente com os outros; já não importava, refletiu ela, acabar-se-ia tão cedo... Era esse o último dia em que os escritórios estariam abertos. A explicação oficial era a de que os que viviam fora da cidade já não podiam ir para o trabalho por causa dos estragos nas linhas de caminho de ferro e do metropolitano, mas o facto era que já não havia nada para alguém fazer. O seu último adeus ao escritório foi apressado, pois a pequena reunião foi interrompida pelo alarme de um ataque aéreo.

Depois do ataque aéreo, porém, havia novos deveres e responsabilidades para os do pessoal dos escritórios que, como Jadwiga, moravam na vizinhança. Tanto os homens como as mulheres foram conduzidos debaixo de forma por um tenente da Volkssturm, um velho de pinga no nariz, para a Schlossbrücke, onde lhes foram mostradas as posições de combate que se esperava que eles ocupassem para resistir

ao avanço russo. As «posições» eram trincheiras superficiais, cada uma delas com uma estreita linha de arame farpado à volta, e as suas armas seriam Panzerfausts, ou seja bazucas, uma para cada seis pessoas.

Jadwiga ficou aterrada. Esqueceu-se da descrição para se queixar a uma das outras raparigas. — Que espécie de idiotice é esta? — perguntou. — Aqui estamos nós, um grupo de empregados de escritório que nunca dispararam nem uma pistola na sua vida, e estão-nos a pedir que combatamos contra os tanques russos com uma arma que nunca vimos, os tanques russos que fizeram todo o caminho através da Rússia e da Alemanha, e pretende-se que nós lutemos contra eles praticamente com as nessas mãos nuas.

A outra rapariga não disse nada, mas abanou a cabeça distraidamente em sinal de concordância, e mais tarde Jadwiga viu-a falando com algumas das outras. Claramente, as outras eram da mesma opinião, pois quando Jadwiga olhou para elas sorriram-lhe e acenaram-lhe. Quando o tenente as informou de que seriam conduzidas a um edifício próximo para um curto curso de manejo da bazuca, várias das empregadas do escritório disseram que tinham sede e pediram autorização para irem beber água. Jadwiga e a maior parte das outras juntaram-se-lhes e começaram a descer a rua a caminho de uma bomba de água.

Quando se tinham afastado dois quarteirões, uma das raparigas voltou-se para o grupo e disse: — Ora bem, agora é a nossa oportunidade. Vamos para casa.

Houve uma pausa momentânea, silenciosa, e depois todas deitaram a correr. Quando Jadwiga chegou a casa, não só fechou a porta à chave como empurrou uma secretária para diante dela.

O sobrinho de catorze anos de Willy Luedicke, Helmut, que vivia com a mãe perto da Nollendorfplatz, apresentou-se no apartamento do tio, no número 10 da Tauentzienstrasse, e pediu que o autorizassem a ficar. — Não volto para aquele abrigo onde a minha mãe está — disse Helmut. — A estação do metropolitano está muito apinhada de gente, não se pode uma pessoa mexer, e à parte isso cheira horivelmente mal por causa de lá estarem muitas mulheres e crianças.

O tio disse a Helmut que podia ficar; apesar de tudo, Willy Luedicke preparara um belo abrigo para os inquilinos do seu edifício de apartamentos na cave do edifício contíguo. Esse prédio fora devastado pelo fogo em 30 de Janeiro de 1944, e em Dezembro seguinte Luedicke conseguira arrasar com explosivos as paredes que ainda estavam de pé, de modo que havia uma camada de quinze pés de pedras e

entulho protegendo a cave. Além disso, a cave era maior do que a do número 10 e era suportada por pilares de ferro. A maior parte dos civis da vizinhança imediata tinham-se mudado para o abrigo, e agora a contagem individual atingia 326 pessoas. O número incluía só seis indivíduos do sexo masculino acima da idade de dezesesseis anos.

Luedicke estava ainda vivendo no seu apartamento, que era no rés-do-chão do número 10. Não tinha gás nem eletricidade, e tinha de fazer todos os seus cozinhados num fogão portátil de acampamento que «pedira emprestado» numa casa abandonada. Ele e dois outros homens obtiveram mais três fogões de acampamento da mesma maneira, instalaram-nos no abrigo e tiraram depois o entulho da chaminé, de modo que as pessoas na cave pudessem cozinhar um pouco. Como Luedicke esperara, havia muitas discussões acerca de saber de quem era a vez de cozinhar: como encarregado do quarteirão quanto aos ataques aéreos, conseguia resolvê-las sem violência.

Luedicke fazia a sua cozinha no seu próprio apartamento no intervalo dos ataques aéreos, e quando tinha comida a cozer tentava manter-se ao pé dela se o ataque não era muito violento; conseguia fazê-lo desde que não se importasse com os estilhaços de granadas que batiam nas paredes exteriores. Nesse dia 20 de Abril estava a cozer algumas batatas numa caçarola para si e para o sobrinho quando o bombardeamento aumentou de violência. Precisamente quando estava a tapar a caçarola antes de se pôr a andar para o abrigo, algum instinto o fez baixar-se e atirar-se ao chão. No momento seguinte houve uma explosão atroz, aparentemente mesmo ali na rua, e um enorme estilhaço de granada zuniu através da casa. Quando Luedicke se levantou, encontrou o estilhaço embebido na parede mesmo por cima do fogão; se tivesse ficado de pé teria sido decapitado. A caçarola estava coberta de calça, mas Luedicke limpou-a. Depois foi juntar-se a Helmut no abrigo. Quando o ataque acabou voltaram para o apartamento para comer.

Willy Luedicke calculou que às oito horas dessa noite o prédio de apartamentos fora atingido dez vezes por estilhaços ou pequenas bombas. Mas ficou mais agitado com a cena a um canto do abrigo no número 9 da Tauentzienstrasse, e registou a sua reação no seu diário duas horas mais tarde:

Imagine-se o que eu vi quando fui para o abrigo... Entre as pessoas havia uns poucos nazis que estavam a celebrar o aniversário de Hitler. Uma fotografia de Hitler estava decorada com flores, e as pessoas estavam a beber à saúde dele como seu libertador. Fiquei espantado por existirem ainda tais fanáticos. Não há nada que

possa ajudar essa gente. Acreditaram em tudo o que esse aventureiro lhes disse;
não compreenderam que ele se tornou o grande maníaco do mundo.

Luedicke estava tão encolerizado que se exprimiu em verso:

Alguns aventureiros coroados

Já antes reinaram na Alemanha.

Alguns reformadores barulhentos

Já antes se riram de nós.

Nunca se pôde pensar muito nisso,

Mas ainda se podia compreender:

Esses homens na chefia tinham personalidade.

Mas este?

Este adulator de Hindenburg?

Este homem chão e tolo?

Este homem de temperamento sombrio

Que nem pode estar com mulheres?

Este Deus de água de soda?

Este modelo de barbeiro?

Deixarem-se enganar por ele?

Só perguntei a mim mesmo com desgosto:

Porquê?

Porquê este?

Lothar Loewe, o rapaz de dezesseis anos oficial do estado-maior do quartel-general do batalhão antitanque da Juventude de Hitler no Aeroporto de Tempelhof, pouco pensava no aniversário de Adolf Hitler quando tomou um comboio na estação de Tempelhof. O seu espírito estava demasiado cheio de visões da mesa da sua mãe e da refeição que o esperava quando chegasse a Potsdam.

Com o pai na Volkssturm, a mãe do jovem Loewe fora incapaz de suportar sozinha os constantes ataques aéreos em Lichtenrade e mudou-se um mês antes para um apartamento numa atraente vivenda em Potsdam, que fora poupada à fúria dos bombardeiros aliados. Agora Lothar Loewe tinha um passe para ir a Potsdam levar uma mensagem a um destacamento militar de lá e, conseqüentemente, passar a noite em casa da mãe.

Havia meses que não andava de comboio, e estava agora fascinado ao descobrir que os comboios estavam a ser puxados por locomotivas a vapor por causa da falta de corrente eléctrica. Também havia consideráveis estragos nas linhas, o que causava longas demoras e intermináveis paragens nas várias estações ao longo do percurso. O jovem Loewe refletia que a guerra em terra estava rapidamente a tornar-se numa coisa pessoal em Berlim; a cidade, fosse como fosse, conseguira sobreviver aos bombardeamentos, mas nem na sua jovem exuberância conseguia deixar de perguntar a si mesmo se ela poderia suportar o ímpeto dos blindados russos e dos soldados da infantaria russa.

A guerra viera ter a casa dele no dia anterior, quando uma ponta de lança russa avançada esmagara uma bateria da Juventude de Hitler poucas milhas a Leste da capital. Um contra-ataque pelas tropas de infantaria recapturara a posição, mas quando atingiram a bateria destroçada encontraram os corpos de vinte rapazes do destacamento da Juventude de Hitler; todos tinham sido abatidos com um tiro na nuca como guerrilheiros, apesar do facto de terem vestidos os seus uniformes de camisas castanhas ou negras e braçadeiras da Juventude de Hitler. Nesse dia, Loewe estava a perder algumas das suas ilusões acerca da espécie de guerra em que estava metido.

O comboio continuou pesadamente o seu caminho atravessando Westkreuz, e depois parou de vez em Wannsee. Sentindo-se feliz por ter chegado tão longe, Loewe parou à beira da estrada e conseguiu uma boleia para o resto do caminho num camião do Exército. Entregou a sua mensagem e arranjou outra boleia até a poucos quarteirões da casa da mãe.

Acertara quanto à refeição que o esperava. A mãe utilizara os seus últimos seis ovos para lhe preparar o seu prato favorito, uma omoleta de morangos; ela própria mal lhe tocou. Depois da refeição, a mãe suplicou-lhe que ficasse com ela, que tirasse o uniforme e se escondesse no apartamento. — Que diferença fará isso, Lothar? — perguntou ela. — A guerra está acabada. Como saberá alguém o que te aconteceu?

Lothar admitiu de si para consigo que estava tentado. Tudo parecia tão fútil, tão desesperadamente estragado. Talvez fosse sua obrigação para com a mãe ficar, para tomar conta dela. Mas depois pensou nos outros rapazes da sua unidade e no bondoso e paternal Major Bechtle, que fora ministro religioso em tempo de paz, e soube que tinha de voltar. Tentou explicar isso a sua mãe, mas não pensava que o conseguisse; ela limitou-se a ficar silenciosa. E nem sequer sorriu quando ele lhe disse que podia passar a noite na sua companhia.

Na Berlinerstrasse, em Zehlendorf, Anna sentia uma horrível fascinação em observar os carros puxados por cavalos que estavam trazendo as tropas em retirada do Sul. Os carros estavam cobertos por oleados húmidos, e aqui e ali espreitava a cabeça dum soldado; os rostos estavam acinzentados e sujos e a maior parte deles era de velhos. Por qualquer razão, a chuva que começara precisamente então a cair fazia-os parecer pior. Os feridos pareciam ter sido todos atingidos na cabeça — a maior parte deles traziam ligaduras manchadas de sangue que lhes desciam sobre os olhos. Algures na distância havia o troar da artilharia pesada, e ela podia ver o fogo antiaéreo a rebentar no céu, ao longe, para o Sul; mas as bichas ainda se mantinham diante dos talhos e das padarias, e diante duma prancha posta em cima de dois barris, na rua, onde uma mulher de avental preto estava distribuindo leite.

A maioria dos homens nas barricadas erguidas nos cruzamentos era de velhos, com os seus rostos acinzentados pela barba por fazer que despontava da pele parecida com argila. Mas também havia crianças dentro dos uniformes remendados da Volkssturm; Anna tinha a certeza de que algumas delas não tinham mais de catorze anos. Não era uma mulher sentimental, mas ficou comovida à vista dum rapazinho de capacete de aço mordiscando um bocado de queijo. Depois perguntou a si mesma: Onde o teria ele arranjado? Anna teria adorado comer algum queijo.

Entretanto ouvia todos os boatos. Os russos tinham tomado Zossen e estavam tendo uma festa de deboche com as raparigas da cidade, que tinham sido arrebanhadas e levadas para um grande edifício utilizado como bordel de oficiais. Anna encolheu-se de medo, e então lembrou-se do que Walter lhe dissera a respeito

dos bordéis de oficiais alemães na Rússia — tudo raparigas russas capturadas, algumas delas apenas de treze anos de idade.

A mulher do padeiro disse que tinha ouvido que Hitler estava em Berlim, mas outra mulher interrompeu-a para declarar que tinha informações particulares de que ele tinha morrido. A Anna não lhe importava qual dos boatos era verdadeiro. As pessoas estavam dizendo, também, que os Amis e os Ingleses se tinham desavindo com os Russos. Anna riu-se daquilo. Porque haveriam de fazê-lo, nesta altura?

O que Anna estava vendo na Berlinerstrasse era a tentativa lúgubre de Berlim — agora, na décima primeira hora — para assumir uma atitude de defesa com os fragmentos e refugos militares à mão. Entre Berlim e os russos havia apenas uma força que podia ser descrita como uma unidade combatente competente: o 57.º Corpo de Tanques. Mas durante a sua retirada combatendo desde a frente do Oder, o 57.º fora severamente castigado e perdera equipamento considerável, incluindo os muito necessários blindados.

Por insistência de Goebbels, o General Reimann alargara a formação de defesa da cidade. Começava agora no chamado Anel de Berlim, uma cintura de subúrbios com uma circunferência de mais de sessenta e cinco milhas. Uma segunda linha, de cinquenta milhas de comprimento, corria à volta do limite exterior da cidade propriamente dita. Uma terceira, o anel interior, encarregada da proteção dos principais edifícios governamentais e das pessoas de altos funcionários, seguia as linhas ferroviárias no seu circuito em redor do centro da cidade. Tinham sido erguidas fortificações e barricadas onde quer que pudesse ser reunida uma força de trabalho de civis e de soldados.

Tudo isto parecia impressionante na planta de Goebbels, mas era apenas uma peça minúscula de habilidade do desenhador.

A defesa imediata de Berlim exigia um mínimo de dezoito divisões com a totalidade da sua força, oito delas guarnecendo a linha exterior de defesa e dez protegendo a segunda linha. Mas além do 57.º Corpo de Tanques, as únicas forças à disposição da cidade em 20 de Abril eram várias unidades de engenharia do Exército Regular, dois batalhões de infantaria, trinta batalhões da Volkssturm aos quais faltavam armas suficientes e com as suas munições muito reduzidas, e uma mistura de unidades da Juventude de Hitler. Havia talvez 75 000 homens e rapazes capazes de pegar em armas com algum grau de eficiência, contra uma força russa que se calculava contar pelo menos vinte e duas divisões, ou aproximadamente 225 000 homens experimentados e endurecidos no combate. Fora da cidade, para o

Norte, estava a ser reunida uma nova força-tarefa sob o comando do General das S. S. Felix Steiner, na ala Sul do destroçado Terceiro Exército de Tanques, mas estava ainda em grande parte no papel.

Os vários pelotões de recrutamento tinham ordens, por conseguinte, de arrastar para fora da cidade até ao último homem que pudessem esquadriñar. Esses incursores arrancavam tanto os doentes como os feridos dos hospitais, metiam-lhes espingardas nas mãos e enviavam-nos para unidades de «emergência». Novos voluntários da Juventude de Hitler, alguns deles só com doze anos de idade, eram conduzidos para os parques onde lhes davam lições apressadas de manejo de espingardas, metralhadoras e bazucas. Comboios de armas e munições abandonados na cidade eram pilhados do seu conteúdo, e as espingardas e metralhadoras distribuídas às tropas de verde encaminhadas para o Norte, Sul e Leste, para a «frente» — onde quer que esta fosse. Foi estabelecido um cordão de isolamento em redor do centro da cidade — a «Cidadela» — pelo General das S. S. Mohnke, e não era permitido a ninguém passar através dela em qualquer direção sem um passe especial. Nas proximidades da cidade, tropas das S. S. e voluntários de vários clubes políticos detinham os soldados em retirada e faziam-nos regressar para enfrentarem outra vez os russos a avançar.

Entre os que tentavam pôr em ordem a massa caótica de vagabundos e de feridos, estava o Major Arnulf Pritzsch, um homem esbelto, irrepreensivelmente fardado, com uma cara um tanto comprida e um ar de fatalismo. Pritzsch fora afastado do serviço ativo vários meses antes por deficiência auditiva, mas agora estava de regresso ao serviço como ajudante do comandante de Berlim, encarregado de organizar com alguma aparência de guarnecerem posições de combate as tropas e forças auxiliares vagueando pela cidade. Era uma tarefa entrelaçada com a frustração, e Pritzsch verificou que a sua depressão se intensificava ao fim dum dia de quinze horas, pelo facto de ter de dormir na cave do quartel-general, que estava situado na Unter den Linden, perto da Porta de Brandenburgo. Portanto, pôs-se a bisbilhotar e descobriu um elegante apartamento próximo que fora evacuado por um general da Luftwaffe.

Na sua primeira noite no apartamento, acabara precisamente de adormecer entre lençóis de seda azul, quando foi acordado por pancadas atoadoras na porta. Cansado, de olhos meio fechados. Pritzsch encaminhou-se cambaleando para a porta e abriu-a. Diante dele estava um jovem tenente das S. S. engomado e ereto de olhos muito abertos.

— Notícias maravilhosas! — gritou o tenente. — Notícias maravilhosas! A primeira coisa que fiz foi vir aqui para lhe dizer.

Pritzsch vociferou, já perfeitamente acordado: — Pelo amor de Deus, homem, o que é? — perguntou. — A nova arma secreta?

— Arma secreta?—O tenente parecia pasmado. — Não sei nada a esse respeito. Mas, Arnulf, acabo de ser condecorado com a Cruz de Ferro!

Pritzsch olhou para o tenente como olharia para um carteirista. Depois, dominando todo o seu constrangimento, soltou um enorme suspiro. — Ah, bem! — disse ele. — Parabéns. — A sua voz endureceu. — E agora, pelo amor de Deus, vai para o diabo e deixa-me dormir.

Fora da cidade, para Oeste, no subúrbio de Spandau, havia boas novas duma natureza mais tangível para o Sargento de vinte e cinco anos Dietrich von Behmen e para os seus camaradas dum Kampfballion constituído por recrutas da Volkssturm e da Juventude de Hitler e por alguns soldados regulares. Foi dada ordem à unidade para sair da caserna e marchar para o depósito de mantimentos, e foi dito aos homens que podiam ter toda a comida que pudessem levar consigo.

Behmen carregou-se com latas de carne de vaca e de porco, pacotes de leite em pó e barras de chocolate, demasiado excitado para se interrogar quanto à subtaneidade desta largueza. Mas um soldado de cabelo grisalho que baixara já de posto várias vezes exprimiu o cinismo da sua espécie com a boca cheia de carne de conserva.

— Isto quer dizer que nos vão mudar, evidentemente — disse ele a Behmen. — Calculam que é inútil deixar a comida perder-se ou ser comida pelos Russkis.

Behmen ponderou esta informação por um momento, e depois encolheu os ombros. — Então e daí, que diabo tem isso? — perguntou ele. — Pelo menos tenho finalmente o bastante para comer antes de morrer.

Nessa tarde, a unidade abandonou as suas confortáveis casernas e encaminhou-se para o Norte e para o Oeste, para a frente.

Mais ou menos à mesma hora chegava Heinrich Himmler a Hohenlychen, onde o esperava o ansioso Walter Schellenberg. O Conde Bernadotte estava em Hohenlychen, informou Schellenberg, e concordara em encontrar-se com Himmler ao pequeno almoço, às seis horas da manhã seguinte, para discutir propostas de paz

com o Ocidente. Com um ar cansado, mas sem se comprometer, Himmler concordou em comparecer à entrevista.

10

Era uma boa escolha para um posto de observação, decidiu o General Perevertkin, comandante do 79º Corpo de Infantaria de Zhukov, quando o seu jeep americano se dirigiu para a casa de três andares. Tinham-se metido através dos arredores ao Sul da cidade de Bernau, menos de dez milhas ao Norte dos limites da cidade de Berlim, e a casa que o seu ajudante escolhera era numa subida íngreme, em frente e sobranceira à capital alemã. O bombardeamento alemão aumentara, entretanto, como sempre acontecia quando os russos irrompiam numa cidade recentemente tomada.

O General Perevertkin saltou do jeep, entrou para a casa e subiu três lanços de escadas até um sótão espaçoso, cheio de mobília envolvida em lençóis. Encaminhou-se para a pequena janela do lado Sul e abriu-a.

— Ora bem, aí tem Berlim à sua disposição. Admire-a quanto quiser — disse ele ao seu ajudante. — Não precisa de binóculo de campanha.

Os dois homens ali ficaram a contemplar pela janela, enquanto os subalternos espreitavam por baixo dos lençóis para as peças maciças de nogueira. O fumo dos eternos fogos criara uma neblina suja por cima da capital, mas a massa dos edifícios e as zonas de parques verdes distinguiam-se claramente. Perevertkin não teve dificuldade em localizar os pináculos das igrejas e as fábricas, negros sobre o fundo de neblina acinzentada. Aqui e ali os seus olhos captaram a estreita fita de prata do rio Spree, brilhando ao sol que passava pelas aberturas da neblina. Em vários pontos da cidade levantavam-se enormes vagalhões de fumo negro, e o general imaginava poder ver um clarão ocasional de chamas das explosões resultantes das bombas e da artilharia de longo alcance soviética.

De vez em quando a casa oscilava e estremecia por causa do choque de granadas que caíam perto, e havia uma restolhada de pés nervosos entre os subalternos ao fundo. Mas Perevertkin continuava à janela, ora debruçando-se para examinar o

panorama dum ângulo diferente, ora utilizando o seu binóculo para uma vista mais de perto. Estilhaços de granada estavam, porém, a atingir a casa e, quando o general se voltava para dizer qualquer coisa ao seu ajudante, houve um clarão e um rugido por baixo dos seus pés, e o sobrado saltou e inclinou-se doidamente. Uma granada ou parte duma granada explodira algures no primeiro piso ou próximo dele.

— Estão a tentar ladrar em resposta — disse o general, à vontade. — Bem, vamos lá descer e salvar as nossas peles.

Desceu à frente as escadas, e o seu ajudante e os subalternos precipitaram-se atrás dele, pondo em perigo os seus calcanhares. Continuaram a descer até à cave, onde fora instalado o sistema de comunicações. Os relatórios da frente eram tal qual como esperava que fossem: o avanço atingira os limites dos subúrbios e depois fora imobilizado.

Dizia um relatório: «O movimento foi detido. Estamos debaixo de fogo de todas as casas, de todas as janelas. Estamos a deslocar a artilharia.»

Outro: «As companhias estão pregadas ao chão. Impossível avançar. Intenso tiroteio de todos os lados. Esperando pelos tanques e pelos canhões.»

Os aviões de reconhecimento da artilharia e a bateria de localização pelo som do corpo de artilharia tinham entretanto localizado catorze baterias alemãs no sector da divisão. Estas incluíam três baterias antiaéreas, dois destacamentos de artilharia pesada de campanha e uma unidade de lança-foguetes de seis canos.

No dia 21 de Abril, o General Perevertkin preferia acreditar que o seu corpo de exército penetrara até um pouco mais perto dos limites da cidade de Berlim do que quaisquer outras tropas, quer da Primeira Frente Bielo-Russa de Zhukov quer da Primeira Frente Ucraniana de Koniev. Não estava surpreendido por o seu corpo de exército estar na dianteira e por, como de costume, a 150ª Divisão do General Shatilov estar mostrando o caminho, encabeçada pelos homens vigorosos do 756.º Regimento de Infantaria do Coronel Zinchenko.

O 756º continuava a parecer uma unidade combatente, até durante o seu breve período de descanso naquele agradável bosque algumas milhas ao Norte. Havia uma atmosfera descontraída no bivaque, mas os homens mostravam a sua impaciência na maneira por que se ocupavam das pequenas tarefas sem urgência que fazem parte da preparação dum regimento para voltar ao combate. A roupa

lavada pendia dos ramos das árvores, as armas estavam a ser limpas e os mapas estudados. O Tenente Boiko, oficial médico do 3º Batalhão, instalara um posto de primeiros socorros e os seus homens estavam ocupados a pensar os ferimentos ligeiros, a distribuir estojos de primeiros socorros e a mostrar aos homens como se aplicam devidamente as ligaduras.

Depois do lançamento da ofensiva do Oder, o regimento fora reorganizado, com o 3º Batalhão engolindo os restos do 1.º. As companhias desfalcadas tinham sido reforçadas e tinham voltado a ter as suas organizações do Partido Comunista e do Komsomol (Liga da Juventude Comunista). O General Shatilov alardeava que o 3º Batalhão do 756º Regimento era um exemplo para o resto do Exército Vermelho, e os homens esforçavam-se duramente para corresponderem ao invulgar tributo do comandante da divisão.

Shatilov aparecia frequentemente no 3º Batalhão, habitualmente sem avisar, e era inevitável que se mostraria na noite antes do Terceiro Exército de Choque sair para o ataque, no assalto final a Berlim. Mas o comandante do batalhão, o Capitão Stepan Neustroyev, fora avisado da aproximação do jeep de Shatilov, e o 3º Batalhão estava alinhado para inspeção no momento em que o general chegou ao bivaque.

— Então, descansaram bem? — perguntou Shatilov, enquanto apertava a mão a Neustroyev.

— Estamos prontos para o combate, Camarada General — respondeu Neustroyev.

— Sim, estou a ver. E quanto aos reforços?

— São perfeitamente satisfatórios. A maior parte deles são homens da linha da frente e já tiveram muita experiência.

Shatilov resmungou e começou a andar para passar o batalhão em revista. Parou para falar com alguns homens da companhia de Guselnikov que traziam ligaduras manchadas de sangue.

— Os seus homens combateram bem em Scheidemühl e em Künersdorf, Capitão Guselnikov — observou o general. — É uma bela companhia. Espero muito dela na batalha por Berlim.

— Faremos tudo o que pudermos — disse Guselnikov.

O general voltou-se para as tropas.

— E quanto aos feridos? — perguntou-lhes. — Não deviam alguns deles ser mandados para o hospital?

A resposta foi um grito em uníssono:

— Não! Não, Camarada General! Não há feridos!

Era esta evidentemente, a resposta que se esperava deles. No entanto, o 3º Batalhão era de facto uma unidade combatente excepcional; a maior parte dos homens sentia indubitavelmente da mesma maneira que falava.

O General Shatilov afastou-se com Neustroyev nos calcanhares.

— Isto vai ser duro — disse ele a Neustroyev. — Poupe os seus homens tanto quanto puder e não faça nada temerário. Não queremos quaisquer perdas inúteis, agora que chegámos até aqui.

Entraram juntos na tenda de Neustroyev e o General Shatilov disse-lhe as novidades: o Conselho de Guerra do Terceiro Exército de Choque distribuíra a cada uma das nove divisões do exército uma bandeira vermelha, uma das quais se esperava que fosse desfraldada sobre o Reichstag como a «Bandeira da Vitória». À divisão de Shatilov fora dada a bandeira número cinco. Então disse a Neustroyev solenemente:

— Não quero ver qualquer outra bandeira sobre o Reichstag. Stepan.

Neustroyev arreganhou os lábios num sorriso.

— Compreendo, Camarada General. Farei o meu melhor para evitar ser julgado em conselho de guerra.

E agora, em 21 de Abril —apenas vinte e quatro horas depois do ataque final ter sido lançado — o Terceiro Exército de Choque do Coronel-General V. I. Kuznetsov rompera através dos arredores do Norte da capital alemã. Também nos outros pontos as tropas soviéticas estavam a sair-se bem, com as patrulhas infiltrando-se nos subúrbios, nos acessos do Leste e do Sul da cidade, e os canhões de campanha bombardeando as defesas inimigas. A ofensiva prosseguia de acordo com um plano: os avanços tinham sido feitos na direção daquelas zonas cuja perda minaria mais rapidamente a capacidade da cidade para resistir. Especificadamente,

os russos estavam avançando para Tegel, ao Norte, onde estavam localizados os principais depósitos de abastecimento de água de Berlim, e para instalações como o Aeroporto de Tempelhof, mesmo ao Sul do coração da cidade, e as estações emissoras e fábricas de gás da Siemensstadt, a Noroeste.

Mas neste meio tempo, as colunas russas tinham levado a cabo uma missão de longe mais importante — tinham cercado o Nono Exército do General Busse. Partindo do Oder, as forças do Marechal Zhukov ao Norte e as do Marechal Koniev ao Sul tinham cosido o último ponto da bolsa mesmo enquanto rolavam para os subúrbios de Berlim. À sua própria responsabilidade, o General Heinrici mandara um ajudante ao quartel-general de Busse no dia anterior, com ordens para retirar, mas Busse esperara demasiado tempo — ou melhor, Hitler esperara demasiado tempo: mantivera o exército de Busse isolado no sector do Oder até ter passado o tempo para a retirada. Busse informou o Chefe do Estado-Maior de que as suas tropas estavam empenhadas em violentos combates e não podiam ser reagrupadas: Heinrici encolerizou-se, mas Busse tinha razão — qualquer tentativa de fazer as suas tropas darem meia volta podia causar o pânico e o colapso. O exército de Busse estava ameaçado de aniquilamento fosse como fosse, evidentemente, mas ele não se convenceu com a sugestão de Heinrici de que uma tentativa para o reagrupar não podia ser mais perigosa, chegadas as coisas àquele ponto, do que ficar e lutar. Fosse como fosse, Hitler estava ainda agarrado à noção de manter uma frente na vizinhança do Oder; persistia na sua velha teoria de manter forças atrás das linhas inimigas para os pregar ao terreno.

Mas as catástrofes amontoavam-se para onde quer que o Führer olhasse. Enquanto mantinha Busse imóvel, a linha da frente alemã entre Stettin e Schwedt sofreu um golpe desastroso. Ao Sul de Stettin, perto de Tantow e de Gartz, as tropas de Rokossovski cortaram uma larga brecha na frente do Terceiro Exército de Manteuffel, e no decurso da ação aniquilaram virtualmente a dura S.S. Wallonische Division. Apressadamente, Heinrici mandou a força-tarefa do General Steiner ainda em formação, para o Norte, para proteger o flanco Sul do Terceiro Exército.

Ainda então Hitler se recusava a acreditar que os russos estivessem tão perto de Berlim: não podia compreender o facto de as granadas estarem a chover na capital. Telefonou ao General Koller da Luftwaffe, para o seu quartel-general em Wildparkwerder, fora de Berlim, e perguntou sarcasticamente se Koller sabia que o centro de Berlim estava sendo bombardeado.

Koller replicou que era novidade para ele.

— O senhor não ouve os canhões? — berrou o Führer.

— Não — replicou Koller, e acrescentou cautelosamente: — Estou em Wildparkwerder.

Hitler ficou furioso. Disse que «o povo» estava preocupado com aquele bombardeamento de artilharia de longo alcance, como ele lhe chamava, e disse que fora informado de que provinha duma bateria de grande calibre montada em caminho de ferro. Os russos deviam ter lançado uma ponte de caminho de ferro sobre o Oder para transportarem essa bateria.

Koller disse a Hitler que não havia nenhuma ponte de caminho de ferro sobre o Oder. Sugeriu que os russos podiam ter-se apoderado duma peça de artilharia pesada alemã e tê-la voltado contra os alemães. Mas era mais provável, acrescentou, que o fogo viesse de canhões de calibre médio trazidos pelos próprios russos. Hitler, estupefato com esta resposta, desligou.

Koller permitiu-se dar um prematuro suspiro de alívio. Dentro de momentos Hitler estava outra vez em linha. Onde estavam os holofotes que a Luftwaffe recebera ordens de trazer de Praga para Berlim? Koller explicou que fora impossível mudá-los por causa dos ataques dos aviões de caça aliados.

Houve uma pausa, e depois um guincho do outro lado da linha.

— Então está muito bem, não precisamos de nenhuns holofotes. Já não precisamos da Luftwaffe. Todo o comando da Luftwaffe devia ser executado imediatamente.

Nestas circunstâncias, o estado de espírito de Koller dificilmente seria sereno quando chegou nessa tarde ao Abrigo do Führer para a conferência diária, mas Hitler parecia ter esquecido a sua sentença de morte por atacado. Estava agora preocupado com planos para bater os russos na sua tentativa de tomar a capital. Jodl mencionou imediatamente a força-tarefa de Steiner; talvez ela pudesse manter os russos afastados ao Norte.

Hitler levantou os olhos do mapa que estivera estudando. O nome de Steiner pareceu eletrizá-lo. Era isso mesmo! Steiner devia lançar um ataque imediato na direção dos subúrbios do Sul — nem queria ouvir falar da força-tarefa ser utilizada numa ação puramente defensiva. Tal coisa era precisamente outra expressão do eterno espírito de retirada. Steiner atacaria o mais cedo possível, e todos os soldados da zona de Berlim, todos os tanques, todos os aviões, seriam

lançados nessa ofensiva. O pessoal de terra da Luftwaffe seria também lançado na ofensiva com o resto.

Num triunfo furioso, Hitler voltou-se para Koller.

— Qualquer comandante que retenha as suas forças perderá a vida em cinco horas — gritou. — O senhor garantirá pessoalmente com a sua cabeça que seja lançado até ao último homem.

Koller olhou através da sala para Jodl e para Krebs; certamente diriam a Hitler a verdade — que a força-tarefa de Steiner estava ainda em formação e que, em qualquer caso, fora designada para proteger o flanco ferido do Terceiro Exército. Mas Jodl e Krebs estavam silenciosos; conheciam Hitler melhor do que Koller conhecia.

De volta ao seu quartel-general, Koller tentou primeiro descobrir onde estava localizada a força-tarefa de Steiner. Telefonou para as Operações do Exército e foi-lhe dito que estava em Oranienburg. Meia hora depois, as Operações do Exército telefonavam-lhe com uma correção: Steiner estava em Liebenwerda. O pessoal do estado-maior da Divisão Hermann Göring, já destinado para a força-tarefa, foi informado de que Steiner estava em Schönwalde só com um oficial.

Koller ligou para Krebs em desespero. Tão calmamente como pôde, perguntou a hora exata do ataque, o ponto de concentração e as vias de abastecimento que deviam ser utilizadas. A voz de Hitler interrompeu a conversação. Koller ainda tinha dúvidas acerca das ordens do Führer? Eram perfeitamente claras: todas as forças da Luftwaffe da zona Norte deviam apresentar-se imediatamente a Steiner. Qualquer comandante que não cumprisse esta ordem dentro de cinco horas era condenado à morte por isso. Deviam atacar na direção Sul a partir de Eberswalde, interpôs Krebs. Não houve menção do facto de Eberswalde ser a Nordeste de Bernau que já caíra nas mãos dos russos.

Heinrici sugeriu a Hitler que talvez tivesse chegado o momento de o Nono Exército de Busse tentar romper para Ocidente. Hitler ficou fora de si, de raiva: Busse estava onde lhe pertencia estar. Era olhar para o mapa: Steiner cortaria a Zhukov o caminho de Berlim e os russos derrotados fugiriam de regresso ao Leste. E aí, no Oder, o Nono Exército retalharia a horda oriental. Nenhum russo que se atrevesse a aproximar-se de Berlim atravessaria o rio Oder vivo.

Koller e os outros camaradas mobilizaram as suas forças e esquadrinharam freneticamente em busca de transportes, armas e munições. Foram encontrados uniformes para prisioneiros libertados das cadeias de Tegel e de Moabit, e foram-lhes metidas espingardas nas mãos. E ainda os comandantes esperavam a palavra que tinham de ter antes de poderem mover-se: Onde podiam encontrar Steiner?

Fosse onde fosse que estivesse, aparentemente nada estava sendo feito para parar o avanço russo; tanto ao Norte como ao Sul, as tropas do Exército Vermelho tinham aberto caminho a combater para o meio dos subúrbios, e as raparigas de Hilde Lemke, no terraço da torre antiaérea do Abrigo do Zoo, contaram mais de quinhentas granadas russas quando elas caíram no centro de Berlim. No meio da lunática mobilização para o ataque pelo fantasmagórico Steiner, alguns oficiais do Exército Regular estavam fazendo planos para um futuro que começaria quando Berlim estivesse in extremis. Por toda a cidade e em casas confortáveis dos subúrbios, homens que tinham lutado heroicamente em missões de comando ponderavam o problema de se retirarem da vida militar tão imperceptivelmente quanto possível. Alguns deles limitaram-se a queimar os seus uniformes, vestiram trajos civis e fundiram-se na corrente de refugiados encolhidos nos abrigos contra ataques aéreos. Mas os pelotões de antidesertores das S. S. eram uma ameaça constante, e outros oficiais mantiveram-se no seus uniformes enquanto faziam planos diferentes para a sua fuga. Elaboraram laboriosos documentos, carimbados em todas as páginas, que lhes permitiam passar todas as barreiras em «serviço militar importante»; as S. S. eram temíveis, mas havia ainda algum respeito por um papel carimbado que podia ter baixado pelas vias competentes vindo do próprio Führer. O abastecimento de comida era simples; os oficiais limitavam-se a pilhar os armazéns militares sob a sua jurisdição, e escondiam o saque nas suas caves ao lado de caixas com garrafas de vinho e de aguardente de batata.

A sobrevivência era agora o objetivo dos berlinenses. Nas linhas telefônicas fiscalizadas, os escutas da Gestapo ouviam uma mulher informar: «Queria só dizer-te que se pode agora obter carne no talho sem senhas.» Ou: «Um amigo do Ernst, da caserna do Gross-Deutschland, deu-nos uma lata de carne de conserva.» Mas os escutas notavam tristemente que as conversas telefônicas raramente abriam com o apropriado Heil Hitler!

Na Knesebeckstrasse, Jadwiga Urbanowicz achara os jovens soldados das S. S. que se tinham mudado para o abrigo civil contra ataques aéreos, mais causadores de tensão do que os quase contínuos bombardeamentos. Os ataques começavam agora por volta das dez da manhã e continuavam durante todo o dia e a maior parte da noite, e os soldados das S. S. pareciam estar a rebentar. Passavam o horror das

noites bebendo e questionando, obviamente para esconderem o seu nervosismo, e ninguém se atrevia a protestar contra eles.

Os vizinhos tinham ficado preocupados no fim de Março, quando o quartel-general dum destacamento das Waffen S. S. se mudara para um dos edifícios de escritórios; tinham ouvido muita coisa a respeito dos excessos das S. S. Mas o oficial no comando, um homem mais velho, mostrara ser um soldado mais sobre o calado, com um pendor pela estrita disciplina, e fora útil de várias maneiras, especialmente conseguindo rações aumentadas para alguns dos civis. Não obstante, houvera um suspiro de alívio quando ele e o seu pessoal se tinham mudado para a Wilhelmstrasse; nunca era agradável viver tão perto dos representantes duma organização de que só o nome era um anátema para o mundo exterior. Mas depois os jovens soldados das S. S. tinham-se apoderado do quartel-general, e não tinham sido capazes de ter mão nos vinhos e nos licores fortes deixados pelos seus antecessores. Na noite em que se tinham mudado dos escritórios para o abrigo civil, houvera uma primeira briga em que fora partido um braço a um velho. Jadwiga continuou durante alguns dias, e depois mudou o seu colchão novamente para a cave do prédio de apartamentos em que vivia. O edifício não era nem de longe tão forte como o abrigo, mas Jadwiga decidiu que, se morresse, preferia fazê-lo em paz.

Willy Luedicke, o severo guardião da Tauentzienstrasse, estava a ficar um pouco cansado — cansado e impaciente com a natureza humana. Aliviava os seus sentimentos registrando-os no seu diário:

21 de Abril. 8 horas da manhã. As ruas estão cheias de fumo. Perto de nós está uma casa a arder, mas não há água para apagar o fogo; nem uma gota.

Fizera uma reserva de água para beber, e não me esquecera de ter a suficiente até para os que ainda acreditavam que os nazis ganhariam a guerra. Embora todos os nazis fossem meus inimigos, onde quer que o meu dever me chamasse a tomar conta dos que me foram confiados, não os contara como membros do Partido mas como seres humanos.

Mas as pessoas do abrigo precisavam de água para a higiene pessoal e para cozinhar. Pensara só na água para beberem. E, afinal, o que é uma reserva de água de oitocentos litros para quase quatrocentas pessoas? Contara só com oitenta a cem pessoas. Enchera quatro depósitos de água e deitara-lhe alguma clorina para preservação. A minha ideia era de que haveria um litro por pessoa e por dia para

oito dias. Mas há cerca duma hora vieram umas cem pessoas das outras casas que arderam, e não pude mandá-las embora. Alguns da minha gente protestaram que o abrigo já estava superlotado. Tive de lembrar a esses egoístas a dignidade humana. Uma tal Frau Zimmermann, uma refugiada do Leste, é não só cem por cento nazi como ainda resmungona contra todos os recém-vindos. As coisas não são fáceis para mim neste abrigo, acreditem-me.

Agora tinha de ir buscar mais alguma água. Na Marburgerstrasse havia uma bomba que ainda tinha água. Mas ninguém se atrevia a deixar o abrigo para a ir buscar. Pus o meu coração nas mãos e fiz eu o trabalho. O que não compreendo é porque algumas das pessoas vieram carregadas de livros e de loiça, mas poucas pensaram na comida e na bebida.

Meio-dia. Precisamente quando entrava no abrigo com mais dois baldes cheios de água, vi que duas mulheres estavam a servir-se à vontade da reserva. Foi de mais para mim e para a minha calma. Todas as manhãs cada pessoa recebia o seu quinhão de água. Aqui andava eu a arriscar a minha vida para ir buscar mais água, e essas mulheres a desperdiçá-la. Queriam lavar alguma roupa, foi o que me disseram. Gritei pelo Céu e pelo Inferno, e as outras mulheres vieram a correr. Logo que descobriram a razão da minha perda de calma, começaram a bater e a dar pontapés nas duas ladras da água. Foi uma boa lição para todos os outros. Depois deste incidente, porém, a Frau Zimmermann, a nazi, ainda me odeia mais.

2 horas da tarde. Desta vez fui quase apanhado, quando voltava com mais água. Uma granada ou uma bomba explodiu a cerca de cinquenta pés de distância. Atirar-me para o chão —felizmente os meus sentidos tornaram a avisar-me— levou só uma fracção de segundo. Mais tarde tive de limpar os baldes e ir buscar água outra vez... Os soldados visitam o seu canhão na Tauentzienstrasse uma vez em cada hora, pouco mais ou menos, e disparam uma carga na direcção da Potsdamer Platz.

6 horas da tarde. Um cavalo foi morto por uma bomba na Nürnbergerstrasse, e um soldado esfolou-o rapidamente. Mais tarde descobri que o meu sobrinho não estava no abrigo, apesar de lhe ter proibido estritamente deixá-lo. Daí a uma hora, pouco mais ou menos, voltou com cinco a seis libras de carne de cavalo. Primeiro tive vontade de lhe dar uma boa sova, mas tive de fechar os olhos à sua desobediência; tudo o que ele queria era aumentar a nossa reserva de comida. Picámos duas libras de carne; com pimenta e sal estava simplesmente deliciosa. Fritei um pouco o resto para a conservar. A nossa reserva de abastecimentos não era muito pequena, mas nunca se sabe quando voltarão a abrir os estabelecimentos... A luta nos subúrbios

parece demorar os russos mais tempo do que esperavam. Segundo me dizem, os combates em Grünaue ora avançam ora recuam. Em Wannsee as coisas parece estarem mais ou menos na mesma. A rádio nazi ofereceu-nos algumas notícias — chegou um novo exército e correu com os russos, etc.

Cinquenta milhas para Ocidente de Berlim, a família de Christian Clemens começou a perguntar a si mesma se encontrara o refúgio que procurava ao mudar-se da capital para casa da mãe de Frau Clemens, em Rathenow. No dia do aniversário de Hitler tinham-se juntado à volta do rádio na casa de estar de Frau Eggert esperando um discurso do Führer ou pelo menos algumas palavras reconfortantes do Dr. Goebbels. Mas o rádio ficara silencioso quanto a proclamações oficiais. E agora corria o boato de que os russos estavam a aproximar-se, do Leste e do Sul, apressando-se para se encontrarem com os americanos no rio Elba.

Hansi, a atraente e loira filha dos Clemens, concordou com o pai que chegara o momento de pensarem nas suas coisas de valor; se os russos batessem os americanos na corrida para Rathenow, seriam os civis a perder. Desdenhando das opiniões optimistas dos seus vizinhos, Hansi e o pai cavaram covas fundas no jardim e meteram-lhes dentro as suas últimas reservas de vinhos e bebidas alcoólicas, bem como as joias e valores menores da família, e depois cobriram tudo com dois pés de terra. Nessa tarde houve um alarme de tanques que se verificou ser falso; em vez disso houve um forte ataque aéreo. E nessa noite a família Clemens, com a senhora Eggert e as suas duas criadas, mudou-se de vez para o abrigo antiaéreo da vizinhança. O abrigo tinha só doze por catorze pés, mas, fosse como fosse, acomodava vinte pessoas.

Uma capacidade assim de tomar decisões não favorecia Heinrich Himmler no seu alojamento confortável em Hohenlychen. Depois da sessão do pequeno almoço com o Conde Bernadotte este homem estranho que podia condenar milhares de pessoas à morte com um simples aceno, estava ainda tentando decidir-se sobre se tentaria salvar as vidas duma mancha de alemães por trás das costas de Hitler.

O encontro com o Conde Bernadotte pouco rendera de natureza preliminar e nada de definitivo, embora o diplomata sueco parecesse o mais ansioso possível por cooperar. Schellenberg insistira com Himmler para negociar com Bernadotte como sucessor de Hitler, brandindo a autoridade do Estado nas suas ofertas de negociar condições com o Ocidente. Mas Himmler não podia endurecer-se de modo a dar esse passo final. Pelo contrário, insistia em demorar-se sobre pormenores técnicos

fatigantes que ele dizia terem de ser assentes antes de poder começar as negociações. Consentiu na soltura de algumas mulheres polacas escravas do campo de concentração de Ravensbrück, mas até para isso teve de obter a aprovação de Hitler pelo telefone.

Seguindo com Bernadotte para o acompanhar em parte da sua viagem para Lübeck, Schellenberg procurou novamente persuadi-lo a tomar a iniciativa das negociações. Himmler não era capaz de se forçar a dizê-lo, disse Schellenberg ao Conde, mas o que ele queria era que Bernadotte fosse ao encontro do General Eisenhower e fizesse as combinações necessárias para Himmler tratar diretamente, e pessoalmente, com o Comandante Supremo dos exércitos ocidentais.

Bernadotte não faria nada disso. Disse firmemente que não podia mexer-se sem um mandato firme, e por escrito, de Himmler. Este último «já não estava em contato com a realidade», acentuou ele tristemente. «Não posso ajudá-lo mais. Devia ter tomado os negócios do Reich nas suas próprias mãos depois da minha primeira visita.» Mas claro que Schellenberg poderia manter o contato com ele através do consulado sueco em Lübeck; o conde era um homem que tinha esperança até pelos que pareciam, por si, não ter nenhuma.

11

Lichtenrade, que espeta a sua ponta romba no campo ao Sul de Berlim, tem sido sempre referido como um subúrbio, mas está já dentro dos limites da Grande-Berlim. Em linha reta, está a catorze milhas do centro geográfico da cidade; em consequência, era talvez lógico que os primeiros soldados russos a entrarem em Berlim o fizessem por Lichtenrade.

Os russos chegaram ao abrigo da Hohenzollernstrasse às dez horas da manhã de 22 de Abril. Mais de quatrocentos civis, na sua maioria mulheres e crianças, tinham estado à espera atrás das espessas paredes de cimento armado durante várias horas; pelos seus cálculos, baseados no bombardeamento e no fogo de metralhadoras, os russos estavam quatro horas atrasados. As pessoas no abrigo estavam assustadas mas resignadas; um homem chamado Ernst Brandt, que assumira a chefia dos refugiados quando o encarregado do abrigo fora morto por uma granada russa,

instruíra-as sumariamente quanto à mecânica da sua recepção aos invasores. Deviam manter-se silenciosas, mas amigáveis, e deviam fazer o seu melhor para não mostrarem o seu medo. Como oferta de paz, fora feito café e tinham sido requisitadas várias centenas de cigarros das reservas açambarcadas pelos ocupantes do abrigo. A pesada porta reforçada a ferro estava aberta havia mais de uma hora, e de vez em quando estilhaços de granada e balas de metralhadora transpunham a abertura e batiam nas paredes de ambos os lados da porta. Para os suficientemente valentes, ou suficientemente temerários, para se aventurarem a dar uma vista de olhos ao mundo exterior, havia pouco que ver. Não tinham maneira de saber que o Sol brilhava, porque a poeira e o fumo tinham lançado um crepúsculo sujo sobre a cidade. Não havia seres humanos, alemães ou russos, à vista: só o rebentar das granadas e o crepitar das metralhadoras eram prova de haver vida lá fora.

Chegou de repente, com um tropel de cascos de cavalo, um cavaleiro vestindo um casacão de peles brancas, segurando com uma das mãos as rédeas do seu cavalo empinado e brandindo com a outra, cortando o ar cheio de poeira, uma grande espada de lâmina larga. Enquanto o cavalo e o cavaleiro dançavam doidamente no limiar, balas de pistola-metralhadora penetravam assobiando no abrigo, fazendo cair bocados de gesso do teto. Uma mulher gritou e a criança ao lado dela, ao longo da parede, olhou com curiosidade para a mancha de líquido vermelho que se formava na sua coxa.

Agora havia confusão. Outra mulher gritou e uma das grandes cafeteiras de café galvanizadas foi emborcada, derramando o seu conteúdo fervente sobre as crianças encolhidas no chão. Vultos que eram pouco mais do que sombras castanhas carregaram sobre o abrigo, a ambos os lados do homem do cavalo espantado. Avançaram em tropel sobre as pessoas no abrigo, empurrando-as e pisando as que caíam.

Brandt abrira a boca para fazer o seu discurso ensaiado.

— Zdravstvuite! — gritou ele em russo. — Sejam bem-vindos!

Quando a saudação saiu dos seus lábios foi derrubado por um golpe da larga lâmina da espada. Saltaram faíscas do chão, debaixo dos cascos do cavalo. Uma voz gritou:

— Eu comunista! — e o homem que pronunciara as palavras foi atirado ao chão com a pancada do carregador duma pistola-metralhadora.

Então o asiático saltou do cavalo, atirandoas rédeas a uma das sombras castanhas, e avançou para uma das mulheres, uma loira de enormes seios.

— Mulheres alemãs boas — disse ele num arremedo de alemão. — Mulheres alemãs boas e gordas. — Meteu um pé por trás das pernas da mulher, empurrou-a, atirando-a ao chão, e caiu sobre ela, de espada na mão. Mas a espada era demasiado difícil de manejar; pô-la de lado e tirou uma faca do cinto. Depois utilizou a faca para cortar o vestido, o porta-seios e as calças da mulher com um longo golpe. Remexia na frente das suas calças enquanto se metia à força entre as coxas da mulher com as suas próprias pernas.

Dúzias de sombras castanhas moveram-se por todos os lados e dúzias de mulheres caíram debaixo delas. Algumas das sombras tinham garrafas numa das mãos, mas a outra segurava sempre uma pistola-metralhadora. Eram rápidas e metódicas, e quando uma rolava para o lado, acabada, outra caía sobre a presa soluçante... enquanto as crianças para ali estavam, de boca aberta, algumas incapazes de gritar.

Os que tinham acabado com as mulheres passavam a ocupar-se de outros assuntos, arrancando relógios dos pulsos, esvaziando bolsos, emborcando malas e malas para despejarem o seu conteúdo. Os cheiros familiares do abrigo tinham-se perdido no fedor a suor e a urina, excremento de cavalo e álcool. Um soldado surriprou um frasco de perfume duma mala, partiu-lhe o gargalo com uma pancada na parede e despejou o conteúdo pela garganta abaixo. Outro arregaçou a manga para mostrar uma fileira de meia dúzia de relógios. Acima dos gritos e dos baques surdos no chão do abrigo, as exigências dos invasores podiam ouvir-se claramente: «Anda, mulher!» «Relógios!» «Relógios!»

Brandt voltou a si, sufocando com o líquido espesso na boca e cuspiu automaticamente uma porção de sangue... e dois dentes. O cavaleiro desmontado debruçou-se sobre ele arreganhando os dentes.

— Capitalista! — rosnou o russo — Tu capitalista! Vocês todos capitalistas!

Brandt quase sorriu. Capitalistas, realmente! O abrigo estava apinhado de trabalhadores que toda a sua vida de trabalho se tinham queixado da sua condição de desprivilegiados. Ergueu os olhos para o russo silenciosamente, e o russo deu-lhe um pontapé numa perna e seguiu adiante, agarrando por um braço uma mulher que tentara esgueirar-se passando por ele.

No pequeno parque próximo havia o caos duma aldeia mongol de tendas. Os pequenos cavalos siberianos andavam por todos os lados, alguns mordendo-se uns aos outros, alguns cheirando os cavalos maiores atrelados aos carros de quinta e aos grandes carroções com cobertas de lona à maneira dos carros dos pioneiros americanos. Fogueiras para cozinhar eram vigiadas por raparigas de uniforme russo e por outras mulheres com vestidos manchados e esfarrapados. Junto dum tanque americano Sherman estava um animal estranho e deselegante com um corpo volumoso e pernas compridas e finas. Era um camelo fêmea, e estava dando de mamar a uma cria.

Por volta do meio-dia de 22 de Abril, as tropas russas também entraram nos limites da cidade de Berlim ao Norte, em Karow e ao Nordeste, em Weissensee. Outras unidades estavam a exercer pressão a Leste, na direção de Lichtenberg e de Neukölln. Entretanto, quer pelo Norte quer pelo Sul, colunas russas estavam ultrapassando a cidade, eventualmente para virarem e completarem o cerco a Oeste. Durante a rotura de quatro dias a ala esquerda do Nono Exército alemão fora forçada a retirar para Noroeste, na direção de Eberswalde. Outras unidades tinham sido empurradas para Fürstenwalde, a Sudeste de Berlim. Inacreditavelmente, as unidades de Frankfurt e o 5º Corpo Alpino das S.S., na ala direita, ainda mantinham um ponto de apoio precário no Oder, mas só porque as colunas russas os tinham ultrapassado por ambos os lados.

Adolf Hitler depositara muitas esperanças em várias unidades de combate constituídas por «voluntários» de diversos países europeus, que tinham estado em posição a Leste e a Nordeste de Berlim. Mas o avanço russo varrera essas unidades para os subúrbios de Berlim, onde eram bem recebidas por uma guarnição cercada, extremamente necessitada de soldados experimentados em combate. Eram uma mistura cosmopolita: a S. S. Panzergrenadier Division Nederland e a 11ª S. S. Panzergrenadier Division Nordland, eram constituídas por belgas, holandeses, dinamarqueses e suecos; a 15.ª S. S. Grenadier Division Latvia I compreendia estonianos e letões; a S. S. Grenadier Division Charlemagne era composta por franceses, espanhóis e suíços, e a Divisão Treze de Janeiro era um conjunto de várias escolas militares das S. S. e de alguns estrangeiros isolados.

Mandados para as linhas dos arrabaldes a Sudeste da cidade, os remanescentes destes corpos de voluntários combateram valentemente em Karlshorst, Strausberg e Adlershof, mas em 22 de Abril foram forçados a retirar-se para Neukölln, apenas a seis milhas da Chancelaria do Reich. Aí juntaram-se a tropas das S. S. em posição de combate em redor de várias chamadas «fortalezas», incluindo os grandes

armazéns Karstadt, que estavam abarrotados de reservas de alimentos e de bebidas alcoólicas.

Os armazéns Karstadt, na Hermannplatz, eram uma causa de inveja amarga entre os civis da vizinhança, que estavam já reduzidos às suas últimas e escassas batatas. Os talhos tinham fechado, e a única carne disponível era a de cavalo, ocasionalmente cortada dum animal morto pelas bombas ou pelo fogo da artilharia. E contudo era bem conhecido que as S. S. estavam açambarcando toda a espécie de comida — carne fresca, vegetais, manteiga, açúcar — nos armazéns Karstadt. Em 22 de Abril, por conseguinte, foi apresentada uma petição formal ao comandante das S. S., um jovem capitão que sucedera no cargo quando o anterior comandante, um major, «desaparecera». O requerimento pedia que as S.S. distribuíssem toda a comida de que pudessem dispor à população civil.

Para o jovem capitão, isto era impudência que roçava pela traição. Tinha ordens estritas de conservar as suas reservas, de as guardar para a hora em que as forças alemãs se levantassem e repelisses os russos para o Oder. A ordem tinha a assinatura de Heinrich Himmler, agora a salvo em Hohenlychen, fora rubricada por Adolf Hitler e trazia um irônico post scriptum: que as reservas não deviam cair, fosse em que circunstâncias fosse, nas mãos dos russos.

Agora os russos estavam a caminho de Neukölln. Os voluntários estrangeiros não tinham sido capazes de os conter, e certamente a frágil guarnição, dentro e em redor dos armazéns Karstadt, não seria capaz de resistir aos invasores por qualquer período de tempo apreciável. Um oficial francês da Divisão Charlemagne era tipicamente prático: uma vez que os russos estavam a chegar, podiam muito bem entregar a comida aos civis e deixá-los ter a última refeição sempre concedida aos condenados. O francês era apoiado por vários dos seus colegas e pelos dinamarqueses e suecos.

Mas o capitão das S. S. tinha receio de ver as coisas dessa maneira. Tinha ordens de não deixar a comida cair nas mãos dos russos, e se a desse aos civis não viria a ser a mesma coisa? Não iriam os russos tirá-la aos civis? Não, ele obedeceria ao ukase vindo do alto. Encerrou a conferência e ordenou que todos os edifícios à distância dum quarteirão dos armazéns fossem evacuados. As cargas explosivas estavam nos seus lugares com os detonadores prontos. Uma hora mais tarde, com os civis, bem como as tropas, retiradas para lugar seguro, o capitão deu a ordem e as reservas de mantimentos foram pelos ares em fogo e fumo numa série de rápidas explosões.

Isto era a cidade moribunda de Berlim, uma selva de desesperados seres humanos sofrendo e de crueldade oficial fanática, enquanto os chefes militares de Hitler, mais o inefável Bormann, alinhavam no Abrigo do Führer para a conferência normal diária com o seu chefe lunático. O General Koller, da Luftwaffe, não poderia suportar outra sessão com Hitler; mandou o seu substituto, o General Christian, que era um favorito de, Hitler desde que tomara como segunda esposa uma secretária de Hitler chamada Gerda Daranowski.

Christian sentia um frio desalento enquanto deixava o carro, subia a escadaria e se apressava a entrar, por entre as altas colunas do pórtico, no salão de recepções da Chancelaria. Passou por ele um segundo-tenente das S. S. que parecia ter a malária. Prosseguiu ao longo do comprido corredor atapetado e desceu o primeiro lanço de escadas até à porta chapeada de ferro, com os seus dois guardas das S. S., de armas automáticas e com um cacho de granadas de mão no cinturão. Olharam para ele e deixaram-no passar, e Christian desceu apressadamente mais escadas para um estreito corredor com um pé de altura de água no chão e passadeiras de ripas para passar a seco. Mais escadas, fracamente iluminadas por lâmpadas eléctricas nuas, depois a cozinha e, passados os dois refeitórios onde estavam soldados sentados comendo sanduíches e bebendo aguardente de batata, ainda mais escadas, até finalmente, atingir a ultra-segurança do «Andar do Führer» — por cima da cabeça um teto reforçado de doze pés de espessura e. por cima dele, uma camada de cimento armado reforçado de trinta pés de espessura. Esperou de pé, impaciente, enquanto os dois guardas o revistavam e verificavam o conteúdo da sua pasta, com o zumbido dos ventiladores soando-lhe aos ouvidos.

Na sala de conferências, o Grande-Almirante Dönitz era o único que faltava; mudara o seu quartel-general para Plôn, no Schleswig-Holstein, e um ajudante dele esperava numa antecâmara para o caso de ser preciso. Hitler estava sentado num silêncio meditativo, com a cara muito pálida; não tivera ainda notícias do ataque de Steiner nos subúrbios do Sul. embora tivesse tido os seus telefones ocupados toda a manhã pedindo novidades tranquilizadoras. A certa altura uma chamada de Himmler, justamente dele entre todos, informava que o ataque fora lançado, mas, pouco depois, o General da Luftwaffe, Koller, sugerira que não fora. Primeiro Jodl e a seguir Krebs discutiram a situação militar — Jodl, como chefe de operações do O. K. W. recorrendo sobre o quadro geral, e Krebs, como Chefe do Estado-Maior do Exército, atualizando o quadro localmente. A linguagem deles era cautelosa; a sua essência era que a situação era má, mas não estava ainda tudo perdido.

— Poupe-me aos pormenores! — interrompeu a voz de Hitler, cortando o monólogo de Krebs. — Poupe-me às coisas triviais. Quero saber onde está Steiner.

Houve um longo momento de silêncio, e depois Keitel e Jodl deram as más notícias. Nada se ouvira de Steiner. A Luftwaffe não recebera ordens dele. O ataque não fora ainda lançado. Além disso, havia dúvidas de que pudesse agora materializar-se; a frente Norte fora tão enfraquecida pela retirada de tropas para apoiar Steiner, que os russos tinham penetrado nos limites da cidade com as suas pontas de lança blindadas. Os cidadãos de Lichtenrade, ao que parecia, estavam muito mais atualizados quanto ao avanço russo do que o O. K. W.

Na explosão que se seguiu, Hitler perdeu todo o domínio sobre si. A sua voz era um grito, depois um guincho. Fora abandonado por traidores, dizia ele. O povo mentira-lhe, os seus chefes militares tinham-no enganado, houvera corrupção em toda a linha, o Terceiro Reich era um fracasso. Depois a sua voz tornou-se mais calma, quase trivial. Muito bem, ficaria em Berlim. Os que quisessem podiam ir para o Sul, mas ele ficaria para dirigir pessoalmente a defesa da capital e, se necessário, morrer nas ruínas.

Quando ele acabou de falar, os assistentes, um a um, tentaram dissuadi-lo. Em Berlim a situação era má, mas em outros pontos havia esperanças, disseram-lhe. Os Grupos de Exércitos de Schoerner e de Kesselring estavam ainda intactos e combatendo, Schoerner no Sul da Alemanha e na Checoslováquia, Kesselring na Itália. O Führer devia partir para o Obersalzberg para dirigir as operações dessas duas experimentadas e autênticas máquinas de combate. O ajudante de Dönitz, o Almirante Voss, telefonou ao seu chefe, e Dönitz prometeu mandar reforços de tropas de marinha para ajudarem a defender Berlim. Recusando-se a ser omitido, o antigo jóquei, agora Obergruppenführer (Tenente-General) das S. S., Hermann Fegelein, telefonou a Himmler e o Der Treue Heinrich garantiu um destacamento de tropas das S. S. para o mesmo fim. O Embaixador Walter Hewel, representando o Ministério dos Negócios Estrangeiros, entrou a correr com uma mensagem de Ribbentrop de que as probabilidades dum acordo de paz com o Ocidente eram excelentes e de que Berlim devia tentar aguentar-se só um pouco mais de tempo.

Mas Hitler manteve-se firme. Deu ordem para se fazer um anúncio ao povo de que ia assumir a defesa da cidade e de que lutaria por ela até ao fim. Queria que o mundo soubesse, disse ele, que Berlim e Praga eram as invencíveis cidadelas gêmeas do Reich. Houve uma inclinação geral de cabeças em concordância, e a conferência terminou.

Hitler mandou buscar os seus papéis e começou a separá-los, escolhendo os documentos que queria que fossem destruídos. Quando acabou, deu os papéis escolhidos a um ajudante, que os levou para o jardim e os queimou. Entretanto,

mandara chamar Goebbels e a mulher, e quando eles chegaram disse-lhes da sua decisão. Também lhes deu ordem de se mudarem para o Abrigo do Führer com os seus seis filhos. Goebbels garantiu a sua imorredoura lealdade ao Führer e disse que se suicidaria quando o fim chegasse. A Senhora Goebbels disse que também se suicidaria e envenenaria os filhos. Hitler tentou dissuadi-la, mas ela insistiu em que nem ela nem os seus filhos quereriam viver num mundo privado do seu Führer.

Depois Hitler despediu-se dos Goebbels e chamou Keitel e Bormann de regresso à sala. Repetiu a sua decisão:

— Nunca deixarei Berlim... nunca!

Deu ordem a Keitel de partir no dia seguinte para Berchtesgaden, ignorando os protestos de Keitel de que não iria senão com o Führer. Depois Hitler disse a Bormann que deixasse a sala e chamasse Jodl. Aos dois chefes do O. K. W. confiou que se mataria a tiro quando Berlim caísse, de modo que não cairia vivo nas mãos dos russos. Nessa altura já era noite, e embora tanto Keitel como Jodl repetissem os seus protestos, estavam demasiado exaustos para persistirem. Apenas reiteraram que ele também devia deixar Berlim, de modo a comandar as tropas que restavam no Sul.

— Não pode dirigir seja o que for daqui — dissente Jodl.

— Então, bem — respondeu Hitler — Göring pode assumir lá a chefia.

Keitel e Jodl encontraram novas torças para protestarem. Acentuaram que não havia um só soldado alemão que quisesse combater sob o comando do Marechal do Reich.

— Que querem dizer com isso de combater? — perguntou Hitler. — Há pouquíssimos mais combates a travar. Já não há nada com que lutar. E se é uma questão de negociações, Göring pode fazê-lo melhor do que eu.

Tanto Keitel como Jodl gostariam de discutir essa ideia com ele mas ele deteve-os com um gesto. Agora, disse, queria falar acerca da defesa de Berlim, e particularmente acerca da maneira como podia ser rompido o cerco da cidade. Ordenou que o novo 12.º Exército do General Wenck, postado ao longo duma frente de cem milhas no Elba, cinquenta milhas a Oeste de Berlim, cortasse o contato com o inimigo e começasse a mover-se para Leste, para levantar o cerco de Berlim e libertar o Führer. Keitel ofereceu-se para levar essa mensagem

pessoalmente a Wenck, e Hitler concordou, mas primeiro insistiu com Keitel para jantar. Depois dirigiu pessoalmente o acondicionamento duma merenda para Keitel levar na sua viagem — sanduíches, caviar, vinho, conhaque e chocolate. Keitel e Jodl partiram juntos pouco depois das oito horas da noite; Jodl estava a caminho do quartel-general do O. K. W. em Krampnitz.

Chegado ao quartel-general de Wenck, Keitel encontrou as forças americanas enfrentando o 12.º Exército a todo o comprimento da margem esquerda do Elba mas não fazendo aparentemente qualquer esforço para avançar. Wenck tinha muito pouco para espalhar ao longo da frente que lhe competia; o seu comando compreendia o 41.º Corpo de Tanques, a Norte e Oeste de Berlim, e o 2o.º Corpo de Exército, a Oeste e Sudoeste da capital. Ambas as unidades careciam praticamente de tudo.

Wenck já decidira que ofereceria apenas uma resistência simbólica a Oeste, enquanto mantinha uma frente no Leste que o habilitaria a defender as suas forças e a população civil contra um avanço russo no seu sector. Já começara a dar meia volta às suas tropas, de Oeste para Leste, e já retirara as suas unidades mais fortes do Elba. Estavam constituídos pelotões especiais para auxiliarem os refugiados do Leste a acamparem no seu sector, e fornecera-lhes rações alimentares das reservas militares. Ordenara que nenhum comandante devia tomar posição numa localidade, assim a sujeitando à destruição, a não ser que fosse absolutamente necessário para proteger as forças sob o seu comando. E postara guardas em todas as instalações vitais industriais e de comunicações, de modo a impedir quaisquer fanáticos de levarem a cabo a política de «terra queimada» de Hitler.

Assim. Wenck não tentou discutir com Keitel quando este último esboçou o fantástico plano para levantar o cerco de Berlim. Wenck sabia que não tinha as forças suficientes para libertar a capital. Mas estava interessado num movimento em direção a Leste por uma razão diferente. O Nono Exército de Busse e os refugiados que o seguiam estavam em desesperadas dificuldades ao Sul e a Leste de Berlim, enquanto os russos continuavam a fortalecer o tapume militar que os cercava. Havia talvez a possibilidade de ele ser capaz de fazer avançar os seus homens para Leste, até, por exemplo, Jüterbog, a quarenta milhas ao Sul de Berlim, e de abrir aí para o Nono Exército um corredor de fuga para Oeste. Se, por uma sorte fantástica, fosse capaz de atingir Berlim, tanto melhor, mas o seu objetivo era a libertação do Nono Exército e dos seus refugiados.

Portanto, prometeu a Keitel, com toda a boa fé, que continuaria a mover as suas melhores divisões para Leste e que lançaria depois um ataque. Keitel supôs que

isto significava um ataque contra as forças russas cercando Berlim, embora Wenck tivesse a cautela de falar apenas num ataque «na direção de Berlim».

Pyotr Ivanovich Telegin levantou os olhos para a placa da rua, mas dado que não era capaz de ler alemão (e muito pouco russo, vamos lá), não tinha maneira de saber que as letras alemãs se pronunciavam «Goethe». Pyotr nem sequer sabia que estava numa zona de Berlim conhecida como Lichtenrade. Sabia, pelos seus camaradas, que a sua unidade atingira finalmente a cidade capital dos hitlerianos mas estava demasiado cansado e infeliz para ficar excitado com isso.

Movendo-se cautelosamente, colado às fachadas dos prédios para se esquivar às explosões das granadas, Pyotr atingiu finalmente a porta aberta da casa de apartamentos onde o seu pelotão bivacara para passar a noite. Apesar do fogo alemão se ter intensificado desde que a escuridão caíra, havia luz em quase todas as janelas. Subiu lentamente as escadas para o segundo piso e abriu a porta da grande sala de que o seu pelotão tomara posse. O barulho bateu-lhe na cara como se fosse qualquer coisa física. Havia mais ou menos uma dúzia de soldados na sala, com o seu sofá comprido e macio, o alto guarda-louça e a mesa com tampo de mármore, e todos eles pareciam estar gritando ao mesmo tempo.

Pyotr fechou a porta atrás de si, resistindo à náusea que lhe crispava o estômago. A sala estava cheia de fumo de tabaco à mistura com os vapores do álcool. Havia várias garrafas em cima da mesa e cada um dos soldados estava segurando um copo de aguardente de batata. Uma mulher alemã de cabelo grisalho, em tranças, estava de pé no meio do sofá, erguendo um copo num brinde. Estava nua. Duas outras mulheres, nuas até à cintura, estavam sentadas ao colo de dois soldados russos numa das pontas do sofá, e na outra ponta um soldado russo estava deitado em cima duma quarta mulher. Tudo o que Pyotr pôde ver dessa mulher foram as suas pernas e braços.

Ninguém pareceu notá-lo, embora ficasse ali parado por vários momentos olhando para eles. Depois Pyotr dirigiu-se para um dos lados da sala, perto das janelas, e tirou uma longa linguiça da sua mochila. Sentou-se no chão e começou a mastigá-la; não comera durante todo o dia, e agora, apesar de tudo, estava ferozmente esfomeado. Doía-lhe o ferimento da coxa, apesar de ter tirado a ligadura nessa manhã.

A porta tornou a abrir-se, e dessa vez era um sargento doutra companhia cujo nome Pyotr não conhecia. O homem parou no limiar, depois estendeu um braço para fora da porta e puxou por qualquer coisa. Pyotr via agora que ele estava a puxar uma

mulher loira para dentro da sala. Mas não era uma mulher... era uma criança! Pyotr deixou cair a língua à vista do vulto delgado. Não podia ter mais de doze anos.

Enquanto Pyotr observava, o sargento arrastou a rapariga para o meio da sala, tirou uma faca do cinturão e rasgou o decote redondo do seu vestido branco enxovalhado, expondo-lhe os seios pequenos, infantis. Muito cautelosamente, Pyotr levantou-se do chão, aproximou-se e deu uma pancada com o carregador da sua pistola-metralhadora na cabeça do sargento. Observou o sargento cair, e depois pegou na mão da rapariga e arrastou-a para fora da sala, fechando a porta atrás.

Não tinha nenhum plano; não sabia para onde estava indo com a rapariga. Mas agora ela seguia-o de boa vontade. Abrandou o aperto da mão dela, enquanto, a correr, desciam as escadas, davam uma volta passando por outra porta e desciam mais um lance de escadas até à cave. Durante um momento, à beira da escada, Pyotr parou e escutou. Depois tirou uma vela da algibeira e acendeu-a. Voltou para junto da rapariga e fez-lhe sinal para o seguir. Ela estendeu uma das mãos e pegou numa das dele, utilizando a outra para segurar o vestido rasgado contra o peito. Havia um barril de vinho, baixo e largo, na pequena arrecadação, e Pyotr impeliu a rapariga a sentar-se nele. Depois, dizendo-lhe por sinais que esperasse por ele, deu-lhe a vela e saiu. Deixou a rapariga no sítio onde tinham parado e foi dar uma vista de olhos pela cave. Não havia ninguém senão eles. Pyotr encaminhou-se para a porta do que parecia uma pequena arrecadação e abriu-a. Estavam lá dentro várias latas vazias.

No primeiro piso, Pyotr abriu a primeira porta que encontrou; o seu amigo, o Sargento Lomov, estava a dormir ali. Fazendo tão pouco barulho quanto possível, acordou-o abanando-o.

— Sou eu, Pyotr Ivanovich — murmurou ele ao ouvido de Lomov. — Acorde, mas não faça barulho.

Quando Lomov estava inteiramente acordado, Pyotr disse-lhe o que queria, e Lomov não disse nada mas meteu a mão debaixo do cobertor que estava utilizando como almofada e tirou um pão comprido, uma língua e uma garrafa de vinho. Depois levantou o cobertor que o cobria e disse;

— Toma, leva isto também. Não é bom fazer amor quando se está frio.

Pyotr ficou aborrecido com aquela observação, mas não disse nada. Pegou no cobertor, na comida e no vinho e saiu.

Desceu apressadamente as escadas para a cave e quase caiu no escuro, mas quando chegou à pequena arrecadação a rapariga ainda lá estava, sentada muito direita no casco de vinho, segurando a vela com uma das mãos e o vestido rasgado contra o peito com a outra.

Comeram juntos a linguiça e o pão, e beberam depois algum vinho, e foi só depois do vinho que Pyotr soube que a rapariga falava russo. Ela e os pais tinham vivido durante mais de cinco anos em Praga, onde o pai trabalhara como engenheiro eletricitista, e o pai ordenara à criada, uma mulher russa, que lhe ensinasse a sua língua. Agora a rapariga podia dizer a Pyotr que o seu nome era Renate, que tinha catorze anos de idade e que o pai fora morto na Normandia e a mãe num bombardeamento aéreo. E Pyotr disse-lhe o seu nome e descreveu-lhe a aldeia do Sul da Ucrânia onde nascera e fora criado. Contou-lhe do seu ferimento, e ela observou-o e beijou-o, e ele ficou tão perturbado que lhe contou dos seus ataques de diarreia e ficou depois envergonhado até ela se rir. Então também se riu e contou-lhe de quase ter caído pelas escadas da cave na sua pressa de voltar para junto dela, e do que Lomov dissera. Então Renate pegou na mão dele e apertou-a com força, e nenhum deles disse nada durante muito tempo. Passado um bocado, Pyotr fez Renate deitar-se no chão, pôs o cobertor por cima dela e deu-lhe as boas-noites. Deixou-lhe ficar a vela, saiu da pequena arrecadação, deitou-se à beira da escada da cave e adormeceu.

Heinrich Himmler foi lançado na confusão pela informação telefônica do rude Fegelein de que Hitler decidira ficar em Berlim. Foi assaltado por um sentimento de culpa ao ouvir que Hitler acusara as forças armadas de o terem abandonado, e contra a sua vontade perguntou a si mesmo em voz alta se devia ou não ir juntar-se ao Führer em Berlim e afundar-se com ele na destruição.

— Estão todos doidos em Berlim — disse Himmler a Gottlob Berger, chefe da sua Administração dos Prisioneiros de Guerra. — O Führer diz que até as S. S. o estão a deixar agora em apuros. Ainda tenho o meu batalhão de escolta aqui — seiscientos homens, na sua maior parte feridos ou convalescentes. Que devo fazer?

A resposta de Berger foi desconcertante. Disse a Himmler que era o seu dever voltar para Berlim imediatamente com o seu batalhão de escolta.

— O senhor não tem o direito de ter aqui um batalhão de escolta, na ocasião em que o Führer decide ficar na Chancelaria do Reich — acrescentou Berger. — Eu vou para Berlim, e o seu dever é ir também.

Mas Himmler não tinha a intenção de se juntar a Hitler num pacto de suicídio na capital. Decidira, finalmente, assumir a autoridade e começar negociações sérias com o Conde Bernadotte. Schellenberg fora mandado a Bernadotte nessa própria tarde para o informar da decisão de Himmler; não faria agora sentido deitar fora a oportunidade de se tornar o instrumento escolhido para o acordo de paz da Alemanha com o Ocidente. Havia, contudo, a sua lealdade ao Führer a considerar; como podia assegurar a Hitler que ela era incessante sem ir a Berlim?

Telefonou outra vez para o Abrigo do Führer e suplicou a Hitler que partisse, mas Hitler recusou-se a alterar a sua determinação de ficar na capital. Himmler falou com Fegelein, que instou com ele para ir a Berlim. Era típico do Himmler de 1945 que ele cedesse agora a um compromisso: iria até meio caminho de Berlim, até à cidade de Nauen, e Fegelein encontrar-se-ia lá com ele para discutirem o problema. Himmler partiu quase imediatamente, seguido noutro carro pelo Dr. Karl Gebhardt, o famigerado médico-assassino, que estava arriscando o seu pescoço por razões interesseiras: Himmler tinha-o proposto como chefe da Cruz Vermelha Alemã, e Gebhardt queria que Hitler confirmasse a nomeação.

Mas embora Himmler esperasse em Nauen quase duas horas, Fegelein não apareceu. Himmler discutiu apressadamente o problema com Gebhardt; o chefe das S. S. não ia prosseguir para o Abrigo do Führer sem instruções resumidas por intermédio dum agente de ligação. O insidioso Gebhardt ofereceu-se para entregar a sua mensagem a Hitler, se Himmler lhe permitisse ir a Berlim. Himmler concordou; disse a Gebhardt que dissesse ao Führer que mandaria o seu batalhão de escolta das S.S. para a capital se Hitler assim quisesse.

Berlim era um inferno de granadas a explodir quando Gebhardt chegou, pouco antes da meia-noite, mas conseguiu frustrar temporariamente a morte súbita e encaminhar-se para o Abrigo do Führer. Levado à presença do Führer, ofereceu-se primeiro para evacuar todas as mulheres e crianças do abrigo — Eva Braun, a Senhora Goebbels e os seus filhos, e as várias secretárias. Hitler pôs a oferta de lado com um aceno; todas tinham decidido ficar com ele em Berlim, disse. Mas aceitava a oferta de Himmler do seu batalhão de escolta, e levou Gebhardt para junto duma planta para lhe mostrar a posição no Tiergarten que queria que o batalhão defendesse. Casualmente, Hitler também aprovou a nomeação de Gebhardt como chefe da Cruz Vermelha. E, quando Gerhard ia a sair, disse-lhe para transmitir a Himmler «a minha afeição».

O visitante seguinte de Hitler era o simples Berger, que encontrou o Führer como um homem derrotado, triste e quebrado. A sua voz era calma quando falou a

Berger das deslealdades que o cercavam e reiterou a sua decisão de permanecer em Berlim. Berger concordou com o Führer; disse a Hitler que não podia deixar Berlim agora, que não podia abandonar o povo «depois do que ele suportou tão lealmente e durante tanto tempo». As palavras provocaram uma fúria em Hitler e a sua voz transformou-se outra vez num guincho:

— Toda a gente me enganou! — gritou ele — Ninguém me disse a verdade! As forças armadas mentiram-me. — Enquanto Berger o observava, o rosto do Führer tornou-se púrpura, como se estivesse prestes a ter uma apoplexia. Berger também notou que o seu braço esquerdo, que anteriormente se agitara nervosamente, estava caído, e que quando ele se sentou apoiou apenas a mão direita em cima da mesa.

Tão repentinamente como explodira, Hitler acalmou-se e abriu uma discussão sobre os chamados proeminentes prisioneiros de guerra — ingleses e americanos altamente colocados, mais o antigo Chanceler Austríaco Kurt von Schuschnigg. Tinham sido transferidos para a Baviera, onde Berger assumiria a sua supervisão no dia seguinte. Berger mencionou o facto de ter havido alguma agitação para o separatismo tanto na Baviera como na Áustria; imediatamente o Führer se pôs outra vez de pé, gritando:

— Fuzile-os todos! Fuzile-os todos!

Berger saiu pouco seguro de saber se Hitler queria dizer os prisioneiros ou os separatistas.

Em Hohenlychen, Heinrich Himmler esperava ansiosamente o regresso de Walter Schellenberg da sua missão junto do Conde Bernadotte. Agora que os dados estavam lançados, agora que se recusara a tornar a juntar-se a Hitler em Berlim, não havia tempo a perder. Tinha de começar a negociar antes de mais alguém, como por exemplo Göring, o bater.

E enquanto Himmler se atormentava a imaginar a melhor maneira de capitalizar sobre a sua deserção do Führer, os incontroláveis S. S. do Der Treue Heinrich ocupavam-se sumariamente do último pequeno grupo de prisioneiros condenados à morte pela sua conjura abortada para assassinar Adolf Hitler em 20 de Julho de 1944. Himmler demorara a sua execução por razões só dele conhecidas, mas provavelmente porque acreditava que os serviços deles lhe podiam ser úteis se sucedesse ao trono nazi. Mas — com ou sem conhecimento de Himmler— a suspensão da execução era anulada, para dezoito desse bando de vinte, na noite de 22 para 23 de Abril.

Na escuridão estígia da ocultação de luzes de Berlim, os prisioneiros estavam sendo conduzidos debaixo de forma da Prisão da Lehrterstrasse para a Prisão da Gestapo da Prinz-Albrecht-Strasse quando foram interceptados por uma companhia das S.S. As tropas das S. S. mandaram os guardas embora, depois alinharam os prisioneiros de encontro a uma parede e ceifaram-nos com as pistolas-metralhadoras. Inacreditavelmente, duas dessas infelizes criaturas escaparam-se na escuridão.

TERCEIRA PARTE

In extremis

Quando Pyotr Ivanovich Telegin foi acordar Renate eram seis horas da manhã de 23 de Abril, e seria dia se não fosse o manto de fumo e de poeira que cobria Berlim. O bombardeamento continuara toda a noite, e também houvera um ataque aéreo, mas tanto Pyotr como Renate tinham dormido profundamente.

Pyotr levou a Renate outro cobertor, duas latas de carne de conserva alemãs e outra garrafa de vinho. Disse-lhe que tinha de sair com o seu destacamento, mas que se ela se deixasse ficar na pequena arrecadação na cave era provável que ficasse bem. Mostrou-lhe como arranjar um meio de fechar a porta para o andar de cima com uma corrente que encontrara na cave. Quando Pyotr partiu, Renate beijou-o no rosto. Duas horas mais tarde, três soldados russos forçaram a entrada, encontraram Renate na pequena arrecadação e violaram-na à vez.

Em Tempelhof, uma mulher de apelido Weichsel disse aos seus vizinhos que vira um leão vagueando pela Albrechtstrasse e mais tarde uma zebra pastando num cemitério. Pensaram que estava doida, mas duas horas mais tarde dois homens contaram ter visto um leão na Britzerstrasse, em Mariendorf. Também em Mariendorf, os cidadãos tinham pendurado lençóis brancos nas suas janelas como símbolos de rendição aos russos e dois homens tinham sido mortos por um pelotão das S. S. por «derrotismo». Um soldado russo entrou por uma casa dentro, em Mahlsdorf, no limite Leste da cidade, e acalmou os receios de duas mulheres aterrorizadas que encontrou encolhidas numa cama. Elas não compreendiam o que ele estava dizendo em russo, mas ele continuava apontando para a luz do teto e para o lavadouro da cozinha enquanto repetia as palavras alemãs «Luz do teto! Água da parede!» (Os russos tinham aprendido duas outras palavras alemãs de importância para eles: «Anda, mulher!»)

Em Haselhorst, na zona Noroeste de Berlim, três homens fugiram dum camião transportando quarenta condenados da Prisão de Tegel para a frente. Um dos homens era um condenado por assassínio, e os outros dois estavam cumprindo sentenças por roubo. Fora prometido o perdão a todos se combatessem bem contra os russos. Houve uma briga a murro na Landhausstrasse em Wilmersdorf, entre dois homens que discutiam qual dos dois utilizaria primeiro um carro-de-mão. O carro-de-mão estava sendo utilizado para transportar os cadáveres das vítimas do ataque aéreo, e cada um dos homens queria livrar-se rapidamente da sua quota de

cadáveres para o caso de haver outro ataque aéreo. Em Lichtenrade, os russos eram estritamente disciplinadores. Apesar de um ataque alemão de artilharia pesada, forçaram todos os civis válidos, homens e mulheres, a limpar de corpos uma parte da Paplitzerstrasse, porque os corpos estavam obstruindo o tráfego militar soviético. Daí a uma hora estavam mortos três homens e uma mulher e vários outros feridos pelo fogo alemão.

Jadwiga Urbanowicz aventurou-se a sair do seu apartamento na Knesebeckstrasse, em Charlottenburg, para dar uma saltada ao abrigo da vizinhança, do qual fugira alguns dias antes por causa dos seus turbulentos ocupantes das S. S.; ouvira dizer que havia carne de cavalo no abrigo. Quando lá chegou foi-lhe dada uma libra de carne, que tinha uma cor esverdeada e cheirava a latão por limpar.

A caminho de casa, mantendo-se encostada aos prédios para evitar ser atingida por estilhaços de granada, Jadwiga apanhou do chão um folheto amarrotado. Esperou até chegar a casa para o ler, e então descobriu que Adolf Hitler estava em Berlim e que defenderia a cidade até ao fim. O povo de Berlim era chamado às armas e era-lhe prometido que dentro de um ou dois dias o exército do General Wenck os salvaria e repeliria os russos para o rio Oder. Chegou uma vizinha, corada de entusiasmo, para lhe contar que acabava de ouvir no seu rádio que o General Weidling, um general de artilharia do 57.º Corpo de Tanques, fora nomeado comandante da guarnição de Berlim. Weidling sucedia ao General Reimann, que sucedera ao General von Hauenschild, que sucedera ao General von Kortsfleisch. A rádio também informara que a batalha por Berlim atingira o seu «paroxismo», que a cidade se tornaria o túmulo do Exército Vermelho, e que o Führer estava à beira de mais uma gloriosa vitória. Quase como reflexão tardia, a rádio acrescentara que o Dr. Goebbels estava também em Berlim para ajudar.

O Sargento Dietrich von Behmen também soubera da decisão de Hitler de assumir o comando da defesa de Berlim, por uma palestra de propaganda feita ao seu Kampf Battalion pelo oficial comandante, mas deu pouca atenção ao caso. Estava no Exército Regular desde 1939, quando deixara o Arbeitsdienst (Serviço de Trabalho) para se alistar, e aprendera que a política tinha muito pouco efeito na vida dum soldado. A sua missão era combater quando tinha de o fazer e conseguir descansar o suficiente e arranjar o bastante para comer quando as coisas estavam calmas.

Depois de terem saído do seu quartel de Spandau no dia 21, as tropas da unidade de Behmen tinham passado a noite em Hasselhorst e tinham seguido depois para a Siemensstadt, onde estavam bivacadas numa fábrica inativa. Tinham estado sob

bombardeamento e ataques aéreos quase constantes na Siemensstadt, e nessa manhã do dia 23 Behmen sentiu-se feliz quando veio ordem para seguirem para o Norte; era irritante estar a servir de alvo e não ter ninguém sobre quem disparar em troca. O bombardeamento tornava-se mais pesado à medida que iam andando lentamente através das ruas desertas para uma posição no Canal Hohenzollern, que corre ao longo do limite Norte de Berlim. Tinham acabado de se instalar em profundas trincheiras, quando Behmen e três outros homens receberam ordem de seguirem para o Quartel Hermann Göring, afastado algumas milhas, e irem reforçar uma guarnição empenhada num tiroteio com os russos.

Puseram-se a caminho através das ruas, mas ficaram imediatamente debaixo do fogo dos lança-foguetes, os odiados «órgãos de Stalin», e tiveram de se abrigar numa casa durante cerca de meia hora. Depois Behmen ordenou aos seus homens que o seguissem através dum maciço de árvores e de arbustos cerrados. Mal tinham entrado no maciço, porém, quando ficaram debaixo de pesado fogo de metralhadora, mesmo em frente e do seu lado direito. A retirada era impossível. Os quatro homens colaram-se ao chão e tentaram responder ao fogo. Enquanto o faziam, Behmen localizou uma dúzia de soldados russos a cerca de sessenta jardas à frente, e sentiu nesse momento a dor dum golpe na barriga da perna direita, seguida dum jorro húmido; fora atingido. Continuou a disparar a sua pistola-metralhadora contra os vultos que se moviam rapidamente à sua frente, mas dentro em poucos minutos era óbvio que ele e os seus homens estavam cercados. Deu a respectiva ordem de comando, e puseram-se de pé deixando cair as armas.

Cinco russos avançaram cautelosamente, com as pistolas-metralhadoras aperradas. Revistaram Behmen e os seus três homens, tiraram-lhes os seus documentos de identificação, e depois apanharam as armas do chão. Um dos russos ajoelhou-se depois para observar o ferimento da perna de Behmen; enrolou a perna da calça, lavou o ferimento com um soluto dum frasco que tirou da algibeira e ligou a perna com uma tira de trapo pardacento. A um lado, outro russo estava pairando com um dos homens de Behmen, um membro da Juventude de Hitler chamado Rolf, que tinha dezesseis anos. O russo estava tentando arrancar o relógio de pulso de Rolf. Rolf praguejou contra o homem, e depois bateu-lhe na cara fazendo-o cambalear. O russo olhou para Rolf, levantou a pistola-metralhadora e meteu-lhe quatro ou cinco balas no peito. Apareceu um olhar surpreendido no rosto de Rolf, depois ele dobrou-se pelo meio e caiu. Provavelmente já estava morto antes de atingir o chão. O russo inclinou-se, puxou o braço de Rolf de sob o corpo, tirou-lhe o relógio e pô-lo no seu próprio pulso. Depois tirou uma garrafa de vodka da algibeira do seu blusão e tomou um longo trago. O russo que ligara a perna de Behmen disse-lhe

qualquer coisa numa voz calma, e como não houve resposta encolheu os ombros e fez sinal aos prisioneiros para o seguirem.

Os três alemães foram escoltados cerca de seis milhas para Oeste, para o edifício duma fábrica perto de Jörsfelde, onde deram um pedaço de linguiça e uma marmita de sopa magra a cada um. A perna de Behmen foi ligada por um homem do Corpo Médico Russo, após o que os três prisioneiros foram fechados numa pequena sala sem qualquer espécie de mobília, mas com uma pia a um canto, cheia de fezes humanas. Disseram-lhes que passariam a noite ali e seriam levados para qualquer outro sítio na manhã seguinte.

Apenas poucas milhas a Sudoeste, em Berlim-Staaken, a enfermeira Ursula Kroll mantinha-se na cave com os pais; os primeiros russos tinham chegado durante a noite e ainda havia luta esporádica no exterior. No seu conjunto, a cave era bastante confortável. O pai trouxera duas camas do andar de cima, e a mãe tinha improvisado um fogão com algumas chapas de folha. Além disso, os russos que se tinham introduzido no abrigo tinham sido convencidos a ir-se embora pelo criado checo dos Krolls, que falava russo e que disse aos soldados que fora tratado como uma pessoa de família. Mas por entre os sons retumbantes do bombardeamento e o crepitar do fogo das metralhadoras, os Kroll podiam ouvir os gritos de mulheres da vizinhança que não tinham um protetor checo.

De tarde apareceu na cave um civil alemão e disse ter ouvido que havia uma enfermeira na casa. Poderia Ursula ir com ele e ver o que podia fazer para socorrer o seu filho de onze anos que sofrera uma lesão na cabeça quando fora atingido por um estilhaço de granada? Os pais não queriam que Ursula saísse por causa da luta de ruas, mas Ursula sentiu que tinha de fazer o que pudesse. Vestiu o seu uniforme branco de enfermeira e pegou na maleta, cheia de ligaduras e de alguns outros artigos médicos, e seguiu com o homem. Levou-lhes três quartos de hora a caminhada para casa do homem, em Spandau, e quando lá chegaram Ursula descobriu que o ferimento não era sério, mas que o golpe era muito profundo. Lavou a ferida, esterilizou-a com o líquido dum frasco da maleta e aplicou uma ligadura lavada.

No seu caminho de regresso, sozinha, estava passando junto dum abrigo quando um soldado russo surgiu lá de dentro e a mandou parar. Parou e depois começou a andar ao encontro dele, mas parou outra vez, aterrorizada, quando o soldado levantou a pistola-metralhadora e disparou vários tiros por cima da sua cabeça. Estava ali parada, incapaz de se mover, quando saiu outro soldado e lhe perguntou

em alemão se era uma enfermeira militar alemã. Não, não era, mentiu ela alegremente; era dum hospital católico da vizinhança. O segundo soldado sorriu.

— Bom. Anda cá, mulher — disse-lhe, e como ela não se movia, avançou ele ao seu encontro. Quando estendeu as duas mãos para ela, o seu coração parou, mas tudo quanto ele queria era revistá-la. Fê-lo cuidadosamente e com pouco respeito pela sua intimidade. Depois revistou-lhe a maleta. Mas ela deixara o seu cartão de identidade em casa, e aparentemente era o que o soldado estivera procurando, porque lhe fez sinal para seguir o seu caminho.

Não se tinha afastado mais de um quarteirão, quando se acercaram dela mais dois soldados russos.

— Anda mulher — disseram-lhe, e os seus rostos estavam sérios.

Como ela hesitasse, um dos soldados sorriu e disse em alemão:

— Não queremos fazer-lhe mal, mas um dos vossos soldados precisa do seu auxílio. — Disse que o soldado estava numa casa a cerca de cinco minutos dali e tinha um ferimento grave num pulmão, mas recusava-se a ser operado por um médico russo. — Penso que se não vier e o persuadir a ser operado pelo seu inimigo, ele morrerá — disse-lhe o soldado.

Os pensamentos de Ursula corriam-lhe rapidamente no cérebro. Não acreditava na história dos soldados e estava com medo de ir com eles, mas que podia ela fazer? Se tinham a intenção de lhe fazer mal, conseguiriam fazê-lo quer ela cooperasse quer não e poderia ficar gravemente magoada no decurso das coisas, enquanto, se fosse com eles, havia talvez uma ligeira possibilidade de verificar que estavam a dizer-lhe a verdade. Disse-lhes:

— Muito bem, vou convosco.

Quando chegaram à casa, fizeram-na entrar para um quarto de cama no primeiro andar e pediram-lhe que se sentasse. Sentou-se, e os dois soldados saíram e fecharam a porta sobre eles. Agora estava terrivelmente assustada. «Apanharam-me numa ratoeira», pensou; «que tenho eu com que me possa proteger?»

Estava de pé, com as pernas retesadas muito afastadas, quando a porta se abriu e um major russo entrou no quarto. Sorriu ao ver a posição dela e falou-lhe em inglês:

— Sou o comandante de Berlim-Staaken — disse. — Espero que tente falar ao soldado que está lá em cima, porque está em muito más condições e devia ser operado imediatamente. — Depois voltou-se e saiu do quarto, e Ursula seguiu-o pelo corredor e por um lanço de escadas até outro quarto de cama. O quarto estava apinhado de soldados feridos, tanto russos como alemães, jazendo no chão sobre mantas cinzentas, encostados às paredes ou dormitando sentados em cadeiras.

O major voltou-se para ela.

— Como vê, estávamos a dizer-lhe a verdade. Lamento termos tão má reputação convosco, mulheres alemãs.

Ursula sorriu-lhe, sufocando com o fedor do quarto. Havia três janelas, que estavam todas fechadas, e a atmosfera era uma mistura nauseabunda de sangue, pus, suor e urina. Dirigiu-se às janelas, abrindo-as, e depois voltou-se para o major.

— Assim está melhor, penso eu — disse-lhe, e ele sorriu e não disse nada.

O soldado alemão com o ferimento no pulmão era apenas um rapaz, um recruta da Juventude de Hitler que não podia ter mais de dezessete anos. O seu rosto estava cinzento, mas pareceu iluminar-se quando Ursula lhe falou; no entanto, manteve-se inflexível. Tocando na ligadura ensanguentada no seu peito, insistiu que não deixaria um médico russo tocar-lhe.

— Fique. Por favor, fique ao pé de mim — suplicou ele a Ursula. — Pode cuidar de mim. Tenho receio de ser escortanhado por eles.

Ursula voltou-se para o major, com um dos sobrolhos erguido numa interrogação.

A voz do major era calma:

— Não forçaremos o rapaz a submeter-se a uma operação — disse. — Os nossos médicos já têm bastante que fazer. Mas se ele não a fizer, receio bem que...

— Fique ao pé de mim! — suplicou o rapaz. — Por favor, fique ao pé de mim.

Ursula inclinou a cabeça em afirmação.

— Sim, ficarei. Cuidarei de si. — Voltou-se outra vez para o major numa pergunta muda.

— Evidentemente — disse o major. — Seria bom que ficasse. Precisamos aqui de ajuda... como pode ver. Se quiser, posso mandar um homem com um recado para os seus pais a dizer-lhes onde está, de modo a não estarem preocupados.

Ursula escreveu ela própria o bilhete. Dizia aos pais que ia passar a noite num hospital, para ajudar a tratar dos feridos, incluindo alguns soldados alemães, e pedia à mãe que lhe mandasse algumas coisas de que precisava. Depois voltou para junto do rapaz da Juventude de Hitler e perguntou-lhe o nome. Disse-lhe que era Horst.

— Ora bem, Horst — disse ela. — Ficarei aqui toda a noite consigo. Agora vou tentar arranjá-lo um pouco e pô-lo mais confortável. Vou tentar não o magoar, mas se isso acontecer, tem de ser um bom soldado.

Ursula Kroll tivera sorte — encontrara um lugar onde era precisa num mundo de terror, e podia embrenhar-se no seu trabalho. Em todos os outros pontos de Berlim, porém, o caos duma cidade em luta ocasionava que as pessoas se voltassem umas contra as outras quando lhes era oferecido auxílio. Anna, a que fora em tempos gerente dum estúdio fotográfico, descobriu isso quando desafiou o bombardeamento para ir com outra mulher a um hospital militar onde lhes tinham dito que eram precisas enfermeiras não profissionais.

Entrara numa enfermaria do primeiro andar, onde se encontraram no meio duma discussão entre um sargento e um condutor de ambulância. O condutor tinha um homem com uma bala num pulmão, mas o sargento não queria recebê-lo.

— Não está a ver que não temos camas?

— Mas mandaram-me para aqui! — protestava o condutor.

— E eu estou a mandá-lo embora! — disse-lhe o sargento num rosnido. — Saia daqui e vá para o diabo, ou ponho-o lá fora a pontapé!

Enquanto questionavam, a atenção de Anna foi distraída pelos pacientes que andavam de pé, arrastando-se pela sala apinhada, alguns com os pés sangrando, outros com feridas abertas nos braços, um homem com o sangue jorrando-lhe das narinas. O ar da enfermaria estava azulado pelo fumo dos cigarros.

— E vocês... que raio é que querem?

Anna voltou-se ao som da voz do sargento.

— Disseram-nos que éramos aqui precisas — disse-lhe ela, mantendo a sua voz calma.

— Precisas? Que disparate! — A cara do sargento estava rubra e suada. — Não há nada aqui para vocês fazerem. Não há nada para um grupo de mulheres aqui fazer. Vão para casa... se têm alguma.

Ao fim da rua, perto dum cruzamento, uma mulher estava discutindo com um oficial das S. S. que queria instalar um canhão antitanque na frente da sua casa de apartamentos.

— Não se atreva a pôr esse canhão aqui! — gritava-lhe ela. — Quer matar-nos todos? Bem sabe que os Russkis matariam toda a gente do prédio quando chegassem.

O oficial das S. S. fitou duramente a mulher durante um momento. Depois abanou a cabeça e afastou-se.

A maior parte dos civis tinham as mesmas razões sérias para objetarem ao estabelecimento de pontos fortes fosse onde fosse perto das suas casas. Mas havia uma outra nota de humor nesta batalha constante entre os que estavam tentando defender a cidade e os que olhavam mais em frente para a sobrevivência depois da derrota.

Na ponte de Halensee, que corria por cima da linha do caminho de ferro e ligava a Kurfürstendamm a Grünewald, um primeiro-sargento e os seus homens estavam preparando as cargas para a sua demolição. Era a última ponte que restava na vizinhança; todas as outras tinham sido destruídas, quer pelos ataques aéreos quer pelo bombardeamento de artilharia.

O primeiro-sargento reparou a certa altura que estava a ser objeto do olhar fixo dum major de infantaria que estava de passagem com uma companhia.

— Não pretende dinamitar esta ponte, pois não? — perguntou o major numa voz que resumava petulância.

— Pretendo, sim, meu major. Não tarda nada. — O primeiro-sargento parecia orgulhoso.

— Ah, meu Deus, se fizer isso — lastimou-se o major — vou ter de fazer um desvio de quase uma hora sempre que quiser ir à Kurfürstendamm de hoje em

diante.

O primeiro-sargento fitou o major e o major arreganhou os lábios num sorriso. O primeiro-sargento arreganhou também os dele.

— O meu major não quer que eu destrua esta ponte?

— Tem carradas de razão, não quero, não, sargento.

— Estou a ver. Bem, quem manda é o meu major. Vou mandar retirar os meus homens.

Fritz Liedtke, um velho vigoroso de sessenta e oito anos que vivia num bairro de operários, no número 52 da Silbersteinstrasse, em Neukölln, mostrou que era capaz de haver-se com uma situação semelhante não obstante o facto de a Volkssturm o ter posto de lado como velho demais para o serviço. Foi acordado na manhã de 23 de Abril por quatro soldados alemães que batiam à sua porta. Quando a abriu, disseram-lhe que queriam instalar uma metralhadora numa das suas janelas da frente como parte da defesa do Canal de Teltow, na proximidade, para Leste.

— Vocês estão doidos? — gritou-lhes Liedtke. — Eu não quero morrer antes de chegar a minha hora. Vão para qualquer outro sítio, onde as pessoas estejam cansadas de viver.

Os homens não disseram nada, fizeram meia volta e foram andando pela rua, virando para uma travessa lateral ao prédio de apartamentos. Curioso, Liedtke seguiu-os. Quando chegou à esquina e espreitou para a travessa, viu os quatro soldados tirando os uniformes e vestindo calças e camisas civis que dois deles traziam nas mochilas.

— Adeus, soldados... bem-vindos, civis! — gritou-lhes Liedtke. Voltaram-se e sorriram-lhe, e um deles fez-lhe uma vénia, dobrando-se pela cintura.

Tais deserções eram agora um lugar-comum. Por toda a Berlim, milhares de soldados tinham-se livrado dos uniformes e ido para esconderijos; apenas alguns eram presos pelos pelotões volantes das S.S. e da Gestapo. E para os vigias da Gestapo à escuta das conversações telefônicas havia mais indicações de deslealdade e desilusão.

Ouviam uma voz excitada de mulher: «Já tiraste a tua fotografia de Hitler da parede? Eu já queimei a minha ontem», e apenas podiam ficar sentados a fumar,

porque, até a Gestapo tinha falta de pessoal; todos os homens disponíveis andavam por fora em busca de oficiais que tinham «desaparecido».

Noutra linha, um funcionário do partido nazi falava com o seu advogado: «Destrua imediatamente os meus documentos... bem sabe quais.»

Lotte Behn, no seu uniforme da Luftwaffe, estava fazendo um trabalho que era estranho ao serviço, para uma Rapariga de Mohnke. No seu apartamento no bairro de Schöneberg estava a colocar no chão o novo tapete persa que pilhara no dia anterior do armazém de tapetes Herpich. Espalhados pelo apartamento estavam outros produtos do saque, pilhados de outras lojas — roupa de baixo de renda, rádios, fonógrafos, chapéus novos. Fora tudo tão simples: um dos homens apoderara-se dum camião e tinham-se limitado a percorrer a cidade, penetrando em todas as lojas conforme a sua fantasia. Uma pessoa podia fazer maravilhas com a proteção das S. S., refletiu Lotte.

E em Rathenow, cinquenta milhas a Oeste de Berlim, pretensamente a salvo, Christian Clemens, a mulher e a filha, Hansi, descobriam que tinham feito a sua viagem em vão. As granadas que bombardeavam o seu abrigo não eram granadas americanas, mas granadas russas — granadas e foguetes, e um chuveiro ocasional de balas de metralhadora, tudo russo. Nessa ocasião, a linha da frente alemã estava apenas a duzentas jardas do pequeno abrigo em cimento armado reforçado a aço de doze por catorze pés, onde a família Clemens se encolhia com mais dezessete civis. Ocasionalmente, um soldado alemão atrevia-se a atravessar o temporal de estilhaços de granada para lhes levar pão e, às vezes, uma ou duas linguiças... e as últimas notícias. Havia um novo ataque, e estava a correr bem. O General Wenck estava a caminho com o seu novo Décimo Segundo Exército — todo com equipamento novo. Os Aliados Ocidentais tinham assinado um armistício com a Alemanha, e aviões americanos tripulados por pilotos alemães estavam a lançar bombas sobre a Rússia.

Hansi Clemens, loira e atraente, e só com vinte e cinco anos de idade, desejava acreditar em todas essas coisas... mas não podia. Sabia que os russos estavam a caminho, que estariam em Rathenow quase dum momento para o outro. Tinha de fugir. Tinha de fugir fosse para onde fosse, para qualquer sítio onde os russos não a descobrissem.

Himmler tinha razão em recear que Hermann Göring tentasse apoderar-se do poder aparentemente sacudido dos ombros por Adolf Hitler. Tudo quanto Göring necessitava era um impulso, e teve-o do seu muito maltratado mas ainda leal Chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, General Karl Koller.

O General Koller estava sentado no seu gabinete no posto de comando da Luftwaffe, em Wildparkwerder, ao princípio da noite de 22 de Abril, quando o seu oficial de ligação no Abrigo do Führer, o General Christian, lhe telefonou num estado de excitação furiosa. «Acontecimentos históricos, os mais decisivos da guerra, estão a desenrolar-se aqui!», gritava Christian. Interrogado, Christian parecia vago, e duas horas mais tarde, quando chegou a Wildparkwerder para fazer o seu relatório pessoalmente, parecia ainda incapaz de se fazer entender claramente. Era evidente, porém, que o Führer abdicara ou estava prestes a fazê-lo. Koller apressou-se a ir ao quartel-general do O. K. W., em Krampnitz, em busca de esclarecimentos.

Obteve-os de Jodl, que lhe fez um relato completo da tempestuosa sessão da tarde, incluindo a asserção de Hitler de que Göring podia assumir a chefia do Estado e podia fazer quaisquer negociações com o Ocidente que parecessem prometedoras. Esta declaração ateou um fogo de excitação em Koller — Hitler entregara o Terceiro Reich a Göring! Tinha de ir comunicá-lo ao Marechal do Reich.

Koller trouxe à baila o assunto com Jodl. Disse-lhe que seria impossível, se não perigoso, explicar o novo desenvolvimento a Göring pela rádio; a única alternativa era a de ele partir imediatamente para o Obersalzberg com as novidades. «Ele teria justificação para me repreender severamente se eu deixasse de o fazer», acrescentou Koller. Jodl concordou que ele devia ir, e, às três e trinta da manhã de 23 de Abril, Koller estava instalado no assento dum avião de caça voando para Munique.

Koller foi levado à presença de Göring ao meio-dia de 23 de Abril e imediatamente transmitiu as suas grandes notícias. Göring, com os olhos azuis faiscando, ficou totalmente interessado, mas cauteloso. Segundo a informação de Koller, Hitler abdicara, e desse modo, pelo decreto de Junho de 1941, Göring tornava-se o seu sucessor. Mas o Marechal do Reich estava preocupado com Martin Bormann que, sabia-o, faria tudo para impedir a sua sucessão. «Se eu agir agora, posso ser

marcado como um traidor», disse ele. «Se não agir, serei acusado de não ter feito fosse o que fosse nesta hora de desastre.»

Transpirando com uma mistura de excitação e apreensão, Göring mandou chamar Hans Lammers, Secretário de Estado da Chancelaria do Reich e perito legal do Partido, que estava em Berchtesgaden. Göring e Lammers examinaram o decreto de 1941 e concordaram que o seu entendimento e a sua aplicabilidade à presente situação eram claros: uma vez que Hitler abdicara, os seus poderes baixavam para o Marechal do Reich. E ainda que houvesse questão quanto à sua abdicação, o decreto estipulava que Göring devia assumir as funções se o Führer estivesse incapacitado — e certamente Hitler estava incapacitado, isolado como estava em Berlim e decidido a ficar e a morrer lá. Contudo, Göring perguntava a si mesmo se não haveria quaisquer outros decretos promulgados depois de 1941 que pudessem invalidar o que estava em discussão. Lammers disse que não havia: se Hitler tivesse emitido quaisquer dessas ordens, teriam de ter vindo ao conhecimento dele, Lammers.

O Marechal do Reich deu o mergulho. Anunciou que ia mandar um telegrama a Hitler (não havia comunicação telefônica entre o Obersalzberg e Berlim) propondo que a autoridade passasse do Führer para o seu herdeiro proclamado. Numa tentativa de frustrar quaisquer macaquices por parte de Bormann, Göring disse que mandaria telegramas explicativos a Keitel, a Ribbentrop e ao ajudante de Hitler da Luftwaffe, Coronel Nicolaus von Below, pedindo-lhes que confirmassem a sua interpretação do decreto de 1941.

O telegrama para Hitler dizia o seguinte:

Meu Führer!

Em vista da vossa decisão de permanecerdes na fortaleza de Berlim, concordais que eu assuma imediatamente a chefia total do Reich, com plena liberdade de ação no interior e no estrangeiro como vosso representante, de acordo com o vosso decreto de 29 de Junho de 1941? Se não for recebida qualquer resposta até às dez horas da noite de hoje, tomarei por certo que Havelts perdido a vossa liberdade de ação e considerarei as condições do vosso decreto como preenchidas, e agirei para os melhores interesses do nosso país e do nosso povo. Sabeis o que sinto por vós nesta hora mais grave da minha vida. Faltam-me as palavras para me exprimir. Que Deus vos proteja e vos traga rapidamente para aqui apesar de tudo.

O vosso leal HERMANN GÖRING.

Infelizmente para Hermann Göring, o telegrama foi recebido sem dificuldade no remendado rádio-receptor que estava ligado a uma linha pendente dum balão por cima do Abrigo do Führer. Infelizmente, também, caiu nas inevitáveis mãos de Martin Bormann, então quase doente com o seu próprio desejo de suceder ao Führer. Além disso, o telegrama que Göring mandara ao Coronel von Below, no qual era pedido ao ajudante que visse se o telegrama para Hitler era devidamente entregue, foi literalmente arrancado das mãos de Below pelo sinistro Bormann.

Bormann estendeu o telegrama de Göring ao Führer e ficou de pé a seu lado enquanto ele o lia. Quando Hitler acabou, Bormann saltou, acentuando que o telegrama era de facto um ultimato— Göring exigia uma resposta até às dez horas. Göring, insinuou Bormann, estava agindo à traição procurando usurpar daquele modo o poder do Führer.

Nessa fase da decadência mental de Hitler, era preciso muito pouco para despertar as suas suspeitas. Logo disse a Bormann que enviasse um telegrama a Göring, dizendo que o Führer ainda tinha plena liberdade de ação e proibindo ao Marechal do Reich realizar qualquer ação independente.

Bormann expediu o telegrama, mas não estava satisfeito. Chegara a hora de esmagar Göring de vez. Tornou a mostrar a Hitler os aspectos traiçoeiros da ação de Göring e instou para o Marechal do Reich ser executado; os seus crimes eram deserção e traição. Hitler deixou-se arrastar para uma raiva satisfatória e denunciou Göring como um viciado em estupefacientes e um ladrão mesquinho, mas depois caiu num dos seus habituais intervalos de calma. «Bom, vamos lá deixar o Göring negociar à mesma», disse ele com um ar cansado. «Não importa quem o fizer.»

Bormann, porém, continuou a fazer pressão sobre Hitler com acusações e insinuações. E finalmente o Führer ditou um segundo telegrama informando Göring de que cometera alta traição, mas que seria poupado à pena de morte em vista dos seus serviços anteriores ao Partido, desde que renunciasse imediatamente a todos os seus cargos. Era intimado a responder sim ou não. Bormann expediu este telegrama, e também um seu em que ordenava às S. S. de Berchtesgaden que prendessem Göring e o seu estado-maior, incluindo Koller e Lammers. À típica maneira nazi, Bormann aditou a este último telegrama a ameaça: «Respondereis por isto com as vossas vidas».

Göring e os seus infelizes, e oportunistas, conselheiros foram presos pouco depois da meia-noite, na madrugada de 24 de Abril. Em Berlim foi preparada uma notícia para os jornais e a rádio de que o Marechal do Reich renunciara aos seus cargos por motivos de saúde. Infelizmente para Heinrich Himmler, porém, ele estava na ignorância destes desenvolvimentos cujo conhecimento poderia tê-lo dissuadido duma ação prematura semelhante à de Göring.

O caso era que, ainda antes de ter chegado o telegrama de Göring para Hitler, já Himmler ia a caminho, de carro, de Hohenlychen para Lübeck, para se encontrar com o Conde Bernadotte e planearem a rendição da Alemanha aos aliados ocidentais. A sua decisão estava tomada, porque era agora seguro tomar a sua decisão. Berlim estava condenada e Hitler também — apesar de Himmler ter feito tudo o que podia enviando metade do seu batalhão de escolta para defender o Führer. Negociaria uma paz que salvaria a Alemanha, e uma nação agradecida proclamá-lo-ia o seu novo Führer. Voltou-se para Schellenberg para pensar em voz alta no nome que daria ao seu novo partido político e sobre se apertaria a mão ou se inclinaria quando fosse apresentado ao General Eisenhower.

Himmler e Bernadotte encontraram-se a sós no consulado sueco de Lübeck, espreitando-se um ao outro à luz de velas, dado que a eletricidade fora cortada. Dentro em pouco a sua discussão era interrompida por um ataque aéreo, e tiveram de fugir para a cave; não foi senão depois da meia-noite que voltaram ao andar de cima para continuarem a sua conversa. Agora que «a vida grandiosa do Führer» estava a caminho do fim, dizia Himmler, sentia-se livre para negociar de boa fé. Pediu a Bernadotte que comunicasse aos Aliados Ocidentais a sua oferta de rendição. Os alemães não se renderiam no Leste, porém, mas continuariam a resistir aos russos até serem socorridos pelos exércitos ocidentais. Os internados dinamarqueses e noruegueses seriam transferidos para a Suécia. Incitado por Bernadotte, Himmler pôs tudo isto por escrito numa carta pessoal que Bernadotte pudesse submeter ao governo sueco como prova de legitimidade. À hora a que a conferência acabou, Göring já estava sob a custódia das S.S. apenas por ter sugerido o que Himmler acabava precisamente de fazer.

A esta hora, contudo, nem todos os paladinos da corte de Hitler eram Himmlers, Görings e Bormanns. Designadamente, havia Albert Speer, o Ministro de quarenta anos de idade do Armamento, competente ao ponto de ser brilhante, e, na noite de 23 para 24 de Abril, um homem de considerável coragem. Speer ouvira falar da decisão de Hitler de ficar em Berlim e decidira que devia ao Führer fazer-lhe uma última visita e, sem cuidar das consequências, confessar-lhe os seus atos de

desobediência política sabotando a orientação da terra queimada. Provavelmente esperava ser preso e fuzilado; se assim era, isso não o deteve.

Speer viajou de automóvel de Hamburgo até Rechlin, onde descobriu que já não era possível chegar a Berlim por estrada. Por conseguinte voou para o Aeroporto de Gatow, no limite ocidental de Berlim, numa avioneta, e daí para a cidade. Aterrando perto do fim do Eixo Leste-Oeste, a larga avenida que levava através do Tiergarten à Porta de Brandenburg, pediu uma boleia para o Abrigo do Führer, ali próximo.

Aí, na presença de Bormann, de Goebbels, de Ribbentrop, de Krebs, de Below e de Eva Braun, Speer fez a sua confissão ao Führer. Não deixou nada de fora e não procurou de modo nenhum aligeirar a sua desobediência. Mas, para surpresa dos presentes, Hitler ouviu calmamente e no fim agradeceu a Speer algo distraidamente por ter contado tudo abertamente. Não ordenou a prisão de Speer; pelo contrário, convidou-o para ficar e tomar parte nas discussões de vários problemas que estavam em curso. Era certo que Hitler estivera anormalmente sereno nessa noite de 23 para 24 de Abril (até a sua explosão contra Göring fora breve), mas era um facto que Speer era um favorito de Hitler, um membro do chamado «mundo artístico» que o Führer admirava e protegia.

Speer permaneceu no abrigo durante oito horas, e entre outras coisas Hitler pediu-lhe a sua opinião sobre a decisão de ficar em Berlim até ao fim. Speer aprovou-a; disse que seria «mais digno» para Hitler morrer em Berlim do que ser perseguido e encontrar finalmente o seu fim no Obersalzberg ou em qualquer outro esconderijo. Quando Speer deixou o abrigo pela última vez, às quatro horas da manhã de 24 de Abril, Ribbentrop já partira para o Norte. Assim, enquanto se preparava para morrer, Hitler encontrava a sua corte oficial no abrigo reduzida a Goebbels e à sua família; ao ajudante de Goebbels, o Hauptsturmführer (Capitão) Guenther Schwaegermann; o Dr. Stumpfegger; o ajudante de Hitler das S. S., Sturmbannführer (Major) Otto Guensche; o ajudante pessoal de Hitler, Sturmbannführer Heinz Linge; duas das secretárias do Führer, Frau Christian e Frau Junge, e a Fräulein Manzialy, a sua cozinheira vegetariana. Bormann, evidentemente, que permanecia num abrigo próximo, tal como o General Krebs e o seu ajudante, Freytag-Loringhoven; o General Burgdorf e o Coronel von Below; o General Weidling, novo comandante da cidade; o Brigadeführer Mohnke, comandante da Chancelaria; Artur Axmann, chefe da Juventude de Hitler; Werner Naumann, assistente de Goebbels no Ministério da Propaganda; Heinz Lorenz, do Serviço de Imprensa; o Brigadeführer Rattenhuber, chefe da polícia secreta pessoal de Hitler, e o seu substituto, Hoegl; o Almirante Voss, o General Fegelein e o

Embaixador Hewel, oficiais de ligação de Dönitz, Himmler e Ribbentrop; e os dois pilotos de Hitler, Baur e Beetz.

O médico relaxado de Hitler, o passa-pílulas Dr. Morell, partira na noite de 22 de Abril. O Führer ordenara a Morell que partisse, exprimindo um despertar tardio com a frase «Não preciso de drogas para me ajudarem a passar os dias que me esperam».

Mas por esta altura já Willy Luedicke, superintendendo no abrigo do número 9 da Tauentzienstrasse, estava começando a desejar pôr as mãos em quaisquer pílulas para dormir, para acalmar as suas enervantes responsabilidades.

É-me difícil manter a ordem no abrigo (dizia Luedicke no seu diário). Toda a gente está tensa e nervosa e todos prefeririam muito mais morrer agora do que serem mortos numa ratoeira. Só utilizando a maior força possível posso impedir as pessoas de se suicidarem. Ume mulher queria matar os filhos a tiro e matar-se depois, tive de lutar com ela para lhe tirar a arma. Verifiquei que tinham sido os nazis que tinham posto as pessoas tão nervosas; tinham posto a população do abrigo em frenesi, dizendo-lhe que toda a gente seria morta pelos russos logo que chegassem. Até um velho de mais de setenta anos tentou cortar os pulsos; apoderei-me da faca mesmo a tempo. Mas uma mulher, a esposa dum major, tomou veneno e cheguei muito tarde para a socorrer. Estava na agonia quando cheguei junto dela. Depois tive de tirar o veneno ao marido. Disse-lhe que não me importava que ele se suicidasse, mas que teria de fazê-lo fora do abrigo porque era enervante para os que estão a meu cargo.

Veio ter com Willy Luedicke outra mulher perturbada, que andara por fora do abrigo tentando descobrir alguma carne de cavalo. Contou-lhe que um grupo de civis enforcara dois Lobisomens num candeeiro da Augsburgerstrasse. «Isto é, um homem disse-me que eles eram Lobisomens», informou ela a Luedicke. «Não tinham quaisquer uniformes vestidos.» Mais tarde Luedicke soube que outro combatente da resistência fora enforcado na Lutherstrasse.

Nessa noite Luedicke encheu mais duas páginas do seu diário:

Havia uma casa na Keithstrasse, perto da Wittenbergplatz, que foi atingida e incendiada, mas como o abrigo estava ainda intacto mudaram-se para lá quarenta

peessoas. Esta noite foi novamente atingido, e quando os soldados procuravam entre o entulho encontraram toda a gente morta.

Na Nürnbergerstrasse estava estacionado um caminhão carregado de pão. As pessoas estavam a juntar-se descuidadamente para encherem as barrigas quando explodiu uma granada a algumas jardas de distância. Houve gritos... e pelo menos quatro pessoas não tiveram de se preocupar mais com a inanição. Porque é que as pessoas não se mantêm afastadas das ruas? Cozi algumas batatas no meu apartamento para as mulheres e as crianças do abrigo, mas fui muito cuidadoso.

Alguns homens das S. S. vieram para o nosso abrigo para descansarem um pouco. Um deles estava limpando a sua arma sem a ter descarregado. Chamei a atenção do oficial comandante, dizendo-lhe que aquilo era bastante perigoso para as pessoas no abrigo. Disse-me redondamente que me calasse ou seria fuzilado. Partiram um pouco mais tarde, graças a Deus. Talvez os russos estejam demasiado perto.

Os russos são dados como tendo atingido a Nollendorfplatz. A maior parte dos soldados alemães retirou para o Abrigo do Zoo, onde os canhões antiaéreos dispararam quase continuamente. Os russos dispararam para a Wittenbergplatz e para a Tauentzienstrasse. Os do Abrigo do Zoo parecem não saber onde estão os russos, porque também dispararam para a Tauentzienstrasse e para a Wittenbergplatz. Estamos assim a ser bombardeados por ambos os lados. Uma pessoa não se atreve a pôr o nariz de fora da porta.

Por essa altura, um membro de vinte e um anos de idade da Juventude de Hitler chamado Lutz Hoffmann ficou farto da espécie de guerra que vira nos últimos dias. Ele e o seu pelotão dum Kampf Battalion estacionado no Quartel Hermann Göring, no distrito de Tegel, na zona Noroeste, não se importavam com os combates de pouca monta que eram chamados a travar aqui e ali, mas estavam cansados de andar. Em 24 de Abril, Hoffmann e os seus companheiros voluntários tinham combatido os russos em Tegel, em Reinickendorf e em Wedding, e estavam agora seguindo, com os pés feridos, para o bairro meridional de Lankwitz, donde viera um pedido de reforços.

O destacamento dividira-se para fazer o percurso com maior segurança, e Hoffmann encontrou-se com um primeiro-sargento e três outros homens fazendo o seu caminho cauteloso através de Steglitz no meio dum ataque aéreo. Acabavam de virar para uma praça, quando foram defrontados por uma súbita rajada de fogo de metralhadora. O sargento e outro homem caíram, mortos instantaneamente.

Hoffmann e os outros dois homens recuaram para o vão da porta dum edifício de escritórios, tentando descobrir os seus atacantes à luz ocasional das explosões das bombas. Mas depois dessa primeira chuva de balas não houve mais tiroteio. Os três soldados retiraram, percorrendo a rua por onde tinham vindo em sentido contrário, e fizeram um largo desvio da praça antes de prosseguirem novamente para Lankwitz.

Por volta das três horas da manhã, chegaram a uma rua onde o entulho estava amontoado tão alto que tiveram de fazer outro desvio, através dos jardins de várias casas demolidas. Quando chegaram à última casa do quarteirão, ficaram surpreendidos por ver uma luz brilhando através dum buraco no segundo piso. Pararam e, quando o fizeram, apareceu a cabeça dum homem ao buraco.

— Não há soldados aqui! — gritou o homem. — Só mulheres e crianças. Segurava uma lanterna de petróleo na mão e balançava-a dum lado para o outro.

Hoffmann gritou em resposta:—Nós não somos russos, homem, somos alemães. Somos soldados alemães.

— Meu Deus! — replicou o homem. — Soldados alemães! — Depois a cabeça e a lanterna desapareceram, e poucos momentos depois o homem estava cá fora no jardim, examinando os seus visitantes à luz da lanterna e abanando a cabeça.

— O que é que se passa? — perguntou-lhe Hoffmann.

— O que é que se passa? — repetiu o homem numa voz estridente. — Sabe que os russos já chegaram aqui há cinco horas? Sabe que eles ocupam agora Lankwitz?

Hoffmann ia começar a falar, mas o homem disse: — Esteja calado... vamos lá deixar de estar aqui a falar. Entrem comigo para a minha casa.

Hoffmann e os outros dois seguiram o homem para dentro de casa... e para fora da guerra. Na cave o homem exibiu vários fatos civis e disse aos soldados para os experimentarem por causa do tamanho. Quando tinham mudado de traje, pegou nos uniformes deles, enrolou-os numa bola e meteu-os num buraco no soalho da cave, que tapou com quatro tábuas. Depois espalhou poeira por cima das tábuas.

— Podem ficar aqui por um ou dois dias — disse ele. — Nessa altura já talvez tenha acabado esta maldita guerra e possam ir para casa. Senão, podem vir comigo ao quartel-general russo e requerer senhas de racionamento.

O Marechal Georgi Zhukov, comandante da Primeira Frente Bielo-Russa, voltou-se para o General Voronov, o perito de tanques. — Sabe? — perguntou ele. — Os americanos chamam-me Georgie! (*) — O seu riso era alto e rouco. Ainda a tremer de riso, acrescentou: — Até o Presidente Roosevelt. Perguntou ao Primeiro-Ministro Stalin pelo «bom Georgie».

Para o Marechal Georgi Zhukov, de rosto quadrado e corpo pesado, um novo herói nascido no firmamento soviético, era um momento de descontração triunfante. Estava de pé, com Voronov e o General Kuznetsov, do Comando de Caças, na cidade de Berlim, no cruzamento em Mariendorf onde a estrada se divide em dois ramos, um que vai para Britz e outro para Neukölln. Fora um longo e sangrento caminho desde Stalingrado, mas tinham-na percorrido: muitos russos tinham morrido no percurso, mas eles tinham passado por cima dos seus cadáveres, e agora ali estavam, junto ao Canal de Teltow.

Olhando para o outro lado e através dos edifícios bombardeados, das ruínas que eram meras fachadas de casas onde as pessoas tinham vivido em tempo, o Marechal Zhukov falou de Stalingrado ao General Voronov. Ele lembrava-se bem. Lembrava-se do homem de Moscou que viera para as margens em declive do Volga com as ordens do Primeiro-Ministro Stalin. É aqui que a retirada para, dissera-lhes Georgi Malenkov; é aqui que começa a ofensiva russa. E fora aí que começara, nos limites duma cidade fantasma que os alemães tinham destruído mas eram incapazes de tomar.

A voz de Zhukov era orgulhosa. — Disse ao Camarada Malenkov e ao Camarada Khrushchev que aquele lugar, aquela cidade de Stalingrado, era onde a retirada pararia — disse ele. — Disse-lhes: «Só por cima do meu cadáver eles atingirão o aterro do Volga».

— Pois bem, cá estamos — disse Voronov.

— Sim, cá estamos — repetiu Zhukov. Levou o binóculo de campanha aos olhos e observou para além do canal pelo qual os seus homens estavam combatendo. Era o centro da resistência, o abrigo da fábrica Lorenz, e por trás dele o edifício da casa editora Ullstein. Para a direita havia vários edifícios de hospitais com o emblema da Cruz Vermelha pintado. Sabia pelo seu mapa que através daquele muro de resistência era a estrada para o Aeroporto de Tempelhof e que, depois dessa estrada, o caminho levava ao centro da cidade e ao covil do ditador fascista Hitler. Levava à Hallesche Tor, e uma vez que atingissem a Hallesche Tor teriam penetrado no coração da Alemanha Nazi.

Houve um relâmpago ofuscante, e uma explosão fez estremecer o terreno onde estavam de pé. Durante longos momentos puderam sentir a terra, as pedras do pavimento, mover-se debaixo deles.

— Foi a ponte sobre o Canal de Teltow — disse Voronov — Os alemães dinamitaram-na.

— Foi — disse Zhukov. — É muito mau, mas tinha de acontecer. Não a deixariam ficar de pé. Mas não importa. Atravessámos o Don, o Dnieper, o Vístula e o Oder... havemos de atravessar essa valazinha.

Não importava, pois agora era apenas questão de saber se o Exército Vermelho tomaria um objetivo hoje ou amanhã, se levaria um número x de horas ou um número y de horas para atravessar o Canal de Teltow. Zhukov estava interessado apenas, duma maneira um tanto indiferente, na informação de Jodl ter dito aos seus comandantes superiores que a luta contra o Bolchevismo era agora a única coisa que importava, e que a perda de território a favor dos Aliados Ocidentais era de importância secundária. Pois que fosse assim; os russos tinham vinte e duas divisões prontas para destruir Berlim, e tantos canhões e tanques quantos pudessem utilizar eficientemente. Tinham já capturado vinte mil prisioneiros, quinhentos canhões pesados, cerca de cem tanques, vinte e oito locomotivas e centenas de vagões. O Grupo de Exércitos do Vístula do General Heinrici estava agora reduzido a pouco mais do que ao Terceiro Exército de Tanques, no Norte; o cerco do Nono Exército de Busse estava completado. Entretanto, a existência do Terceiro Exército estava sendo ameaçada em ambos os seus flancos, com a Segunda Frente Bielo-Russa de Rokossovski fazendo recuar a sua ala Norte ao Sul de Stettin, e as forças de Zhukov penetrando na sua ala Sul. O Exército Vermelho estava atravessando todas as pequenas trincheiras enquanto avançava sobre eles.

(*) Embora muito semelhante ao nome original russo, Georgie é um diminutivo — Jorginho. (N. do T.)

Aproveitando um momento sempre que podia obtê-lo, um oficial da Divisão de Tanques Müncheberg do General Mummert do 57º Corpo de Tanques conseguia, fosse como fosse, manter o seu diário em dia:

24 de Abril. Manhã cedo. Estamos no Aeroporto de Tempelhof. A artilharia russa está a disparar sem descanso. O nosso sector é o Sector de Defesa D. O comandante está ausente no edifício do Ministério do Ar. Precisamos de reforços de infantaria, e obtemos unidades de emergência heterogêneas. Atrás das linhas, os civis estão ainda tentando fugir, mesmo debaixo do fogo de artilharia russo, arrastando ao longo do caminho algumas trouxas miseráveis que contêm tudo quanto lhes resta no mundo. Aqui e além, alguns dos feridos tentam dirigir-se para a retaguarda. A maioria deles fica, porém, porque têm medo de ser apanhados e enforcados pelos conselhos de guerra volantes.

Os russos abrem caminho para dentro das casas com lança-chamas. Os gritos das mulheres e das crianças são horríveis.

Três horas da tarde, e temos escassamente uma dúzia de tanques e cerca de trinta carros blindados. Estes são a totalidade dos veículos blindados que restam no sector governamental. A corrente do comando parece embaraçada. Recebemos constantemente ordens da Chancelaria para mandarmos tanques para qualquer outro ponto perigoso, e nunca regressam. Só a obstinação do General Mummert tem impedido até agora sermos totalmente expoliados. Dificilmente nos restam quaisquer veículos para transportarmos os feridos.

Tarde. A nossa artilharia retira para novas posições. Tem muito poucas munições. Os uivos e as explosões dos Órgãos de Stalin, os gritos dos feridos, o rugido dos motores e o matraquear das metralhadoras. Nuvens de fumo e o fedor da clorina e do fogo. Mulheres mortas na rua, atingidas enquanto tentavam ir buscar água. Mas também, aqui e ali, mulheres com bazucas, raparigas da Silésia sequiosas de vingança. Notícias e boatos de que Wenck está a aproximar-se de Berlim, e que a sua artilharia já pode ser ouvida em alguns dos subúrbios do Sul. Outro exército é esperado, vindo em nosso socorro, do Norte.

8 horas da tarde. Tanques russos transportando infantaria estão a avançar para o Aeroporto. Combate violento.

A expressão «combate violento» teria parecido uma indicação suavizada ao jovem Lothar Loewe. Durante os últimos dias o pessoal do quartel-general da unidade antitanques da Juventude de Hitler, em Tempelhof, estivera encolhido nas suas posições de «defesa de infantaria», com as janelas entaipadas com tábuas e as mesas e cadeiras voltadas nos aquartelamentos como barricadas contra uma possível infiltração dos russos de surpresa. Agora chegara a ordem para os membros do quartel-general, em número de vinte e cinco, evacuarem o Aeroporto e encaminharem-se para Oeste, através de Schöneberg, para a Fehrberliner Platz, em Wilmersdorf.

O oficial comandante, o Major Bechtle, estava furioso. A sua cólera dirigia-se, não contra a ordem de evacuação mas contra os pilotos da Luftwaffe que tinham levantado voo no dia anterior nos últimos três aviões de transporte trimotores Junkers-52. Os pilotos tinham prometido efetuar a evacuação das duzentas, mais ou menos, raparigas Auxiliares da Luftwaffe, e em vez disso tinham carregado os aviões com caixas de alimentos e de bebidas e com malas cheias de haveres pessoais. Agora uma delegação da unidade das raparigas estava suplicando ao major que as levasse para a Fehrberliner Platz.

Era uma situação impossível; mal havia transportes suficientes para o pessoal do quartel-general. Mas o Major Bechtle disse às raparigas que faria o que pudesse. Primeiramente, contudo, meteu-se no seu jeep para fazer uma visita pessoal de pilhagem ao depósito de abastecimentos da Luftwaffe, onde exigiu alimentos e vinho para os seus homens. O sargento das S. S. encarregado dos abastecimentos — havia sempre um homem das S. S. quando se tratava de comida, refletiu o major — foi firme. Não podia fornecer abastecimentos sem uma requisição assinada.

O Major Bechtle puxou da sua pistola. — Aqui está a minha requisição, Sargento — disse calmamente. — Saia do caminho e deixe os meus homens entrarem e servirem-se do que precisam. — E enquanto o sargento ali ficou silencioso, os rapazes serviram-se.

Duas horas mais tarde o pessoal do quartel-general partiu de Tempelhof. No grupo iam seis das raparigas da Luftwaffe; o Major Bechtle arranjava maneira de o resto ser destinado a outras unidades que estavam planeando partir. Podia ter levado mais duas raparigas, mas no último minuto o jovem Tenente Stepphun voltara da sua apressada excursão a Lichtenberg, e estavam com ele a mulher e o seu filhinho de dois meses. Lothar Loewe fez uma última excursão ao depósito de abastecimentos para tirar um pacote de leite em pó. Fizera-o mesmo a tempo,

porque, quando se afastavam, houve uma explosão retumbante que lhes disse que as S. S. tinham feito ir pelos ares as restantes reservas de alimentos.

O jovem Loewe não podia deixar de pensar se não estariam a retirar prematuramente. Apanhara uma das centenas de folhetos espalhados por aviões alemães nessa manhã e ficara emocionado ao descobrir que continham uma mensagem para o Décimo Segundo Exército do General Wenck: «Soldados do Exército de Wenck, nós, Berlinenses, sabemos que Havel atingido Potsdam. Depressa! Ajudai-nos!» Nessa ocasião, Loewe não tinha maneira de saber que Hans Fritzsche, chefe do departamento de rádio do Ministério da Propaganda, planeava isso precisamente dessa maneira; os folhetos tinham sido espalhados sobre Berlim como por engano, para levantar o moral dos cidadãos.

Infelizmente para os berlinenses, Wenck acabara precisamente de conseguir voltar a sua frente, de modo a ficar virada para Leste, e antes de poder lançar o seu ataque na direção de Berlim as suas forças tinham sido empenhadas em violentos combates com unidades de tropas russas cercando o Nono Exército. Potsdam, além disso, estava virtualmente cercada; só estava aberto para Oeste um corredor de sete milhas de largura. E agora já milhares de civis tinham visto o seu primeiro soldado russo.

O Capitão Otto Fuchs, o enérgico homem de sessenta e quatro anos que fora despedido do seu posto administrativo no O. K. W. em Março, viu os seus primeiros russos em Zehlendorf, muito próximo do ramal Sudoeste do Canal de Teltow. Alguns dias antes despira o seu uniforme e pendurara-o no vestíbulo da sua casa na Gutzmannstrasse; depois mudara-se com a mulher para o grande abrigo de Teltow, construído para acomodar mil pessoas e já cheio até ao limite da sua capacidade.

Havia perto algumas baterias alemãs de artilharia de campanha, e estavam atraindo o fogo para o abrigo. O Capitão Fuchs ficou aterrado com a falta de senso da situação. Aproximou-se do encarregado do abrigo, um nazi, para protestar.

— O senhor está a tentar conseguir que todas estas mulheres e crianças sejam mortas? — perguntou. — Isso não tem nada a ver com as baterias, mas nós aqui em baixo estamos todos desarmados; devíamos render-nos.

O nazi lançou-lhe um olhar duro. — O senhor sabe que é proibido — disse. E depois: — E além disso, não tenho uma bandeira branca.

Fuchs não disse nada; limitou-se a remexer numa mala que a mulher trouxera com eles e descobriu uma toalha branca. Fixou a toalha num cabo de vassoura, saiu e segurou-a por cima da porta de aço do abrigo. Em menos de meia hora, o fogo, tanto das baterias alemãs como dos canhões russos, cessou, e tanques russos dirigiram-se para o abrigo onde encontraram a porta aberta para eles.

Durante vários minutos os homens de uniformes castanhos insistiram apenas numa exigência para com os ocupantes do abrigo: «Uri! Uri!» — «Relógios! Relógios!» Carregaram sobre a gente do abrigo, com as pistolas-metralhadoras aperradas, expoliando tanto os homens como as mulheres de todas as joias, apresentando ocasionalmente às vítimas barras de chocolate como pagamento. Mas enquanto procediam ao saque, os soldados beberricavam de garrafas de vodca que estilhaçavam contra as paredes quando as tinham despejado até à última gota. Então voltaram-se para as mulheres, para outros favores. Um jovem sargento pediu que uma centena de mulheres se apresentasse como voluntária para «descascar batatas». A Senhora Fuchs encolheu-se de encontro ao seu marido, e ele girou de maneira que ela ficasse atrás de si; estava agora satisfeito por ela ter insistido em untar a cara com uma pomada castanha para o reumatismo que lhe dava uma aparência horrível, de moléstia. Como esperava, os russos ignoraram-na, mas apanharam a sua centena de mulheres e mais do que isso, conduziram-nas para o exterior e fecharam depois a porta do abrigo.

Em Neukölln, o mesmo Fritz Liedtke, de sessenta e oito anos, que dispersara os soldados alemães que procuravam fazer da sua casa um ponto de apoio, procurava agora frustrar os russos que estavam chegando. Com mais alguns velhos, juntou as mulheres da vizinhança e conduziu-as para esconderijos na cave do número 52 da Silbersteinstrasse. Mas quando os russos irromperam no prédio, Liedtke e a sua pequena força protetora foram agradavelmente surpreendidos. O oficial do destacamento, um major, deu pulso livre aos seus homens para aliviarem tanto homens como mulheres dos seus relógios e das joias, mas não os deixou tocarem nas mulheres. Além disso postou um guarda no prédio para afastar os vagabundos.

O major era conversador. Perguntou a Liedtke que espécie de trabalho era o dele, e quando Liedtke respondeu que era operário numa fábrica o major rompeu a rir à gargalhada.

— Olhe — disse. Apontou para as luzes da casa de estar de Liedtke e, através do vestíbulo, para a cozinha. — Você tem luz eléctrica e água na sua casa. Você não é operário, é um dirigente, um capitalista.

Quando Liedtke lhe serviu conhaque, o major fitou com desdém o pequeno cálice que lhe fora oferecido. — Copo pequeno demais — disse. — Este copo é para uma mulher, para uma alemã. — Dirigiu-se para o guarda-louça, tirou um copo de água, encheu-o de conhaque e despejou-o pela garganta abaixo. Depois olhou para Liedtke e piscou-lhe o olho. Agora vamos ficar aqui sentados e beber, você com o seu copinho e eu com o meu copo grande, mas não se assuste. Ninguém tocará nas suas mulheres. Nós não somos bárbaros como os seus soldados alemães na Ucrânia.

Liedtke abanou a cabeça silenciosamente. Aqueles eram os primeiros russos que via, e pela primeira vez perguntava a si mesmo se era realmente tão importante ser alemão.

Pensamentos semelhantes estavam assediando Ursula Kroll no hospital russo de Staaken. Depois de passar a noite à cabeceira do membro da Juventude de Hitler ferido, Horst, fora-lhe servido um pequeno almoço enorme pelo major russo que comandava as tropas do sector. Agora ele ainda a tratava com mais bondade. Antes dela partir para voltar a casa, deu-lhe uma caixa cheia de cigarros, linguiças, pão e sabonete, e disse-lhe que viesse ter com ele para qualquer coisa de que precisasse no futuro. Tivera sorte, refletiu Ursula; o seu major podia ter sido de outra espécie.

Voltou-se para os feridos espalhados pelas ruas. A chuva recomeçara; era imperativo encontrar qualquer espécie de abrigo para os homens. Ursula voltou ao hospital e abordou o assunto com o major. Poderia ele descobrir-lhe uma casa que pudesse converter num hospital para alemães?

O major era um homem de ação direta. Levou Ursula a uma casa na mesma rua, poucas portas adiante, e ordenou a um destacamento de soldados russos que ali estava que guardasse as suas coisas e procurasse outros alojamentos. — Mas primeiro limpem o lixo que fizeram — disse-lhes. — Fizeram deste lugar uma pocilga. Duas horas mais tarde, quarenta soldados e civis alemães feridos tinham sido instalados na casa, para lá conduzidos por uma companhia de soldados russos destacados para essa tarefa pelo enérgico major. Depois mandou Ursula num jeep americano para «requisitar» material de tratamento da casa abandonada dum médico alemão.

Mais ou menos por essa altura poderiam ter utilizado o major russo no enorme abrigo das Fábricas de Rádio Lorenz, que se transformara na bolsa principal de resistência ao assalto russo no sector do Canal de Teltow abaixo de Neukölln. Os feridos estavam sendo arrastados às dúzias para o abrigo, mas já não havia

medicamentos, nem ligaduras, e os poucos médicos e homens do Corpo Médico pouco mais podiam fazer do que sentar-se junto às vítimas que gritavam e tentar confortá-las com palavras. Todas as retretes estavam entupidas, e o seu conteúdo imundo extravasava por toda a parte. Os canos de água e de drenagem rotos tinham despejado seis polegadas de água sobre os pavimentos. Havia ainda bastante comida, e caixas de garrafas de aguardente de batata, e de vinho, mas não havia água de beber para as quase trezentas crianças. Oficiais de campo e de estado-maior berravam pelos telefones pedindo carregadores para as espingardas estrangeiras que tinham sido fornecidas aos seus inadaptados Volkssturm e aos soldados convalescentes. Havia homens cambaleando de bêbedos que travavam breves lutas a murro por causa dum empurrão não intencional ou duma palavra cáustica. Em dois dias, catorze homens, incluindo três oficiais, tinham-se suicidado diante dos olhos das suas desgraçadas e histéricas mulheres. Quatro mulheres tinham-se aventurado a percorrer as cem jardas até à fonte que havia no exterior, e nenhuma voltara.

Por toda parte a cidade era um campo de batalha, à medida que os russos penetravam por todos os lados, e por toda a parte os soldados mongóis ficavam fascinados com os dispositivos e utensílios mundanos, de todos os dias, dos berlinenses. Quando não estavam lavando os seus vegetais nas bacias de retrete, estavam utilizando aparelhos estranhos, tais como frigoríficos, para armazenarem manteiga e linguiças, e quando descuidadamente puxavam a corrente do autoclismo e a sua comida era levada pela água, corriam para os andares de baixo tentando encontrá-la. Muitos desses asiáticos nunca tinham visto um despertador, e quando algum começava a tocar quando o tinham na mão atiravam-no para a chão, num susto pasmado, e com frequência crivavam-no de balas das suas pistolas-metralhadoras. Havia Usbeques que entravam em combate com as caras pintadas de batom, e em Mariendorf um pelotão de cossacos tirou uma banheira duma casa e tomou banho nela à vez enquanto uma multidão de civis observava. Nas ruas, por toda a cidade, soldados russos dançavam uns com os outros ao som da música de jazz americana tocada nos primeiros fonógrafos que tinham visto na sua vida.

Willy Luedicke, sentado no abrigo do número 9 da Tauentzienstrasse, em Wilmersdorf, registou o seu sentimento de ultraje no seu diário:

25 de Abril. 11 horas da manhã. Agora está tudo a ficar doido. Aviões alemães deitam bombas em Berlim sem aviso. Vi com um vizinho aviões alemães descarregarem as suas bombas sobre a Wittenbergplatz... Ninguém acreditou em nós. Só quando outros contaram a mesma história ficaram convencidos.

Postei um homem em cada uma das portas do abrigo para impedir as pessoas de deixarem o abrigo demasiado cedo. Esta é a hora zero. Estaria Hitler tentando levar-nos com ele quando morresse? Muitas das pessoas do abrigo estão fazendo as suas declarações de última vontade e testamentos. No nosso abrigo, todos sem exceção imaginam que chegou a sua última hora.

(Mais tarde) O nosso abrigo foi diretamente atingido. Todos estão deitados no chão e toda a gente ficou magoada. Um homem partiu uma das mãos. O choque arrancou uma das portas e provocou também o rebentamento de alguns pulmões. Saí para ver o que acontecera e vi que uma bomba fizera desaparecer a esquina inteira da rua. Podia olhar-se para baixo e ver-se o metropolitano.

25 de Abril. 6 horas da tarde. Maria veio cá ver se a minha casa ainda estava de pé. Foi uma coisa muito perigosa que ela fez. Felizmente um soldado escoltou-a em parte do caminho, mas tiveram de rastejar de gatas porque os aviões russos, voando baixo, estavam disparando contra toda a gente à vista. O soldado perguntou a Maria se havia mais mulheres em Berlim além dela, e ficou surpreso quando ela lhe disse que havia ainda muitas mulheres na cidade. O soldado contou que lhe tinham dito que todas as mulheres e crianças tinham sido evacuadas.

Aqui e ali, mulheres que estavam preparadas para o pior descobriram que as hordas asiáticas tinham apreço pelas artes — ou pelo menos que o tinham os seus oficiais. Uma soprano de idade madura esperou, palpitante, enquanto um capitão cossaco inspecionava as fotografias autografadas, penduradas nas suas paredes, de personagens do mundo da música, e passava depois os olhos por um álbum de críticas de jornais. Não disse nada, mas escreveu uma nota numa folha de papel dum bloco dela e estendeu-lhe a folha. — Mostre aos soldados russos — disse-lhe então num alemão balbuciado.

Mostrou a nota a uma sucessão deles, à medida que entravam pela casa dentro a intervalos assustadores, e todos a deixaram em paz depois de a lerem. Finalmente um sargento que falava alemão traduziu-lhe: avisava as tropas de que ela era uma distinta solista de concerto e estava sob a proteção do Departamento da Cultura. «Portanto deixem-na envelhecer e não lhe toquem», concluía a nota. «Podem encontrar com certeza uma com mais sumo na porta ao lado».

Um seu vizinho, um velho com uma perna de pau, disse-lhe que os russos não haviam de agradar ao seu gosto requintado. — Bárbaros — disse ele. — Vi estes Romeus em ação... nem sequer tiram as calças. Deve ser horrivelmente incomodo.

Mesmo então, com o anel em redor de Berlim quase fechado, milhares de civis estavam tentando sair da cidade, tentando afastar-se o suficiente para Ocidente para caírem nas mãos dos americanos. Só poucos o conseguiam, porém, e desses só uma mancha eram capazes de atingir as linhas americanas. Pois nesse triste dia 25 de Abril os americanos tinham feito a sua junção com os russos em Torgau, no Rio Elba, cortando assim a Alemanha em duas e era esse o ponto mais próximo de Berlim que os bondosos Amis atingiriam. Refugiados como a família de Christian Clemens, que fugira cinquenta milhas para Oeste da capital, para Rathenow, descobriam que seria o mesmo terem ficado em Berlim.

Hansi, a linda filha dos Clemens, fugiu pouco depois dos primeiros russos irromperem no abrigo da vizinhança e ficarem ali de pé, de punhos cerrados, grunhindo Deutschland kaput! Ela e duas criadas de dezesseis anos da avó escapuliram-se nessa noite e subiram o Rio Havel num barquinho que metia água, para a quinta da avó, a um par de milhas de Rathenow. Aí conseguiram esconder-se das tropas russas que saqueavam os campos fechando-se numa espécie de cave, um silo de vegetais sob a horta.

Mas na noite em que Hansi fugiu meia dúzia de soldados russos irromperam na casa da avó, em Rathenow, para onde a família voltara depois da batalha. Pediram aguardente de batata, e quando Christian Clemens lhes disse que não havia nenhuma em casa mataram a tiro tanto o marido como a mulher. No seu quarto, a avó de Hansi cortou os pulsos, e quando os soldados foram ao andar de cima em busca de coisas que pilhassem encontraram-na inconsciente e foram-se embora. Durante a noite, passado algum tempo, dois vizinhos foram lá a casa e encontraram a avó respirando ainda. Foram buscar um médico russo e, dentro duma hora, a aparente suicida estava consciente e capaz de falar. Como explicou o médico russo, cortara os pulsos de maneira inexperiente; os seus vasos sanguíneos eram demasiado velhos e preguiçosos para reagirem satisfatoriamente a qualquer coisa que não fosse um trabalho profissional.

Nessa noite de 25 de Abril, o General Robert Ritter von Greim, oficial comandante da Luftflotte 6, levantou voo de Munique para Berlim num avião pilotado pela famosa mulher piloto de provas Hanna Reitsch. Greim não tinha a mais ligeira ideia da razão por que Adolf Hitler desejava vê-lo. mas o telegrama que lhe ordenava que fosse estava na sua algibeira, e ele iria à capital desde que fosse de qualquer modo possível. Isto porque Greim era mais do que um oficial distinto da força aérea alemã, era um bom nazi e quando o Führer lhe acenava ele saltava. Tinha boa companhia em Hanna Reitsch; era também uma boa nazi, essa mulher vaidosa e enfadonha que olhava para Hitler como para o Deus Ariano.

O seu avião chegou a Rechlin pouco depois da meia-noite, na madrugada de 26 de Abril, e Greim deu ordem para um helicóptero o levar à Chancelaria. Mas o único helicóptero no campo fora danificado num ataque aéreo e não podia ser utilizado. No entanto, o piloto que conduzia Albert Speer a Berlim poucas noites antes estava à mão, e foi-lhe ordenado que arriscasse mais uma vez o pescoço. O avião, um Focke-Wulf 190, tinha só um assento de passageiro, e Hanna Reitsch teve de se encolher na cauda do aparelho.

Apesar dos aviões de caça valerem consideravelmente mais do que o seu peso em ouro, quarenta deles foram destinados —com os seus infelizes pilotos— à escolta de Greim. Não era um voo longo, mas os alemães estiveram submetidos a ataques constantes dos aviões russos. Quando o avião de Greim aterrou finalmente no Aeroporto de Gatow, tinham sido abatidos sete dos aparelhos da escolta.

Em Gatow, Greim tomou os comandos dum pequeno avião de observação, com Hanna Reitsch como passageira, e rumou para o Eixo Leste-Oeste, a avenida conduzindo à Porta de Brandenburg na qual aterrara o avião de Speer. Era escoltado pelos restantes aviões de caça alemães, que se empenhavam com os caças russos por cima deles enquanto Greim voava baixo para o centro da cidade. Mal tinham atingido altitude de voo quando fogo de metralhadora dilacerou a parte de baixo do avião e Greim foi seriamente ferido no pé direito. Hanna tomou os comandos e conseguiu fazer descer o aparelho no Eixo Leste-Oeste. Aí foi requisitado um carro, e os dois fiéis nazis foram levados à Chancelaria, onde Greim foi conduzido à enfermaria para o Dr. Stumpfegger lhe tratar do pé.

A porta abriu-se e Greim levantou os olhos para dar com o Führer a fitá-lo. Hitler agradeceu a Greim por ter vindo; disse-lhe que estaria dentro dos seus direitos desobedecendo a uma ordem que parecia fútil. Depois perguntou se Greim sabia porque o convocara, e Greim disse que não.

— Porque Hermann Göring traiçoou e abandonou tanto a mim como à sua Mãe-Pátria — disse Hitler, numa voz que era como uma chicotada. — Por trás das minhas costas estabeleceu contato com o inimigo. A sua ação foi um símbolo de cobardia. Foi-se embora contra as minhas ordens para se pôr a salvo em Berchtesgaden. Daí mandou-me um telegrama desrespeitoso. — Nessa altura o seu rosto começou a contorcer-se e a sua respiração tornou-se penosa. — Era um ultimato! — gritou. — Um grosseiro ultimato! Agora nada resta. Nada me tem sido poupado. Não há fidelidade que se mantenha, não há honra para a qual viver, não há desapontamentos que eu não tenha tido, nem traições que não tenha

experimentado, e agora esta acima de tudo o mais! Nada resta. Já me foram feitas todas as injustiças.

Havia agora lágrimas nos olhos de Hitler, e ele enxugou-as com a mão, para chegar ao ponto da sua convocação de Greim. Pedira a Greim que viesse ao Abrigo do Führer, disse, a fim de o nomear Comandante-Chefe da Luftwaffe, com a patente de marechal de campo. Surpreendido e honrado, Greim ainda dispôs dum momento passageiro em que perguntou a si mesmo porque não poderia a nomeação ter sido feita por telegrama. Apesar de tudo, não poderia muito bem comandar a Força Aérea Alemã do Abrigo do Führer.

Nem Greim nem Hanna Reitsch viram Hitler durante as horas do dia de 26 de Abril, mas nessa noite a Chancelaria foi bombardeada pela primeira vez pela artilharia russa, e o Führer aparentemente sentiu que chegara a hora de admitir os seus dois visitantes no seu clube privado. Procurou a fiel Hanna para um cavaco. A adoradora Reitsch ficou chocada pelos olhos tristes de Hitler e pelo seu rosto que se contorcia.

— Meu Führer, porque fica? Porque priva a Alemanha da sua vida? — perguntou ela. — O Führer tem de viver para que a Alemanha possa viver. O povo exige-o.

Hitler abanou a cabeça. — Não, Hanna, se eu morro é pela honra do nosso país, é porque, como soldado, tenho de obedecer à minha própria ordem de defender Berlim até ao fim.

Hitler acrescentou que acreditava que a causa estava agora perdida «embora não a entendesse assim. Acreditava firmemente que Berlim seria salva nas margens do Oder». Ainda tinha a magra esperança de que o exército de Wenck pudesse levantar o cerco da capital pelo Sudoeste; Wenck estava a avançar vindo do Sul, e «tem de repelir e repelirá os russos durante o tempo suficiente para salvar o nosso povo».

De momento, enquanto falava de Wenck, a sua disposição pareceu subitamente carregada de optimismo. Mas depois recaiu num desespero calado e estendeu a Hanna ampolas de veneno para ela e para Greim.

— A Hanna faz parte daqueles que morrerão comigo — disse- lhe. — Não quero que nenhum de nós caia vivo nas mãos dos russos, nem quero que os nossos corpos sejam encontrados por eles. — Ele e Eva teriam os seus corpos queimados. — Vocês imaginarão o vosso próprio método — disse ele a Hanna.

Quando o Führer partiu, Hanna levou as ampolas de veneno a Greim e assentaram na sua maneira de morrer. Se os russos viessem, ingeririam o veneno e depois puxariam rapidamente a cavilha duma granada e segurá-la-iam de encontro ao peito, defraudando assim os russos dos seus cadáveres. Mas Greim não acreditava que os seus suicídios seriam necessários. O Führer enchera esse impassível aviador de nova esperança; disse a Hanna que tudo quanto tinham a fazer era serem pacientes e esperar, e Hitler pensaria em qualquer coisa para os tirar daquele aperto.

Entretanto, o General Koller fora solto da custódia dos guardas das S.S. em Berchtesgaden, a fim de poder também voar para Berlim para uma audiência com o Führer. Koller declinara primeiramente o convite alegando falta de saúde, mas Hitler insistira e, às primeiras horas da madrugada de 27 de Abril, o perturbado oficial da Luftwaffe voou para Rechlin. Aí soube com alívio que era impossível prosseguir o voo para Berlim. Até Gatow estava fechado; Greim e Reitsch tinham tomado o último avião para a capital e agora estavam lá encravados.

Koller seguiu para o quartel-general do O. K. W., agora transferido para Fürstenberg, e encontrou ali Heinrich Himmler. Tentou discutir o caso de Göring com o Der Treue Heinrich, mas o senhor das S. S. achou o assunto desagradável. «Um caso ruim», disse Himmler, e afastou-se, embaraçado. Tanto Jodl como Keitel se recusaram também a discutir o destino do Marechal do Reich com o seu fiel subordinado, e quando Dönitz chegou para uma conferência, a única concessão desse Almirante foi comentar que sabia que os motivos de Göring tinham sido dos melhores; Dönitz disse a Koller que falaria com ele depois do almoço, mas Koller não tornou a vê-lo nesse dia.

A única consolação que Koller encontrou esteve numa conversa telefônica com Greim, no Abrigo do Führer (fora reparada uma linha só para utilização urgente). Greim disse-lhe que não tentasse voar para a capital; o Führer compreenderia. Depois Hanna Reitsch veio ao telefone e caiu num tão longo relato das suas aventuras que Koller desligou. Koller esperava ouvir a todo o momento que o seu chefe fora executado.

O oficial da Divisão de Tanques Müncheberg, do General Mummert, do 57.º Corpo de Tanques, em Tempelhof, pôs o seu diário em dia:

25 de Abril. Às 5,30 da madrugada, novos ataques maciços de tanques. Somos forçados a retirar. Ordens da Chancelaria: A nossa divisão deve encaminhar-se

imediatamente para a Alexanderplatz, no Norte. Às 9 horas da manhã, ordem cancelada. Às 10 horas da manhã, o avanço russo para o aeroporto torna-se irresistível. Nova linha de defesa no centro. Violentos combates de rua — muitas perdas civis. Animais moribundos. As mulheres estão fugindo de cave em cave. Somos empurrados para Noroeste. Nova ordem para seguir para o Norte, como anteriormente. Mas a situação do comando está obviamente em completa desordem; o Abrigo do Führer deve ter informações falsas, e as posições que se pretende que ocupemos já estão nas mãos dos russos. Tornamos a retirar, sob violentos ataques aéreos russos. Incrições nas paredes das casas: «A hora antes do nascer do Sol é a mais escura» e «Retiramos, mas estamos a vencer». Desertores enforcados ou fuzilados. O que vemos nesta marcha é inesquecível.

A noite, proclamações duma nova organização, os Corpos Livres de Mohnke: «Trazei as vossas próprias armas, equipamento, rações. Todos os alemães são precisos». Luta violenta na zona comercial, no interior da Bolsa. Primeiras escaramuças nos túneis do metropolitano, pelos quais os russos estão tentando atingir a retaguarda das nossas linhas. Os túneis estão apinhados de civis.

26 de Abril. A noite está vermelha de fogo. Pesado bombardeamento de artilharia. Por outro lado, um silêncio terrível. Há atiradores furtivos em muitas casas, que disparam sobre nós—provavelmente trabalhadores estrangeiros. Notícias de que o comando da cidade foi substituído. O General Weidling assume o comando, e o General Mummert o das forças de tanques. Por volta das 5,30 da manhã, outra barragem de flagelação de artilharia. Os russos atacam. Temos novamente de retirar, combatendo de rua em rua. Inquirimos por três vezes durante a manhã: «Onde está Wenck?» Diz-se que as pontas de lança de Wenck estão em Werder, vinte e duas milhas a Sudoeste de Berlim. Ultrapassa a compreensão. Uma indiscrição fidedigna do Ministério da Propaganda declara que todas as tropas da frente do Elba estão em marcha para Berlim.

Por volta das 11 horas da manhã, L. vem do Ministério da Propaganda, de olhos a brilhar, com uma informação ainda mais fidedigna diretamente do Secretário de Estado Naumann. Foram efetuadas negociações com as Potências Ocidentais. Teremos de fazer alguns sacrifícios, mas as Potências Ocidentais não vão ficar paradas e deixar os russos tomar Berlim. O nosso moral sobe enormemente. L. declara como absolutamente certo que não teremos de combater mais do que vinte e quatro horas... quando muito, quarenta e oito.

Um exemplar do jornal de Goebbels, Der Angriff, chega até nós. Um dos seus artigos confirma a informação de L.: «A tática dos bolchevistas mostra que

compreendem quão cedo estarão em Berlim reforços ocidentais. Esta é a batalha que decidirá do nosso destino e do destino da Europa. Se nos aguentarmos, levaremos a cabo a viragem decisiva da guerra.» Mas há uma coisa que me intriga. O jornal também diz: «Se resistirmos ao assalto dos soviets aqui na linha principal de defesa através do coração de Berlim, a sorte da guerra terá mudado independentemente do que os Estados Unidos e a Inglaterra fizerem.»

Novo posto de comando nos túneis do metropolitano sob a estação de caminho de ferro de Anhalt. A estação parece um acampamento armado. Mulheres e crianças encolhidas nos vãos e nos cantos estão escutando os ruídos da batalha. As granadas atingem os telhados: cai cimento do teto. Cheiro de pólvora e fumo nos túneis.

Subitamente esguicha a água no nosso posto de comando. Gritos, berros, pragas no túnel. As pessoas lutam junto às escadas que levam à rua através dos respiradouros. A água vem em torrente através dos túneis. As multidões são presas do pânico; tropeçam e caem sobre os carris e as pessoas que dormem. Crianças e feridos são abandonados e morrem espezinhados. A água cobre-os. Sobe três pés ou mais e depois baixa lentamente. O pânico dura horas. Há muitos afogados. Razão: algures, por ordem de alguém, sapadores fizeram saltar as comportas dum dos canais para inundar os túneis contra os russos que estão tentando infiltrar-se por eles.

Ao fim da tarde, mudamos outra vez de posição. Um espetáculo horrível à entrada da estação do metropolitano, um lanço abaixo do nível da rua: uma granada pesada atravessou o teto, e homens, mulheres, soldados, crianças estão literalmente esmagados de encontro às paredes. À noite, um curto intervalo no tiroteio.

27 de Abril. Ataque contínuo durante a noite. Sinais crescentes de dissolução. Mas não serve de nada... não se pode desistir no último momento e lamentar tê-lo feito durante todo o resto da vida. K. traz a informação de que estão a caminho de Berlim divisões de tanques americanos. Na Chancelaria, diz-se, toda a gente está mais certa da vitória final do que nunca. Dificilmente há quaisquer comunicações entre as tropas, exceto entre uns poucos batalhões regulares equipados com postos de rádio. Os cabos telefônicos estão partidos aos bocados. As condições físicas são indescritíveis. Não há repouso, não há revezamento. Não há alimentação regular, apenas, dificilmente, algum pão. Tiramos água dos túneis e filtramo-la. Colapsos nervosos. Os feridos que não são simplesmente deixados ficar são dificilmente levados para qualquer parte. Os civis nas suas caves têm medo deles. Muitos deles têm sido enforcados como desertores. E os conselhos de guerra volantes arrancam os civis das caves onde apanham desertores, porque são cúmplices do crime.

Esses conselhos de guerra estão a aparecer hoje no nosso sector com particular frequência. A maioria dos seus componentes são oficiais das S. S. muito jovens. Quase não têm medalhas ou condecorações. Cegos e fanáticos. A esperança de socorro e o receio dos conselhos de guerra conserva os nossos homens no auge da luta.

O General Mummert pede que mais nenhum conselho de guerra visite o sector. Uma divisão constituída na sua maioria por homens com algumas das mais altas condecorações não merece ser perseguida por tais meninos. Está resolvido a liquidar a tiro qualquer conselho de guerra que entre em ação no nosso sector.

Toda a vasta extensão da Potsdamer Platz é um deserto de ruínas. Massas de veículos avariados, reboques de ambulâncias meio esmagados com os feridos ainda lá dentro. Gente morta por todos os lados, muitos horrorosamente cortados pelos tanques e camiões.

À noite tentamos atingir o Ministério da Propaganda para obter notícias acerca de Wenck e das divisões americanas. Boatos de o Nono Exército estar também a caminho de Berlim. No Oeste, estão sendo assinados tratados de paz geral. Violento bombardeamento de artilharia do centro da cidade.

Não podemos manter a nossa atual posição. Às quatro horas da manhã, retiramos pelos túneis do metropolitano. Nos túneis ao lado dos nossos, os russos marcham na direção oposta para as posições que acabamos de perder.

15

O Tenente tirocinado Kuzma Gusev, chefe do estado-maior do 3º Batalhão do 756.º Regimento de Infantaria do Exército Vermelho, mandou instalar o seu posto de comunicações numa casa em forma de ferradura do bairro de Moabit, em Berlim. O Tenente Gusev estava a rebentar para dar as grandes novidades ao comandante do regimento, e resmungou com o operador de rádio até ter sido estabelecido contato com o Coronel Zinchenko.

— Estamos na margem do Spree! — comunicou Gusev, numa voz muito alta.

— É impossível! — respondeu rispidamente o Coronel Zinchenko. — Veja se não é outro canal que atingiram. Verifique outra vez e comunique imediatamente.

Gusev olhou para o seu oficial comandante, o Capitão tirocinado Neustroyev.

— Bem, vamos lá verificar — disse-lhe Neustroyev. Estavam ambos certos do ponto onde estavam, mas havia muito tempo para ficarem duplamente seguros — por causa de Zinchenko.

Gusev saiu com um pelotão e examinou mais uma vez as balizas do Spree, o rio que, como uma cobra, serpenteia através de Berlim, imediatamente ao Norte do coração da cidade. Verificaram os nomes das ruas ao longo das margens. Depois tornou a chamar Zinchenko. — É realmente o Spree; não pode haver dúvida nenhuma. — E Neustroyev acrescentou a informação de que estavam aparecendo à esquerda unidades do 171.º Regimento de Infantaria, e de que o Capitão Davydov e o Major Logvinenko estavam fazendo avançar as suas unidades até ao rio, à direita.

Fora uma viagem áspera, mas rápida. E agora, unidades do 79.º Corpo de Infantaria do General Perevertkin tinham atingido o limite Norte do sector principal da linha de defesa de Berlim. Era precisamente meio-dia de 28 de Abril, e precisamente diante de Neustroyev estendia-se o estreito entre edifícios que conduzia ao Reichstag, uma confusão de entulho, de granadas a explodir e de destruição atroadora.

Parecia a Neustroyev que tinham decorrido anos durante a semana em que o 3º Batalhão se pusera em marcha, avançara e forçara o seu caminho através de Karow e de Blankenburg, virara obliquamente direito a Reinickendorf e a Plötzensee, e finalmente voltara à esquerda para se meter por Moabit dentro — até um ponto à vista do famoso Tiergarten. Os seus pensamentos recuavam agora para esse avanço, para os fragmentos recordados de experiência que perfaziam o todo.

Houvera a casa arruinada em Blankenburg onde o posto de comando do batalhão fora localizado — janelas desaparecidas com caixilhos e tudo, tetos parcialmente caídos, mobília rachada e destroçada parecendo nadar no entulho. O Capitão Kondrashov estava rabugento por causa de outra casa, no cruzamento a seguir, que estava bloqueando o seu avanço.

— Temos de correr com aqueles malditos fascistas para fora dali — continuava Kondrashov a dizer. — O Coronel Zinchenko quer que nós andemos para diante.

Neustroyev acalmara-o e chamara depois o Capitão Guselnikov. — Olhe mesmo em frente — dissera ele a Guselnikov. — Está a ver aquela casa?

— Claro que vejo — dissera Guselnikov.

— Pois não é uma casa, é um espinho cravado no nosso flanco. Pregou ao chão o regimento todo. Temos de nos ver livres daquele espinho, Capitão, apodere-se daquela casa.

Neustroyev observou a casa através do binóculo apoiado na borda duma brecha na parede, e daí a pouco viu soldados da companhia de Guselnikov rodearem a casa e irromperem no primeiro e no segundo pisos pelas traseiras. Mas os alemães estavam-nos esperando e retomaram o primeiro piso quase imediatamente. Houve luta feroz pelas escadas, nos corredores e no sótão. Os homens de Guselnikov estavam isolados, sem meios de comunicação com o batalhão; estavam numa ratoeira, no segundo piso com os alemães por baixo deles.

Foi então que o Primeiro-Sargento Syanov tomou decisões. Mandou um grupo de homens manter a entrada para o segundo piso. Depois pegou em Bogdanov, Prygunov e Rudnev, e deixaram-se cair os quatro para o primeiro piso pelas janelas. Aí, baloiçando nos parapeitos, os quatro homens atiraram sobre os surpreendidos alemães um chuva de granadas de mão, matando três e amedrontando os restantes.

Quase por todos os lados, os homens do 3º Batalhão tinham-se portado bem. Os artilheiros do Tenente Sorokin tinham carregado granadas para os seus canhões por cima do entulho e das paredes derrocadas, e tinham feito rolar os seus canhões à mão para dispararem mais de perto. Havia o Sargento Yermakov, comandante do pequeno destacamento telefónico, um homem baixo, de cabelo cor de palha, com um ar amável, que instalava as suas linhas sob o mais pesado fogo inimigo, trepando aos sótãos, desenrolando o seu fio de telhado em telhado. E por todos os lados o inimigo se entrincheirara. Atiradores e metralhadores alemães empoleiravam-se nos andares superiores das casas e das fábricas e nos ramos das árvores. Pequenas unidades armadas com granadas e bazucas operavam de caves e de andares térreos. Tanques pesados jaziam meio enterrados nos cruzamentos das ruas. E uma vez passados esses pontos de ataque, o batalhão fora forçado a meter-se debaixo do chão para desalojar e matar ou dispersar as centenas de soldados alemães nos túneis do metropolitano, nos esgotos e nos canais de drenagem.

O caso do Canal Westhafen fora provavelmente o mais duro. O canal era um ponto forte da defesa alemã que rodeava a parte interior da cidade, e ficava atravessado no caminho do regimento para o Spree e para o Tiergarten. Mas o moral dos homens era excelente. O Conselho de Guerra ordenara que a bandeira vermelha número cinco fosse transferida do quartel-general da divisão para o quartel-general do regimento —notícia não escrita de que o 756º fora escolhido para o assalto final ao Reichstag — e houvera manifestações de júbilo dos homens por este tributo ao seu espírito de luta.

Contudo, o Canal Westhafen estava no caminho e era um dos mais largos que Neustroyev já vira na Alemanha —135 pés de largura, com as margens revestidas de cimento. Havia uma ponte sobre o canal, mas fora parcialmente destruída e não podiam atravessar ao mesmo tempo mais do que quatro ou cinco homens. Na margem oposta havia uma trincheira antitanque com uma confusão de obstáculos antitanques, e toda a área estava densamente minada.

Dado que o 3.º Batalhão tinha o maior número de membros do Partido e da Liga da Juventude Comunista, fora designado como a força de choque. Era apoiado por uma unidade do 328º Regimento de Artilharia, bem como por unidades de artilharia da divisão e do corpo de exército. A artilharia devia apoiar e acompanhar a força de choque passo a passo, avançando seiscentas jardas de cada vez quando a infantaria avançava. Parte desta força de canhões, incluindo as metralhadoras tanto ligeiras como pesadas, foi instalada para fogo a curta distância antes do batalhão começar a forçar o canal.

De noite, os sapadores limpavam a ponte de minas e fizeram saltar seis obstruções antitanques do lado inimigo do canal. Trabalhavam debaixo de fogo cruzado, e as suas perdas foram pesadas, incluindo o obstinado soldado Stankevich, que se recusou a retirar depois de ter sido ferido, e foi morto poucos minutos depois pelo fogo de metralhadora. Na manhã seguinte, a artilharia atirou toneladas de metal ardente sobre os ninhos de metralhadora, casas e barricadas do inimigo, mas quando a primeira força tentou atravessar o canal foi repelida por um forte contra-ataque. Novamente a artilharia flagelou as posições inimigas, e durante a segunda barragem a companhia de defesa química do Capitão Gorodov cruzou o canal e ergueu uma densa cortina de fumo. Fora isso que resolvera o caso; dentro de duas horas o 3.º Batalhão atravessara o canal em força, o batalhão do Capitão Boyev tomara a estação de caminho de ferro da Büsselstrasse, e estava limpo o caminho para o velho, densamente povoado e poderosamente fortificado bairro de Moabit. No decurso das operações, o regimento libertara mil e duzentos prisioneiros russos e capturara mais de uma centena de soldados alemães. Naturalmente, tinham sido

dadas armas e novos uniformes aos russos, sendo mandados para a linha de combate.

Também fora caro, evidentemente. Houvera, por exemplo, o caso da guarnição de artilharia do Sargento Novikov, a primeira a cruzar o canal depois da infantaria. Quando os alemães varreram a ponte com fogo de metralhadora, todos os cavalos foram mortos e houve uma confusão tremenda de homens e de animais que provocou um engarrafamento do tráfego. Mas os homens recuperaram a calma, atiraram os cavalos da ponte abaixo e fizeram atravessar os canhões à força de braço.

Agora o Capitão Neustroyev olhava para lá do Rio Spree, para o coração de Berlim. Era como se toda a zona estivesse em chamas: o céu estava encoberto por um clarão amarelo-acastanhado, e por baixo havia uma nuvem de denso fumo negro. Perguntou a si mesmo como era possível alguém continuar a viver naquela voragem abrasadora, como podia um homem encontrar oxigênio bastante para os seus pulmões naquele mar de fumo.

Mas ali estava o Tenente Gusev puxando-lhe pelo braço para lhe dizer que o Coronel Zinchenko estava ao telefone. Neustroyev forçou-se a despertar do seu devaneio e pegou no telefone.

— Muito bem. Stepan — disse-lhe Zinchenko. — Era por isto que esperávamos. Vamos atravessar o Spree, apoderarmo-nos do Reichstag e pôr lá em cima do telhado essa bandeira vermelha.

No sector do regimento, o tortuoso rio estava flanqueado por margens na vertical, revestidas de granito, que se elevavam dez pés acima da superfície. O rio encurvava-se nesse ponto, com um dos seus lados descendo para o Reichstag e o outro cavalgado pela Ponte de Moltke, o Jovem. Os alemães tinham destruído todas as outras pontes; na verdade, o corpo de informações comunicava que só 59 das 229 pontes de Berlim estavam ainda de pé. Do lado de lá do rio, para a direita, era o Tiergarten, com a sua zona verde numa área de muitos acres; mais para o Sul, para além da larga avenida cujo nome tinha origem nas famosas tílias de Berlim, corria o Canal Landwehr.

O Tiergarten e todas as pequenas praças no caminho do Reichstag eram um labirinto de trincheiras, passagens de comunicação e ninhos de metralhadoras. Canhões de campanha e antiaéreos mantinham as tropas russas debaixo de fogo quase constante. Do lado de lá do Spree, os alemães tinham instalado uma massa

confusa de fossos antitanques e de barricadas de arame farpado; o terreno era um grande campo de minas. Para além disto, no edifício do Ministério do Interior de Heinrich Himmler, as janelas da totalidade dos seis andares eram um sistema por filas de ninhos de espingardas e de metralhadoras, com baterias de artilharia e pelotões de bazucas operando nas proximidades do andar térreo. O serviço de informações comunicara também que o comando alemão concentrara as suas unidades das S. S. no Spree e na zona do Reichstag, e que essas unidades tinham sido reforçadas na noite anterior por um batalhão de marinheiros trazido de avião de Rostock e descido em paraquedas.

O General Perevertkin reforçou os regimentos de infantaria com tanques e artilharia. Pôs o corpo de exército em posição numa formação de combate de dois escalões; o primeiro era composto pela 150.º Divisão de Infantaria de Shatilov, à direita, e pela 171.º Divisão de Infantaria, à esquerda, e o segundo, em reserva, era constituído pela 207.º Divisão de Infantaria. Os comandantes de batalhão receberam ordem de dirigirem as suas unidades diretamente, em formação de batalha, de modo a encurtar as linhas de comunicação e a levantarem o moral das tropas. O General Perevertkin transferiu o seu próprio posto de observação mais para a frente, próximo da margem do Spree, para o edifício do Ministério das Finanças, que já fora ocupado pelo 156.º Regimento.

O 3.º Batalhão de Neustroyev estava no máximo da sua força, com quinhentos homens; tinha três companhias de infantaria, uma companhia de metralhadoras e outra de granadas e lança-chamas, uma bateria de peças de campanha de 45 mm e um pelotão de armas antitanques. Para a sua retaguarda, fora dada a Neustroyev uma companhia de infantaria da reserva do regimento. O objetivo do batalhão era apoderar-se da «Casa de Himmler» e ocupar a Königplatz de modo a ficar em posição de avançar para o Reichstag.

O único meio de atravessar o rio era a ponte de ferro e cimento armado de Moltke o Jovem, protegida por barricadas minadas rodeadas de arame farpado. Aos postos avançados em frente da ponte chegavam agora oficiais do estado-maior do quartel-general da divisão, oficiais políticos e correspondentes dos jornais de Moscou. O Major Bondar, ajudante do General Perevertkin, apareceu no posto de comando do 3º Batalhão, na margem do rio, com a informação de que Perevertkin decidira mudar outra vez o seu posto de observação, desta vez para um ponto diretamente na margem.

Mas antes de Perevertkin poder chegar houve uma tremenda explosão, e uma coluna de fogo elevou-se para o céu. Blocos de pedra e fragmentos de metal e de

madeira choveram no rio. Os alemães tinham feito saltar a ponte. Durante alguns minutos, enquanto o fumo obscurecia a cena, revisões apressadas de tática passaram pela cabeça de todos os soldados russos com posto acima de sargento. Depois o fumo desfez-se e foi descoberto que a parte central da ponte apenas tinha assentado na água. Estava muito inclinada e torcida, mas ainda descansava sobre os seus pilares danificados. Era óbvio que os alemães tinham tido falta dos explosivos suficientes para cortar completamente o vão. A linha russa preparou-se para avançar.

Neustroyev decidira que o Segundo-Sargento Petya Pyatnitsky comandasse o pelotão da vanguarda que devia abrir caminho para o batalhão por cima da ponte. Mandou chamar o jovem subalterno e passou-lhe um braço pelos ombros. — Vai lá, Petya — disse-lhe — mas depressa!

Havia excitação no ar, e quando Pyatnitsky se voltou para ir, Neustroyev descobriu o oficial médico do batalhão, Tenente Boiko, de pé a seu lado, puxando-lhe pela manga do dólmã — .Camarada Capitão — gritou Boiko — Pyatnitsky não leva ninguém do corpo médico. Não seria melhor eu ir com ele?

Neustroyev olhou para Boiko e quase abanou a cabeça numa negativa. Mas o pelotão da vanguarda, avançando debaixo daquele fogo tão mortífero, iria precisar dum médico. Acenou a Boiko que fosse. — Vá — disse-lhe — mas quero vê-lo quando eu lá chegar.

Poucos minutos depois começou a barragem de artilharia, estendendo um tapete de fogo no caminho do pelotão de Pyatnitsky enquanto os soldados se colavam à terra em frente das barricadas alemãs do lado mais próximo da ponte. Os alemães replicaram com fogo mais nutrido da sua artilharia pesada, peças de campanha e foguetes. Mas a barragem russa estava a dizer de sua justiça; daí a pouco, a maior parte dos ninhos de tiroteio do Tiergarten tinha sido silenciada e tinham sido provocados pesados estragos entre os edifícios fortificados da Kronprinzenufer e da Schlieffenufer ao longo da margem.

O Sargento Pyatnitsky pôs-se de pé e acenou aos seus homens para avançarem. Avançando imediatamente atrás das últimas granadas da artilharia russa, lançaram-se ao assalto das barricadas sem sequer se curvarem para se resguardarem. O Tenente Boiko saltou para a ponte, depois parou e levou ambas as mãos ao peito. Depois caiu. O pelotão de Pyatnitsky avançou a correr, seguido pelo pelotão de Pyotr Shcherbina, e quando os homens de Pyatnitsky saltaram para a margem do outro lado do rio dirigiram-se diretamente para um edifício de esquina donde os

alemães estavam fazendo jorrar uma corrente de fogo de metralhadora e de armas ligeiras. Os homens de Shcherbina seguiram-nos, e daí a segundos havia luta corpo-a-corpo por todo o edifício. Entretanto outras unidades precipitavam-se através da ponte, incluindo toda a companhia de infantaria do Tenente tirocinado Pankratov e unidades duma companhia de metralhadoras.

A companhia de Pankratov lançou-se para a Legação da Suíça, onde os alemães tinham instalado vários ninhos de metralhadoras e de pistolas-metralhadoras. Depois de atirarem granadas por todas as janelas que podiam atingir, as tropas russas penetraram no edifício e decidiram da sua posse pela luta com os alemães em corredores escuros e enormes salas fantasmagóricas. Entretanto a artilharia alemã batia a ponte, tentando ao mesmo tempo deitá-la abaixo e estancar a maré das tropas do Exército Vermelho.

Lenta e penosamente, os russos alargaram a testa de ponte, espalhando-se em leque pelos edifícios e instalando pontos de apoio nas ruas à medida que iam recuperando o fôlego. Durante a noite de 28 para 29 de Abril, as peças de campanha da artilharia da 150^a Divisão dispararam as suas primeiras salvas contra a Chancelaria do Terceiro Reich. Os tiros foram celebrados com grande alegria, apesar do facto de os canhões mais pesados de outras unidades já terem bombardeado a Chancelaria dois dias antes. Mas para o Capitão Stepan Neustroyev e para os homens do 3º Batalhão a façanha dos artilheiros era incidental. A única coisa que lhes importava era que a última barreira de água no caminho do Reichstag fora atravessada.

Os russos tinham tomado o Aeroporto de Tempelhof e penetrado em Steglitz; a defesa de Berlim fora reduzida a um pequeno anel em redor do centro da cidade, um anel que era ao mesmo tempo uma linha de defesa e uma armadilha prendendo os que estavam dentro dele.

Na manhã de 28 de Abril, Adolf Hitler passeava dum lado para o outro do seu fétido abrigo brandindo um mapa de estradas e explicando a Hanna Reitsch como a sua estratégia, a sua manipulação das forças alemãs, salvaria ainda a capital alemã. Expediu um telegrama para o Marechal de Campo Keitel: «Espero a libertação de Berlim. Que está fazendo o Exército (sic) de Heinrici? Onde está Wenck? Que está acontecendo ao Nono Exército? Quando se juntarão Wenck e o Nono Exército?»

As respostas eram claras praticamente para toda a gente exceto para Hitler. Heinrici, que comandava um grupo de exércitos, não um exército, estava tentando salvar o que dele restava por meio duma retirada não autorizada. A ofensiva de

Wenck perto de Potsdam estacionara, e ele procurava agora penetrar o mais possível para Leste para abrir um caminho de fuga para o Nono Exército, cercado — assim o Nono tivesse a força suficiente para romper. E, como as coisas vieram a correr, era este o último dia de Heinrici como comandante do Grupo de Exércitos Weichsel, anteriormente do Vístula.

Enquanto Hitler e a sua corte se reuniam no Abrigo do Führer e ensaiavam os seus suicídios, comparando em todos os seus fantásticos pormenores os vários planos para a disposição dos seus corpos, Keitel estava a caminho do Norte procurando alguém para levantar o cerco da capital. Enquanto o seu carro seguia ao longo da estrada, ficou pasmado ao descobrir que tropas da 7.^a Divisão de Tanques e da 25.^a Divisão Blindada de Infantaria também se estavam movendo para o Norte. Estas forças eram parte do Terceiro Exército de Tanques de Manteuffel, que era a ala Norte do Grupo de Exércitos Weichsel, e Keitel supunha que estavam avançando para a capital para salvar o Führer. Em vez disso, Keitel descobriu que tinham recebido ordens para tentarem deter a rotura das tropas de Rokossovski em Neubrandenburg, setenta e cinco milhas a Norte da Capital, num movimento para protegerem um caminho de fuga para os militares, e igualmente para os civis, para o Oeste e para o Norte, para o Mar Báltico.

Furioso, Keitel seguiu em busca de Heinrici. Encontrou-o numa estrada perto de Neubrandenburg, a poucas milhas da frente, onde Heinrici e Manteuffel estavam dirigindo a retirada de soldados feridos e desarmados e de refugiados civis. Keitel acusou Heinrici de traição ao desafiar as estritas ordens dele e de Jodl para não retirar. Heinrici fora fraco, gritou Keitel; devia ter fuzilado uns quantos milhares de desertores ou tê-los dependurado nas árvores mais próximas, e então não teria tido que retirar.

O General von Manteuffel, um soldado da frente como Heinrici, estava rubro de cólera; não tinha senão desprezo por Keitel, que nunca visitara a frente, nunca ouvira um tiro militar disparado com raiva. Mas Heinrici manteve o seu domínio; sabia que fizera a única coisa possível. Apontou para as colunas infindáveis de soldados desarmados e exaustos e de refugiados aterrorizados, e disse a Keitel numa voz que era baixa e amável; — Senhor Marechal de Campo, se quer que estes homens sejam fuzilados, quer fazer o favor de começar?

Keitel olhou para Heinrici incredulamente, mas Heinrici fitou-o de alto a baixo. Logo após, Keitel deu meia volta, saltou para o seu carro e foi-se embora.

Mais tarde Heinrici telefonou a Jodl e comunicou que tivera de retirar o flanco Sul do Terceiro Exército de Tanques a fim de se opor às forças russas ao longo da costa do Báltico. Jodl ordenou a Heinrici que mantivesse as tropas onde estavam. Heinrici replicou calmamente que não podia fazê-lo sem pôr em perigo a totalidade das suas forças. Quando Jodl repetiu a ordem e ameaçou Heinrici com a pena de morte, Heinrici desligou.

Nessa noite, às dez horas, Heinrici recebeu a notícia de que o porto de Swinemünde, na costa do Báltico, a cerca de quarenta milhas ao Norte de Stettin, estava em perigo de ser cercado pelos russos. Ordenou que a guarnição fosse retirada antes de ser isolada; depois telefonou para o quartel-general do O. K. W. para comunicar isto a Keitel.

Mais uma vez Keitel ameaçou Heinrici com um conselho de guerra, mas Heinrici recusou-se a revogar a ordem de retirada. Após o que Keitel disse a Heinrici que era substituído no seu posto, e ordenou-lhe que se apresentasse imediatamente para ser punido. Quando Heinrici desligou, Manteuffel ofereceu-se para lhe fornecer uma guarda pessoal, mas ele declinou a oferta. Entretanto, Keitel nomeou como sucessor de Heinrici o General da Luftwaffe Kurt Student, comandante do Primeiro Exército de Paraquedistas, que se distinguira na luta por Creta. Mas dado que passariam vários dias antes de Student poder atingir o Grupo de Exércitos Weichsel, Keitel pediu a Manteuffel que exercesse o comando. Manteuffel recusou-se. Keitel deu então o comando interino ao General Werner von Tippelskirch comandante do Vigésimo Primeiro Exército.

Era este o estado do comando militar de Hitler na noite de 28 de Abril, quando Heinz Lorenz, um dos assistentes de Joseph Goebbels no Ministério da Propaganda, atravessou a correr a praça e entrou apressadamente no Abrigo do Führer com um feixe de papéis de cópia na mão. Um dos deveres de Lorenz era o de traduzir e entregar ao Führer quaisquer pontos das notícias estrangeiras que parecessem suficientemente importantes para a atenção do grande homem. Lorenz julgava as notícias escritas nos papéis que tinha na mão da maior importância possível; era um apanhado duma emissão da B. B. C. de uma informação da Reuter, de Estocolmo, relatando as negociações secretas de Heinrich Himmler com o Conde Bernadotte.

Lorenz encontrou Goebbels, o Embaixador Hewel e Bormann sentados numa antecâmara, e deu uma cópia da informação a cada um deles. Depois deu outra cópia ao impedido de Hitler, Heinz Linge, para ser entregue ao Führer.

Segundo Hanna Reitsch, a informação foi como um golpe mortal. Hitler enraiveceu-se como um louco. O seu rosto inchou e ficou dum vermelho vivo. As suas denúncias tiveram eco nas de Goebbels, de Bormann e de Greim. Hitler recordava agora que pelo menos Göring pedira autorização para assumir posições; Himmler limitara-se a ir para a frente traiçoeiramente. Hitler chamou àquilo o maior exemplo de traição que jamais lhe acontecera.

Quando recuperou a calma, o seu primeiro ato foi mandar buscar o General das S.S. Fegelein, que já estava sob custódia. É que Fegelein, representante pessoal de Heinrich Himmler no quartel-general do Führer e um dos velhos amigalhões dignos de confiança de Hitler, fora preso no dia anterior como desertor.

Como Himmler, que fora anteriormente um criador de aves domésticas, Hermann Fegelein era bávaro. Em tempos paquete e jóquei vencedor de prêmios, subira na hierarquia nazi como favorito do corrupto Christian Weber, presidente do Conselho Municipal de Munique. Alistando-se nas Waffen S. S., subiu ao comando duma divisão de cavalaria e atraiu a atenção de Himmler pelos seus êxitos na frente Leste. Em 1944 tornou-se o oficial de ligação de Himmler com Hitler, e no mesmo ano cimentou astutamente a sua posição casando com a irmã de Eva Braun, Gretl. Desta maneira era considerado pelos estranhos invejosos como membro, não só da corte de Hitler mas também da família do Führer.

Contudo, Fegelein não tinha a intenção de levar a lealdade de família demasiado longe... isto é, até à morte. Hitler e Eva Braun podiam escolher morrer nas ruínas de Berlim, mas Fegelein tinha planos para o futuro. Por conseguinte, em 26 de Abril deixara o seu posto num dos abrigos da Chancelaria e fugira para a sua casa no bairro de Charlottenburg, onde se descartara do seu uniforme. Tencionava esconder-se ali até a poeira assentar.

Mas Hitler, com a sua visão para o trivial, notou a ausência de Fegelein e interrogou-se a seu respeito, mesmo no meio dos acontecimentos de fazer tremer a terra que se verificavam à sua volta. Perguntou onde fora Fegelein, e ninguém parecia saber. Isso era bastante para o Führer; mandou chamar o Standartenführer (Coronel) das S. S. Hoegl, comandante substituto da sua força pessoal de polícia secreta, e ordenou-lhe que procurasse e encontrasse o jóquei ausente. Hoegl fez o que era óbvio; com um grupo de guardas armados dirigiu-se imediatamente através do temporal de fogo de artilharia para a casa de Fegelein, onde encontrou na cama o general ausente.

Fegelein foi muito esperançoso com o estólido Hoegl. Sugeriu que seria de vantagem para o polícia secreto se ele pudesse descobrir um aeroplano no qual Fegelein pudesse ser rapidamente levado de Berlim para a segurança do Sul. Hoegl não se deixou subornar por tal proposta: replicou que não podia fazer nada sem autorização de Hitler. Portanto Fegelein pegou num telefone, fez uma chamada para o Abrigo do Führer e mandou ligar para Eva Braun. Explicou a situação à cunhada; ela não queria certamente condená-lo a uma morte inútil no Abrigo do Führer quando ele podia tornar a juntar-se à sua mulher e à sua família na Baviera!?

Mas Eva estava chocada com o ato de deserção de Fegelein: como podia ele traiçoar o seu Führer nessa hora trágica, quando tantos outros o tinham abandonado? Disse a Fegelein, com Hoegl partilhando o auscultador, que devia voltar para o Abrigo do Führer imediatamente, e que não podia fazer nada por ele. Uma hora depois, Fegelein encontrava-se fechado numa pequena sala sob a Chancelaria, despojado do seu exaltado posto das S. S. de Obergruppenführer e apertadamente guardado, não tentasse suicidar-se.

Agora Hitler pensava que sabia por que razão Fegelein tentara desertar — era tudo parte dum conluio das S. S. E, evidentemente, o ataque pelo General das S. S. Steiner não fora efetuado porque Himmler agira contra a ordem de Hitler. Fegelein foi interrogado por vários oficiais da Gestapo e admitiu facilmente que sabia tudo acerca das negociações de Himmler com o Conde Bernadotte... assim como praticamente toda a gente sabia, disse Fegelein. Se Fegelein era um vagabundo político e um oportunista, estava contudo inocente de qualquer conluio contra Hitler. Mas isso não preocupava o Führer; ele queria uma pequena efusão de sangue para se acalmar. Fegelein foi levado para o jardim da Chancelaria e fuzilado.

Tivesse Hitler estado a par dos resultados das negociações Himmler-Bernadotte, poderia ter exultado com a ironia de tudo aquilo. É que no dia anterior Bernadotte comunicara ao ansioso Walter Schellenberg, aguardando em Flensburg, próximo da fronteira dinamarquesa, que as Potências Ocidentais não queriam saber duma rendição limitada e, em qualquer caso, nunca fariam negócio com um homem com a infame reputação de Himmler. Schellenberg transmitira as más novas a Himmler, e Himmler ficara tão transtornado que Schellenberg mandara chamar urgentemente o astrólogo do Der Treue Heinrich a Hamburgo, e o par encaminhou-se junto para a cabeceira do cacique das S. S. para o alegrar com uma análise do que diziam as estrelas.

Mas o Führer já não tinha mais tempo a perder com Heinrich Himmler; tinha de assegurar-se de que morressem com ele tantos alemães quantos fosse possível enquanto Berlim era subjugada. Convocou Greim e ordenou-lhe que fizesse levantar voo todos os aviões disponíveis, para combaterem contra os russos, cujos tanques eram assinalados na Potsdamer Platz. Hitler tinha o prazer de informar Greim de que poderia dirigir pessoalmente a operação; um avião de treino conseguira finalmente chegar ao Eixo Leste-Oeste, vindo de Rechlin, e estava esperando para levar Greim e Hanna Reitsch para o quartel-general da Luftwaffe.

Nem Greim nem Reitsch queriam partir; tinham falado um com o outro de partilharem o fim glorioso com o Führer e achavam agora difícil ajustar-se a essa suspensão da execução. Mas Hitler insistiu. Era dever de Greim partir, de modo a poder ordenar a prisão do traidor Himmler. — Um traidor nunca poderá suceder-me como Führer! — gritou Hitler. — Tem de partir para assegurar que isso não aconteça.

Greim ainda andava de muletas quando ele e Reitsch se encaminharam para o avião e levantaram voo para o mundo exterior. O aparelho foi atacado pela artilharia antiaérea, mas conseguiram de qualquer maneira esgueirar-se até ao quartel-general do Grande-Almirante Dönitz, em Plön, longe, para o Norte, no Schleswig-Holstein. Aí confrontaram Himmler com a sua deslealdade e exigiram a sua prisão. Mas Dönitz estava muito atento aos seus passos políticos, e não atuou; Himmler continuou a vaguear pelo quartel-general, procurando alguém com quem falar.

Enquanto Greim e Reitsch estavam no ar, Adolf Hitler casou com Eva Braun; a cerimônia teve lugar em qualquer ocasião entre a uma e as três horas da manhã de 29 de Abril. Goebbels mandou buscar um obscuro funcionário da cidade chamado Walter Wagner, que efetuou a cerimônia envergando o uniforme do Partido Nazi com uma braçadeira da Volkssturm. A cerimônia desenrolou-se na pequena sala dos mapas nos aposentos privados do abrigo, com Goebbels e Bormann como testemunhas. Hitler pediu que a publicação dos banhos fosse feita oralmente «em vista dos desenvolvimentos da guerra», e a noiva e o noivo casaram-se por meio de palavras em estilo de tempo de guerra. Ambos juraram que eram de «ascendência completamente ariana» e que não tinham «doenças hereditárias que impedissem o seu casamento». Hitler deixou em branco o espaço para o nome do pai, Alois Hitler, e da mãe, Klara Poelzl, e a data do seu casamento — talvez porque, até nessa última hora, tinha ainda vergonha do facto de o seu pai ser um filho ilegítimo e ter usado, durante os primeiros trinta e nove anos da sua vida, o apelido da mãe,

de Schicklgruber. A noiva começou a assinar o seu nome de «Eva Braun», e depois corrigiu-o para «Eva Hitler, nascida Braun».

Seguiu-se uma recepção de casamento, ou copo de água, nos aposentos privados de Hitler. Hitler chamou a sua cozinheira, Fräulein Manzialy, para partilhar do champanhe com o Dr. e a Senhora Goebbels, Bormann, os generais Krebs e Burgdorf, e as duas secretárias do Führer, Frau Christian e Frau Junge. Como habitualmente quando Hitler estava convivendo, a conversa era sobre os bons tempos, e o Führer espraçou-se, assinalando os momentos altos da sua carreira. A cerimônia lembrava-lhe o tempo em que fora o melhor homem de Goebbels, dizia ele. Mas agora, claro, estava tudo acabado; seria um alívio morrer depois de ter sido atraído por tantos velhos amigos. Com esta nota sombria, o Führer despediu-se dos seus infelizes convidados e retirou-se para uma sala contígua com Frau Junge para lhe ditar as suas últimas vontades e testamento.

O testamento político de Hitler, no qual expunha o seu caso para a história e empreendia depois impor a composição do governo que assumiria o poder na Alemanha depois da sua morte, era a espécie de documento que o mundo tinha o direito de esperar desse tirano saturado de poder. Insistia em que não tinha culpa do holocausto da Segunda Guerra Mundial, em que desejava a paz e em que, de facto, pleiteara com os Ingleses pela paz três dias antes do ataque à Polónia. Não lhe fazia diferença esta última mentira específica ter sido desmascarada anos antes. Culpava os judeus por todos os males do mundo, e denunciava mais uma vez, implicitamente, a casta dos oficiais do Exército — «Possa ser no futuro um ponto de honra para os oficiais do Exército Alemão, como já é para a nossa Marinha, que a rendição duma zona ou duma cidade esteja fora de questão...»

Depois, na segunda parte do testamento, expulsava tanto Göring como Himmler do Partido, e nomeava como seu herdeiro, no lugar de Göring, o Grande-Almirante Dönitz, que devia tornar-se o «Presidente do Reich, Comandante Supremo das Forças Armadas, Ministro da Guerra e Comandante-Chefe da Marinha». Não fosse Dönitz ficar demasiado cheio de si e tentar por isso nomear os seus próprios colaboradores, Hitler decretava que Goebbels devia ser o Chanceler e Bormann o Chanceler do Partido. Seyss-Inquart, o «quisling» austríaco, que fizera do seu nome uma maldição nos lábios de todos os holandeses, devia ser o Ministro dos Negócios Estrangeiros, sucedendo a Ribbentrop, o «segundo Bismarck». O ingênuo Albert Speer era omitido neste gabinete-sombra, mas não denunciado. O oportunista Conde Schwerin von Krosigk devia manter-se como Ministro das Finanças, e o Marechal de Campo Ferdinand Schoerner, comandante do grupo de exércitos do Sul que tinha o seu nome, era nomeado Comandante-Chefe do

Exército — apesar de tudo, Schoerner poderia ainda fazer da Boêmia uma valente fortaleza para os restos do Nacional-Socialismo.

Todos esses «homens ilustres», decretava Hitler, procurariam por todos os meios sobreviver à última batalha da guerra, de modo a continuarem a fé nazi e, «acima de tudo o mais, manterem as leis raciais em toda a sua severidade e resistirem sem mercê à envenenadora universal de todas as nações, a Judiaria Internacional».

Nas suas últimas vontades pessoais, Hitler explicava que casara com Eva Braun por estar próximo o fim da guerra e se sentir livre da sua promessa de não assumir a «responsabilidade do casamento». A maior parte dos seus haveres, dizia ele, pertencia ao Partido, «ou, se este já não existir, ao Estado». Mas ao seu executor, Bormann, era dada autoridade para «entregar aos meus parentes tudo o que é de valor como lembrança pessoal, ou seja necessário para manter um nível de vida burguês trivial, especialmente quanto à mãe de minha esposa e aos meus fiéis companheiros de trabalho de ambos os sexos que são bem conhecidos dele». Dizia: «Minha mulher e eu escolhemos morrer de modo a fugirmos à vergonha da derrota ou capitulação».

Às quatro horas da manhã de domingo, dia 29 de Abril, Hitler convocou Goebbels, Bormann. Krebs e Burgdorf para testemunharem a sua assinatura do testamento político. As suas últimas vontades pessoais foram testemunhadas, pouco tempo depois, pelo Coronel von Below, Goebbels e Bormann. Depois Adolf Hitler foi para a cama.

16

Para as pessoas de Berlim, os dias e as noites confundiam-se uns com os outros. Poucos sabiam que dia da semana era, e muito menos o dia do mês. Nas caves, nas estações do metropolitano e nos abrigos antiaéreos a obsessão em massa era sobreviver, conservar fosse como fosse a vida no corpo até tudo estar acabado. Ninguém sabia perfeitamente o que se entendia por «estar tudo acabado», uma vez que a conquista da cidade pelas hordas dos russos era inevitável, mas pelo menos o tiroteio cessaria quando os alemães tivessem sido derrotados, e isso significava menos perigo de morte súbita por causa das granadas, das bombas e das balas de

metralhadora. Havia, também, um ódio em massa contra os fanáticos das S. S. e os Lobisomens, que insistiam brutalmente em que a cidade continuasse a sua resistência. Para a maioria dos berlinenses parecia claro que a guerra acabaria se esses fanáticos se limitassem a dar a ordem e desaparecessem.

Herr Behn, que fugira das ruínas de Neukölln para se mudar para a companhia do irmão no bairro de Moabit, estava aterrorizado por esses superintendentes automeados duma batalha perdida, ainda que a sua cólera refervesse contra eles. Encolhera-se horrorizado ao fundo do abrigo quando o pelotão das S. S. lá entrara, escolhera alguns homens ao acaso e fuzilara-os a sangue-frio. «Morte aos desertores!», gritara o pelotão em uníssono, e quando uma mulher chorosa perguntara como sabiam que os homens eram desertores sem sequer os interrogar, fora esbofetada e tinham-lhe dito: «Cale lá essa bocarra de derrotista!» As bofetadas tinham sido dadas, evidentemente, pelo fanfarrão da vizinhança, o pequeno e duma perna só Hauptscharführer das S. S., que coxeava pelas ruas nas suas muletas disparando tiros da sua pistola-metralhadora por cima das cabeças das pessoas que estavam nas bichas da comida... «Como aviso!», gritava ele. Não seria Herr Behn que lhe perguntaria acerca de que era o aviso.

Karl apareceu, vindo do seu posto do Corpo Médico no edifício do Reichstag, e disse-lhe que vira Lotte e que ela o levava a uma festa no apartamento de uma das Raparigas de Mohnke. Herr Behn queria esquecer a filha, mas não podia; tinha de ouvir o que Karl estava dizendo, por muito desanimador que fosse. Lotte vangloriara-se do saque que colhera em lojas assaltadas e do seu serviço com uma unidade motorizada de bazucas, de ataque e fuga, a qual era reconhecida como tendo destruído três tanques russos T-34. Herr Behn podia ver que Karl estava entristecido pelo que acontecera a Lotte. Agora já não podia haver casamento, ainda que ambos sobrevivessem; Lotte afastara-se do calmo e industrioso Karl para um mundo ruim que nenhum dos dois homens podia compreender.

Ali em Moabit, a frente estava só a poucas ruas de distância quando o dia 28 de Abril se ia confundir com o dia 29. Os homens desesperados das Walloon Waffen S. S. estavam atrás das barricadas num cruzamento. Ao longo duma linha tortuosa, rapazes da Juventude de Hitler e tropas russas brancas de Ulanov tinham ocupado outras posições de combate ao lado das Waffen S. S. francesas. Os homens eram duros, bravos e descuidosos da segurança dos civis, mas a sua arma principal era apenas o canhão antiaéreo de 2 cm, ao passo que os russos tinham tudo quanto respeitava a canhões e tanques.

Por causa do bombardeamento de artilharia e dos agora ocasionais ataques aéreos, as bichas não se formavam nos estabelecimentos de comida senão às três horas da manhã, com a maior parte das mulheres pondo bacias de folha em cima da cabeça como capacetes. Mas o bombardeamento recomeçava sempre prontamente às cinco horas e, uma hora mais tarde, viriam os pequenos biplanos russos de madeira, voando baixo, crivar as bichas a fogo de metralhadora. A não ser que se estivesse bastante à frente, habitualmente já não havia pão quando chegava a vez, mas toda a gente se mantinha em fila, passando por cima dos corpos dos mortos ou seriamente feridos pelo fogo dos aviões.

Quando havia tempo, o que não era frequente, os corpos eram atirados para carros-de-mão e levados para o parque de estacionamento da grande fábrica, em cujo portão estava afixado o letreiro «Ponto de Concentração de Corpos». As pessoas já não protestavam quando viam um homem furtivo roubando as botas do corpo dum soldado; o fedor era tão nauseabundo que toda a gente queria afastar-se o mais depressa possível. Apressando-se de regresso ao abrigo, tentavam não notar os folhetos afixados nas casas pelos Lobisomens: «Imundos Cobardes e Derrotistas — Temo-los Todos nas Nossas Listas!»

Em Moabit e por toda a cidade, os russos aproximavam-se cada vez mais, avançando através dos túneis do metropolitano com lança-chamas. Havia atiradores furtivos por todos os lados — russos e trabalhadores estrangeiros tirando vingança. Soldados alemães entravam cambaleando nos abrigos de civis pedindo água e suplicando autorização para esconderem os seus uniformes e se misturarem com o enxame de refugiados. Mas habitualmente os homens das S. S. já lá haviam estado primeiro com os seus avisos, e os soldados eram mandados embora.

Mas outros soldados mantinham-se nos seus postos e continuavam a lutar, tanto com ferocidade como com valentia... e ingenuidade. O quartel-general da unidade antitanque da Juventude de Hitler, do Major Bechtle, na Fehrberlliner Platz, em Wilmersdorf, resolveu rapidamente o problema duma bateria que perdera os seus canhões. Enquanto um pelotão se apoderava dum fornecimento de bazucas num depósito de armas, outro procurava e reparava quatro carros de pessoal de estado-maior abandonados, e dentro de algumas horas a bateria sem canhões transformara-se numa reserva móvel de pessoal, enviada em missões rápidas como uma espécie de brigada de bombeiros.

O quartel-general teve de ser mudado, porém, para a Kurfürstendamm, em Charlottenburg, por causa do avanço russo; foi instalado num edifício administrativo governamental entre a Brandenburgischestrasse e a Leipnizstrasse.

Mas durou exatamente duas horas até o pessoal ter de mudar outra vez, para a cave do Der Komiker, um cabaré na Lehniner Platz. Daí o estado-maior podia dirigir as operações enquanto via ao fundo da Kurfürstendamm a Gedächtniskirche, no alto da qual os russos tinham instalado um posto de metralhadoras e um posto-de-observação de artilharia.

Quando chegou um aviso de que os russos estavam a romper pelo Noroeste. Lothar Loewe e um jovem tenente com uma perna de pau partiram para um reconhecimento da Sophie-Charlotten-Strasse; cada um deles tinham uma bazuca, e Loewe tinha uma pistola-metralhadora italiana com o fecho de segurança defeituoso, o que provocava que disparasse inesperada mente. Abrigaram-se na cave dum prédio de apartamentos, viram três tanques aproximando-se, e Loewe entrou em ação com a sua bazuca enquanto o tenente lhe dava cobertura com o fogo da imprevisível pistola-metralhadora de Loewe. O primeiro projétil de Loewe explodiu entre as lagartas do tanque, inutilizando-o. Mas quase imediatamente os outros dois tanques apontaram os seus canhões para a cave e os rapazes fugiram, de volta ao Der Komiker. Aí o Major Bechtle condecorou-os a ambos com a Cruz de Ferro de segunda classe.

Entretanto, havia mais que fazer, e, após um curto repouso. Loewe e o tenente saíram para inspecionar uma posição de defesa na Charlottenburg S-Bahnhof (estação de caminho de ferro). Entraram no restaurante do rés-do-chão da estação e foram encontrar um sargento das S. S. sentado a uma mesa servindo-se duma cerveja. Levantou os olhos e arreganhou os lábios num sorriso.

— Olá, camaradas — disse. — Puxem uma cadeira e tomem uma cerveja.

O tenente bebeu uma cerveja, e Loewe bebeu um par de cálices de aguardente de batata. Segundo o homem das S. S., os russos estavam só a duzentas jardas de distância, mas tudo parecia bastante calmo, de modo que os rapazes serviram-se de bolachas com manteiga, acompanhando-as com vinho tinto. Depois encheram as algibeiras com frascos de geleia e carne de conserva, e com garrafas de conhaque, e regressaram para participar ao major que, a não ser que a posição de defesa na S-Bahnhof fosse imediatamente guarnecida, os russos ocupá-la-iam.

A batalha na zona da Kurfürstendamm alargara-se agora do Tiergarten para Grunewald; tropas russas com lança-chamas e granadas estavam despejando as casas uma a uma na Tauentzienstrasse e na Budapesterstrasse. Da Fehrberlliner Platz, tanques Tigre do regimento de escol das S. S., o Leibstandarte Adolf Hitler, dirigiram-se para Sudoeste contra uma força de tanques russos e destruíram vários

deles — um deles mergulhou num buraco de granada e foi cair dentro dum túnel do metropolitano apinhado de refugiados.

Em Grunewald, a capitão Hilde Lemke regressara ao quartel-general do Serviço de Trabalho do Reich; as suas raparigas, que tinham estado assinalando aviões da torre do Abrigo do Zoo tinham sido evacuadas e substituídas por homens, e Hilde estava ajudando no que podia no quartel-general. «Ajudando», significava de momento uma perigosa excursão de duas milhas a pé até à Chancelaria do Reich, onde devia ir buscar uma quantidade de Cruzes de Ferro para serem galardoados os rapazes da Juventude de Hitler e do Serviço de Trabalho combatendo na zona. Mas conseguiu chegar lá e foi admitida pela entrada lateral da Chancelaria por um major das S. S. de uniforme imaculado.

A robusta Hilde ficou envergonhada com as suas calças sujas e dólmã roto quando observou a bela sala de estar com os seus pilares de mármore e decoração azul. Mas como bom membro do Partido, exultou com aquele bocadinho de luxo no meio da imundície e do descalabro. Encaminhou-se para a secretária a um dos lados da sala para informar da sua missão.

— Cruzes de Ferro? — perguntou o oficial sentado atrás da secretária. — Isto é bastante insólito. Onde estão os impressos para preencher?

Hilde riu roucamente.

— Impressos? Não seja parvo. Isso não é um bocado supérfluo agora?

O oficial olhou para ela e sorriu. Depois abriu uma gaveta e tirou uma caixa.

— Aqui tem — disse-lhe. — Aqui tem um cento de segunda classe e trinta de primeira. Terá de as fazer render.

Hilde aceitou uma taça de champanhe do major das S. S. e depois encaminhou-se com ele para um mapa, onde o major apontou as posições dos três exércitos em marcha para a libertação de Berlim.

— Aqui está Wenck — disse — a Sudoeste de Berlim, em Potsdam. Aqui está o Grupo das S. S. de Steiner, ao Norte. Aqui está o Nono, a Sudoeste.

Hilde fitou-o com um ar incrédulo. Seria aquilo um asilo de loucos onde ainda esperavam por Steiner, e pelo Nono Exército que toda a gente sabia estar cercado?

Quando estava sendo acompanhada a descer os degraus da Chancelaria pelo major, e enquanto as granadas choviam no conjunto dos edifícios governamentais em redor da Wilhelmstrasse, Hilde Lemke notou um homem com o uniforme de General das S.S. sendo auxiliado — ou forçado — a entrar para o edifício.

— Quem é aquele? — perguntou ao major.

— Sei lá quem raio é que é! — replicou o major com um ar enfadado. Estava claramente ansioso para voltar para dentro, ao abrigo do chuveiro de estilhaços de granada. Mas a curiosidade levou a melhor, e aventurou um olhar para a figura entre dois oficiais da Polícia. — Meu Deus! — disse. — É Fegelein! Isto é estranho!

Sem o saber, Hilde Lemke testemunhara o penúltimo ato da vida do velho amigalhaço de Hitler, que estava prestes a ser fuzilado.

No caminho de regresso ao quartel-general, Hilde teve de se abrigar várias vezes em vãos de porta e uma vez num abrigo, por causa do bombardeamento de artilharia. Parou também no Comando de Projétores, na esquina da Uhlandstrasse e da Kantstrasse, para obter qualquer coisa de comer, e o oficial no comando perguntou-lhe o que tinha ela na caixa. Quando lhe disse, ele arreganhou os lábios num sorriso.

— Muito bem — disse. — Dê-as cá, que vamos distribuí-las pelos nossos homens.

Hilde recusou, mas depois duma discussão deu-lhe finalmente três Cruzes de Ferro de segunda classe e foi-se embora apressadamente.

Não havia necessidade de se ter apressado; quando chegou ao quartel-general do Serviço de Trabalho descobriu que fora evacuado. Alguns soldados em retirada disseram-lhe que os russos estavam avançando na zona. Toda a gente estava aparentemente a dirigir-se para a Schmargendorf S-Bahnhof, que fora apetrechada como uma parte do anel de defesa de Berlim. Hilde dirigiu-se para uma vivenda na vizinhança onde alguns recrutas da Juventude de Hitler estavam em posição. De caminho deparou com um pelotão de soldados das S. S. ateando uma enorme fogueira que quase enchia uma pequena praça.

— Que é isto? — perguntou-lhes. — Cheira-me a comida queimada.

Um sargento fez-lhe a continência.

— O seu nariz está a funcionar bem, Fräulein Capitão. É comida. Estamos a queimá-la para os russos não a apanharem. É uma grande empreitada... havia um abastecimento para quatro anos para o batalhão naquele edifício.

Hilde ia a protestar, a perguntar porque não fora a comida dada ao povo, mas decidiu não se meter em discussões com as S. S.: provavelmente sabiam melhor o que convinha. Apesar de tudo aquela guerra era até ao fim.

Na vivenda da Juventude de Hitler juntou-se a uma companhia de rapazes prestes a partir para uma posição de defesa na Ponte de Halensee, para o Noroeste. Chegaram à ponte uma hora depois, para irem encontrar um tanque alemão disparando contra uma força blindada russa no lado ocidental. Os rapazes entraram imediatamente em ação com as suas bazucas e enquanto Hilde observava, espantada, deram cabo de cinco tanques T-34. A violência da cena encheu-a duma estranha excitação; deu por si realmente divertida com as granadas que explodiam e com o fogo de metralhadora. Antes mesmo de saber o que estava fazendo, deu consigo a descer a rua para uma casa desmoronada perto da ponte. Ali ficou durante mais de duas horas, servindo de observadora ao tanque alemão encoberto atrás duma parede caída, no jardim. Nessa ocasião o tanque já acertara por três vezes; Hilde tinha a certeza de que os três tiros tinham posto outros tantos tanques russos fora de serviço. Esquecera-se da caixa das Cruzes de Ferro que segurava debaixo do braço.

O Major Arnulf Pritzsch também encontrara finalmente os russos... porque fora à procura deles. A sua missão de ajudar a organizar a colocação das tropas em posição para a defesa da cidade evaporara-se virtualmente na tarde de 28 de Abril por já não haver mais tropas para organizar. Os quartéis-generais onde trabalhara tinham sido destruídos duas vezes pelo bombardeamento de artilharia, e agora funcionava um na cave dum edifício da administração do Exército, no número 1 da Lebensstrasse, imediatamente a Oeste do Jardim Zoológico, no centro da cidade.

Quando o estado-maior ficou dois dias sem qualquer espécie de informação acerca do avanço dos russos, o Major Pritzsch decidiu ser ele a sua própria secção de informações. Conseguiu obter uma Krad (motocicleta) com um condutor e instalando-se no sidecar, deu ordem ao condutor para se dirigir para Grunewald. Percorreram o seu caminho sem ser molestados ao longo da Hohenzollerndamm para Rosenek, até ao princípio da Kromprinzenallee onde ficaram debaixo de fogo nutrido de artilharia pesada disparado de Grunewald. A princípio não era fogo com objetivo definido, mas quando permaneceram no mesmo sítio tornou-se claro que

estavam sob observação e que os canhões russos estavam fazendo pontaria para eles.

Pritzsch voltou para a Lebensstrasse e disse casualmente ao seu general:

— Os russos ocuparam Grunewald.

Dentro de vinte e quatro horas, os russos tinham-se tornado vizinhos do lado. Avançaram para a Gedächtniskirche e continuaram a andar para a frente até ao Jardim Zoológico. Aí andaram à roda em aparente confusão, sob o ataque nutrido do enorme Abrigo do Zoo, entre o jardim Zoológico e o Canal Landwehr. Observando a cena duma sala do último andar do edifício administrativo de sete pisos, Pritzsch achou-a um espetáculo sobrenatural. Os tanques russos T-34 tinham-se metido no Jardim Zoológico, por entre os vários alojamentos dos animais, mas as numerosas tropas soviéticas pareciam estar incomodadas por ali se encontrarem. Com o fogo do Abrigo do Zoo enchendo o ar não se atreveram a atravessar a praça e encaminharam-se para a estação do Jardim Zoológico ou para a Lebensstrasse.

Pritzsch e um sargento que estava de pé a seu lado tinham ambos pistolas-metralhadoras.

— Vamos dar-lhes uns tiros — sugeriu Pritzsch.

Subiram para o telhado e, abrigando-se atrás do parapeito, começaram a disparar para baixo sobre as tropas russas. Durante alguns minutos os russos pareceram incapazes de voltar a si da surpresa, e houve uma confusão considerável nos terrenos do Jardim Zoológico. Mas não durou tanto tempo como Pritzsch esperara; daí a dez minutos, os russos estavam a dar cabo do telhado com pesadas granadas lançadas por espingardas. Pritzsch e o sargento retiraram para a cave, onde participaram que a vizinhança estava «cheia de milhares de russos e de muitos T-34».

À meia-noite de 28 de Abril, uma linda atriz de vinte e três anos de idade chamada Charlotte Walrand vira o que também lhe parecera serem milhares de russos, e ficara farta. Charlotte terminara o seu curso numa escola de arte dramática durante a guerra, e fizera depois uma tournée pela frente ocidental com uma companhia teatral. Mais tarde fora mobilizada como soldadora numa fábrica de munições, trabalhando em caixas de munições para aviões de caça, mas quando a fábrica fora

destruída por um bombardeamento mudara-se para uma casa de apartamentos teatral no número 36 da Hauptstrasse, em Schöneberg.

Toda a vizinhança passara a maior parte do mês de Abril na cave da casa de apartamentos, uma enorme câmara com tetos abobadados e passagens para as caves vizinhas. Aí apareceram os russos sem aviso, através da porta aberta que ligava a cave com a da casa ao lado. Eram dois, ambos mongóis, e ambos baixos e bastante jovens. Cada um deles tinha uma pistola-metralhadora, e enquanto um avançava com a sua lanterna de pilhas, o outro cobria-o.

— Du Pistole?— perguntou o primeiro russo. Andava em busca de armas e, como a maioria dos russos, usava o familiar «tu» para se dirigir aos aterrorizados alemães. Quando lhe disseram que não havia armas na cave, sorriu e fez sinal ao outro russo para avançar. A partir daí a atmosfera tornou-se agradável.

— Russky bom homem — disse um dos russos. Os alemães inclinaram as cabeças em aquiescência, esperançados.

— Tu, mulher, tu tens pão?

A mulher abanou a cabeça.

— Toma lá, mulher — disse ele, tirando um bocado de pão da algibeira — toma lá pão.

— Tu, mulher, tens cigarros?

A mulher abanou a cabeça.

— Toma, mulher — e tirou uma mancheia de cigarros da algibeira — toma lá cigarros.

Depois, sem mais palavra, os dois soldados partiram. As pessoas do abrigo estavam encantadas. Acontecia que nenhuma delas jamais acreditara em toda aquela propaganda de os russos serem assassinos e violadores. Qual o quê! Eram bons e generosos.

Esta disposição de espírito autocongratatória durou exatamente dez minutos. Depois houve subitamente uma agitação na escada, e uma horda de soldados russos pareceu desabar na cave. Estavam todos armados de pistola-metralhadora e muitos deles tinham uma garrafa na mão. Apinharam-se de roda das mulheres com gritos

de «Relógios! Relógios!», atirando ao chão as suas vítimas aos gritos e arrancando-lhes os seus relógios, anéis e outras joias. Depois entraram em ação com as suas facas, rasgando as roupas das mulheres para as despir, e caindo depois sobre elas, de pistolas-metralhadoras no ar.

Charlotte Walrand fugiu a correr, sem saber para onde ia. Subiu as escadas da casa e deixou-se ficar de pé no vestíbulo de entrada, arquejando. Depois saiu para a rua. Mas aí encontrou-se no meio dum grupo casual de tropas russas dos abastecimentos que estavam a desengatar os cavalos dos carros cobertos e a amarrar as éguas aos candeeiros, de modo que as suas crias pudessem beber. Voltou a correr para dentro de casa e para uma sala do primeiro piso. Descobriu aí que caíra parte da parede, criando um espaço semelhante a uma cave sob várias vigas pesadas. Meteu-se nesse buraco e ali ficou toda a noite, deitada de bruços e comprimindo os ouvidos com as mãos para não ouvir os gritos das mulheres.

No dia seguinte a casa estava calma e Charlotte decidiu que tinha de encontrar um lugar melhor para se esconder. Saiu furtivamente do seu buraco e aventurou-se a ir à rua. Parecia deserta. Correu ao longo dum quarteirão, dirigindo-se a casa dum farmacêutico da vizinhança. Encontrou lá duas das suas amigas da casa de apartamentos, especialistas de caracterização na companhia cinematográfica UFA. Uma das raparigas tentara enforcar-se durante a noite, mas a corda partira-se; tinha um vinco vermelho à volta do pescoço e a língua inchada. A outra tentara cortar os pulsos, mas perdera a coragem. O farmacêutico deu às raparigas algum pão, linguiças e um frasco de pílulas para dormir, e escondeu-as numa arrecadação, onde dormiram de pé nessa noite.

Quando rompeu a luz do segundo dia, descobriram que o farmacêutico desaparecera. Mas tiveram visitas quase imediatamente — quatro mulheres do seu abrigo. Uma das mulheres, musculada, de tipo masculino, estava furiosa com elas.

— Os russos estiveram a violar-nos toda a noite e todo o dia — cuspiu ela numa voz encolerizada — e vocês, raparigas, estiveram aqui escondidas, a salvo. São novas e podem aguentar muito melhor do que nós, que somos velhas. Da próxima vez que os russos vierem, vamos dizer-lhes onde vocês estão para eles nos deixarem sós.

Depois de as mulheres iradas terem partido, Charlotte e as outras duas raparigas deixaram a casa do farmacêutico para tentarem descobrir outro esconderijo. Para onde quer que fossem, porém, davam sempre com russos ocupados nas suas tarefas de economia doméstica militar, e evitaram por pouco ser apanhadas diversas vezes.

Compreenderam que a sua única esperança de se esconderem estava em regressarem à arrecadação em casa do farmacêutico, mas hesitavam em fazê-lo depois do que a mulher máscula lhes dissera.

— Vamos para o abrigo, a ver se tentamos descobrir qualquer coisa para comer — disse Charlotte às outras raparigas. — Tive uma ideia.

Conseguiram atingir o abrigo escondendo-se de porta em porta, e quando chegaram à cave Charlotte foi direita à mulher que ameaçara denunciá-las.

— Está tudo bem — disse-lhe. — Cada uma de nós acaba de ser violada três vezes pelos russos. Agora estamos tão mal como vocês.

O rosto da mulher abriu-se num sorriso feliz.

— Oh, pobres raparigas! — exclamou. — Sei quanto devem ter sofrido. Se eles voltarem outra vez, havemos de as esconder por terem sofrido tanto. — E melhor ainda, deu a Charlotte e a cada uma das suas amigas um bocado de carne de cavalo da sua própria panela.

Anna, de Zehlendorf, que falava russo, também ficou favoravelmente impressionada pelos seus primeiros russos. Durante uma pausa no duelo de artilharia que assolava a Berlinerstrasse, fora à rua e travara conhecimento com vários soldados do Exército Vermelho. Eram na sua maioria homens de sorriso pronto, encantados por encontrarem uma alemã que falava a sua língua. Ajudara um soldado a limpar a sua recém-libertada motocicleta alemã e mostrara a outros dois onde era a bomba mais próxima, de modo a eles poderem ir buscar água para os seus cavalos. Mostrara-se admirada com um pequeno rebanho de carneiros que fazia parte duma unidade de abastecimentos, e um jovem tenente presenteara-a com um cordeirinho. O Sol aparecera e, embora os sons do combate persistissem em redor, a cena tinha um aspecto curioso de vida de arrabalde — aqui, um par de oficiais sentados no poial duma porta a lerem jornais russos; ali, três jovens soldados afinando os motores das suas motocicletas; ao fundo da rua, junto à bomba, um soldado e uma rapariga auxiliar russa passeando de mãos dadas.

Mas a batalha de artilharia recomeçou e Anna teve de fugir novamente para a cave onde deparou com uma situação tensa. Dois soldados russos estavam tentando arrastar a mulher do carnicheiro pela escada acima. Já lhe tinham rasgado a parte de cima da roupa, e os seus seios enormes baloiçavam como almofadas enquanto ela lutava. As outras mulheres estavam de pé, à roda, gritando.

Como única pessoa que falava russo, Anna decidiu voltar à rua em busca de auxílio. Na primeira esquina encontrou um oficial com estrelas nas platinas. Puxou-lhe pelo braço, dando-lhe uma explicação tornada incoerente pelo seu medo das granadas a explodir. O oficial parecia irritado; estava a instalar um pelotão de metralhadoras numa cave. Mas Anna insistiu e finalmente persuadiu-o a ir com ela.

Encontraram no abrigo a mulher do carnicheiro no chão, com ambos os homens tentando montá-la ao mesmo tempo. Levantaram os olhos quando o oficial lhes rosnou qualquer coisa, mas não se puseram de pé. O oficial falava tão rapidamente que Anna não podia apanhar as palavras todas, mas percebeu a expressão «por ordem de Stalin» várias vezes. Os homens continuaram, cada um deles com uma pesada coxa sobre o corpo da mulher, um deles apoiando a cabeça indolentemente numa das mãos.

— Mas então e a minha irmã? — protestou um deles. — O que fizeram os alemães às nossas mulheres? Fizeram delas prostitutas

A voz do oficial tornou-se mais cortante, e ele inclinou-se sobre os homens como para os levantar à força. Perante isso ambos os homens se puseram de pé abotoaram as calças e, mandados pelo oficial, saíram da cave arrastando os pés.

Anna esperou alguns minutos e atreveu-se depois a subir a escada, para fechar e trancar a porta que dava para a sala de entrada da casa de apartamentos. Mal acabara de a fechar e ia a trancá-la, quando ela foi violentamente escancarada. Duas mãos agarraram-na e arrastaram-na para a sala de entrada. Uma terceira mão tapou-lhe a boca e ela foi atirada ao chão, tropeçando num tornozelo masculino. Tentou desmaiar, mas não conseguiu. Quando o corpo do homem se levantou de cima do seu, tentou erguer-se. Sentiu uma dor ardente, esmagadora, na cabeça, quando o segundo soldado a esmurrou, e a náusea subiu-lhe à garganta.

Houve o som de passos na sala de entrada, e Anna abriu os olhos. Eram cinco russos, um dos quais uma mulher de uniforme. Os seus rostos estavam sorrindo. O homem que estava em cima dela também ergueu a vista, depois tornou a voltar-se para ela e deixou-se ficar até acabar. A certa altura. Anna desmaiou: quando readquiriu a consciência a sala de entrada estava vazia.

Como gerente dum estúdio fotográfico, Anna vivera perto do mundo artístico e do espetáculo, mas infelizmente nunca conhecera pessoalmente o famoso ator Paul Wegener. Se se tivesse mudado para a pequena clique de Wegener teria provavelmente sido poupada à violação a que o seu corpo fora sujeito. De facto, ali

perto, na vizinhança de Wegener, o ator estava a tornar-se célebre como protetor da virtude das mulheres. Nesses primeiros dias, dúzias de mulheres foram para o seu apartamento, mesmo com os perseguidores russos na sua cola, mas ele foi capaz de as salvar a todas. Explicava o seu êxito a um amigo.

— Suponho que fale russo — disse o amigo.

— Não, nem uma palavra.

— Então os soldados russos compreendem o alemão?

— Não, nem uma palavra.

— Então como diabo é que os convence a não abusarem de todas estas mulheres?

Wegener endireitou-se e lançou ao seu amigo um olhar de escárnio triunfante.

— Meu caro amigo — disse — para que sou eu um ator?

Daí a três ou quatro dias — perdera o sentido do decurso do tempo — Anna fora violada trinta e duas vezes.

Mas até na sua desgraça quase histérica, as mulheres como Anna ficavam impressionadas pelo contraste individual entre os soldados. Fazendo o seu giro para se apoderar de relógios e de joias, um soldado ignoraria a súplica duma mulher de lhe ser permitido guardar uma joia barata que tivesse valor sentimental. Mas poucos dias depois o soldado regressaria com uma mancheia de anéis e broches de alto preço, que insistiria em dar à espantada mas encantada mulher para pagamento da quinquilharia que lhe tirara.

Os russos tinham grande admiração pelas roupas alemãs, especialmente pelos fatos de homem. Na Berlinerstrasse, perto da casa de apartamentos de Anna, um homem foi seguido ao longo de vários quarteirões por um sargento russo que eventualmente o alcançou e o forçou, de arma encostada às costas, a entrar numa loja abandonada. Aí, mantendo ainda a pistola-metralhadora aperrada, ordenou ao homem que tirasse o seu sobretudo de cachemira manchado.

— Eu fico com o seu casaco, você fica com o meu casaco — explicou o soldado, despindo a sua própria peça de roupa informe.

Habitualmente os invasores ficavam furiosos se descobriam que um telefone estava ainda a funcionar e arrancavam imediatamente o instrumento da parede. Mas os tipos camponeses mais novos ficavam fascinados com os telefones e insistiam frequentemente com os seus assustados cativos para fazerem chamadas, de modo que eles pudessem ouvir as conversas. E ainda nessa última hora, quando Berlim estava cheia com o som aterrorizador duma cidade a desmoronar-se literalmente, fisicamente, na derrota, alguns homens fanáticos da Gestapo continuavam a escutar as chamadas telefônicas... e ficavam com as orelhas a arder como prêmio.

Ouviram uma voz de mulher dizendo: «Fui conquistada! Os russos chegaram há uma hora. Finalmente posso dizer a minha opinião... a maldita Gestapo nunca mais aparecerá. Agora posso dizer-te que o Hitler era um canalha.»

Ouviram outra mulher numa voz lamurienta: «Imagina! Os russos tiraram-me a minha camisa de noite de crepe-da-china. Agora não tenho nada que vestir... na cama, quero eu dizer.»

Um homem dizia: «Sabe o que aconteceu aqui? O nosso vizinho das S. S. matou a tiro a mulher e o filho, e matou-se a seguir. Que havemos de fazer com os corpos deles?»

E uma voz de criança guinchava: «Está tudo bem, mãe. Estou só a um par de quarteirões afastado de ti. Estou na frente! Se tivesse morrido não podia telefonar.»

Na Knesebeckstrasse, ao pé da Kurfürstendamm, em Charlottenburg, Jadwiga Urbanowicz compreendeu que o seu quinhão podia ser pior quando viu o pequeno bando de tropas desorganizadas que parara no jardim do edifício da companhia de seguros, ao lado da sua casa, para algumas horas de descanso. Para seu horror, o destacamento incluía várias raparigas novas — secretárias e recepcionistas de repartições militares que tinham sido forçadas a fugir diante dos invasores. A maior parte das raparigas estava descalça, tendo gasto os seus sapatos de sola fina e saltos altos havia muito tempo, e os seus pés estavam cortados e sangravam. Três delas estavam feridas, duas na cabeça e uma numa perna: a última caminhava vacilante com uma muleta. Os seus rostos estavam negros do pó e do fumo da pólvora, e os seus vestidos e pequenos conjuntos estavam rotos e imundos. Uma das raparigas tinha disenteria, que ela não podia dominar, e a sua roupa estava suja e cheirava mal.

Alguns dos soldados pediram roupas civis e foram-lhes dadas todas as que puderam arranjar-se pela gente do abrigo antiaéreo de Jadwiga. Entretanto, as

mulheres do abrigo utilizavam a sua preciosa reserva de água para darem banhos de esponja às infelizes raparigas, e corriam tudo à procura de sapatos para os seus pés ensanguentados. Os soldados para os quais não foi possível encontrar roupas civis deixaram grandes quantidades de comida quando partiram, e Jadwiga ficou assombrada com o sortido e a qualidade — manteiga, margarina, queijo, carnes de conserva, frascos de autêntico café, cigarros.

Particularmente, as pessoas do abrigo ficaram aliviadas quando os soldados partiram, porque não tinham desejo de viver lado a lado com um ponto de resistência militar. Mas algumas horas depois chegou outro destacamento, dessa vez um grupo das S. S., e instalou metralhadoras e lança-granadas no edifício de escritórios. Também barricaram tanto o jardim desse edifício como o do abrigo com mesas, cadeiras e entulho resultante dos bombardeamentos. Foram mandados dois pelotões para o outro lado da rua para ocuparem e defenderem outro edifício de escritórios. Os homens das S. S., muitos deles rapazes de dezoito e dezanove anos, alardearam que o Exército de Wenck estava a caminho para levantar o cerco de Berlim; manter-se-iam na Kneesebeckstrasse até serem socorridos. « Por cima dos cadáveres de todos nós», disse Jadwiga para consigo, desamparadamente.

A alguns quarteirões de distância, o encarregado do abrigo contra ataques aéreos Willy Luedicke continuava assediado pelas dificuldades dum servidor público, enquanto confiava ao seu diário:

28 de Abril. 3 horas da tarde. O meu sobrinho e eu estávamos a almoçar no abrigo quando uma mulher entrou a correr para nos dizer que a nossa casa de apartamentos, ao lado, estava a arder. Corremos para o número 10 da Tauentzienstrasse e descobrimos o telhado incendiado. Tínhamos de tentar salvar o prédio, não por causa do proprietário mas porque, se ardesse, os inquilinos não teriam lugar para onde ir quando a guerra acabasse. Ordenei a todos, tanto homens como mulheres, que ajudassem a combater o fogo. Não tínhamos água evidentemente, de modo que tivemos de entrar no prédio, subir ao telhado e trabalhar a machado. Pouco a pouco, pedaço a pedaço, cortámos o telhado e atirámos os bocados incendiados para a rua. As granadas rebentavam à nossa volta, por todos os lados, mas não podíamos preocupar-nos com elas. Trabalhámos durante quatro horas antes de o último fragmento incandescente ser atirado para a rua.

(Mais tarde) Quando trabalhava no forro, deparei com uma fotografia de Hitler que aparentemente fora escondida no sótão e deitei-a para a rua. A minha amiga nazi

Senhora Zimmermann estava a observar-me e, depois de voltarmos ao abrigo, ouvi-a dizer a outra mulher que ia participar de mim «logo que as S.S. apareçam». Isso pôs-me um pouco nervoso.

8 horas da noite. Reparei que havia tensão no abrigo e dei uma volta perguntando calmamente se havia alguma coisa que estivesse mal. Soube que alguém roubara uma mala e vários outros objetos pessoais a duas mulheres. Iniciei imediatamente uma busca dos haveres roubados, mas não os teria descoberto se uma criança não tivesse vindo ter comigo e me segredasse que a mala estava debaixo dumas traves num canto afastado do abrigo. Encontrei a mala e devolvi-a à mulher, mas nunca mais recuperámos os outros artigos roubados.

As pessoas dizem sempre Que os tempos estão piores. Os tempos nunca pioram... As pessoas é que sim!

11 horas da noite. Quando estava de pé no limiar da porta do abrigo, respirando um pouco de ar puro (!!!), vi dois soldados sujos e enlameados a aproximarem-se. Eram russos! Os primeiros que jamais vira! Ali fiquei, pregado ao chão, mas eles encaminharam-se para mim sorrindo. Um deles disse: «Vá abrigo outra vez, aqui muito bum-bum-bum.» Depois fizeram meia-volta e afastaram-se na direção da Wittenbergplatz. Não foi como eu imaginara que seria.

29 de Abril. 10 horas da manhã. Estou a manter-me com morfina porque a minha vesícula biliar está novamente a dar sinal de si. Está a ter uma guerra privada com os meus outros órgãos. Não quero transformar-me num viciado, mas sem morfina a dor é insuportável, e os meus nervos estão na última, esperando que apareçam mais russos. Não posso dar-me ao luxo de ter um colapso; tenho de manter-me no meu posto. Ainda há bocadinho tive de pegar em quatro homens e ir com eles até à bomba para tornarmos a encher a nossa reserva de água. Trouxemos oitenta baldes. Há quatrocentas pessoas no abrigo, e a um litro de água por dia e por pessoa, são cinquenta baldes por dia.

Em Zehlendorf o Capitão Otto Fuchs, reformado, ficou satisfeito com o êxito dum estratagema concebido por um vizinho que era fluente em russo. O vizinho pintara dois letreiros, um para a sua porta e outro para a porta da casa do Capitão Fuchs, e durante dois dias não tinham aparecido nenhuns saqueadores russos. Os letreiros diziam simplesmente: «Proibido o Saque. Por Ordem de Stalin»

Fora do General Weidling o vaticínio casual, quando se aproximava a aurora do dia 29 de Abril, de que «de manhã os russos poderão cuspir nas nossas janelas». O conjunto dos edifícios governamentais centrado na Wilhelmstrasse estava inteiramente cercado por tropas soviéticas, e os atarefados cortesãos do Führer podiam ver e ouvir em todo o seu redor os edifícios a desmoronarem-se em chamas.

Já não havia muito tempo disponível, e Goebbels e Bormann empregaram-no cada um deles para o seu uso peculiar. Goebbels fechou-se na sua salinha do abrigo para escrever o seu último testamento, que intitulou «Apêndice ao Testamento Político do Führer». Goebbels considerava-se o número dois do Partido Nazi e estava decidido a compartilhar da glória do *Götterdämmerung* com o seu Chefe, de modo a proteger o que ele obviamente sentia ser o seu bom nome.

Goebbels escreveu que o Führer lhe pedira que partisse, mas que não podia fazer isso, que tinha, pela primeira vez na sua vida de desobedecer a Hitler. Ficaria em Berlim e morreria com o seu Führer, dizia, e assim seria com a mulher e os seis filhos que respeitara nos intervalos dos seus namoros obscuros.

Martin Bormann, contudo, não queria morrer; queria viver e se possível, partilhar do poder conferido ao governo alemão sucessor pelos vencedores. O trono fora-lhe negado pela vontade de Hitler nomeando Dönitz, mas Dönitz precisaria dum conselheiro confidencial, e que melhor homem haveria para o papel do que o homem que aconselhara Hitler? Primeiramente, contudo, tinha de fazer calar a boca de quaisquer possíveis usurpadores, e fê-lo enviando uma mensagem de rádio para o quartel-general das S. S. em Berchtesgaden: «Se Berlim e nós caímos, os traidores de 23 de Abril têm de ser exterminados. Homens, fazei o vosso dever! A vossa vida e honra dependem disso.» Isto, sentia ele, encarregar-se-ia de Hermann Göring, e dos seus amigos.

Mas a aurora estava a romper, e a seguinte ordem de trabalhos era levar a manifestação de última vontade e testamento do Führer para fora de Berlim e fazê-los chegar às mãos de Dönitz. Foram escolhidos três mensageiros para esta missão: o Major Willi Johannmeier, ajudante militar de Hitler, Wilhelm Zander, um conselheiro das S. S. junto de Bormann, e Heinz Lorenz, o assistente do Ministério da Propaganda. Johannmeier devia conduzir o grupo através das linhas do Exército

Vermelho e entregar depois a sua cópia do testamento ao Marechal de Campo von Schoerner. Zander e Lorenz deviam entregar as suas cópias a Dönitz.

As possibilidades eram talvez de cem para um contra a hipótese de os mensageiros se escapulirem de Berlim, mas conseguiram-no fosse como fosse. Partindo ao meio-dia, safaram-se na direção do Oeste através do caos do Tiergarten e de Charlottenburg e entraram em contato com um contingente da Juventude de Hitler mantendo uma ponte sobre o lago Havel para a chegada esperada de Wenck. Nessa noite meteram-se em dois barcos e navegaram descendo o lago, atracando eventualmente na Pfaueninsel, uma ilha do Havel. Aí juntaram-se-lhes três outros ajudantes militares que tinham recebido autorização de Hitler para deixarem Berlim. Durante a noite de 29 para 30 de Abril, os seis tornaram-se oito quando o ajudante da Luftwaffe de Hitler, o Coronel von Below — que transportava uma mensagem pungente de Hitler para Keitel — chegou com a sua ordenança.

De tempos a tempos, a normalidade imiscuía-se na vida anormal do Abrigo do Führer. Hitler realizara a sua habitual conferência do meio-dia e fora avisado de que os russos tinham avançado em Grunewald e em Charlottenburg, e de que ainda não havia notícias de Wenck. Também soube que Benito Mussolini e a sua amante, Clara Petacci, tinham sido executados por guerrilheiros italianos e pendurados de cabeça para baixo em Milão. Na conferência das quatro horas da mesma tarde não houve modificações a participar quanto à situação militar. O Coronel von Below pediu a autorização de Hitler para deixar Berlim, e foi-lhe concedida desde que levasse uma mensagem a Keitel; foi dito a Below que estivesse pronto para partir à meia-noite. Hitler mandou envenenar o seu cão favorito, Blondi, e matar os seus outros dois cães a tiro, e deu cápsulas de veneno às suas duas secretárias para serem utilizadas se o achassem conveniente.

Na conferência das dez horas da noite de 29 de Abril, o General Weidling calculou que os russos atingiriam a Chancelaria no dia 1 de Maio, o mais tardar; já não havia qualquer esperança de Wenck levantar o cerco. Hitler ouviu calmamente, depois despediu os assistentes à conferência e ditou a sua última mensagem, a que enviou a Keitel. Louvava nela tanto a Marinha como a Luftwaffe pelas suas contribuições na luta; fora por culpa de Göring, dizia ele, que a Luftwaffe não conseguira manter a sua supremacia aérea sobre o inimigo. Também louvava os soldados comuns. Mas denunciava os generais por terem atraído a sua confiança neles. E, incorrigível até ao fim, pedia que o povo alemão, um dia no futuro, renovasse o seu esforço «para ganhar território no Leste». Deu depois a mensagem a Below e mandou-o seguir o seu caminho.

Hitler aceitara o seu destino, mas Krebs teve uma última pequena exigência importuna para com os que estavam encarregados da defesa de Berlim. Pouco depois da conferência das dez horas ter findado, o Chefe do Estado-Maior transmitiu pela rádio a Jodl: «Desejo ser imediatamente informado: primeiro, onde estão as unidades avançadas de Wenck; segundo, quando atacarão; terceiro, onde está o Nono Exército; quarto, que direção está a tomar o Nono Exército para quebrar o cerco; quinto, onde estão as unidades avançadas do Corpo de Holste.» A mensagem estava assinada «Adolf Hitler».

A resposta chegou com uma rapidez surpreendente; «Primeiro, o avanço de Wenck atolado ao Sul de Potsdam; segundo, o Décimo Segundo Exército incapaz de continuar o ataque na direção de Berlim; terceiro, o Nono Exército maciçamente cercado; quarto, o Corpo de Holste na defensiva.»

Os habitantes dos dois abrigos exteriores estavam jantando no refeitório e passagem principal do Abrigo do Führer, quando um guarda das S. S. apareceu e lhes disse que ninguém devia ir para a cama até o Führer dar essa ordem. Ficaram por ali até às 2,30 da manhã de 30 de Abril, hora a que Hitler emergiu do seu apartamento para fazer as suas últimas despedidas. Os seus olhos tinham um olhar vidrado, como se estivesse sob a influência duma droga, e o seu andar era hesitante quando se encaminhou ao longo da fila apertando a mão a todos. Depois voltou a retirar-se para o seu apartamento — e foi como se houvesse um grande suspiro de alívio, pois que, quase logo a seguir a ele ter saído, os homens e mulheres do refeitório-passagem correram em grupo para a cantina, alegremente, puseram o fonógrafo a funcionar e iniciaram um animado baile. Apareceu champanhe e a festa tornou-se barulhenta, com generais a abraçarem soldados comuns e criados, e as vozes das mulheres elevaram-se a cantar. Mesmo quando veio um recado dos aposentos do Führer de que estavam a perturbar o seu Chefe, a bacanal continuou. A tensão rompera-se por fim, e a corte de Hitler estava tendo uma última pândega natural.

Bormann, evidentemente, não se juntaria a uma tal folia. Enquanto os outros dançavam, enviou uma mensagem a Dönitz insistindo com ele para «proceder imediatamente, e impiedosamente, contra todos os traidores» que tinham sabotado a defesa de Berlim.

Mas restava muitíssimo pouco de Berlim para defender. Na conferência do meio-dia de 30 de Abril, os militares participaram que os russos tinham tomado o túnel do metropolitano na Friedrichstrasse; não tinham maneira de saber que poucas horas antes da sua tomada o túnel fora inundado pelas S. S. afogando milhares de

refugiados. As forças russas tinham também tomado o Tiergarten e estavam na Potsdamer Platz, a um quarteirão da Chancelaria.

Apesar de faltar só uma hora para a sua morte, Hitler almoçou às 2,30 com as suas duas secretárias e a sua cozinheira; Eva Braun, relativamente normal, ficou nos seus aposentos, sem comer. Entretanto o Führer ordenara ao seu motorista, Erich Kempka que estava encarregado da garagem da Chancelaria, que pusesse duzentos litros de gasolina, em jerricans, no jardim da Chancelaria. Kempka só foi capaz de reunir 180 litros, que ele e os seus ajudantes colocaram no jardim debaixo de guarda.

Depois de limpar ao de leve os lábios com o seu guardanapo. Hitler levantou-se da mesa do almoço e foi buscar Eva Braun. Os dois disseram depois adeus à sua coorte mais íntima —Goebbels, Krebs, Burgdorf, as secretárias e a cozinheira. A Senhora Goebbels ficou nos seus aposentos, perto da histeria com a perspectiva de matar os seus seis filhos — Hela, de doze anos; Hilda, de onze; Helmut, de nove; Holde, de sete; Hedda, de cinco, e Heide, de três.

Hitler e a sua noiva retiraram-se para os aposentos do Führer, enquanto Goebbels e Bormann esperavam fora, na passagem. Houve um tiro de pistola, e depois silêncio. Depois de esperarem em vão por um segundo tiro, Goebbels e Bormann entraram nos aposentos. O corpo do Führer, coberto de sangue, jazia num sofá: dera um tiro na boca. Eva Braun, morta por veneno, aninhava-se a seu lado. Eram três e meia da tarde de 30 de Abril de 1945.

Daí a pouco o chefe da Juventude de Hitler, Artur Axmann, juntou-se a Goebbels e a Bormann no seu exame dos corpos, e poucos minutos depois entraram o impedido de Hitler das S. S., Linge, e outro homem das S. S. Linge e o seu ajudante embrulharam o corpo de Hitler num lençol, certificando-se de cobrirem bem a cabeça ensanguentada, e carregaram com ele pelos quatro lanços de escadas para a saída de emergência e para o jardim. Depois voltaram e carregaram com o corpo de Eva Braun, sem lençol.

Os dois corpos foram colocados lado a lado. Foi derramada sobre eles toda a gasolina. Depois o Sturmbannführer Guenche, ajudante de Hitler das S. S., mergulhou um trapo em gasolina, incendiou-o e atirou-o para cima dos corpos. Quando os corpos foram envolvidos por um lençol de chamas, o cheiro da gasolina misturou-se ao da carne a arder. Dois guardas que apareceram sem nada saber depois de ouvirem a agitação foram afastados da cena. Um terceiro espreitou a cena duma galeria superior, mas retirou-se porque o fedor era insuportável.

Mais uma vez Martin Bormann se pôs a trabalhar. Enviou um telegrama para Dönitz, em Plön, com uma partícula das notícias importantes:

Grande-Almirante Dönitz:

Em lugar do antigo Marechal do Reich Göring, o Führer nomeia-o, Senhor Grande-Almirante, como seu sucessor. A autorização escrita está a caminho. Tomará imediatamente todas as medidas que a situação exige.

BORMANN

Não havia menção da morte de Hitler, embora seguramente isso fosse da maior importância para Dönitz, que presumivelmente não sucederia no manto de púrpura até ao último alento do Führer.

Dönitz pode ter ficado contente com aquela mensagem; ficou certamente surpreendido com ela. Apenas dois dias antes, prometera o seu apoio a Himmler como sucessor de Hitler, e esse trapalhão do oculto estava atarefado a compor um governo no papel. Agora era a vez de Himmler de oferecer os seus serviços a Dönitz, que estava demasiado preocupado quer para os aceitar quer para os recusar. O Grande-Almirante estava suficientemente alerta, porém, para mandar uma mensagem ao Führer, que supunha ainda estar vivo, garantindo a sua «incondicional» lealdade e prometendo que faria tudo o que fosse possível «para o libertar em Berlim».

Bormann tinha outro plano na manga, e mostrou-o então aos seus camaradas conspiradores. Afastara, de momento, o pensamento duma fuga em massa do abrigo como demasiado contingente, mas havia outro caminho. Uma vez que ele e Goebbels eram membros do novo governo, sugeriu que oferecessem render-se aos Russos; se isto fosse aceite, Bormann poderia ir a Plön para obter a ratificação de Dönitz. Aí, claro, juntar-se-ia ao governo de Dönitz e encontraria a segurança que tanto desejava.

Os restantes sátrapas discutiram nessa noite a oferta de rendição. Bormann e Goebbels dirigiram a discussão, com comentários ocasionais de Krebs, de Burgdorf e de Axmann. Foi enviada uma mensagem pela rádio para o quartel-general dos Russos e foi mandado um mensageiro para sondar o Marechal Zhukov sobre se ele estaria disposto a conferenciar com um membro do novo governo

alemão. Sem se comprometer, Zhukov respondeu com uma disposição favorável, e pouco depois da meia-noite, em 1 de Maio, o General Krebs, que prestara serviço em Moscou e falava russo, partiu para o posto de comando do General Vasili Chuikov, comandante da 8ª Divisão da Guarda do Exército Vermelho, em Tempelhof; Zhukov não estava disposto a emprestar à conferência o prestígio da sua própria presença. Krebs levava uma carta assinada por Goebbels e por Bormann autorizando-o a negociar uma trégua, pendente de ratificação por Dönitz.

No Abrigo do Führer, os que o queriam fazer acendiam cigarros, charutos e cachimbos. O fumo era proibido naquele antro do mal durante a vida de Adolf Hitler.

Goebbels não esquecera a sua responsabilidade principal. Uns poucos jornais duma só página eram impressos e distribuídos por motociclistas às tropas e aos abrigos civis contra ataques aéreos. Um deles proclamava: «O Führer é a Alma mais Valente da Alemanha». Um outro anunciava: «Berlim Está Pronta para a Batalha Final». Um terceiro fanfarronava: «Berlim Não Será Entregue aos Sovietes — O Führer Está Conosco». Até ao fim, Goebbels recusou-se a deixar alguns factos estragar uma boa mentira.

Mas os civis mal relanceavam os olhos pelas folhas esborratadas: a morte estava a seu lado e só tinham tempo para o último esforço para sobreviverem. Ao meio-dia de 30 de Abril, a casa de apartamentos no número 10 da Tauentzienstrasse onde Willy Luedicke vivia pegou fogo pela última vez com o pesado bombardeamento de artilharia. Ele viu-a arder do abrigo do número 9, e quando as chamas abrandaram permitiu às pessoas do abrigo que viviam na casa irem lá e tentarem salvar alguns dos seus haveres. O próprio Willy foi capaz de atingir o segundo piso, mas fora tudo tão completamente danificado que decidiu sair de lá sem perder mais tempo.

Quando atingia o primeiro piso, viu um vulto castanho que parecia uma trouxa, encolhido num canto. Encaminhou-se cautelosamente para ele e descobriu que era um soldado russo. O homem estava inconsciente e obviamente mal ferido, porque o seu uniforme estava molhado de sangue. Com a ajuda dum vizinho, Luedicke carregou com o soldado para o abrigo da casa ao lado. O soldado precisava de cuidados, mas de momento Luedicke tinha outra tarefa a fazer. Cobriu o russo com um lençol e deixou-o ao cuidado do seu sobrinho, Helmut.

Por causa do fogo da casa ao lado, era imperativo fechar a passagem entre ela e o abrigo. Felizmente, Luedicke previra o problema, e havia uma pequena pilha de

sacos de cimento e pedras no abrigo. Mobilizou dois homens e duas mulheres para o ajudarem e pôs-se ao trabalho de murar o caminho de entrada. O calor e o fumo dificultaram os seus esforços, mas a tarefa ficou acabada pouco mais duma hora depois e Willy Luedicke pôde voltar para o russo ferido.

Despiu o homem completamente e viu que as suas costas e pernas estavam crivadas de estilhaços de granada. Extraiu tantos quantos pôde, satisfeito por o homem estar ainda inconsciente, e depois pensou as feridas. Ao fazê-lo, o homem retomou consciência e murmurou debilmente. Luedicke tentou deitar à força aguardente na boca do homem, mas o russo fugia com a cabeça, com os olhos aterrorizados. Era claro que não confiava no seu médico alemão. Portanto, Luedicke pôs a garrafa à boca e bebeu. Apareceu um pequeno sorriso no rosto do russo, e quando Luedicke lhe ofereceu novamente a garrafa tomou um grande golo. Luedicke deu-lhe um comprimido de morfina para lhe acalmar as dores.

Luedicke estava distribuindo uma ração de cigarros aos fumadores do abrigo quando a porta foi aberta com violência e vários soldados russos precipitaram-se para dentro da câmara abobadada. Luedicke ficou tão surpreendido que antes de poder pensar ouviu a sua própria voz dizer: «O quê? Vocês já aqui estão?» O major que conduzira os russos para o abrigo atirou a cabeça para trás e riu às gargalhadas, e os seus homens juntaram-se a ele.

Primeiro os russos revistaram o abrigo à procura de armas. Quando encontraram algumas espingardas e pistolas num cubículo abandonado, o major olhou para Luedicke de sobrolho franzido.

— Que quer dizer isto? — perguntou ele em excelente alemão.

Luedicke explicou rapidamente: as armas tinham sido aparentemente deixadas pelos homens das S. S. que tinham estado anteriormente no abrigo; tivesse Luedicke sabido que lá estavam e tê-las-ia atirado fora. O major pareceu satisfeito.

Luedicke disse ao major que havia um soldado russo ferido no abrigo e sugeriu que se procurasse um médico para cuidar dele. Levou o major ao canto onde o soldado jazia, e o major interrogou demoradamente o homem ferido. Finalmente voltou-se para Luedicke e disse:

— Este homem diz que o senhor foi bom para ele. Estamos-lhe muito reconhecidos. — O soldado interrompeu-o com um dilúvio de palavras, e

subitamente o major desatou a rir. — Disse-me a respeito da aguardente de batata — disse ele a Luedicke.

Apareceu nessa altura um médico do Exército Vermelho, e passou meia hora examinando o soldado e sondando as suas feridas. Quando acabou disse qualquer coisa ao major e este voltou-se para Luedicke.

— O médico diz que o senhor fez um bom trabalho — disse ele. — Felicita-o como colega médico. — Depois o major tirou uma pequena medalha do seu dólmã e espetou-a na lapela do casaco de Willy Luedicke. — Use sempre isto — disse ele a Luedicke — Merece-a, e quando os meus irmãos russos a virem assegurar-se-ão de que não lhe aconteça mal nenhum.

Certamente aquele soldado russo fora melhor tratado do que a maioria dos pacientes no hospital instalado pela Sociedade Humanitária Alemã nas caves do Ministério do Ar, mesmo junto à Chancelaria do Reich. Não havia espaço para mais pacientes e continuavam a ser trazidos mais e descarregados nos corredores, nas casas de arrumação, nas retretes. Alguns deles tinham ali estado durante vinte e quatro horas sem receber qualquer tratamento; jaziam no seu próprio sangue e excrementos e nas entranhas de pacientes que tinham morrido sem ser notados. O cheiro era indescritivelmente pestilento. Não havia anestésicos suficientes para todos, e os feridos menos graves tinham de ser seguros nas mesas de operação por homens fortes enquanto os cirurgiões trabalhavam e tentavam não ouvir os gritos. Mas nenhum ouvido podia excluir o rugido, os estampidos e os silvos das granadas enquanto a capital do Terceiro Reich cambaleava para a derrota.

O centro de Berlim tornara-se um campo de batalha de edifícios demolidos, máquinas de guerra torcidas e corpos obscenamente mutilados dos apanhados no meio do holocausto ardente. A chuva de cinzas que caía sobre a cidade misturava-se com a poeira fina moída pelas granadas no cimento e no gesso. Enormes pedras dos edifícios caíam nas ruas, esmagando tanto homens como máquinas. Aqui e ali, soldados de infantaria russa armados com lança-chamas rompiam caminho para os pontos de apoio alemães. Na Potsdamer Platz explodiu simultaneamente uma dúzia de granadas e jorraram fontes de sangue humano no ar pestilento, pintalgando as paredes dos prédios com um vermelho-escuro que depressa se tornou negro. À medida que irrompiam novos incêndios havia novas explosões nos edifícios em chamas, onde o calor fazia rebentar bombas e granadas por explodir.

Na manhã de 30 de Abril, tudo o que restava da Berlim de Hitler era um estreito corredor de oito milhas de comprimento, levando da Alexanderplatz, uma dúzia de

longos quarteirões a Leste do Abrigo do Führer, até ao rio Havel, a Oeste. Os russos estavam atacando ao longo de todo este corredor, tanto pelo Norte como pelo Sul. Tomaram e ocuparam a zona das embaixadas estrangeiras e assolaram a elegante Kurfürstendamm. O Abrigo do Zoo continuava a manter-se, batendo-se contra os russos com os seus poderosos canhões de 88 e de 150 mm; os defensores em posição nos seus sete andares estavam protegidos atrás de paredes de dez pés de espessura. Mas o elegante Hotel Adlon, imediatamente ao pé da Porta de Brandenburg, era uma ruína, e o mesmo acontecia com o Kaiserhof.

Não restava ninguém no antigo quartel-general do O. K. W. na Bendlerstrasse, ninguém para comandar, de modo que o Almirante Heinrich Stiegel, o construtor de navios de guerra transformado em oficial de infantaria, foi para casa, para junto da mulher e da filha, para o número 11 da Dernburgerstrasse, em Charlottenburg. Chegou lá logo a seguir de os russos terem partido, e a sua mulher contou-lhe o que acontecera.

Os russos queriam mulheres e tinham tentado apanhar a Senhora Stiegel. Mas Paul, o polaco dos Stiegels para todo o serviço, falara duramente com eles na sua própria língua, dizendo-lhes que ela era sua mulher e que não tinham o direito de violar uma aliada. Entretanto escondera a filha de Stiegel, Louise, de vinte e quatro anos, numa despensa fora de mão da sua própria residência humilde no rés-do-chão do prédio de apartamentos.

Quando o almirante tentou agradecer-lhe, Paul nem quis ouvir falar nisso.

— Salvou-me dum campo de concentração — disse. — Lembre-se daquele oficial das S. S. que me queria levar, e o senhor almirante mandou-o embora.

Algumas horas depois vieram mais russos e encontraram-nos todos sentados na cave, com o polaco disfarçado com um boné de marinha e de fato azul, e o Almirante Stiegel humildemente em segundo plano, como convinha a um assalariado.

Um capitão russo perguntou a Paul em russo:

— É você o dono da casa, com as mulheres da sua família?

Paul disse que era. O russo perguntou-lhe o que fazia em tempo de paz.

— Oh, estou na marinha mercante — respondeu Paul aereamente.

O russo arreganhou os lábios num sorriso.

— Tenho muita pena — disse ele. — Acaba de perder o seu emprego.

Esta conversa amigável foi interrompida pelo som de tiroteio no exterior, e os russos precipitaram-se para fora da cave. Na confusão, o capitão foi atingido por uma bala da espingarda de um dos seus próprios homens. Stiegel correu a procurar um médico que vivia no edifício, e aquele prestou os primeiros socorros ao capitão. Mas os russos estavam furiosos; insistiam em que o capitão fora atingido por fogo disparado da casa, e queriam deitar fogo ao prédio.

— Não percam a cabeça — disse-lhes o capitão. — Foi um dos nossos próprios homens que me atingiu... vocês verão quando me extraírem a bala no hospital.

Um sargento com um bigode de homem da guarda fitou duramente o capitão.

— Muito bem — disse ele. — Vamos para o hospital consigo e tiramos a coisa a limpo, mas se não for uma das nossas balas voltamos e lançamos fogo a esta casa.

Três homens levantaram o capitão, puseram-no em cima do tejadilho dum carro de comando e partiram todos. Não voltaram.

Para o Norte da casa de apartamentos de Stiegel, no campo de batalha redemoinhante que era a Kurfürstendamm, Lothar Loewe estava a caminho, de regresso ao quartel-general da sua unidade antitanque da Juventude de Hitler depois de levar mensagens, quando teve de se abrigar numa loja de charutos à esquina da Albrecht-Achilles-Strasse por causa do bombardeamento de artilharia. Viu, do seu refúgio, dois metralhadores russos instalando uma posição de tiro no telhado do prédio ao lado. Imediatamente, sem pensar, começou a disparar para o telhado com a sua pistola-metralhadora, forçando os russos a porem-se ao abrigo por trás duma chaminé. O jogo continuou durante cerca de cinco minutos, com os soldados russos expondo-se ocasionalmente para dispararem uma rajada e Loewe tentando apanhá-los a descoberto com o fogo da sua pistola-metralhadora. Depois houve uma série de explosões na rua, diante da loja de charutos — granadas de morteiro. Loewe ficou ofuscado por um doloroso fulgor de luz, e caiu, perdendo os sentidos.

Quando voltou a si estava numa cave, rodeado por soldados alemães. Uma atraente enfermeira, de uniforme branco manchado de sangue, estava-lhe tateando o peito. Descobriu então que fora atingido por estilhaços de granada no peito, no joelho

esquerdo e no braço esquerdo, da explosão do morteiro. A enfermeira sorriu-lhe e deu-lhe um cálice de conhaque que ele bebeu dum trago. Pediu outro e a enfermeira deu-lho. Dessa vez saboreou a bebida, e deitou-se para trás, para dormir, com o cálice na mão.

Quando acordou, a enfermeira estava a abaná-lo e a perguntar-lhe se se sentia suficientemente forte para ir ao posto de socorros na cave do prédio ao lado para receber uma injeção contra o tétano. Com a enfermeira a ajudá-lo, conseguiu lá chegar através do túnel que ligava as duas caves, mas quando atingiu o posto de socorros quase desmaiou com o cheiro. O posto estava cheio de toscas mesas de operação, e enquanto os cirurgiões trabalhavam eram salpicados pelo sangue que esguichava dos corpos sob as suas mãos. Loewe ficou assustado. Tinha apenas dezesseis anos de idade, e não queria encontrar-se numa daquelas mesas. Recuou cambaleando para a primeira cave, que estava cheia de soldados da Volkssturm e de rapazes da Juventude de Hitler. Deram-lhe uma grande garrafa de sumo de maçã e algum chocolate. Ficou surpreendido ao descobrir como estava esfomeado. Comeu uma libra inteira do chocolate e esvaziou a garrafa de sumo. Depois tornou a adormecer.

Hilde Lemke continuou na Ponte de Halensee, observando pela tripulação do tanque alemão, até o combate cessar. Então dirigiu-se para uma casa próxima, ocupada por uma mistura de tropas regulares e membros da Juventude de Hitler. Um major do Exército Regular ficou a olhar para ela de boca aberta.

— Que diabo está fazendo aqui? — perguntou-lhe — Isto não é lugar para uma mulher.

Hilde, em resposta, lançou-lhe um olhar de desafio, mas estava demasiado cansada para explicar fosse o que fosse.

— Ora cale-se lá — disse-lhe, enfadada, e entrou e encontrou alguma coisa que comer.

O oficial, porém, recusou-se a deixá-la passar a noite ali: arranjou-lhe uma boleia num camião que ia para o Abrigo do Zoo.

— É o lugar mais seguro da cidade — disse ele a Hilde. Ela pensou que não era uma coisa muito lisonjeira para dizer a uma observadora dum tanque, mas queria descansar um pouco, de modo que se meteu no camião e partiu.

Hilde ficou impressionada com o Abrigo do Zoo quando acordou na manhã seguinte. Tinha a sua própria central eléctrica e sistema de abastecimento de água, e um hospital moderno no segundo piso, com um milhar de camas. Ficou surpreendida ao descobrir que só cerca de metade das camas estava ocupada, mas mais tarde foi-lhe calmamente explicado que aquele hospital era só para personagens importantes — oficiais de alta patente das S. S., membros do Governo, generais e semelhantes. Mas o resto do abrigo estava apinhado de civis; a última contagem individual era de mais de 29 000 pessoas. As enfermeiras falaram com ela do tempo em que Hanna Reitsch fora uma paciente do hospital, bem como o General da Luftwaffe Karl Bodenschatz, ajudante de Göring. Ninguém parecia saber de que mal padecia Hanna Reitsch; Bodenschatz, claro, fora ferido no atentado à bomba contra Hitler de 20 de Julho.

Em Schöneberg, a atriz Charlotte Walrand regressou ao seu meio-arruinado apartamento do número 36 da Hauptstrasse sem nenhuma carne de cavalo. Um cavalo russo caíra na rua, e quando os russos o desatrelaram e o deixaram ficar, a vizinhança apinhou-se em redor do animal com as suas facas, começando a cortá-lo ainda antes de estar morto. Os relinchos do cavalo eram horríveis de ouvir, mas não duraram muito. Charlotte tentara aproximar-se o suficiente para cortar um pedaço de carne, mas quando se avizinhava do cavalo rebentou uma briga a soco entre dois homens que questionavam por causa dum bocado enorme da alcatra do cavalo. Daí a pouco estavam envolvidos na batalha meia dúzia de homens, malhando uns nos outros com as mãos ensanguentadas e utilizando os seus pedaços de carne como armas. Charlotte fugiu, dominada pela náusea.

Foi quase o suficiente para a fazer mudar de idéias e entrar num «arranjo» com um simpático capitão russo mais velho do que ela, que a seguiu durante dois dias antes de criar finalmente a coragem suficiente para lhe fazer a sua proposta.

— Você é muito bonita e isso significa que está em perigo — disse-lhe ele em alemão fluente. — Venha viver comigo, seja minha amante e dar-lhe-ei muita comida e vinho e protegê-la-ei dos soldados.

Recusara delicadamente, e ele fora correto.

— Bem, pense nisso — dissera-lhe. — Detesto pensar em si vivendo aqui desprotegida.

Charlotte admitia que tivera sorte em escapar até então. De dezessete mulheres que viviam na mesma casa de apartamentos que ela, catorze tinham sido violadas.

Quando disse isto ao capitão russo, ele limitou-se a encolher os ombros.

— Isso é horrível, evidentemente — disse — mas não se esqueça do que o Exército Alemão nos fez. A minha família toda, a minha mãe, o meu pai e as minhas duas irmãs, foi morta pelos vossos soldados. Morta e, antes disso, pior. Não quero pessoalmente qualquer vingança, mas não posso censurar os meus camaradas por a procurarem.

No Hospital Elisabeth, na Lützowstrasse, no sector do Tiergarten, os atacantes russos foram contidos durante várias horas por soldados das S.S. deitados atrás de barricadas de pedra. Quando finalmente romperam através das barricadas, a maior parte das tropas russas continuou a avançar, ultrapassando o hospital por ambos os lados, mas outros, bêbedos de aguardente e de vodca, irromperam no edifício brandindo as suas pistolas-metralhadoras. Eram dez horas da noite de 30 de Abril.

A enfermeira Kathe Eckstein estava no seu quarto quando ouviu gritos na ala traseira do hospital, seguidos de tiros e pequenas explosões. Saiu para o corredor. Pacientes feridos, com as ligaduras pendentes aos bocados, arrastavam-se por ele e rastejavam com os pés e as mãos pelas escadas acima. Estavam gritando:

— Os russos já cá estão dentro!

Subitamente, os soldados russos pareceram estar em toda a parte, agarrando as enfermeiras, disparando as suas pistolas-metralhadoras para o teto, espezinhando os feridos rastejantes. Kathe Eckstein correu ao longo do corredor, procurando um esconderijo. Experimentou uma porta e encontrou um russo no quarto lutando com uma enfermeira. Noutro quarto um russo estava despejando uma garrafa de aguardente por cima duma mulher nua. Aqui e ali havia soldados agachados ao pé das janelas disparando contra alvos do outro lado da rua.

Fosse como fosse, Kathe conseguiu sair do hospital e meter-se na casa ao lado, onde passou uma noite sem dormir, andando na cave dum lado para o outro. Quando rompeu o dia, o hospital estava calmo, e ela encaminhou-se cautelosamente de regresso ao edifício. A ala onde os russos tinham irrompido cegos de fúria era uma massa de traves fumegantes e de tijolos ainda quentes: uma granada deitara-lhe fogo durante a noite.

Kathe juntou-se aos que estavam tentando romper por entre o entulho para recuperar os corpos de mais de cinquenta enfermeiras e pacientes que tinham sido perdidos no fogo. Nas camas de ferro encontraram corpos masculinos e femininos

ligados entre si num abraço rígido. Os cinturões e as pistolas contavam uma história mais vivida do que quaisquer documentos poderiam ter feito: Quando a ala do hospital fora presa das chamas, os invasores tinham morrido queimados nos braços relutantes das mulheres que estavam violando.

18

A «Casa de Himmler» expunha-se obscenamente ao sol ao alvorecer de 29 de Abril. Para o Capitão Stepan Neustroyev parecia estar agachada como um sapo hediondo, atravessada no caminho para o Reichstag. Era claro que o Ministério do Interior estava defendido por, pelo menos, um batalhão de tropas das S. S.; o fogo vindo da estrutura de seis andares saía de quase todas as janelas, sendo a maior parte dele de metralhadoras de grande calibre. Neustroyev estava fascinado pelo edifício — fora dali que o animal Himmler expedira as suas ordens para o morticínio de milhões de russos. Assaltar a casa seria uma proposta a fazer por um major, mas Neustroyev antecipara-se; estava contente por o seu 3.º Batalhão partilhar da responsabilidade em tomá-la.

O Coronel Zinchenko apareceu por entre as brumas que se levantavam do Spree. Como habitualmente, o comandante do regimento estava interessado na capacidade de combate do batalhão. Neustroyev pôs-se de pé no seu uniforme enegrecido, com uma manga da sua camisa em farrapos, e fez o seu relatório. As perdas tinham sido severas, mas não suficientemente severas para prejudicar a força de combate do batalhão. O capitão Guselnikov fora severamente ferido, e o Primeiro-Sargento Syanov, o organizador do Partido da companhia, fora nomeado para o seu lugar. Os homens com ferimentos menores manter-se-iam ao serviço, evidentemente. A ordenança do Tenente Tirocinado Kuzma Gusev, o pequeno e ativo Vasili, morrera.

Zinchenko encheu o seu cachimbo e acendeu-o, exalando o fumo azul num enorme suspiro. Pôs uma das mãos num ombro de Neustroyev.

— Mantém a cabeça levantada, Stepan — disse — O fim está próximo.

Mas o fim havia de vir lentamente. O batalhão do Capitão Davydov foi o primeiro a avançar contra a «Casa de Himmler», para deparar com uma parede de fogo de

metralhadora, espingarda e espingarda lança-granadas. Daí a poucos minutos toda a vizinhança estava envolta em fumo misturado com uma poeira castanho-amarelada. Os homens de Davydov correram para a frente em pequenos grupos, atravessando a rua numa arremetida e rodeando a esquina do edifício para se endireitarem, arquejantes, no ponto encoberto, de encontro à parede. Conduzindo o ataque estava o pelotão do Tenente Kashkarbayev, o alegre e jovem Bachquir de cara queimada, quase negra. Os homens de Kashkarbayev lançaram-se ao assalto das metralhadoras que defendiam uma das portas, passaram-lhes por cima e irromperam no vestíbulo principal para se apoderarem da escada para o segundo piso. Precipitaram-se outros pelotões do 3º Batalhão para os reforçarem e participarem na luta à queima-roupa de sala em sala.

Às três horas, parte do batalhão de Davydov apoderara-se de várias salas do primeiro piso, e outras unidades do batalhão tinham ocupado uma parte da esquina da casa, do lado da Schlieffenufer. Entretanto, a companhia do Tenente Tirocinado Pankratov atingira o segundo piso e empenhara-se imediatamente na luta corpo-a-corpo. Apesar de ferido na mão esquerda, Pankratov continuara no comando até ser atingido novamente, dessa vez na cabeça, e ter caído inconsciente no pavimento de mosaico encharcado de sangue.

O batalhão do Major Logvinenko, do 674º Regimento, avançava agora para ajudar, concentrando-se em limpar o inimigo do sector sudoeste do edifício. Mesmo com estas forças russas frescas no combate, as tropas das S.S. lutavam, porém, com uma fúria crescente. Eram bons combatentes; Neustroyev teve de o admitir. Não obstante, era só uma questão de tempo até os alemães serem completamente dominados. Eram tomadas algumas salas aqui, um corredor ali, outra escada; irrompiam fogos em vários sectores do edifício, alimentados pela mobília, pelos tapetes e por armários cheios de documentos. O fumo cegava ambos os lados, e em alguns pontos dos edifício a luta era suspensa enquanto tanto os russos como os alemães sufocavam e lutavam para respirar.

Às onze horas da noite, a luta findara no primeiro piso e estava a desaparecer nos andares superiores. Mas não foi senão à uma hora da manhã empoeirada, fumegante e triste de 30 de Abril que o último canto da resistência alemã foi limpo.

As perdas do 3.º Batalhão tinham sido pesadas, mas recebia agora reforços duma origem inesperada. Setenta e oito homens apresentaram-se a Neustroyev, a maioria dos quais vestidos com uniformes russos esfarrapados, e alguns trajando roupas civis. Eram soldados russos que tinham sido libertados da Prisão de Moabit pelo avanço russo. Neustroyev distribuiu-os pelo batalhão, providenciou para serem

armados e lhes ser dada alguma coisa de comer, e disse-lhes que estivessem prontos a combater a todo o momento. Neustroyev contemplava o seu fatigado batalhão e estava contente por ter poupado a companhia de reserva do Sargento Syanov, a sua melhor e mais eficiente unidade de combate. Iam precisar de Syanov e dos seus homens no avanço para o Reichstag.

Neustroyev adormeceu pouco depois das seis horas da manhã e foi acordado às oito horas pelo Tenente Tirocinado Gusev, o seu chefe de estado-maior.

— Tenho uma coisa para te mostrar, Stepan — estava Gusev dizendo enquanto o abanava. — Acorda e deita uma vista de olhos ao Reichstag.

Bêbedo de sono, Neustroyev mal ouvia Gusev, mas este último continuava a abaná-lo e a repetir:

— É o Reichstag! É o Reichstag!

Neustroyev pôs-se de pé a cambalear e seguiu Gusev para fora do posto de observação na cave e, pelas escadas, até ao segundo piso, onde Gusev apontou através duma brecha na parede.

Ele ali estava na sua frente — o Reichstag, a sede do Governo à qual Hitler mandara deitar fogo para desacreditar o Partido Comunista Alemão. Neustroyev podia distinguir facilmente o edifício cinzento com as suas numerosas colunas e a sua cúpula, apenas a um pouco mais de trezentas jardas de distância, mesmo para além do largo campo cheio de crateras de bombas e granadas que se chamava a Königsplatz. Todas as janelas e portas pareciam ter sido emparedadas com tijolo, excetuadas as frestas para as metralhadoras. Estacionavam no parque canhões motorizados e tanques. Os canteiros de flores da Königsplatz tinham desaparecido e havia no seu lugar uma rede de trincheiras e de fossos antitanques.

—É uma noz difícil de partir—disse Gusev suavemente.

— Sim. é uma noz difícil — disse Neustroyev. — Mas temos de a partir.

Voltaram para a cave e Neustroyev telefonou ao Coronel Zinchenko.

— Podemos ver o Reichstag mesmo à nossa frente — participou.

— É impossível — disse rapidamente Zinchenko. — É melhor verificar.

— Não é necessário, Camarada Coronel — disse Neustroyev. — Já verificámos. Vi-o com os meus próprios olhos. Tudo confere, o terreno, a aparência, tudo.

Zinchenko desligou. Quinze minutos depois estava no posto de comando do batalhão, trepando ao segundo piso para dar uma vista de olhos. Estudou o edifício durante dez minutos, depois desceu e fez um relatório pelo telefone ao comandante da divisão. General Shatilov.

Shatilov foi terra-a-terra:

— Então muito bem — disse. — Preparem-se para atacar.

Às dez horas da manhã, três batalhões da 150.^a Divisão de Infantaria estavam em posição no ponto de partida para o assalto. O 3.º Batalhão de Neustroyev estava à esquerda, com o batalhão de Logvinenko ao centro e o de Davydov à direita. Diretamente em frente do 3.º Batalhão estava a entrada principal do Reichstag, com as suas altas colunas de granito e a sua larga escadaria; seria o 3.º que faria a arremetida principal, com apoio rápido dos outros dois batalhões.

Dos postos de observação de artilharia chegou uma mensagem sem ser em código ao posto de fogo da divisão de artilharia: «Disparem contra o Reichstag!» Houve um estrondo trovejante e a terra levantou-se quando inúmeros canhões arrojaram o seu metal ardente a curta distância sobre a Königsplatz e para além desse campo revolvido, sobre o bloco cinzento de granito que era o Reichstag. O fumo caiu sobre a cena como um espesso nevoeiro, e o cheiro a cordite encheu o ar. A distância era tão curta como se fosse virtualmente tiro direto. A guarnição do canhão do Sargento Nikolai Babibulin apontou para um alvo importante, tanto taticamente como simbolicamente — a torre do Reichstag, com o seu ninho de metralhadoras pesadas. Dentro de poucos minutos vários tiros diretos estilhaçaram a cúpula e deitaram a torre abaixo, fazendo-a inclinar-se para um lado e ruir; pedaços de alvenaria e corpos com uniformes alemães pareciam estar a cair do céu.

Quando os canhões se calaram, avançaram as linhas da infantaria. O 3.º Batalhão avançou em dois escalões — a segunda e a terceira companhias na primeira linha e a companhia de reserva de Syanov atrás delas. Agora o Reichstag tornava-se vivo. Junto da entrada principal, canhões antiaéreos com os canos baixados para uso como armas antitanques bateram com o seu fogo as colunas que avançavam. Riscos de chamas saíram das metralhadoras que disparavam pelas frestas. A artilharia alemã, no Tiergarten, fez cair uma cortina de granadas explodindo no caminho dos russos.

Os homens de Neustroyev correram em ziguezague uma centena de jardas até o fogo de granada os forçar a atirarem-se e a colarem-se ao chão, à beira dum fosso antitanque. O fogo alemão era tão intenso que nenhum homem podia levantar a cabeça, e as comunicações com o posto de comando do batalhão, apenas a algumas centenas de jardas atrás da linha de ataque, foram cortadas. O General Perevertkin ordenou às baterias do corpo de exército que abrissem fogo, e tanques e destacamentos de morteiros aproximaram-se das unidades de infantaria avançadas.

Neustroyev voltou-se da janela da cave donde estivera observando a batalha, para dar com o Capitão Matveyev, o representante do Departamento Político na divisão, de pé a seu lado.

— Pensei em vir até cá e tomar parte no assalto do Reichstag — disse Matveyev. Poucos minutos depois o Capitão Prelov, o oficial político do regimento, apareceu para o mesmo fim.

Neustroyev decidiu que chegara o momento de lançar a companhia de Syanov, duma centena de homens, na vanguarda da batalha. A unidade era constituída por veteranos endurecidos que haviam lutado ao longo do seu extenso caminho desde a Letônia até Berlim, e por jovens soldados que se tinham juntado ao batalhão depois de terem sido libertados dos campos de prisioneiros alemães durante o avanço desde o Vístula. Mandou chamar Syanov e enquanto esperava que o sargento chegasse manteve-se a observar a Königsplatz pela janela. Era difícil distinguir muita coisa no caos de veículos destróçados e de árvores arrancadas, mas ali algures as unidades avançadas do batalhão estavam coladas ao terreno retalhado.

Quando Syanov entrou na cave, Neustroyev limitou-se a saudá-lo com um movimento de cabeça. Agarrou Syanov por um braço e apontou para o outro lado da Königsplatz.

— Está a ver aquele grande edifício ali?—perguntou.

— Claro, é o Reichstag — disse Syanov.

— Bem, queria ter a certeza de que sabia onde era. Ora bem sargento, volte para a sua companhia e quando receber o sinal vá ao ataque. Não espere por coisa nenhuma nem por ninguém, mas leve a segunda e a terceira companhias consigo à medida que avançar.

— Está bem. — Syanov estava a voltar-se para sair, quando o Capitão Prelov lhe deu uma palmada no ombro.

— Vai ter uma grande honra. Sargento Syanov — disse-lhe Prelov.

Syanov arreganhou os lábios num sorriso.

— Tenhamos esperança de eu estar vivo para a apreciar. Camarada Capitão. Mas farei o melhor que puder. Sou membro do Partido, sabe. — Fez um aceno e saiu.

Quando Syanov partiu, começou outra barragem de artilharia a martelar as defesas alemãs. Neustroyev pôde identificar canhões de todos os calibres, incluindo os enormes obuses de 152 e de 203 mm. Instalações de foguetes no Ministério do Interior juntaram-se ao ataque com treze salvas simultâneas dos seus lança-foguetes de seis canos. Depois, mais uma vez chegou o momento de avançar.

Agora o Reichstag estava só a pouco mais de duzentas jardas de distância das unidades russas avançadas. Disparando enquanto corriam, os homens de Syanov atiraram-se para a frente, saltando de buraco de granada em buraco de granada, juntando-se-lhes, na sua corrida, os homens das outras companhias. Num fosso antitanque cheio de água houve apenas uma breve hesitação, mas logo se puseram a atravessá-lo. Alguns passaram a vau, outros nadaram em estilo de cão, outros fizeram a travessia valendo-se de carris e de canos.

O General Perevertkin lançou atrás deles o segundo escalão — a 207.^a Divisão de Infantaria, que ultrapassou a «Casa de Himmler», à direita, e avançou para o Teatro de Ópera Kroll e para o Tiergarten, dando ao 3º Batalhão apoio adicional de flanco.

Agora parecia que centenas de soldados se punham de pé correndo para o Reichstag. Na vanguarda, Petya Pyatnitsky desfraldou em corrida uma bandeira vermelha, e a bandeira tremulou ao choque de centenas de explosões. Outros soldados agruparam-se em redor de Pyatnitsky — cinco deles, depois, vinte, depois mais vinte. Por duas vezes se alojaram estilhaços nos braços e no peite do Sargento Syanov, mas ele continuou para a frente.

De repente ali estava a escadaria de granito da entrada principal, e Pyatnitsky saltou para o terceiro degrau, arquejando para respirar. Mas mal os seus pés tinham tocado o degrau quando cambaleou; depois caiu para trás, com um estrondo, pois a queda fizera saltar-lhe da mão uma granada. Fora atingido no peito, à queima-roupa, por uma rajada de fogo de metralhadora. Enquanto o seu sangue jorrava

sobre o granito, a bandeira vermelha foi levantada pelo Sargento Pyotr Scherbina, que correu com os outros para a zona encoberta de encontro à parede da frontaria do edifício.

Aí Scherbina foi envolvido na confusão, enquanto os russos inspecionavam a porta emparedada a tijolo. Alguns deles bateram-lhe com as coronhas das espingardas e deram-lhe pontapés. Entretanto cada vez mais homens se acumulavam nos degraus. Entre eles dois grupos de morteiros labutando com as suas feias armas de grandes bocarras, que conseguiram pôr em posição no pórtico.

Syanov gritou uma ordem:

— Afastem-se!

Os homens recuaram, tropeçando, e foram colocar-se ao longo da parede, encostando-se ao granito para ficarem em segurança. Os morteiros foram baixados para apontarem à queima-roupa para a entrada murada, e depois disparados simultaneamente. Houve um estrondo atroador e uma chuva de tijolos e argamassa, e de repente apareceu um buraco de quatro pés na barricada.

O berro rouco de Syanov ouviu-se acima dos ruídos da batalha:

— Vamos!

Meteram-se pelo buraco, um de cada vez, saltando sobre os defensores feridos e atingidos pelo choque, dominando-os tanto à bala como com os punhos, arremessando granadas na obscuridade sombria do átrio e enchendo o ar cheio de fumo de gritos selvagens. Os alemães, que a súbita explosão apanhara de surpresa, retiraram em desordem — alguns pela escadaria e outros para duas grandes salas, uma de cada lado do átrio.

Neustroyev, vendo a entrada forçada, transferiu o seu posto para o átrio, correndo em ziguezague atrás das tropas frescas que enxameavam a entrar no edifício. A obscuridade do átrio era aumentada pelas nuvens de fumo e de poeira. Syanov tinha um pelotão de cada lado, tentando expulsar os alemães dos dois salões, nos quais mantinham um fogo nutrido de pistolas-metralhadoras. A tarefa era executada eventualmente à granada. Grupos especiais de assalto foram enviados para abrir caminho pela larga escadaria para o segundo piso, onde estava obviamente localizado o ponto principal de resistência.

A luta no segundo piso variava consoante o ponto onde um homem se encontrava num dado momento. No alto da escadaria havia muitos combates corpo-a-corpo com facas, baionetas e coronhas de espingarda. Atrás, onde estava mais escuro, explodiam granadas e eram travados duelos entre pistolas-metralhadoras e metralhadoras. Todas as salas estavam ocupadas por alemães, e cada uma delas, chegada a sua vez, tinha de ser assaltada, conquistada e ocupada antes de os homens do batalhão poderem passar à seguinte.

À medida que a batalha decorria naquelas condições de luta de perto, as granadas tinham o seu efeito inevitável — ocasionavam fogos. As chamas das explosões incendiavam as luxuosas cadeiras de braços forradas de cetim, e o fogo propagava-se em redor aos sofás, às cadeiras, às mesas, aos tapetes e aos painéis de madeira laçada. Daí a pouco tempo todo o segundo piso e parte do primeiro ardiam furiosamente, acrescentando densas nuvens de fumo à fumarada de cordite que já enchia as narinas dos homens que lutavam. Tanto russos como alemães gritavam quando descobriam as roupas a arder, e começavam a vacilar e a tropeçar, tentando extinguir as chamas.

Karl, ostentando ainda a sua braçadeira da Cruz Vermelha mas não descobrindo nada que um homem do Corpo Médico pudesse fazer na confusão furiosa daquele enorme cemitério, atirou a sua última granada para a porta aberta, cheia de uniformes castanhos, e voltou a cara antes de ela explodir. Não devia estar a atirar granadas, mas atirara mais de uma dúzia nas últimas duas horas. Fora essa a ordem — combater ou morrer. Atirou-se ao chão e arrastou-se sobre as mãos e os joelhos para a janela. Do segundo piso, era uma queda de cinquenta pés para o chão, mas não pensou nisso — passou por cima do peitoril, manteve-se pendurado durante um segundo e deixou-se cair. Sentiu uma dor subir-lhe até à cabeça, e durante um momento foi a escuridão. Depois voltou a si no meio das trevas atroadoras e pôs-se de pé. Podia ainda manter-se de pé. Baixou-se novamente e começou a arrastar-se sobre as mãos e os joelhos para o Tiergarten.

Neustroyev tentou entrar em contato com o estado-maior do regimento, do seu novo posto de observação, mas a rádio não estava a funcionar. Gusev estava tentando estender uma linha telefônica, mas parecia não ser possível; o Sargento Yermakov continuava a correr dum lado para o outro na Königsplatz para encontrar e reparar a linha avariada. Eventualmente a linha foi arranjada, e Neustroyev contactou com o Coronel Zinchenko e fez-lhe um resumo apressado. Uma hora depois, quando a noite já caíra. Zinchenko chegou ao Reichstag acompanhado pelo Tenente-Coronel Yefinov e por três soldados armados de pistolas-metralhadoras.

— Onde está essa bandeira? — perguntou Zinchenko.

Neustroyev disse-lhe que a bandeira do batalhão já fora levada para o segundo piso onde a luta era mais violenta, e que as bandeiras das companhias tinham sido desfraldadas nas respectivas posições.

— Não é isso que eu quero dizer — disse Zinchenko impacientemente. — Quero dizer a bandeira número cinco, atribuída pelo Conselho de Guerra.

Neustroyev disse-lhe que essa bandeira especial ainda estava no quartel-general do estado-maior do regimento, pelo que Zinchenko falou ao seu chefe de estado-maior pelo telefone e deu-lhe uma ordem:

— Trate da entrega da bandeira do Conselho de Guerra ao Terceiro Batalhão, no Reichstag. Mande-a com homens seguros, se possível com alguns dos nossos soldados de reconhecimento.

Cinco minutos depois ligavam do quartel-general do regimento a dizer que a bandeira ia a caminho com dois homens dos serviços de reconhecimento, Mikhail Yegorov e Meliton Kantaria. Acontecia que Neustroyev os conhecia a ambos. Yegorov viera duma pequena aldeia perto de Smolensk e combatera com um destacamento de guerrilheiros depois de os alemães terem ocupado a sua região. Kantaria nascera e criara-se em Abkhazia e estava no Exército Vermelho desde 1940. Os dois eram velhos amigos que saíam frequentemente juntos em missão.

Houve uma espera ansiosa de mais de meia hora antes de Yegorov e Kantaria conseguirem finalmente chegar ao escuro átrio. Zinchenko pareceu comovido ao vê-los; abraçou-os a ambos e felicitou-os por terem completado a sua missão. Mas agora tinha outra missão para eles.

— Ora bem, rapazes — disse-lhes ele. — Agora ponham essa bandeira a flutuar no telhado.

Kantaria e Yegorov começaram a subir a escadaria para o segundo piso e desapareceram. Estiveram ausentes durante vinte minutos, enquanto o segundo piso ressoava com um novo surto de fogo de espingarda e de pistola-metralhadora. Regressaram ao vestíbulo, arquejantes e exaustos, com a bandeira ainda enrolada na mão de Yegorov. A escada para o terceiro piso estava danificada e não tinham sido capazes de encontrar no escuro o caminho para cima.

Zinchenko ouviu o relato deles; era uma pena, disse, mas talvez pudesse ser ainda feito. Voltou-se para Neustroyev, com uma voz cortante:

— Trata de pôr essa bandeira por cima do Reichstag!

Neustroyev mandou chamar o Tenente Berest. Disse-lhe que abrisse caminho aos portadores da bandeira e que levasse o sargento Scherbina com um pelotão de homens com pistolas-metralhadoras para cobrir a expedição.

O pequeno grupo ficou debaixo de fogo alemão nutrido quando atingiu o segundo piso, onde os alemães estavam combatendo em condições de igualdade com os grupos de assalto. Mas os homens com as pistolas-metralhadoras entraram na batalha, distraindo a atenção dos alemães, enquanto o Tenente Berest conduzia Yegorov e Kantaria na direção da escada destruída que levava ao terceiro piso. Aí foram detidos outra vez pelo fogo alemão, e novamente o seu pelotão de cobertura teve de travar combate. Berest e os portadores da bandeira seguiram o seu precário caminho subindo uma escada que fora quase cortada ao meio pelo bombardeamento de artilharia, e depois, por vezes esquivando-se de sala em sala, por vezes arrastando-se sobre os pés e as mãos, conseguiram chegar ao telhado.

Jazia aos seus pés a derrotada Berlim, iluminada pelo clarão horrível dos incêndios. Apenas a alguns quarteirões para Nordeste era a Chancelaria do Reich onde o ser mortal de Adolf Hitler fora reduzido a uma pilha de ossos carbonizados. Caíam granadas sobre as paredes do Reichstag, fazendo cair lascas de granito sobre as suas cabeças.

Yegorov e Kantaria encaminharam-se para a beira do telhado e levantaram os olhos para a estátua que lhes ficava sobranceira, uma representação em bronze da Alemanha montada num cavalo de batalha, com um trombeteiro ao lado.

Kantaria apontou para um buraco em forma de fenda, perto do casco esquerdo da frente do cavalo.

— Parece um lugar tão bom como qualquer outro — disse.

Yegorov concordou com um sinal de cabeça. Meteu o pau da bandeira no buraco, tendo-lhe enrolado à volta a bainha da bandeira para o apertar e segurando-o no lugar com um pedaço de pedra em forma de cunha. A bandeira ondulou à ligeira brisa. Cada um deles, Yegorov, Kantaria e Berest, disparou três tiros para o ar.

Berest olhou para o seu relógio. Eram dez minutos para as onze da noite de 30 de Abril.

Karl, o homem do Corpo Médico, mudou de roupa, vestindo um traje civil, num apartamento arruinado na Kurfürstendamm e, ao romper do dia, encaminhou-se furtivamente para Neukölln. Mas o velho edifício onde o pai de Lotte vivera na sua salinha era agora um monte de escombros. Karl considerava que era idiota pensar que encontraria Lotte na sua antiga vizinhança, mas, apesar de tudo, ele próprio escapara. Percorreu a Leinestrasse, dando uma dentada ocasional num pedaço de linguiça que um soldado russo lhe dera. Seria possível que Lotte ainda estivesse no Ministério da Propaganda? Karl decidiu ir procurar Gretel, a melhor amiga de Lotte. Gretel vivia perto e seria ela a primeira pessoa que Lotte procuraria depois de verificar que o pai desaparecera.

Encaminhou-se lentamente para a Siegfriedstrasse, lembrando-se de coxear fortemente quando encontrava soldados russos; ainda estava admirado por encontrar tudo tão calmo em Neukölln. Havia só um ou outro tiro ocasional de espingarda, e os canhões no centro de Berlim pareciam longe. O único perigo era o dos soldados russos bêbedos celebrando o 1.º de Maio em quase todas as esquinas: pelos gritos que vinham dos prédios arruinados Karl verificava que algumas das mulheres de Berlim eram assistentes relutantes dessa celebração.

Lá estava a casa de apartamentos de Gretel. Não restava muito dela, disse Karl para consigo. Os dois andares de cima do edifício de seis pisos tinham sido cortados como por uma enorme foice, e o resto do edifício estava sem janelas, com enormes fendas nas paredes. Subiu os degraus e penetrou na sala de entrada com a sua camada de calça e cacos de vidros até ao tornozelo. O apartamento de Gretel fora no terceiro piso.

— Karl! És realmente tu, Karl?

Levantou os olhos para a escada, e Gretel lá estava, no primeiro patamar.

— Gretel! — exclamou ele, e correu pela escada acima para lhe lançar os braços à volta e abraçá-la apertadamente. Subiram os dois braços juntos, de mãos dadas, gozando cada um deles o pequeno prazer de estar com alguém dos bons tempos. Gretel mandou-o sentar num sofá arruinado no seu apartamento enquanto ia à cozinha e voltava com uma garrafa de vinho.

— Deu-ma um soldado russo — disse. Ergueu uma das mãos quando Karl ia a dizer qualquer coisa. — Sim, como pagamento por o deixar dormir comigo, Karl. De qualquer maneira era inevitável, de modo que me submeti para lhe agradar. De maneira que ele partilhasse a sua comida comigo tal como o seu corpo.

— Sim, é claro — disse Karl. — Eu compreendo, Gretel. Gretel... ouviste dizer?...

O rosto de Gretel estava solene.

— Lotte... referes-te a Lotte, evidentemente.

— Sim, refiro. Esteve cá? Viste-o?

Gretel sentou-se ao lado de Karl e pegou-lhe numa das mãos.

— Karl, tenho de te dizer uma coisa. Tenho de te dizer, e tu tens de tentar suportá-la.

Ele endireitou-se.

— Gretel! Que queres dizer? Ela está... Lotte está?...

— Sim... morta — disse Gretel. Os olhos dela estavam húmidos. — Tenho de to dizer, Karl, para tu saberes. Mais tarde te mostrarei a sepultura dela, aí fora no jardim. Fui eu que a enterrei... que enterrei parte dela.

Quando desceu a escada e saiu para a rua, Karl estava entorpecido. Não sabia como conseguira ficar ali sentado a ouvir. Não vomitara senão no fim, quando Gretel lhe pegara na mão e lhe mostrara a pequena sepultura. «Meu Deus!», pensara ele. «Lotte, uma Rapariga de Mohnke, capturada pelos russos. A sua linda cabeça cortada e usada depois pelos russos como bola de futebol nas ruas. Senhor Deus! Como poderia suportar?»

Mas suportara. Suportara enquanto Gretel lhe contava como esperara até ficar escuro, e como saíra depois e recuperara a cabeça contundida e ensanguentada de Lotte, a metera numa saca de batatas, a levar para casa e a enterrara no jardim. Mas não fora capaz de ficar enquanto Gretel a desenterrava para ele a identificar. Tivera de aceitar a palavra dela de que era Lotte... de que era a cabeça de Lotte.

O General Vasili Chuikov, comandante da 8ª Divisão da Guarda do Exército Vermelho e chefe do ataque a Berlim, estava de pé ao lado da mesa na sala de jantar duma casa confortável em Tempelhof (isto é, no que fora uma casa confortável nos dias em que ainda tinha janelas). Havia três telefones no aparador, e em cima da mesa estava um mapa de Berlim dividido em sectores numerados. Lá fora havia uma confusão de vozes relativa ao dar e receber de ordens militares. O troar dos canhões parecia em surdina no meio da premência das coisas que precisavam de ser feitas. Eram quatro horas da manhã do dia 1 de Maio.

O General Chuikov, um homem forte, de estatura média, com espesso cabelo negro, sorriu a Vsevolod Vishnevsky, o correspondente de guerra soviético e escritor. — Espere uns minutos — disse-lhe Chuikov. — Está a caminho daqui.

Poucos minutos depois a porta abriu-se e o General Krebs entrou na sala. O seu uniforme estava coberto por uma poeira amarela que parecia harmonizar-se com a cor da sua cara. Estavam com ele outros três oficiais alemães, um dos quais foi apresentado como intérprete de Krebs; o russo de Krebs servia, mas não era bastante fluente para lidar com todas as subtilidades da discussão que o esperava.

Chuikov e Krebs apertaram a mão um ao outro, e Chuikov fez um sinal indicando as cadeiras aos oficiais alemães.

Krebs conseguiu um ligeiro sorriso. — Hoje é o Primeiro de Maio, um grande dia de festa para os nossos dois países — disse ele.

Os modos de Chuikov eram incerimoniosos. — Nós temos hoje aqui uma grande festa — disse. — Como estão as coisas lá entre vós é difícil de dizer.

Krebs perguntou se podia ficar a sós com Chuikov, mas Chuikov indeferiu o pedido. — Só está presente o meu Conselho de Guerra — disse ele, indicando com um gesto os três oficiais russos na sala.

Krebs suspirou. — Muito bem. Falo em estrita confidência. Sois o primeiro estrangeiro a quem informo que Hitler se suicidou em trinta de Abril.

— Nós sabemos, disse Chuikov secamente; se Krebs esperara uma reação, a indiferença do russo desapontou-o.

— Vou ler o testamento do Führer — disse Krebs. Pôs-se de pé e leu palavra por palavra o testamento político de Hitler nomeando o seu sucessor e designando um governo. — O objetivo do documento é o de encontrar um caminho de saída favorável para as nações que mais sofreram durante a guerra. O documento pode ser entregue ao vosso comando.

A voz de Chuikov ainda era seca. — O documento diz respeito a Berlim ou à totalidade da Alemanha?

— Estou autorizado a falar em nome de todo o Exército Alemão. Estou autorizado por Goebbels. Haverá um cessar-fogo durante as conversações?

— Sim, podeis suspender temporariamente as operações militares — Chuikov pegou num dos telefones de cima do aparador. — Liga-me ao Marechal Zhukov — disse. Depois: — É Chuikov que fala. O General de Infantaria Krebs chegou. Foi investido de poderes para negociar conosco. Confirma que Hitler se suicidou. Participe por favor ao Camarada Stalin que Goebbels, Bormann e o Grande-Almirante Dönitz assumiram o poder de acordo com a última vontade de Hitler. — Fez uma pausa, e depois voltou-se para Krebs. — Quando foi que Hitler se suicidou?

— Hoje às três e cinquenta da tarde... desculpe-me, ontem.

Chuikov tornou a voltar-se para o telefone. — Ontem às três e cinquenta da tarde. — Tornou a fazer uma pausa e falou novamente para Krebs. — O Marechal pergunta se é a capitulação.

Krebs abanou a cabeça. — Não, há outras possibilidades.

— Ele diz que há outras maneiras de estabelecer a paz — disse Chuikov ao telefone. — É o outro governo que entrou em contato com os Aliados e está procurando outras maneiras. Bormann continuou como presidente do partido. Vai perguntar para Moscou? Bem. Espero junto do telefone. Compreendo. Krebs não está autorizado, mas pode discutir. — Desligou e voltou-se para Krebs. — Só podemos negociar consigo na eventualidade de rendição completa à União Soviética, aos Estados Unidos e à Inglaterra. Está a render-se agora?

— Tenho de obter o consentimento do meu governo — disse Krebs. — Talvez seja formado um novo governo no Sul. Pedimos uma trégua.

— Mas a questão duma trégua só pode ser decidida na base de rendição geral — persistiu Chuikov.

— Então ocupará a zona onde está o governo alemão e exterminará todos os alemães.

— Não viemos para exterminar os alemães. — O rosto de Chuikov era duro.

— Pedimos o reconhecimento do governo alemão antes da rendição completa, para estabelecermos contato entre os seus membros e ser-nos possível entrar em relações com o vosso governo — disse Krebs.

— Pomos uma condição—replicou Chuikov —A rendição geral.

Prosseguiu dessa maneira, uma discussão aborrecida e resmungona, enquanto a noite se tornou primeiro numa aurora pardacenta e depois em dia. A certa altura Krebs admitiu «O governo alemão é coisa do passado», e logo houve risos na sala.

— Nós sabemo-lo e vós devíeis sabê-lo — disse Chuikov — Continuareis a combater e a perder gente para nada.

Krebs respondeu: — Lutaremos até ao fim.

Chuikov pareceu ranger os dentes. — Espero a rendição completa — disse ele redondamente.

Krebs tinha, evidentemente, ordens para obter o reconhecimento do governo de Dönitz, persuadindo os russos a negociar com ele; era uma questão de segurança política para os Bormanns e os da sua laia. Mas Chuikov não estava fazendo quaisquer concessões de importância. Os seus telefones mantinham-se a tocar e as notícias que obtinha da luta eram sempre boas.

— Penso que a vossa guarnição está a render-se — disse ele a Krebs.

— Sem ordens? — perguntou Krebs.

Chuikov riu-se. — A nossa gente está a avançar e a vossa está a render-se.

Depois um oficial trouxe um exemplar do Panzerbar que citava uma informação da Reuter da traição de Himmler. Krebs ficou furioso. — Himmler não estava autorizado a fazer isso — disse ele. — Era disso que nós tínhamos receio.

Meia hora depois o mesmo oficial trouxe um folheto alemão informando que Hitler estava comandando a defesa de Berlim do Tiergarten.

— É uma mentira! — gritou Krebs.

Chuikov estava calmo. — Não há fumo sem fogo — respondeu ele.

A atmosfera tornou-se então tensa, e Krebs interrompia frequentemente o seu intérprete para lhe recordar que «Eu também falo russo, bem sabe». Disse a Chuikov que tinha receio de estar a ser organizado outro governo que «se oponha às decisões de Hitler».

Chuikov manteve-se prático. — Não. Os atos dos governos britânicos e americanos são coordenados conosco. A de Himmler foi uma tentativa sem êxito de chantagem diplomática.

— Estais interessados em instalar um novo governo alemão? — perguntou Krebs.

— Que esperais conseguir? — perguntou Chuikov por sua vez — O governo mais popular será aquele que concordar com a rendição.

Nessa ocasião chegou outro membro do Conselho de Guerra e Chuikov avisou-o acerca de Krebs. «Ele fala bem o russo.»

Noutra ocasião Vishnevsky pegou na tradução para russo do documento de autorização de Krebs e exprimiu reprovação. — Está mal escrito — queixou-se. — Os alemães cometem erros gramaticais terríveis; podiam pelo menos ter tradutores cultos.

Enquanto esperavam por uma chamada de Zhukov, Chuikov e Krebs cavaquearam um com o outro. Krebs disse a Chuikov que prestara serviço em Moscou como adido militar adjunto. Chuikov perguntou-lhe onde estava durante a operação de Stalingrado, e Krebs disse-lhe que estava na frente central, perto de Rzhev.

— Tudo ponderado, Stalingrado não foi muito agradável — disse Chuikov.

— Sim, foi terrível — disse Krebs. — Foi o começo dos nossos infortúnios. Li um livro sobre Stalingrado. A propósito, quem é o senhor?»

Chuikov arreganhou os lábios num sorriso. — Chuikov — disse.

— Um comandante do Exército em Stalingrado.

— Ah! — exclamou Krebs. — Chuikov. Estou a ver.

Chuikov perguntou a Krebs porque se suicidara Hitler, e Krebs respondeu sem demora: — Derrota militar. Compreendia o grande sacrifício que o povo fizera.

Chuikov torceu o nariz. — Um bocado tarde — disse ele.

De vez em quando Chuikov falava ao telefone com o Marechal Zhukov. Duma das vezes, enquanto escutava Zhukov, voltou-se para Krebs e perguntou-lhe se tinha frio — «Talvez gostasse de pôr qualquer coisa em cima dos ombros?» Krebs disse que estava perfeitamente bem. Novamente Chuikov leu o texto da carta de autorização de Krebs para Zhukov. Um ajudante estendeu um papel a Chuikov e o general russo disse solenemente a Krebs: — Então foi organizado um governo para atuar no território alemão, reunir todas as forças e continuar a guerra?

Krebs pareceu ficar perplexo. — Não — protestou — para iniciar conversações e acabar com a guerra.

O tom de Chuikov era amargo. — Talvez nós acabemos com a guerra primeiro e iniciemos depois as conversações — sugeriu.

Enquanto estava novamente em comunicação com Zhukov, Chuikov perguntou a Krebs: — Onde está o corpo de Hitler? — Krebs respondeu que fora queimado, de acordo com a vontade do Führer. Chuikov informou Zhukov: — Queimaram-no em Berlim. É algo difícil de acreditar, mas é o que o general diz.

Chuikov ficou aborrecido e desconfiado quando Krebs lhe disse que Dönitz e Jodl estavam no Mecklenburg, comandando tropas alemães; estava apenas interessado numa capitulação geral e não gostava da ideia de haver dois governos alemães. — As nossas tropas levarão a cabo o assalto — disse ele a Krebs — enquanto tentais imaginar qual dos governos é que é o governo.

Krebs replicou azedamente. — É por isso que pedimos um armistício.

Chuikov olhou-o fixamente. — Rendam-se!

Pouco depois das 6,30 da manhã de 1 de Maio, Zhukov pediu para ver os documentos de Goebbels. Krebs disse que era importante que o seu governo pudesse reunir-se tão cedo quanto possível para discutir a capitulação, mas Chuikov disse-lhe que o governo não se reuniria antes da «rendição incondicional» da guarnição de Berlim. Krebs protestou que se a guarnição de Berlim se rendesse o governo nunca se reuniria: a rendição completa, disse, não podia ser decidida anteriormente ao reconhecimento do novo governo alemão.

— Mas isso significa que quereis lutar até ao fim — disse Chuikov. Perguntou porque não podia Goebbels negociar a rendição. Krebs respondeu que Goebbels não estava autorizado a fazê-lo pela última vontade de Hitler, que não podia ser tomada qualquer decisão sem participar tudo a Dönitz. Krebs também não concordaria em ler a última vontade do Führer pela rádio, porque «seriam notícias inesperadas para Dönitz».

Chuikov suspirou. — Como militar, estou interessado somente numa coisa — em acabar com as forças inimigas — disse ele. — Nós fazemos questão da rendição completa.

Krebs protestou: — Mas se a guarnição de Berlim for exterminada, não haverá governo alemão.

Chuikov resmungou impacientemente. — Disparate!

— Disse-lhe da minha missão — disse Krebs. — Não tenho outra.

— E eu informei-o da nossa condição única e final — replicou Chuikov. — Rendição incondicional.

Enquanto a discussão se arrastava, Chuikov sugeriu que Krebs «mande alguém de volta (ao Abrigo do Führer) para não se preocuparem, enquanto o senhor está conosco.» Krebs sugeriu mais uma vez uma pausa na batalha, mas Chuikov repeliu-o. «Não, escreva um bilhete ao Dr. Goebbels para ele não se preocupar.» Depois começaram a disputar sobre se a rendição devia ou não preceder o reconhecimento do novo governo. Chuikov telefonou a Zhukov para lhe contar dos receios de Krebs de que Himmler formasse um governo próprio quando soubesse da morte de Hitler. Zhukov foi de opinião que Himmler devia primeiro ser declarado traidor, de modo a impedir os seus planos, e Krebs aquiesceu.

ansiosamente; pediu que lhe fosse permitido mandar um dos seus oficiais a Goebbels com esta proposta. Mas Chuikov disse-lhe que devia informar Goebbels de que não poderia haver novo governo sem rendição.

Krebs sugeriu: — Deixem-nos ter uma pausa. Estabeleceremos um governo...

Chuikov interrompeu-o. — Depois da rendição completa.

Krebs suspirou e repetiu a sua palavra favorita de uma sílaba — Não.

Foi-lhe recordado: — Tem Goebbels e os outros, e pode anunciar a rendição.

— Só com a autorização de Dönitz — respondeu Krebs — e ele não está em Berlim. Podíamos enviar Bormann a Dönitz logo que houvesse um cessar-fogo.

— Só na base de rendição, após o que Dönitz pode vir ter conosco, como o senhor fez — disse Chuikov.

— Deixem Dönitz vir aqui — sugeriu Krebs.

O General Vasili Sokolovsky, comandante substituto da Primeira Frente Bielo-Russa de Zhukov, que acabava de entrar na sala, interrompeu Krebs. — Rendam-se e deixá-lo-emos vir imediatamente — disse ele ao alemão.

Krebs disse que não estava autorizado a fazê-lo, mas deu ao assunto um momento de atenção. Depois disse a Chuikov que poderia «perguntar a Goebbels quanto a tudo isto», se os russos lhe permitissem mandar um oficial de volta à Chancelaria do Reich. A cabeça calva de Krebs estava transpirando; mexia na Cruz de Ferro no seu dólman. Quando Chuikov concordou, Krebs persistiu: haveria uma trégua antes da rendição? Sokolovsky cortou-lhe a palavra — os russos não permitiriam a Goebbels fazer qualquer discurso acerca duma trégua.

Finalmente, depois de outra chamada telefônica para Zhukov, concordou-se em que Krebs enviaria um coronel alemão a Goebbels com os termos soviéticos. Krebs conferenciou com o coronel durante cerca de cinco minutos e depois mandou-o seguir o seu caminho com uma escolta russa. Entretanto Chuikov deu ordem para um batalhão da zona avançada estabelecer contato com os alemães a fim de o coronel poder passar através das linhas.

Krebs tornara-se agora expansivo quanto ao novo governo alemão. Evidentemente, disse, basear-se-ia na autoridade de Hitler, mas talvez a sua base fosse mais larga,

mais democrática. A Alemanha estaria em maus lençóis disse ele, «se a Inglaterra e a França nos impusessem a fórmula dum sistema capitalista».

Chuikov respondeu que os russos não tinham a intenção de exterminar o povo alemão. «Mas não toleraremos o fascismo.»

Krebs inclinou a cabeça em concordância. «Penso que há só um chefe que não quer destruir a Alemanha — Stalin. Declarou que era impossível destruir a União Soviética e que era do mesmo modo impossível destruir a Alemanha. Será terrível se tiverem as mãos livres para lidar conosco.» Quanto a Himmler, avisou que o Der Treue Heinrich «pensa que o Exército Alemão pode ainda ser uma força contra o Leste. Foi isso que ele disse aos vossos aliados.»

Eram dez horas da manhã de 1 de Maio. O telefone tocou. Chuikov pegou-lhe, ouviu durante algum tempo e depois desligou.

— O governo soviético dá a sua resposta final — disse ele. — É a rendição geral ou a rendição de Berlim. Se isto for rejeitado, iniciaremos um novo bombardeamento de artilharia da cidade às dez e um quarto.

Krebs abanou a cabeça. — Não tenho autoridade. Temos de continuar a combater, e tudo isto acabará mal.

O telefone tornou a tocar — o coronel enviado por Krebs ficara debaixo de fogo e não conseguira atravessar a linha da frente. Krebs ficou esmagado. — Isso é uma grande infelicidade — disse. — Eu bem pedi uma pausa, como sabem.

— Nós não estamos a disparar — disse Chuikov numa voz cortante. — São os alemães.

Lançaram-se outra vez numa discussão sobre os termos. Sokolovsky repetiu que os russos não concordariam com uma trégua e negociações separadas. Sugeriu que os alemães se rendessem e anunciassem ao mesmo tempo um novo governo, para evitar o caos político. Os russos poriam um posto de rádio à disposição de Krebs em Berlim. Krebs disse que pensava que Goebbels poderia concordar com isso. Foi-lhe dito que depois da rendição de Berlim seria facultado a Goebbels um aeroplano ou um carro, e um posto de rádio, de modo a poder comunicar com Dönitz.

— Não seremos presos? — perguntou Krebs.

— Não sabemos o que os governos aliados decidirão — disse Sokolovsky.

Krebs insistiu; foi-lhe dito por Sokolovsky que submetessem uma relação escrita às Nações Unidas depois da capitulação. Entretanto a União Soviética garantiria aos membros dum novo governo provisório o direito de estabelecer contato com os governos aliados numa base inteiramente oficial.

A porta abriu-se e o intérprete que acompanhara o coronel até às linhas alemãs entrou, excitado. Disse que um atirador furtivo alemão disparara contra um major russo que ia no grupo de tréguas, provavelmente ferindo-o mortalmente, mas que o coronel alemão, após alguma hesitação, lhe tirara o capote e as armas pessoais e continuara a avançar com uma bandeira branca.

Krebs disse ao intérprete que voltasse e se assegurasse de o coronel tornar a atravessar as linhas russas a salvo quando regressasse do Abrigo do Führer. O intérprete pediu um megafone e uma bandeira branca, e Chuikov disse-lhe que podia obtê-los.

Quando o intérprete se voltava para partir, um oficial russo pegou num telefone. — Não disparem no sector Trinta e Cinco, desde o lago até ao Jardim Zoológico — disse à pessoa do outro lado da linha. — Não disparem na primeira e na segunda ruas nem sobre a Friedrichstras.se. Estão a atravessar negociadores de tréguas.

O grupo sentou-se para um almoço de conhaque e de aperitivos, discutindo por entre as dentadas os termos que Krebs levaria a Goebbels quando tivesse notícias dele. A chamada de Goebbels chegou enquanto estavam falando; os russos tinham estabelecido contato por rádio com o quartel-general alemão. Goebbels pediu que Krebs regressasse para os termos poderem ser discutidos, e Chuikov concordou que ele podia partir.

Krebs leu as suas notas, conferindo as condições:

1. A capitulação de Berlim.
2. Entrega das armas por todos os que se rendem.
3. Garantia das vidas dos oficiais e soldados numa base comum.
4. Garantia de assistência aos feridos.
5. Possibilidade de negociações pela rádio com os aliados assegurada.

Chuikov repetiu-as na sua própria linguagem: «Ao vosso governo será dada a oportunidade de anunciar que Hitler está morto e que Himmler é um traidor, e de declarar a capitulação completa aos três governos — o da União Soviética, o dos Estados Unidos e o da Grã-Bretanha. Em consequência, nós satisfazemos parcialmente o vosso pedido. Auxiliaremos a estabelecer um governo? Não. Mas damos-vos o direito de apresentar uma lista de pessoas que gostaríeis que não fossem feitas prisioneiros de guerra. Damos-vos o direito de apresentar uma relação às Nações Unidas depois da capitulação. O futuro destino do vosso governo depende delas.»

Krebs interrompeu-o. — A lista que dermos das pessoas em Berlim não será considerada como lista de prisioneiros de guerra?

— Exato — disse Chuikov numa voz ríspida. — Os oficiais manterão a sua patente, ordens e armas pessoais. Damos-vos o direito de apresentar uma lista de membros do governo, o direito de estabelecer contato com Dönitz, e assim por diante. Mas tudo isso depois da capitulação.

Krebs fez a continência a todos em redor, abotoou o seu dólma e partiu. Era uma hora da tarde do dia Primeiro de Maio.

Martin Bormann e Joseph Goebbels tinham estado aguardando impacientemente o regresso de Krebs. Bormann especialmente queria a sua posição legitimada; Goebbels estava apenas decidido a que o traidor Himmler não se apoderasse do poder. Quando Krebs lhes passou os termos russos, ambos os homens ficaram desapontados, mas a atitude de Goebbels foi fatalista; apesar de tudo, decidira morrer em Berlim. Os termos foram rejeitados, e Goebbels mandou um mensageiro a Chuikov com a informação para esse efeito. Depois retirou-se para o seu apartamento e enviou uma mensagem pela rádio a Dönitz, dizendo-lhe da morte de Hitler e prevenindo-o de que Bormann esperava ir ter com ele nesse dia para o pôr a par da situação. A mecânica do anúncio da morte do Führer à Imprensa e às tropas foi deixada ao critério de Dönitz.

Bormann iniciou imediatamente os preparativos para a sua fuga. Já fizera outra vez uma comunicação por rádio a Dönitz por sua conta — desta vez para lhe dizer que o testamento estava em vigor e que ele, Dönitz, era agora o chefe do governo, acrescentando: «Juntar-me-ei a si o mais depressa possível.» Convocou uma reunião de almas gêmeas — o General das S.S. Mohnke, o Embaixador Hewel, o piloto de Hitler, Baur, e outros — para planearem a sua fuga para o quartel-general de Dönitz. Foi decidido que partiriam às nove da noite e passariam por várias caves

e túneis até à estação do metropolitano da Wilhelmstrasse, e daí para a estação da Friedrichstrasse, onde viriam à superfície. Pôr-se-iam depois sob a proteção do grupo de combate de Mohnke, que estivera a defender a zona da Chancelaria, forçariam o seu caminho sobre o Spree e infiltrar-se-iam nas linhas russas para o Oeste.

Antes ainda de darem os primeiros passos, o seu plano foi quase frustrado. Hans Fritzsche, chefe dos Serviços de Radiodifusão do Reich, estava tentando havia horas descobrir o que se passava: nem sequer sabia que Hitler estava morto. Não conseguira encontrar o General Weidling, porque ninguém sabia onde estava localizado o posto de comando do general, e o Prefeito de Berlim, Steeg, fora capturado pelos russos. Fritzsche pensava que era tempo de se renderem. Encaminhou-se por cima dos corpos dos mortos — e dos feridos também— para o Ministério da Propaganda, onde lhe disseram que o Dr. Werner Naumann, assistente de Goebbels, estava a caminho, vindo da Chancelaria, para informar da situação.

Pouco depois do cair da noite Naumann chegou; a sua roupa pegara fogo com os tições provocados pelo bombardeamento de artilharia que voavam por todos os lados, e estava ainda a dar palmadas no seu dólmã fumegante. Disse a Fritzsche do suicídio de Hitler, e disse que Goebbels estava planeando matar-se também. Igualmente anunciou ao pessoal que Bormann estava chefiando uma expedição de fuga da cidade às nove horas.

Fritzsche ficou furioso. Chamou louco a Naumann e perguntou-lhe: «Para quê agora este banho final de sangue?» Naumann recusou-se a discutir a situação, pelo que Fritzsche lhe disse que ele, Fritzsche, como funcionário civil mais elevado em Berlim, faria a rendição da cidade aos russos. Naumann mudou de tom: suplicou a Fritzsche que desse ao grupo de fuga tempo de se afastar. Fritzsche disse que só o faria com a condição de Bormann mandar cessar imediatamente toda a atividade dos Lobisomens.

Naumann e Fritzsche apressaram-se a ir à Chancelaria para conferenciarem com Bormann, que envergava agora um uniforme das S. S. com uma pistola-metralhadora em bandoleira. Bormann a princípio estava encolerizado; disse a Fritzsche: «Você devia ser fuzilado». Mas quando Fritzsche se recusou a ser intimidado, Bormann desistiu. Chamou um oficial das S. S. e disse-lhe que suspendesse toda a atividade dos Lobisomens, que a organização dos Lobisomens estava dissolvida.

Satisfeito, Fritzsche voltou para o Ministério da Propaganda, onde uma multidão de várias centenas de pessoas se juntara nas caves. Contou-lhes dos seus planos para oferecer a rendição da cidade, depois deixou-os e fechou-se numa sala para redigir uma carta para o Marechal Zhukov. O seu secretário devia traduzir a carta e levá-la através das linhas. Um operador de rádio estava ali próximo.

Tinha a carta em meio quando bateram à porta. O secretário, Junius, abriu a porta e deixou entrar o General Burgdorf, o oficial do Exército Regular que se transformara num perfeito bajulador do Führer.

Burgdorf estava bêbedo. Cambaleava ao dizer a Fritzsche: «Com que então quer render-se?, rugia ele. «Então tenho de o fuzilar.»

Fritzsche lançou um relance de olhos ao operador de rádio e tentou ganhar tempo. «Devemos também lutar até à última mulher?», perguntou calmamente a Burgdorf.

Burgdorf tirou a sua pistola do coldre, e quando o fez o operador de rádio alcançou-o e levantou-lhe o braço para o ar. A bala alojou-se no teto. O operador de rádio levou depois Burgdorf da sala, esmagado e trêmulo. Daí a algumas horas Burgdorf matava-se a tiro, e o mesmo fizera o oportunista Krebs.

Pouco antes das oito e meia dessa noite, Goebbels chamou o seu ajudante, Schwaegermann, e disse-lhe do seu plano de se suicidar juntamente com a mulher. Pediu a Schwaegermann que arranjasse alguma gasolina e fê-lo prometer que queimaria os dois corpos. Schwaegermann concordou e foi procurar a gasolina. Entretanto, sem conhecimento de Schwaegermann, tinham sido dadas injeções mortais aos seis filhos de Goebbels por um dos médicos da corte.

Poucos minutos depois, Goebbels e a mulher emergiram do seu apartamento, disseram adeus aos que estavam no corredor e subiram para o jardim. Aí foram mortos a tiro por uma ordenança das S. S., ao qual a horrível tarefa fora destinada anteriormente. Schwaegermann despejou quatro latas de gasolina sobre os seus corpos e deitou-lhes fogo. Não se demorou a vê-los arder, porque toda a gente estava ansiosa por se juntar à expedição de fuga que se estava formando agora na cave da nova Chancelaria. Schwaegermann e um soldado das S. S. receberam ordem do General Mohnke de deitarem fogo ao Abrigo do Führer; fizeram-no despejando uma lata de gasolina na sala das conferências e atirando depois um trapo a arder para dentro da sala.

Já passava das onze horas quando as várias centenas de pessoas do grupo de fuga fizeram a sua partida. Partiram em grupos, com Bormann num dos grupos intermédios. À medida que avançavam iam deparando com o fogo russo, e passado algum tempo tiveram de dispersar-se, prosseguindo sós ou aos pares para buscarem a segurança onde pudessem encontrá-la. Bormann e o Dr. Stumpfegger caminharam na direção Leste ao longo da Invalidenstrasse. Eram seguidos pouco depois por Artur Axmann, que não estava disposto a juntar-se às suas tropas da Juventude de Hitler numa resistência da última trincheira contra os russos. Axmann encontrou os cadáveres de Bormann e de Stumpfegger jazendo perto da linha do caminho de ferro sob a passagem superior da Invalidenstrasse. Não viu ferimentos óbvios e concluiu que tinham sido mortos a tiro pelas costas; estava demasiado apressado para examinar os corpos detidamente.

Enquanto o bando de fuga estivera completando os seus planos, houvera uma interrupção num programa da Sétima Sinfonia de Bruckner na emissora de Hamburgo. A música parou, houve um rufar de tambores, e depois um breve silêncio. Seguiu-se a voz dum locutor: «O nosso Führer, Adolf Hitler, lutando até ao último alento contra o bolchevismo, caiu pela Alemanha esta tarde no seu quartel-general de operações na Chancelaria do Reich. Em 30 de Abril o Führer designou o Grande-Almirante Dönitz como seu sucessor. O Grande-Almirante e sucessor do Führer vai agora falar ao povo alemão.»

Dönitz não sabia, evidentemente, como Hitler morrera; o relatório de Goebbels falava apenas da sua morte. Mas o Grande-Almirante esteve à altura da ocasião. Referiu-se à «morte de herói» do lunático Führer e ofereceu-se como penhor de «salvar a Alemanha da destruição pelo inimigo bolchevista a avançar».

Isso foi pouco depois das dez horas da noite de 1 de Maio. Imediatamente antes da meia-noite, o secretário de Hans Fritzsche com dois acompanhantes, deixou o Ministério da Propaganda com a carta em que Fritzsche oferecia negociar com Zhukov para a rendição de Berlim.

O Abrigo do Zoo ainda resistia, mas o General Sidow ordenara a evacuação dos feridos que podiam andar e de várias centenas de soldados. Hilde Lemke aceitou a oportunidade de ir com eles; pensou que poderia ser capaz de se esconder algures nos subúrbios ocidentais enquanto os russos tomavam posse da cidade, até a ordem ter sido restabelecida ao ponto de os alemães de uniforme não serem fuzilados à vista.

Encaminharam-se primeiro para a estação do metropolitano do Jardim Zoológico e começaram a andar ao longo das linhas. O avanço era lento, porque centenas de mulheres e crianças tinham caído exaustos e não havia lugar para elas fazerem senão no caminho dos que marchavam. Contudo, à meia-noite tinham coberto cinco milhas, quando deixaram o metropolitano na estação do Reichssportfeld, na zona Noroeste da cidade. Estranhamente, parecia não haver russos nas proximidades, e os caminhantes arrastaram-se por mais cinco milhas, dirigindo-se para Spandau, onde se dizia haver ainda um caminho de fuga aberto para o Ocidente. Alguém disse a Hilde que Hitler morrera, mas ela não foi capaz de pensar em coisa nenhuma para dizer; estava demasiado entorpecida para ter qualquer sentimento para com alguém que parecia assim afastado da realidade da sua própria triste situação.

Na Ponte de Spandau, sobre o Havel, depararam com a sua primeira dificuldade: um engarrafamento de trânsito, com empurrões e brigas, provocado pelo pesado bombardeamento de artilharia russa. O General Sidow saltou para um carro e seguiu, para tentar fazer alguma coisa quanto ao engarrafamento. Voltou daí a meia hora, e o grupo em que estava Hilde decidiu dividir-se e tentar reunir-se em Döberitz, que se supunha ser mantida pela Juventude de Hitler. Hilde conseguiu um lugar num transporte de pessoal e foi-lhe dado um capacete de aço e uma capa de camuflagem para se proteger da chuva que começara a cair.

Seguiram sob o pesado bombardeamento para os Kleingärten ou horta comum parcelada, onde o camião saiu subitamente da estrada e caiu numa trincheira. Hilde foi atirada ao chão, mas pôs-se de pé imediatamente, mal sentindo uma dor na anca. O motorista fora ferido num ombro, e o camião estava definitivamente preso na trincheira. Ela continuou a caminhar no meio dum bando de refugiados civis, alguns dos quais empurravam carrinhos de bebé com crianças a chorar. Pouco adiante, porém, um comboio de veículos encravado na Heertrasse barrava novamente o trânsito. Lá à frente, um tanque russo T-34 estava a apontar para a estrada. Hilde meteu-se numa trincheira e ali ficou a descansar durante cerca de meia hora, com o corpo encharcado e as pernas afundadas em dois pés de lama. Quando deixou a trincheira voltou para trás, encaminhou-se através duma aldeia às escuras e devastada pelas granadas, na obscuridade chuvosa, e encontrou-se subitamente no campo de aviação de Staaken. Tornou a deitar-se ao abrigo dum cais de caminho de ferro e estava a deixar-se adormecer quando houve altos gritos de alerta, e oito soldados russos saltaram por cima do cais, quase caindo no seu colo.

Entregou aos russos a sua pistola e eles conduziram-na com mais alguns prisioneiros para um restaurante próximo utilizado como ponto de concentração de prisioneiros. Tiraram-lhe dois dos seus anéis e o relógio, mas persuadiu-os a deixarem-lhe ficar a aliança de casamento. Os russos pareciam encantados com as condecorações no seu dólmã e chamaram-lhe «Frau Orden» — A Senhora Condecoração. Mas fizeram-na tirar a sua braçadeira com a cruz suástica antes de lhe darem alguma coisa de comer.

Hilde dormiu encolhida num canto do restaurante até às oito horas da manhã de 2 de Maio. Quando acordou, um oficial russo estava a observá-la. Sorriu para ela. «Mulher alemã», disse ele, «agora vai para casa.»

Quando o rapaz de dezesseis anos Lothar Loewe acordou na cave da casa na Kurfürstendamm, não pôde acreditar no sargento da Juventude de Hitler que lhe disse que Hitler estava morto. Mas quando se persuadiu de que a informação era verdadeira, encontrou algum consolo nas notícias de que Hitler tivera uma «morte de herói — chefiando as suas tropas». Fosse como fosse, estava mais interessado em salvar a sua própria vida.

Ele e mais alguns rapazes da Juventude de Hitler saíram para procurar um carro em que pudessem fugir. Mas os camiões passavam por eles a roncar, carregados de soldados, até que apareceu um destacamento de tanques das S. S. e parou. Lothar ficou contente por ver as S.S. — sabia que tinham sempre abundância de gasolina. Meteu-se num dos tanques e seguiu com o destacamento na direção de Spandau, conseguindo até dormir uma soneca. Descobriu quando acordou que a unidade parara, e saiu para desentorpecer as pernas. Havia dois pequenos carros de comando parados ali perto, e quando Lothar se encaminhou para eles descobriu, para sua admiração, que um deles era guiado pelo Major Bechtle, o seu oficial comandante.

O major ficou encantado ao ver Lothar e levou-o a uma casa de apartamentos próxima, onde um médico lhe deu uma injeção antitetânica para os seus ferimentos. Depois tornaram a partir na direção de Spandau, atravessaram a ponte — que estava agora apinhada de cadáveres — e conseguiram prosseguir através do bombardeamento de artilharia até Staaken, nos limites da cidade. Aí juntaram-se a uma coluna constituída na sua maior parte por antigos veículos a gasogénio e incluindo também camiões de entrega de mercadorias, motocicletas, autocarros de dois andares e triciclos de distribuição. Mantiveram-se com a coluna por cerca de cinco milhas, mas quando ela virou para o Sul abandonaram-na, para continuarem direitos ao Ocidente.

Depois de andarem mais duas milhas, tiveram de sair da estrada quando ouviram uma coluna russa a avançar por ela. Esconderam-se até ela passar, e depois voltaram para a estrada juntando-se à cauda da coluna russa.

— Não darão por nós — disse o major. — Apesar de tudo, os russos utilizam uma grande quantidade de veículos alemães. E assim vamos mais depressa.

Mas o Major Bechtle cometeu um erro grave: os russos conduziam com os seus veículos de luzes acesas, enquanto o carro de comando as tinha apagadas. A sorte deles manteve-se durante algumas milhas, mas num bloqueio da estrada os russos ficaram desconfiados e abriram fogo de pistola-metralhadora. Nenhum deles foi atingido, mas uma bala acertou no radiador do carro e o motor gripou.

Meteram-se então a pé pelos campos e encaminharam-se para uma linha de caminho de ferro de via simples perto de Etzen, onde pararam para descansar num fosso. Mas quando estavam a instalar-se ouviram vozes falando francês; estava a passar um destacamento de trabalhadores forçados franceses, caminhando ao longo da linha.

— Já está — disse o major. — Ouviram-nos com certeza e vão assinalar-nos aos russos.

O major tinha razão. Daí a poucos minutos apareceram na estrada ao longo da linha três camiões carregados de russos e pararam a uma centena de jardas.

— Penso que podemos dizer que nos excedem em número — disse o Major Bechtle. — Podemos muito bem render-nos.

Portanto puseram-se de pé com as mãos no ar, e conseguiram não perder a cabeça quando os soldados russos lhes tiraram os relógios, bem como as armas, apesar de o Major Bechtle estar resmungando de si para consigo. Quando os russos acabaram de os revistar, avançou um oficial e falou aos soldados. Os soldados protestaram mas o oficial levantou a voz até chegar a gritar, e deixou-se ficar até os soldados lhe darem os relógios.

O oficial avançou para Loewe e para o Major Bechtle — Tomem lá os vossos relógios — disse. — Nós, russos, temos os nossos.

No edifício da Lebensstrasse que deitava para o Jardim Zoológico, o Major Arnulf Pritsch e os seus companheiros oficiais estavam encantados de receber uma

«Ordem Especial» do Abrigo do Führer. Informava-os de que Hitler fora morto enquanto combatia no seu posto de comando, e ordenava a todas as forças militares que seguissem para Oeste para se juntarem ao Décimo Segundo Exército de Wenck. Foi-lhes difícil esperar até cair a noite de 1 de Maio para iniciarem a fuga.

Como Hilde Lemke fizera, Pritzsch e o seu grupo de uns trezentos homens desceram para a estação do metropolitano do Jardim Zoológico e seguiram as linhas na direção da Adolf-Hitler-Platz. Por cima das suas cabeças podiam ouvir os russos marchando na direção oposta; não podiam utilizar as suas lanternas de pilhas porque havia enormes buracos na rua, diretamente por cima das linhas do metropolitano. Passadas cerca de duas horas, porém, atingiram a Adolf-Hitler-Platz e subiram à superfície; estavam-se dirigindo para Döberitz, pela Heerstrasse, mais uma vez como Hilde Lemke fizera. Lá foram cambaleando até terem passado o Reichssportfeld, e então a coisa aconteceu. O chefe do estado-maior, um oficial da reserva, riscou um fósforo para acender um cigarro, e quase simultaneamente houve uma rajada de fogo de metralhadora diretamente à frente deles. Toda a gente se atirou ao chão, amaldiçoando o chefe do estado-maior.

Mas se os russos eram fáceis no gatilho, não estavam inclinados nessa noite a seguir os seus tiros de aviso; não houve mais tiroteio. Após uma curta espera, os alemães puseram-se em marcha para o Norte, para Ruhleben. Aí, na Spandauerdamm, depararam com um destacamento de quinze tanques Tigre tripulados por austríacos. O grupo de Pritzsch, que incluía agora mulheres e crianças, dividiu-se em grupos mais pequenos e caminhou atrás dos tanques. Tudo correu bem até atingirem a Stresowplatz, perto da ponte sobre o Havel, onde a coluna foi subitamente apanhada pelo fogo de metralhadora de dúzias de telhados. O fogo ceifou caminheiros em grande número, incluindo muitas das mulheres e das crianças. Mas os tanques começaram a ripostar ao fogo, e os sobreviventes, entre eles um muito abalado Pritzsch conseguiram atravessar a ponte atrás dos tanques e seguir para Spandau.

Depois de terem passado pelos antigos terrenos de treino do Exército em Döberitz, Pritzsch conseguiu uma boleia em cima dum dos tanques; estava agora um frio cortante e chovia, mas era melhor do que caminhar a pé. Pararam junto a uma pequena aldeia, na propriedade rural dum velho aristocrata, von Bredow que ficou admirado de ver militares alemães na vizinhança. Os russos tinham por lá passado três dias antes e tinham causado poucos prejuízos, mas agora receava que eles voltassem.

Tinha razão. Pritzsch estava sentado na mansão senhorial abrindo uma lata de carne de conserva, quando os russos enxamearam no pátio e deitaram fogo aos celeiros. Os alemães ofereceram a resistência que puderam, mas por volta das cinco horas da manhã de 2 de Maio tinham-se-lhe acabado as munições, e não havia nada a fazer senão renderem-se.

— Francamente, espero ser fuzilado — disse Pritzsch a um companheiro oficial quando estavam de pé contra uma parede para serem revistados em busca de armas.

— Já disse a única oração que conheço — respondeu o oficial.

Esperava-os uma surpresa. Quase como assunto de rotina perderam os seus relógios e outras joias, e Pritzsch também foi aliviado de cinco mil marcos que levantara do banco alguns dias antes para utilização numa emergência; mas os oficiais da unidade russa — parte dum regimento de infantaria de Kiev — convidaram os oficiais alemães, num alemão fluente, a jantar com eles numa das casas da quinta. Comeram galinha, presunto e carne de vaca e fizeram brindes mútuos com vinho e Asbach Uralt genuína, uma óptima aguardente alemã. Pritzsch encontrou subitamente alguma consolação no facto de a guerra estar acabada para ele.

A guerra acabou nessa noite de 1 para 2 de Maio para os rudes defensores do Abrigo do Zoo. Os russos enxamearam na fortaleza pouco depois das 2 horas da manhã, depois de ameaçarem minar o edifício e passarem depois o seu tempo a fazê-lo saltar pedaço a pedaço. Um dos primeiros a deparar com os invasores foi Egon Mangerrapp, um primeiro-sargento da Luftwaffe de quarenta e quatro anos que comandava as ordenanças e outros trabalhadores não médicos no hospital do segundo piso.

Duas semanas antes, Mangerrapp mudara a sua mulher, as suas duas filhas e um genro para o Abrigo do Zoo, para garantir a sua segurança. Antes de os russos chegarem mandara as ordenanças tirar todas as armas aos pacientes das S. S. e entregá-las no seu pequeno gabinete. Deste modo Mangerrapp estava pronto a honrar pessoalmente as regras da capitulação quando os russos irrompessem na fortaleza.

Como esperara, as primeiras palavras dos russos foram «Entreguem todas as armas.» Mangerrapp dirigiu-se para a arrecadação onde tinha armazenado as armas e abriu-a para os invasores, quatro dos quais se acotovelavam no seu gabinete com

as pistolas-metralhadoras aperradas. Quando voltou, descobriu os quatro soldados de joelho no chão, tagarelando com a sua filha de nove anos. Marianne e carregando-a de chocolates.

— É uma linda menina — disse o sargento russo a Mangerrapp. — Agora vamos lá buscar todas as vossas armas.

Durante a hora seguinte, pouco mais ou menos, desfilou uma sucessão de russos no pequeno gabinete, todos com as mesmas perguntas a fazer: «Onde está o vosso Hitler?» e «Estão aqui alguns nazis?» e «Onde estão os das S. S.?» Mangerrapp fez de mudo; manteve-se abanando a cabeça e dizendo: «Não sei. Não sei quem cá está.»

Nessa noite escondeu a sua mulher e a sua filha casada de vinte e quatro anos, Ilona, debaixo de alguma roupa suja numa das enfermarias, e depois empilhou algumas caixas vazias em redor delas. Marianne dormiu no gabinete, guardada pelo pai e pelo cunhado, Heinz Esser, um cabo da Luftwaffe de licença por doença, de Hanover. Mas toda a noite o hospital foi um tumulto de gritos enquanto os soldados russos, bêbedos de álcool puro obtiveram o seu prazer selvagem com as enfermeiras e com as outras mulheres no abrigo.

Apenas a alguns quarteirões de distância, o oficial do 57.º Corpo de Tanques rabiscou alguns novos registos no seu diário:

1 de Maio. Estamos no Aquário. Cratera após cratera para qualquer lado que olhe. As ruas estão exalando vapor. O cheiro dos mortos é por vezes insuportável. Na noite passada, no andar por cima de nós, alguns oficiais e soldados da polícia celebraram o seu adeus à vida, apesar do bombardeamento de artilharia. Esta manhã, homens e mulheres estavam jazendo na escada apertadamente abraçados e bêbedos. Através dos buracos de granada nas ruas pode-se olhar para os túneis do metropolitano. Parece que os mortos estão lá jazendo debaixo de várias camadas.

Tarde. Temos de retirar. Metemos os feridos no último carro blindado que nos resta. Ao todo, a divisão tem agora cinco tanques e cinco peças de campanha. Ao fim da tarde, novos boatos de que Hitler está morto, de que a rendição está sendo discutida. É tudo. Os civis querem saber se vamos tentar forçar a saída de Berlim. Se vamos, querem juntar-se-nos.

Os russos continuam a avançar debaixo do chão e a surgir depois dos túneis, algures, atrás das nossas linhas. Nos intervalos do logo podemos ouvir os gritos dos civis nos túneis.

A pressão está a tornar-se demasiado forte; temos de retirar outra vez... Já não há anestésicos. A cada momento surgem repentinamente mulheres duma cave, com as mãos comprimindo os ouvidos, por já não poderem suportar os gritos dos feridos.

20

Oito minutos depois das três horas da tarde do Primeiro de Maio, o General Chuikov estava ao telefone como habitualmente. Acabara de receber um relatório de que «a nossa gente está no meio do Jardim Zoológico», e estava satisfeito, mas impaciente.

— Isso não é mau — disse ele ao oficial na outra ponta d, linha. — Vai para o caminho de ferro? Bem. Como se está a com portar o inimigo? É essa a ideia — seguir para o Norte, para fazei a junção com o General Bogdanov o mais cedo possível. O principal é a praça central. Todo o centro da cidade é o vosso alvo.

Afundado com um ar de cansaço numa poltrona estofada, o correspondente de guerra Vsevolod Vishnevsky estava pensando acerca do General Krebs. Talvez Krebs fosse um agente de alto nível dos serviços de informações. Esse ângulo devia ser levado em conta.

O General Sokolovsky pegou noutro telefone. O seu tom e modos eram cordiais, amigáveis. — Parabéns pelo Primeiro de Maio — gritou. — O General Krebs esteve cá. Negocieei com ele. Krebs pediu-nos para o ajudarmos a formar um governo. Não concordámos. Exigimos a capitulação de Berlim, e depois disso deixa-los-emos ter uma linha para um anúncio da sua rendição completa às Nações Unidas, e um posto de rádio para fazerem o anúncio relativo à traição de Himmler e acerca de o governo provisório assumir o poder. Goebbels não concorda, quer formar um novo governo primeiro —está a esquivar-se... O nome é Krebs— um general de infantaria. Diga tudo isto rapidamente ao Marechal Zhukov. Há alguma coisa de Moscou?

Enquanto a tarde ia avançando para a noite, porém, os oficiais do posto de comando de Tempelhof pareciam ter-se esquecido das negociações de tréguas sob a premência dos seus afazeres militares — agora visando a sujeição e ocupação completas de cada pé quadrado de terreno em Berlim. Chegaram notícias de que as tropas russas estavam na estação de Potsdam e de que o inimigo estava ripostando com metralhadoras e bazucas. — Bombardeiem-nos com granadas! — mandou Chuikov. — Deixem-se de conversas! Assaltem o local!

O bloco 152 —quartel-general da Gestapo— foi tomado. Havia luta violenta ao longo dum sector do Rio Spree, perto do centro da cidade —Tomem a Charlottenburger Chaussee — rugiu Chuikov ao telefone. — Depois para a direita — na direção dos edificios do governo, por todos os lados.

Pegou noutro telefone —Sim, compreendo. A delegação não chegou. Informe daqui a quinze minutos.

Os russos estavam avançando implacavelmente; não havia tréguas nem cessar-fogo em parte nenhuma. O Exército de Assalto do General Berzarin e as Guardas do General Chuikov moviam-se lenta mas seguramente para uma junção. — Depois mandarei tudo para Charlottenburg para a limpeza — disse Chuikov a Vishnevsky.

Vishnevsky pediu autorização de ir para a frente. Chuikov disse que era melhor nem sonhar nisso, mas estava sorrindo. — Apanhava vinte dias de detenção por sua causa, Vishnevsky.

Os alemães estavam disparando com bazucas e utilizando canhões antiaéreos; aparentemente não tinham outras peças de artilharia. Havia ao Norte, contudo, pesado fogo de armas ligeiras e de metralhadora. Chuikov perguntou pelo telefone. — Quem é que lá está? Descubra! Ande depressa.

O General Sokolovsky suspirou. — Queremos uma arremetida — disse. — Katukov podia fazê-la. —Mas tinham sido mortos e feridos setecentos homens para ser tomado o Ponto 8 do mapa. Repetiu. — Só precisamos duma arremetida final, mas não podemos fazê-la. Só faltam trezentas ou quatrocentas jardas. Não é uma arremetida mas um rastejo.

Chuikov abanou a cabeça. — Não podemos fazer uma arremetida. As tropas podem ver que a guerra está ganha, e estão combatendo com prudência. Ninguém quer morrer em Berlim.

Chegou a hora do jantar e Chuikov debicou a comida; Sokolovsky comia de boa vontade, mas nervosamente. Os ponteiros do pequeno relógio francês avançaram para as nove, para as dez. Um destacamento russo ficara encravado junto à parede do palácio dos desportos, mas um grupo de reconhecimento estava a arrastar-se para o Abrigo do Zoo. Chuikov gritava as suas ordens ao telefone: — Tomem a Tiergartenstrasse e depois parem. Repito: o vosso limite é a Tiergartenstrasse. — e. — Camarada Belyavsky? Tem de entrar em contato com Kuznetsov e fazer a junção com ele a todo o custo. É tempo de nós, eu, Bogdanov e Kuznetsov descermos juntos a avenida da vitória.

Os russos tomaram a Embaixada da Suécia, e os suecos pediram uma guarda. Os suecos estavam felizes, cheios de elogios para o Exército Vermelho. Chuikov deixou o telefone por um momento. — Não nos esquecemos desses malditos negociadores de tréguas? Que diabo! Agora já não falo com eles. Era um reconhecimento político. — Tornou a pegar no telefone. — Acalmem os suecos. São essas as instruções do centro: polidez absoluta. Está bem.

Entrou um soldado com uma mensagem: o 57.º Corpo de Tanques alemão estava a enviar negociadores. Eram 1,25 da manhã de 2 de Maio.

Chuikov encolheu os ombros. — Bem isso é lá com eles. Vamos lá dormir um bocado.

O General Chuikov e o General Sokolovsky saíram dos seus quartos separados imediatamente antes das seis horas da manhã e entraram na cozinha para se lavarem. Chuikov estava comentando quanto ao tamanho de Berlim. — Se tivessem munições — dizia ele — podiam aguentar-se durante muito tempo.

Um mensageiro trouxe uma carta da Embaixada da Suécia. Era datilografada em russo e redigida nos termos formais de informação da diplomacia:

DA MISSÃO REAL SUECA PARA O GENERAL-COMANDANTE:

Tomamos por este meio a liberdade de chamar a vossa atenção para o facto de a Missão Real Sueca ser nos números 1, 3 e 25 da Rauchstrasse e também no número 36 da Tiergartenstrasse. A Igreja Sueca é no número 27, da Landhausstrasse, em Wilmersdorf, Berlim.

Peço às autoridades militares soviéticas que habilitem a missão a continuar a desempenhar as suas funções relativamente à proteção dos cidadãos suecos e dos seus bens.

Ficaria muito grato pela oportunidade de um encontro com um representante autorizado do Exército Vermelho.

Aguardo a vossa resposta favorável.

Recorda-se que a Missão Real Sueca tem protegido até ao presente os direitos soviéticos na Alemanha.

Berlim, 1 de Maio de 1945.

HUGO ERIFAST

Encarregado de Negócios

Chuikov leu a nota e passou-a a um oficial. O telefone tocou e um oficial atendeu. Depois voltou-se para Chuikov. — Vem a caminho uma delegação de Goebbels. (Eram, evidentemente, os emissários de Fritzsche).

— Tragam-nos aqui — disse Chuikov.

Entraram três homens, civis, dois deles vestindo sobretudos cinzentos e o outro de casaco. Atrás deles estava um soldado de capacete de aço transportando uma bandeira branca.

— Deixem ir o soldado — disse Chuikov. Fez sinal aos civis para se sentarem. — Que posso fazer por vós?

Um dos homens respondeu: — Salvar Berlim. — Entregou a Chuikov a carta de Fritzsche, que Chuikov leu sem expressão.

— Quando se suicidou Goebbels? — perguntou Chuikov aos homens.

— Esta noite — no Ministério da Propaganda (sic).

— Onde está o corpo?

— Foi queimado.

Chuikov ergueu uma das sobrancelhas. — Achamos isso suspeito — Tossiu. — Onde está o Chefe do Estado-Maior-General, o General Krebs, que negociou ontem conosco sob a autoridade de Goebbels?

O porta-voz dos alemães disse: — Não sabemos. Sabemos dum novo chefe, o General Einsdorf.

— Sabem dos nossos termos, de rendição incondicional?

— Sim, sabemos. Era o que supúnhamos.

— Bem. Podem cá trazer o Senhor Fritzsche.

— Voltarei e trarei pessoalmente o Dr. Fritzsche e o General Einsdorf.

Chuikov perguntou ao porta-voz se as tropas tinham recebido a ordem respeitante à capitulação, mas o alemão respondeu que isso dependia do anúncio dos russos. Chuikov disse-lhe que os russos fariam o anúncio pela rádio em Charlottenburg, não longe do Reichstag. Pegou num telefone. — Está? Quero falar com o Marechal. — Tornou a voltar-se para os delegados. — As tropas obedecerão às ordens de Fritzsche?

— O nome dele é uma garantia tanto na Alemanha como em Berlim — respondeu o porta-voz. — Ele pediu autorização para falar pela rádio em Berlim.

Ao telefone, Chuikov disse: — Camarada Varenikov! Chegou uma delegação do Dr. Fritzsche com uma carta dirigida ao Marechal, na qual se diz que Goebbels já está morto e que o comandante do Quinquagésimo Sétimo Corpo de Tanques, General Weidling, começou a render-se. Estou à espera dele. Fritzsche quer fazer um anúncio pela rádio ao povo da Alemanha e de Berlim.

Fez uma pausa. Depois: — Camarada Marechal, aqui Chuikov participando. Acaba de chegar até mim uma delegação com uma carta para o Herr Marechal. Vou lê-la para si: «Como lhe foi dito pelo General Krebs, o antigo Chanceler do Reich Göring não pode ser contactado. O Dr. Goebbels morreu. Eu, como um dos que se mantêm vivos, peço-lhe que tome Berlim sob a sua proteção. O meu nome é bem

conhecido.» Pede autorização para radiodifundir. Pede clemência em nome do povo e a oportunidade de trabalhar pelo bem-estar da humanidade.

Houve outra pausa enquanto Chuikov escutava. Depois voltou-se para a delegação. — Quem está dirigindo, além de Fritzsche?

— Nenhum dos altos funcionários lá está — foi-lhe dito.

— Mas onde está Bormann?

— Parece ter estado na Chancelaria de Hitler, mas houve lá uma explosão de gás. A família de Goebbels também lá morreu.

Chuikov estava outra vez ao telefone. — O General Weidling estará aqui dentro em pouco. Mandamos buscar Fritzsche? Muito bem. Compreendo. Posso dizer-lhes isso? Direi.

Desligou e dirigiu-se aos alemães. — Em primeiro lugar, o Marechal aceita a rendição de Berlim e ordenará um cessar-fogo. Em segundo lugar, informem todos os oficiais e soldados e a população de que toda a propriedade e edifícios militares e toda a propriedade pública devem ser entregues em boa ordem. E nada de explosões... especialmente de propriedades militares! Em terceiro lugar, ireis ter com Herr Fritzsche, acompanhados por um dos nossos oficiais. Transmitirá pela rádio e será depois trazido aqui. Em quarto lugar, acrescento que garantimos a vida dos homens, dos oficiais e dos generais, e auxílio médico para os feridos. Em quinto lugar, não deve haver tiroteio de provocação ou outras atividades subversivas.

Um dos alemães falou para pedir proteção para os funcionários do Ministério da Propaganda.

Chuikov pareceu impaciente. — Nem um cabelo das suas cabeças será tocado. — Pegou num telefone. — Ordenem o cessar-fogo!

A porta abriu-se e o Coronel Vaigachev, subchefe dos serviços de informações, entrou e fez a continência.

— Irá ter com o Dr. Fritzsche — disse-lhe Chuikov. — Deixe esse Fritzsche em nome do governo, ordenar a rendição das tropas em boa ordem, com armas e equipamento. Participe que o Marechal aceitou a proposta relativa à rendição e toma Berlim e toda a sua guarnição sob a sua proteção. Nesta base, Fritzsche deve

anunciar pela rádio o que eu disse. Ele e os seus associados próximos devem vir aqui.

Quando a delegação partiu com a sua escolta, houve silêncio na sala de jantar, mas quase imediatamente houve uma pancada na porta, e quando Chuikov gritou «Entre!» um oficial russo mandou entrar o General Weidling na sala. Weidling, trazendo óculos, com o cabelo escuro mostrando-se dos lados por baixo do boné, bateu os calcanhares, fez a continência nazi e estendeu alguns papéis a Chuikov.

Chuikov deu-lhes uma vista de olhos. — É o comandante da guarnição de Berlim? — perguntou.

— Sim, sou o comandante do Quinquagésimo Sétimo Corpo de Tanques.

— Onde está Krebs? — perguntou Chuikov — Que disse ele?

— Vi-o ontem na Chancelaria do Reich — respondeu Weidling. — Pensei que se ia suicidar. Primeiro criticou-me porque a capitulação não oficial começou ontem. A ordem relativa à capitulação foi expedida hoje para todas as tropas.

— E quanto à totalidade da guarnição? A sua autoridade estende-se a isso?

Weidling fez uma pausa, e depois: — Ontem dei ordem a todos para resistirem... mas depois expedi outra.

Chuikov fez-lhe um sinal, e os dois generais inclinaram-se sobre a mesa para examinarem um mapa de Berlim. Weidling mostrou a Chuikov onde estavam em posição as várias unidades alemãs. Chuikov perguntou-lhe onde eram as áreas minadas. Weidling riu-se. — Não temos explosivos absolutamente nenhuns — disse — Nem sequer as pontes estão minadas.

— Então está excluída a possibilidade de minas? — perguntou Chuikov.

— Pode haver documentos acerca disso na Chancelaria do Reich — disse Weidling. — Eu não sei.

O General Sokolovsky entrou, com uma pergunta imediata:

— Para onde foram Hitler e Goebbels?

A pergunta surpreendeu Weidling, mas manteve a sua voz calma. — Tanto quanto sei, Goebbels e a família suicidaram-se. O Führer envenenou-se (sic) em 30 de Abril. A mulher também se envenenou.

— Ouviu isso ou viu? — perguntou Chuikov.

— Estava na Chancelaria do Reich na noite de 30 de Abril — disse Weidling. — Krebs, Bormann e Goebbels contaram-mo.

— Então a guerra está acabada? — disse Chuikov meio interrogativamente.

Weidling suspirou. — Penso que toda a morte desnecessária é um crime... loucura, disse ele.

— Tem razão. Está há muito tempo no Exército?

— Desde 1911. Subi a partir das fileiras. Esta é a minha segunda guerra perdida.

Chuikov dirigiu-se para um telefone que lhe estendia um ajudante. — Mantenham-se em movimento — disse. — Façam todas as limpezas que sejam necessárias, mas sem excessos. — Voltou-se para Weidling. — As nossas unidades cessaram fogo mas em alguns sectores os alemães ainda continuam a disparar.

Weidling explicou: — Não pude ordenar a todos que se rendessem porque não há linhas de comunicação. Muitos grupos individuais não sabem que o Führer morreu, o Dr. Goebbels proibiu qualquer anúncio.

Sokolovsky estava impaciente. — Suspendemos completamente as operações militares e até retirámos a nossa força aérea. Não sabe o que se está a passar?

— Ajudaria de boa vontade a levar a cabo uma cessação das operações militares pelas nossas forças — disse Weidling. — Mas a gente das S.S. quer romper para o Norte. Não tenho autoridade sobre eles. Ninguém tem.

Sokolovsky meteu-se outra vez. — Expeça uma ordem relativa à rendição completa, de modo a não haver resistência em sectores individuais. E melhor tarde do que nunca.

O suspiro de Weidling foi profundo. — Não temos nem munições nem armas pesadas — disse ele. — Por conseguinte, a resistência não pode durar muito. Todos

os alemães estão confundidos, e não acreditarão em mim quando lhes disser que o Führer está morto.

Escreva uma ordem relativa à capitulação completa — disse-lhe Chuikov. — Então a sua consciência ficará tranquila.

Weidling tirou as luvas, puxou a sua cadeira para mais perto da mesa e pôs-se ao trabalho com uma caneta de tinta permanente.

— Talvez precise do seu assistente — sugeriu Chuikov.

— Oh, ja — disse Weidling, e deixou de escrever até o seu chefe de estado-maior, o General Hans Refior, ser trazido. Refior, moreno e de monóculo, puxou uma cadeira para junto dele.

Quando acabaram, Weidling começou a ler em voz alta: «No dia trinta de Abril o Führer suicidou-se...»

Sokolovsky interrompeu. — Descobrimos que Dönitz anunciou isso ao mundo.

— Não, o Dr. Goebbels disse-me ontem que só Stalin sabia disso, por si — disse Weidling.

Sokolovsky continuou, como se não tivesse havido interrupção: — Ontem um posto de rádio alemão desconhecido emitiu que Hitler tivera uma morte heróica.

Weidling encolheu os ombros, passou-lhe o rascunho e Sokolovsky leu-o em voz alta:

Em trinta de Abril de 1945, o Führer suicidou-se e abandonou assim os que lhe tinham jurado lealdade. Segundo a ordem do Führer, vós, soldados alemães, teríeis de continuar a combater por Berlim apesar do facto de se terem esgotado as nossas munições e apesar da situação geral que torna a nossa resistência ulterior sem sentido.

Ordeno a imediata cessação da resistência.

O rascunho estava assinado «Weidling, General de Artilharia, anteriormente Comandante da Região de Defesa de Berlim.»

Chuikov falou. — Não há necessidade de dizer «anteriormente». O senhor ainda é comandante.

— Jawohl — disse Weidling num resmungo. — Como deve ser encabeçado, como um apelo ou como uma ordem?

— Uma ordem — disse Chuikov.

— Tenho muito pessoal de quartel-general, com dois chefes de estado-maior, e também dois generais que tinham sido aposentados mas que se puseram à minha disposição — disse Weidling. — Ajudarão a organizar a rendição.

— Compreendo — disse Chuikov.

— E deixei ficar o meu capote na Chancelaria do Reich. Pode-se mandá-lo buscar?

— Com certeza, evidentemente. — Chuikov acenou a um ajudante — Mande vir chá.

Eram oito horas e vinte e três minutos da manhã de 2 de Maio de 1945.

Mais ou menos por essa hora, num campo perto de Etzen um soldado russo descobriu que um jovem prisioneiro alemão chamado Lothar Loewe não tinha colher nem marmita com que pudesse comer o seu pequeno almoço. O soldado russo deu ao alemão a sua própria colher e um prato de esmalte, depois de as ter lavado primeiro cuidadosamente numa poça de água.

BIBLIOGRAFIA

AGAPOV, Boris — Depois da batalha. Hutchinson, 1945.

ANDERS, Wladyslaw — A Derrota de Hitler na Rússia. Chicago, 1953.

ANÔNIMO — Uma Mulher em Berlim. Nova Iorque, 1954.

BALDWIN, Hanson W. — Grandes Erros da Guerra. Nova Iorque, 1950.

BERNADOTTE, Folke — Cai o Pano. Nova Iorque, 1945.

BOLDT, Gerhard — No Abrigo com Hitler. Londres, 1948.

BORMANN, Martin — As Cartas de Bormann. Londres, 1954.

BRADLEY, General Omar N. — A História dum Soldado. Nova Iorque, 1951

CHURCHILL, Winston — A Segunda Guerra Mundial, Volume vi. Boston, 1953-

CRANKSHAW, Edward — Gestapo. Nova Iorque, 1956.

DEBORIN, G. A. — A Segunda Guerra Mundial. Berlim (Zona Oriental). 1960.

EDIANSKIJ, Pavel I. — Na Direcção Certa. Moscou. 1948.

EHRENBURG, Ilya — A Rússia na Guerra. Londres, 1943.

EISENHOWER, Dwight D. — Cruzada na Europa. Nova Iorque, 1948.

FITZGIBBON, Constantine — 2o de Julho. Nova Iorque, 1956.

FLOWER, Desmond, & REEVES, James — A Guerra. Londres, 1960.

FULLER, Major-General J. F. C. — A Segunda Guerra Mundial. Nova Iorque, 1949-

GISEVIUS, Bernd — A Caminho do Amargo Fim. Boston, 1947.

GOEBBELS, Joseph — Os Diários de Goebbels, 1942-43, editados por Louis P. Lochner. Nova Iorque, 1948.

GOERLITZ, Walter — A Segunda Guerra Mundial, Volume 11. Stuttgart, 1951.

GUDERIAN, General Heinz — Comandante dos Panzer. Nova Iorque, 1952.

HITLER, Adolf — A Minha Luta. Boston, 1943.

KOLLER, General Karl — O Último Mês. Mannheim, 1949.

KRYLOV, Ivan — Oficial do Estado-Maior Soviético. Moscou, 1948.

LIDDELL HART, B. H. — Falam os Generais Alemães. Nova Iorque, 1948.

LUEDDE-NEURATH, Walter — Os Últimos Dias do Terceiro Reich. Gottingen, 1951.

MEHRLE, Capitão Hans, & SCHELM, Tenente-Coronel Walter — Os Combates da 215.^a Divisão de Infantaria de Württemberg-Baden. Stuttgart, 1948.

MUSMANNO, Michael A. — Dez dias para Morrer. Nova Iorque, 1950

NEUSTROYEV, Stepan A. — A Caminho do Reichstag. Moscou. 1961.

PAPEN, Franz von — Memórias. Nova Iorque, 1953.

PEEZ, Karl von — O Sulco. Stuttgart, 1948.

PLIEVIER, Theodor — Berlim. Londres, 1956.

POCUE, Forrest C. — O Exército dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, Teatro Europeu de Operações: O Comando Supremo. Washington: Departamento de Estado do Exército. 1946.

POSNJAK, W. G. — Revista de Política Militar e Teoria Militar. Berlim (Zona Oriental), 1957.

RIESS, Curt — Joseph Goebbels, o Advogado do Diabo. Nova Iorque, 1948

----- Berlim, Berlim. Berlim, 1953.

ROZANOV, G. L. — Os Últimos Dias de Hitler. Moscou, 1962.

SAMMLER, Rudolf — Goebbels, o Homem a seguir a Hitler. Londres, 1947

SBOJCAKOV, Maksim 1. — A Bandeira Vitoriosa no Reichstag. Moscou, 1960.

SHELLENBERG, Walter — O Labirinto. Nova Iorque, 1956.

SCHWERIN VON KROSIGK, Conde Lutz — Aconteceu na Alemanha. Tübingen. 1951

SHIRER, William L. — Fim dum Diário de Berlim. Nova Iorque. 1947-

-----Ascensão e Queda do Terceiro Reich. Nova Iorque, 1960.

Stalingrado a Berlim (De). Moscou: Editorial do Estado Soviético de Literatura Política, 1960.

THORWALD, Juergen — Fim junto ao Elba. Stuttgart, 1950

-----Retirada no Inverno. Nova Iorque, 1951.

TREVOR-ROPER, H. R. — Os Últimos Dias de Hitler. Nova Iorque, 1947.

TRUMAN, Harry S. — Memórias, Volume 1: O Ano das Decisões. Nova Iorque, 1955.

VESELOV, V. S. — Assaltando Berlim (Cartas e diários de participantes). Moscou, 1952.

VISHNEVSKY, Vsevolod — Diários dos Anos da Guerra. Moscou. 1950.

WENDEL, Else — Dona de Casa na Guerra. Londres, 1957.

WILMOT, Chester — A Luta pela Europa. Nova Iorque, 1952.

DOCUMENTOS, JORNAIS E REVISTAS

Allgemeine Schweizerische Militärzeitschrift (Genebra), Abril, Maio, 1955.

Boston Traveler, 8, 9 e 10 de Maio de 1945 (artigos de Andrew Tully).

Das Ritterkreuz (Alemanha Ocidental), Outubro, 1959.

Documentos sobre a Política Externa Alemã, 19/8-45, Série D (1937-45)-
Washington: Departamento de Estado dos Estados Unidos.

International Affairs (Revista em língua inglesa, Moscou), 1961,

News-Chronicle. de Londres, 28, 29 e 31 de Dezembro de 1945-

Sunday Express, de Londres, 25 de Agosto de 1946.

Times, de Londres, 15 de Fevereiro de 1946.

A Conspiração e Agressão Nazi. Washington: Repartição de Imprensa do Governo dos Estados Unidos, 1946.

Paris-Match, 23 de Junho de 1962.

Pravda, de Moscou (artigos de Constantin Simonov), 1956-57-

Julgamento dos Principais Criminosos de Guerra pelo Tribunal Internacional, 42 volumes. Nuremberg.

Julgamentos de Criminosos de Guerra pelos Tribunais Militares de Nuremberg, 15 volumes. Washington: Repartição de Imprensa do Governo dos Estados Unidos, 1951-52



Andrew Tully chegou a Berlim a 27 de Abril de 1945- no momento mais feroz da batalha travada pelos Russos e pelos Alemães. O autor, que acima vemos fotografado em Berlim, no mês da sua chegada, estava por isso em posição especialíssima para poder descrever essa luta sem quartel em que o terreno foi disputado palmo a palmo.

Table of Contents

PREFÁCIO E NOTA ACERCA DAS FONTES

PRIMEIRA PARTE

O Alarme

1

2

3

4

5

SEGUNDA PARTE

O Ataque

6

7

8

9

10

11

TERCEIRA PARTE

In extremis

12

13

14

15

16

17

18

19

20

BIBLIOGRAFIA